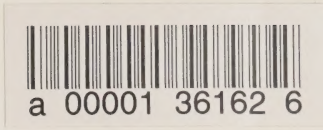
THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

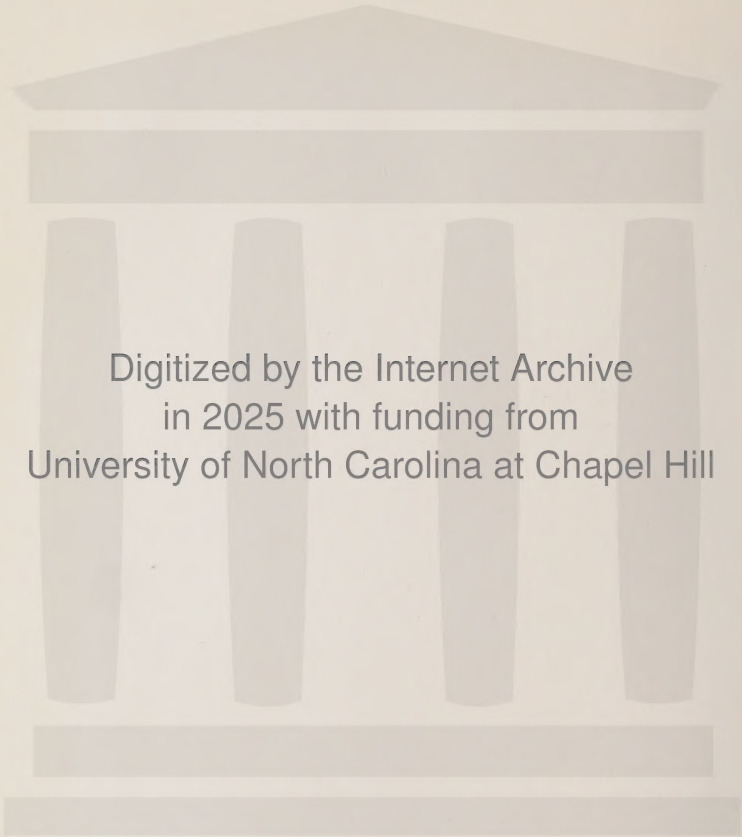
PN6409
.P6
D58
t. 1-3


a 00001 36162 6

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
FEB 25 1994			
JAN 31 '94			

Form No. 513



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/ditameseditriosg13unse

A EXPERIENCIA SUMMA MESTRA DAS ARTES PRONUNCIOU PELAS BOCAS DO POVO, QUE OS RIFOENS SENTENÇAS SÃO VERDADEIRAS

DITAMES E DITÉRIOS

Glosas em verso

de

DITADOS OU DIZERES COMUNS

Por

Alfredo da Cunha

Sócio efectivo

da Academia das Ciências de Lisboa

(De D. FRANCISCO MANOEL Carta de Guia de Casados)

DITAMES E DITÉRIOS

Glosas em verso

de

DITADOS OU DIZERES COMUNS

por

Alfredo da Cunha

Sócio efectivo

da Academia das Ciências de Lisboa

DITAMES E DITÉRIOS

De conformidade com as convenções e disposições legais vigentes, o autor reserva para si todos os direitos de reprodução desta obra, cuja propriedade lhe pertence.

✠ A ✠ EXPERIENCIA ✠ SUMMA ✠ MESTRA ✠ DAS ✠ ARTES ✠ PRONUNCIOU ✠ PELAS ✠ BOCAS ✠ DO ✠ POVO»

«OS ✠ RIFOENS ✠ SENTENÇAS ✠ SAO ✠ VERDADEIRAS ✠ QUE

DITAMES E DITÉRIOS

Glosas em verso

de

DITADOS OU DIZERES COMUNS

PN6409
.P6
D5E
v.1-2

Por

Alfredo da Cunha

da Academia das Sciências de Lisboa

I

Ano 1929

EM LISBOA

Nas oficinas da

Empresa Nacional de Publicidade

UNIVERSITY OF NORTH CA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HI

(De ✠ D. ✠ FRANCISCO ✠ MANOEL ✠ Carta ✠ de ✠ Guia ✠ de ✠ Casados)

As vinhetas são reproduzidas de antigos livros impressos em oficinas olisiponenses, e a do frontispício, com divisa, é reprodução exacta da que ornamenta o rosto da primeira edição dos «Adágios Portugueses» do P.e Antonio Delicado.

Preâmbulo

NÃO se atribui o reeditor dêstes dizeres do vulgo a ideia original de moralizar ou parafrasear adágios e de versejar sôbre *rifãos, rifães* ou *rifões* — que de qualquer dos três modos se encontra em escritores antigos pluralizado o vocábulo. O exemplo vem de remotas eras e de muito gloriosos predecessores, cujos nomes constam dos estudos àcerca do refraneiro ou rifoneiro nacional (1).

A diferença consiste — além da que distancia, pelo valor, os diversos glosadores — em que, ao passo que, noutras obras, os ditados e seus respectivos comentos, ou são em número muito restrito, ou não constituem o corpo ou a essência daquelas em que apenas acidentalmente aparecem, nesta, o principal objectivo foi organizar, com pretensões a formar um todo, o glossário rimado do que, entre nós, de mais vital se radicou, através dos séculos, em matéria de conceitos ou lugares comuns. Isto, quer sejam *ditames* ou provérbios, judiciosos como aforismos, quer sejam *ditérios* ou anexins de mofa e escárneo, que tenham, uns e outros, servido de alimento à bossa sentenciadora dos *bons-homens Ricardos* da nossa terra.

Para tanto, entendi que devia consubstanciar o meu discorrer com o do

---

(1) O Dr. Sousa Viterbo, doutíssimo investigador que recolheu muitos adágios antigos nos *Materiais para o estudo da paremiografia portuguesa* e nos *Subsidios para a formação do refraneiro ou adagiario português* (Porto, 1901), notando que o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos emprega de preferência o termo *adagiário,* e o Dr. Theophilo Braga adoptou a palavra *refraneiro,* entende que o derivado natural, posto que menos eufónico, de *rifão,* seria *rifoneiro.* Certo é, porém, que êste vocábulo ainda não entrou nos dicionários da nossa língua, o que não impediu o sr. Dr. Pedro Chaves de o dar recentemente como título à mais copiosa compilação até agora publicada entre nós — o *Rifoneiro português* (Porto 1928) — livro de grande interesse para adagiaristas.

A riqueza de elementos ali acumulada pode avaliar-se, dizendo que contém mais alguns milhares de rifões além dos reunidos na colecção atribuida ao livreiro-impressor Rolland (1780), ou sejam ao todo, mais de 7.000.

Na *Justificação* preambular da obra, quis o Dr. Pedro Chaves ter a gentileza de incluir os versos — *Vox populi, vox Dei* — que se lêem a pag. 5 do presente volume, e que ali tiveram pela primeira vez publicidade.

povo, nas proposições de versejador-moralista, de Salomão-Bandarra, em que êle costuma formular a sua chã, mas perspícua filosofia — «*filosofia de experiência feita*» — como se diz na canção camoneana.

Indicado estava, por conseguinte, que deveriam as glosas sujeitar-se, tanto quanto possível me fôsse, à forma e ideia dominantes dos temas glosados. E tal subordinação diligenciei manter geralmente, pelo que respeita quer à métrica e às rimas; quer à feição mais ou menos plebeia, mais ou menos literária, de que êles se revestem; quer ainda à sua inspiração e carácter: isto é, ao que têm, por assim dizer, de material e de imaterial — a plástica ou estilo, e a moralidade ou sentido de cada um.

Assim se explica o emprêgo de todos os moldes de versificação, desde o bissilábico, para ditos dêste teor:

Mais vale / calar / que mal / falar

até o de doze sílabas, em expressões apotegmáticas como esta:

Por debaixo dos pés se levantam trabalhos.

A qualquer dessas medidas, desde a missanga do bissílabo até o heroico ou o alexandrino, se presta e ajusta admiravelmente a ductilidade incomparável da língua portuguêsa, cujos recursos verbais proporcionam a quem dela tenha de servir-se, em prosa ou em verso, um instrumental da maior opulência (2).

Mas, se é certo que me propus não dar ao leitor uma desagradável impressão de dissonância entre os textos e as glosas, quantas vezes, mau grado meu, a não sentirá quem folhear êste livro!

---

(2) Depois de notar que « o verso é organicamente curto», o Dr. Theophilo Braga observou, na sua *Poetica histórica portuguesa,* que «de todas as variedades de sillabismo se acham exemplos da maior oportunidade na linguagem popular, nos *Anexins, Comparações, Tautologias, Aliterações, Apodos e Chistes, Pragas* e *Increpações,* de que a Arte não fez mais que systematizar as bellezas da forma».

A observação é justa, e o exame dos ditados, em forma de versos, recolhidos neste livro, mostrando que os de medida de 6 ou menos sílabas são em número muito superior ao dos de 7 ou mais, mostra também que Antonio Feliciano de Castilho tinha mais razão quando se inclinava a crer na maior vulgaridade dos metros de 5 e 4 sílabas *(Noticia da vida e obras de Garcia de Rezende)* do que, decorridos anos, ao rectificar-se a si próprio, quando afirmava que «o metro mais natural em língua portuguesa é o de oito sillabas», de importação francesa! *(Tratado de metrificação portuguesa,* 2.ª ed.). Isto, depois de ter dito, e bem, que «o mais facil dos metros» é o setessílabo.

Mais escreveu Castilho no seu *Tratado:* «o versificador acha sempre no metro curto muito maior resistencia para ahi introduzir bom pensamento; difficuldade de si mui grande, e maior, se se adverte em que quanto mais pequeno é o verso, tanto mais parece necessitar de rima». Quem ler os ditados dêste livro verá como o povo, optimo poeta pelo sentimento, não é, pelo ouvido, menos apto para, nos versos curtos, vencer as dificuldades do metro e da rima, a que aludia Castilho.

Claro está que, por coerência com os propósitos enunciados, houve que imprimir aos comentários um tom mais ou menos pesado e enfático, mais ou menos singelo e corriqueiro, segundo a maior ou menor exigência dos temas comentados. E confio por isso em que sejam olhadas com benevolência certas cotas em que o glosador não pretendeu, para não cair no absurdo, remontar-se ao estilo grandíloquo da epopeia, nem adengar-se no melódico lirismo sentimental, ao apresentarem-se-lhe anexins tais como: *Asno morto, cevada ao rabo* ou *Em casa de ferreiro, espêto de pau.*

Evidentemente que, em conjunturas destas, sem buscar figurino nas *Cryptinas,* lembrei-me, porém, mais das *Satyras e epigramas* do que das *Odes e canções* de João de Deus, e mais de Garrett nas *Fabulas e contos,* do que nas *Folhas caídas...*

Ao reproduzir locuções populares registadas por adagiaristas autorizados, embora estas infrinjam preceitos gramaticais e cinquem na concordância ou na regência, não me reconheci o direito de corrigi-las. O povo, a quem alguém chamou «o grande clássico sem nome», sacrifica fàcilmente as noções da gramática às sugestões da cadência, da assonância ou da consonância. A sua incultura não o deixa penetrar no segrêdo das regras scientificas, mas o ouvido, que nele domina e que é geralmente apurado, nitidamente lhe acusa a harmonia do ritmo e das rimas.

Assim, quanto à sintaxe, não emendei os anacolutos nem os solecismos que a maltratam,, como, por exemplo: *Quem não tem vergonha todo o mundo é seu; Vento e ventura não dura,* etc.

Quanto à consonância, não alterei rimas imperfeitas ou forçadas (3), se bem que, por mim, escrupulizasse em não empregar mesmo aquelas de que fazem uso freqüente (e confesso, com arrependimento, de que também usei noutros tempos) até os melhores autores, que se não furtam ao que o sr. Dr. Agostinho de Campos chama os «*desleixos do menor esforço*», notando que a rima «hoje exige muito maior rigor e requinte artístico» (4).

Quanto à métrica dos versos, imitando, nas cotas, o exemplo dos textos (ao contrário do que me esforçaria por evitar em composições doutro género) e porque ainda nestes casos o ouvido — suprema instância na matéria — não

---

(3) *A* com *ai (Ao menino e ao borracho / põe-lhe Deus a mão por baixo); é* com *é (Não há melhor espelho / que amigo velho); ô* com *ó (Amor, amor / princípio mau e fim pior); ô* com *ou (Não queiras potro / nem mulher doutro); ou* com *ó (Não o louves / sem que o proves).*

Não tive, porém, dúvida, porque ao ouvido isto não repugna, em rimar, nos meus próprios versos, tal como o povo faz nos seus, *espere* com *qualquer, impele* com *fiel, vale* com *mal,* etc., apocopando, na pronúncia, o *e* final átono, tal como se fez na escrita de diversas palavras, que o perderam.

(4) *Epístola aos poetas,* na *Ilustração Portuguesa,* n.º 15, de 1 de agosto de 1926, contra o vício de «irmanar nos finais dos versos sons diferentes».

mo proscrevia, pratiquei, em geral, elisões correspondentes às da pronúncia mais comum e desafectada, sem todavia as indicar com o usual e condenado apóstrofo, a não ser em limitadíssimo número de casos (5).

Liberdades, só as tomei — nalgum ditado que não formava verso, ou que, embora o formasse, me pareceu melhor, dividido em versos — em assim o decompor, dando, nas paráfrases, aos componentes, se entre si não rimavam, as consoantes respectivas.

Modificações (salvo algumas, tão ligeiras como raras) permiti-mas em relação aos textos que preferi — os da primeira colecção, entre nós publicada pela imprensa, de adágios portugueses (6) — quando autorizado por algum

---

(5) Apenas os seguintes: *p'ra (para); p'lo (pelo)* e nas formas feminina e do plural; e *co'a (com a)* e seu plural. Em vez do apóstrofo, que nada esclarece quanto à elisão que convencionalmente representa, melhor seria, a meu ver — e assim o praticaria, se não carecesse de autoridade para inovações — conservar na escrita a letra ou letras que no falar correntio se omitem, e que, para bôa medida do verso, convém que se não leiam. Isto sem que todavia se deixasse de indicar a elisão a fazer na pronúncia.

Lembrara-me até, à falta de melhor, uma disposição gráfica semelhante à já usada em abreviaturas, especialmente na correspondência epistolar. E assim, em lugar do apóstrofo, e em menor talhe ou corpo, figurariam a letra ou letras suprimidas, escrevendo *pªra,* em vez de *p'ra, espᵉrança,* em vez de *esp'rança,* etc.; não adoptando as formas camonianas — *esprança, exprimentar,* etc. — para evitar confusões, pela divergência entre a ortografia do verso e a da prosa.

Como, porém, não pretendo meter a foice na seara dos mestres e legisladores da língua, nem singularizar-me por uma originalidade que não imortalizaria o inovador, cingi-me, ainda neste particular, às regras do *formulário ortográfico* oficial, que aliás declara o apóstrofo «quase abolido», e «absolutamente inútil para a leitura».

Afastei-me do uso, quanto à grafia de *com o,* geralmente escrito *co'o,* sempre que se reduzem os dois monossílabos a um só, e não suprimi o *m* da preposição, porque se não dá aqui pròpriamente uma daquelas «sinéreses violentíssimas» de vogal nasal de fim de dicção, com vogal inicial seguinte, que o sábio gramático Epiphanio Dias apontava nos poetas do período que se seguiu ao dos trovadores. *(Obras de Christovão Falcão, edição crítica anotada,* p. 89).

No caso sujeito, o artigo *o,* quer esteja expresso, quer não esteja (do que se encontra exemplo em Camões) sôa ao ouvido como prolongamento fonético de *om.* Observou-o o Sr. Dr. José Maria Rodrigues, em relação a um verso dos *Lusiadas,* onde, em seguida à preposição *com,* se suprimiu o artigo *o (com tempo* em vez de *com o tempo)* absorvido naquela vogal nasal, sem que deixe *com* de equivaler a *com o (Lusiadas,* edição nacional, pag. CXXIV e CLVII).

(6) Crê-se ter sido a do P.ᵉ Antonio Delicado, embora a do P.ᵉ Bento Pereira seja sua coetânea.

Hernan Nuñez, escritor espanhol, coligiu também, e publicara anteriormente, grande número de ditados portugueses, incluindo-os na obra, escrita em castelhano, que intitulou — *Refranes o Proverbios en Romance,* etc. (Madrid 1619). Muitos dêsses ditados vêm reproduzidos no *Diccionário da língua portuguesa,* de Antonio de Moraes e Silva (7.ª edição).

adagiarista de fama, ou pelas formas correntes hoje, que doutras fontes me provieram. Porque o povo, obedecendo à tendência para a concisão e à predilecção pelas rimas e pelas aliterações, tão gratas ao ouvido quão úteis à mnemónica, foi, com o rodar do tempo, transformando, encurtando e aperfeiçoando grande parte dos seus primitivos dizeres comuns.

A pedra que muito rola, não cria musgo, diz o rifão. E, quanto mais rolada, mais polida e arredondada... E' o que sucede ao bons adágios: com o correr, não criam bolor, e quanto mais repetidos, mais limados e eufónicos mais claros e sonoros se vão tornando.

Assim, por exemplo, as lições, registadas na colecção aludida, dos anexins — *Pão comeste, companhia desfeita* — *Quem caminha por atalhos nunca sai de sobresaltos* — foram substituidas, para efeitos de rima, por estoutras: — *Comida feita, companhia desfeita* — *A quem caminha por atalhos nunca faltam trabalhos;* a forma antiga — *Onde há muito riso, há pouco siso* — condensou-se em — *Muito riso, pouco siso;* a primitiva frase — *Em cada terra, seu uso* — ampliou-se, em dois versos rimados, perfeitos — *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso;* sendo certo que a tal ponto o povo propende para rimar, por fas e por nefas, tais dizeres, que ou escolhe determinados nomes próprios, unicamente porque lhe convenham à consonância dos versos — *Bem canta Marta depois de farta* — ou inventa palavras, se tanto é necessário, como *iguarço* (igual) para soar com *março* (7), ou *marcegão,* em — *Março marcegão, pela manhã rosto de cão, à tarde verão* (8).

Muitos dos adágios que se ouvem e lêem hoje, não conservam, pois, precisamente a mesma forma dos que se encontram nos três principais compiladores antigos de cujos repositórios me socorri — os reverendos Prior Antonio Delicado (9), que passa, nesta matéria, por ter a primazia, e os Doutores

---

(7) *Estudos de philologia mirandesa* por J. Leite de Vasconcellos (1900) p. 309, onde se alude às aliterações e rimas nos adágios, adivinhas, etc.

(8) «O provérbio ou rifão popular tem sempre uma forma poética, com certa assonância; as regras práticas da vida, os conselhos da agricultura, descobertos e confirmados pela experiência, gravam-se na memória, como uma sciência hereditária, pela harmonia do rythmo». Theophilo Braga, *Hist. da Poesia Popular Portuguesa.*

(9) *Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs pello Lecenciado Antonio Delicado, Prior da Parrochial Igreja de Nossa Senhora da Charidade, termo da Cidade de Evora, natural da villa de Alvito.* Em Lisboa, com todas as licenças necessarias, na officina de Domingos Lopes Rosa. Anno de 1651.

Teve uma segunda edição esta obra, em 1924. Deve-se ao sr. Luis Chaves, que a prefaciou com um desenvolvido estudo àcerca do adágio na literatura, na etnografia e na poesia popular, estudo que o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos justamente diz que contém «escolhida porção de factos e observações dispostas com método.» *Lusitania,* dez. 1925.

No que respeita à literatura dos adágios, convirá completá-la com as indicações constantes dos *prolegomenos historico-criticos* da *Philosophia popular em*

Bento Pereira (10) e D. Raphael Bluteau (11) — todos três optimos padres certamente, visto que tão abeberados se mostram de salutares preceitos educativos e morais. E, porque ninguém duvida de que assim houvessem sido, não admirará que nesta obra se incluam glosas a ditados que nenhum deles teve escrúpulo em recolher e publicar, com aprovação de censores, também clérigos de nomeada, àcerca dum alto e melindroso tema — Deus!

Respeitei sempre muito o ensinamento do prolóquio — *graças a Deus, muitas; com Deus, nenhumas!* — porque

Sem Deus é tudo nada,
E nada, com êle, tudo,

como aforísticamente escreveu Camões, para que não evitasse legítimas sus-

---

proverbios (1882, edição de David Corazzi). Também são para lembrar os estudos do Dr. Sousa Viterbo, a que já aludi, e, entre outros, o romance de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — *Lição ao mestre* (1875) — em que uma personagem sentenciadora cita, em conversa, numerosíssimos ditados; o capítulo — *A sabedoria das nações,* do livro de Augusto Gil — *O canto da cigarra* (1910); e os *Dizeres do Povo,* de Antonio Correia de Oliveira (1911).

(10) *Florilegio dos modos de falar e adagios da lingua portuguesa dividido em duas partes, em a primeira das quaes se poem pella ordem do Alphabeto as Frases Portuguesas, a que correspondem as mais puras e elegantes Latinas; na segunda se poem os principaes adagios Portugueses, com seu Latim proverbial correspondente. Para se ajuntar a Prosodia e Thesouro Portugues, como appendiz ou complemento, pello P. D. Bento Pereira — Com todas as licenças necessarias, em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck, e á sua custa. Anno 1655.* — Fr. Francisco Brandão, cronista-mór do Reino, que foi um dos censores do livro, declarou-o «digníssimo de estampar» e «obra utilissima para instrução da Latinidade».

(11) *Vocabulário Portuguez e Latino* pelo Padre D. Raphael Bluteau clerigo regular, Doutor na sagrada Theologia, Prégador da Rainha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e «*Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa*». Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Anno de 1712 (1.º volume) a 1728 (ultimo do *Suplemento).*

Uma das partes curiosas deste opulentíssimo repositório de erudição, é a que o autor denomina *gnómica,* em que os adágios são citados em relação a cada uma das palavras que nêles entram como principais.

Os recolhidos por Bluteau vieram a ser coligidos e reproduzidos no livro — *Adagios, proverbios, rifões e anexins da lingua portugueza, tirados dos melhores Authores Nacionais, e recopilados por ordem alfabetica* por F. R. I. L. E. L., Lisboa, na Typografia Rollandiana. 1780. Com licença da Real Meza Censoria.

As iniciais por que é designado o autor, diz Innocencio Francisco da Silva (*Dicc. Bibligr. Port.,* T. I, p. 5) significarem *Francisco Rolland, impressor livreiro em Lisboa,* atribuindo a Antonio Lourenço Caminha o Prologo, em que se declara quanto à origem dos adágios compilados, que «a maior parte deles são extrahidos do Vocabulario Portuguez de D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular Theatino».

Outra colecção, oriunda da mesma fonte, existe, em manuscrito, nos arqui-

peitas de irreverência. E por isso mesmo — porque sempre tive em grande conta as graças divinas — cuidei de não levar as profanas, de minha pobre lavra, além dos inocentes limites em que se encerram os rifões glosados.

No propósito de manter o estilo das glosas em nível com o dos respectivos *ditames* ou *ditérios,* não o guindando ou sublimando, como acima notei, quando o tom corriqueiro lhes acuse a gèração plebleia, nelas aparecem com freqüência as chamadas *frases-feitas* «estereotipadas» ou «petrificadas», como também lhes chamam. Essas expressões, por vezes de sentido convencional, constituem uma espécie de gíria com patente de introdução na linguagem familiar de todos nós. De proveniência idêntica, a sua policromia verbal imprime carácter a cer-

---

vos da Torre do Tombo, a cujo erudito e prestimosíssimo Director, sr. Dr. Antonio Baião, devo o tê-la podido examinar. E' a que se intitula — *Collecção dos Principais Adagios Portugueses* — e é acompanhada de *Hum novo Methodo facil, e breve para os Meninos aprenderem a ler o Idioma Portuguez, ordenado por Damião de Froes Perim.*

O autor, que usava dêste pseudónimo, era Fr. João de S. Pedro, de quem o *Dicionario Bibliográfico* trata a pag. 5 do Tomo IV, sem que mencione a colecção citada, cujos adágios ou provérbios o coleccionador explica no Prólogo serem todos de Bluteau.

Fr. João de S. Pedro, cuja vida literária decorreu no seculo XVIII, foi contemporaneo de Francisco Rolland, e é para notar a coincidência das duas colectâneas serem extraídas do mesmo *Vocabulario.* Teriam ambos os colectores a mesma ideia, ou aproveitar-se-ia o segundo da do primeiro, dando-lhe execução em 1780?

É curioso notar que Fr. João de S. Pedro destinou o seu trabalho a ser, imediatamente ao catecismo da doutrina cristã, o livro de ensino para crianças, a fim de aprenderem «desde logo a reger a vida com bons costumes».

Da mesma época é o *Diccionario exegetico, que declara a genuina e propria significação dos vocabulos da lingua portuguesa adoptados unicamente pelos sabios da nação. Dado ao publico por um anonymo* — Lisboa, por Francisco Luis Ameno, 1781. De pag. 297 a 311 contém uma colecção alfabetada de *Adagios selectos da lingua portugueza,* que não oferece novidade.

Coetânea da segunda edição «correcta e augmentada» da compilação atribuida a Rolland (1841) é outra colecção manuscrita de dizeres comuns, cujo conhecimento devo à gentileza do seu possuidor, o escritor insigne e actual Presidente da Academia das Sciências de Lisboa, sr. Dr. Julio Dantas.

Intitula-se — *Redacção de Adagios, Annexins, Axiomas, Dittos vulgares, Proverbios e Sentensas mais frequentemente usadas na lingua Portugueza, que à Ex.ma Snra D. Anna Jacinta Paula Leal são offerecidos por José Joaq.m Leal. Em Lisboa anno de 1842.*

São 33 paginas, com dizeres à razão de 33 por cada página. O que torna esta colecção curiosa são, não pròpriamente os adágios ou prolóquios, mas sim as frases-feitas vulgares naquele tempo, entre as quais algumas tão soezes, e até obscenas, que muito espanta que o colector as houvesse incluido num trabalho destinado a oferta a uma «Ex.ma Senhora»! Quanto ao autor, não sei se seria o mesmo José Joaquim Leal, oficial da armada, a quem Innocencio alude no T. IV, pag. 390 do seu *Diccionario.*

tas composições que lhes são afins. E, se alguns arcaísmos se toparem nos versos do glosador, conseqüência ainda são de pretender acomodar à ancianidade de dizeres que datam da fase arcaica da nossa língua, locuções ou termos de análogo sabor antigo.

Também nas trovas ou cantigas do povo, quer nas muitíssimas de que se lhe deve imputar a exclusiva paternidade, quer nas outras que, oriundas de mais alta progenitura, por semelhança de forma e de natureza, tiveram fácil ingresso no âmbito do seu cancioneiro — tanto nas de filiação legítima, como nas de simples adopção — encontrei, uma ou outra vez, apoio ou refôrço para glosas de adágios que essas trovas citam, ou que recordam, pela coincidência da intenção e pela afinidade do sentido (12).

Não pretendi embrenhar-me em investigações scientíficas, quanto a fontes ou origens, nem abalançar-me a resolver problemas complicados de hermenêutica, inteiramente fóra dos meus propósitos. Mas, embora êstes fôssem os de uma interpretação muito terra-a-terra, não perdi ensejo de procurar definir a figuração, inteirar o escopo incompleto ou suspenso, e desdobrar o sentido refegado de certos rifões; e de pôr em conjunção prolóquios que mutuamente se corroboram, ou em contraditória comparação os que demonstram incerteza no opinar do vulgo.

Em presença de certas antilogias, o interprete ou comentador fica indeciso, sem saber se há-de julgar a *vox-populi,* segundo geralmente a reputam — *vox Dei* —, ou se deve considerá-la voz do demónio, como lhe chamarão aqueles de quem ela descobre ou apoda os senões... Já Herculano, posto que reconhecendo que o povo «tem uma espécie de presciência inata, de instincto divinatório», ponderou que «uma das inumeraveis questões que eternamente ficarão por decidir é a de saber qual dos dois ditados — *voz do povo é voz de Deus* — ou — *voz do povo é voz do diabo* — seja a que exprima a verdade» (13).

---

(12) Os textos de que me servi são os das *Mil trovas populares portuguesas,* coleccionadas com o mais apurado sentimento poético, e prefaciadas pelos D.^{res} Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira.

(13) Certamente porque alguns ditados foram tidos como de origem infecta e talvez de inspiração diabólica, é que o livro do P.^{e} Delicado caiu, no tempo do despotismo pombalino, sob o extermínio da censura oficial.

O *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo XXII, último da autoria do seu indefesso e benemérito continuador, Brito Aranha, dá a notícia de haver sido suprimido aquele livro, 120 anos depois do seu aparecimento. E por êste facto explica a sua raridade.

Obtivera a obra as *licenças* do Santo Ofício, por parte, entre outros, de Fr. Antonio das Chagas e de Pantaleão Rodrigues Pacheco, alta personagem dada por D. João IV como colega ao bispo de Lamego, em 1641, na embaixada a Roma, e pelos censores fôra reconhecido não conter «*cousa algũa contra a nossa S. Fé ou bõns costumes*».

«Procurando atinar com a causa que levaria o Tribunal da Real Mesa

Em muito aprêço tiveram os provérbios e anexins, de emprêgo corrente no seu tempo, Gil Vicente, que compôs a farça da *Inez Pereira* sôbre o rifão — *Antes quero burro que me leve que cavalo que me derrube* —;Bernardim Ribeiro e Camões, o qual, nos *Disparates da India* e nas *Cartas da India a um amigo,* reuniu como que um pequeno e curiosíssimo repositório de frases-feitas, ainda hoje a cada momento usadas, deixando em glosas, como as duas do *Perdigão perdeu a pena,* admiraveis modêlos no género, quer pela subtileza do pensamento, quer pela graça e leveza da forma. Isto, para só falar dos quinhentistas mais gloriosos que, aliás, foram, êles próprios também, geniais inventores de conceitos, depois trivializados em prolóquios de emprêgo geral.

Censoria a lavrar semelhante sentença, com tam tardonho zêlo (escreve-se a pag. 234 do cit. tomo do *Diccionario Bibliographico)* folheamos todas as 190 paginas da obra, e achamos que de pag. 4 em diante, 22 adágios foram apontados neste livro por menos ortodoxos em religião e *em politica,* e por isso incursa a obra na sentença de supressão.» E cita quatro exemplos: *De Castella, nem vento, nem casamento; Clerigo que foy frade, nem por amigo, nem por compadre; Nam ha rey sem privado, nem privado sem idolo; Acabo de cem anos, os Reys sam villoens, e a cabo de cento e dez, os villoens são reys.*

Bastariam efectivamente êstes dois últimos adágios, num tempo em que era rei D. José I e seu primeiro ministro o Marquez de Pombal, para se explicar a sentença condenatória do livro que continha uma tal afronta para o poder real. E foi, como verifiquei no precioso exemplar que contém, na página seguinte à ultima impressa, estes dizeres, no seu original autógrafo: — *Suprimido. Mesa 18 de fev.ro de 1771* — e a seguir os nomes dos censores, exemplar que da posse do falecido escritor Gomes de Brito passou para a do sr. Dr. Antonio Baião, que obsequiosamente me facultou o seu exame, foi, repito, no capítulo referente ao *Rei* que os censores se alargaram nas marcações.

Nove adágios estão ali apontados à margem, como sendo provávelmente os que mais concitaram o anátema. Marcados também se vêem quatro referentes a *fidalgos* e três a *frades.*

É certo, porém, que o *Vocabulario* de Bluteau regista a maior parte, se não todos, os adágios marcados no livro do P.e Delicado, e que não me consta que a grande obra do sábio theatino houvesse sido vítima de condenação semelhante à que sofreu a modesta, mas talvez muito mais popularizada, colectanea do Prior alentejano. Para esclarecer o caso, conviria conhecer o processo instaurado ao livro suprimido; mas não pôde êle ser encontrado, a-pesar da boa vontade do ilustre Director do arquivo da Torre do Tombo, a quem solicitei a indagação.

O que é facto é que, passado o período da intolerância pombalina, logo em 1780 se publicava a colecção atribuída a Rolland, em que, à excepção do primeiro, os adágios apontados, a que acima aludo, foram reeditados, «*com licença* da Real Meza Censoria».

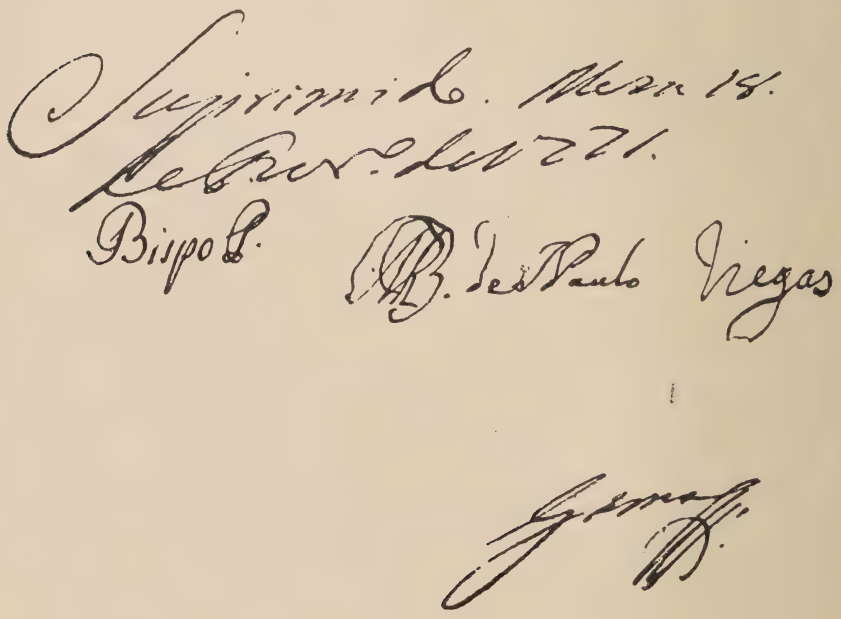
Reproduz-se na página seguinte, em nota, a sentença da supressão do livro do P.e Delicado, e na página XVI o rosto do mesmo livro onde vários dizeres foram verosimilmente riscados pelos censores, como igualmente se riscaram, com traços de alto a baixo, as licenças, nas duas páginas seguintes à do frontispício.

Julguei curioso deixar aqui documentado êsse episódio de nímio zêlo ou de excessivo servilismo de censores qualificados.

Escritores com paciência para computarem os adágios de que Jorge Ferreira de Vasconcellos recheou as peças — *Eufrosina* e *Ulyssipo* — notaram que na primeira se encontram mais de 600 e na segunda mais de 500 daqueles ditos! Deram-se à tarefa de os contar, respectivamente, os srs. Aubrey Bell e Henrique Lopes de Mendonça, o qual, num artigo intitulado — *A sabedoria da arraia miuda* — advertiu que tal sabedoria, chamada «*das nações*», é assunto «bem digno da ponderação de etnólogos e folkloristas».

Por conseguinte, aos que estranharem que haja quem gaste tempo com velharias que parecerão ridículas frivolidades, e se dedique a explanar logares comuns e a fazer a exegese de sentenças de humilde nascimento, relembre-se que de tais frioleiras se têm deixado cativar altos e afamados engenhos. Sirvam de exemplo os dos cancioneiros trovescos que a diversos adágios foram buscar motes; os fabulistas, cujas composições são de ordinário «paráfrases de ditados que muitas vezes até se vêem expressos na respectiva moralidade», conforme testemunha um dos mais fecundos cultores do género; e tantos poetas e eruditos, de antiga e moderna data, bastando citar, como dos mais notaveis nossos contemporâneos, entre os primeiros, Augusto Gil e Antonio Correia de Oliveira, e, entre os segundos, D. Carolina Michaëlis e os D.[res] Theophilo Braga, Sousa Viterbo e José Leite de Vasconcellos.

Eis a reprodução da sentença condenatória dos *Adágios* do P.e Delicado:



Há quase três séculos, o P.e Delicado formulou esta definição, que, sem querer jogar com palavras, averbarei de definitiva: «*Os adágios são as mais approvadas sentenças, que a experiencia achou nas acçõens humanas, ditas em breves, e elegantes palavras*». E Bluteau entendeu por melhor reproduzir esta frase, quando, no seu *Vocabulário*, quís dar o significado daquele termo.

De igual modo os reputou o inimitavel P.e Manoel Bernardes, dizendo, dos portugueses, que não têm com êles «nenhuma comparação os dos gregos e latinos, nem no pêso da doutrina, nem na energia da significação» (14). E Frei Antonio das Chagas, ao examinar, em 1651, por mandado do Supremo Conselho da Santa Inquisição, a colectânea do licenciado alentejano, observou, no seu parecer, que os rifões são «ditos antigos que servem para boa direcção da vida comum.»

Ora, onde quer — família, povoado ou nação — que a vida comum ande carecida de bôa direcção e governo, e — para me servir de dizeres tradicionais — os homens sejam, na opinião dos maldizentes, *poucos e loucos*, e, ou se mostrem de *muito riso e pouco siso*, ou, porque lhes falte o pão, *todos ralhem e nenhum tenha razão*, não deve levar-se a mal que alguém haja que se vote ao estudo e derramamento de tais lições e preceitos. Porque, a serem tidos em bôa conta e cumpridos com aguçosa vontade, muito concorrerão para que os desassisados recuperem o juizo, os poucos e pequenos se tornem muitos e grandes, e os míseros e mesquinhos ganhem, com desfastio e honra, o pão de cada dia... O que — lá diz o ditado — *mais vale tarde do que nunca!*

O que, pois, me propus fazer — mal, e em verso — foi apenas o que — bem, e na prosa de prelecções didáticas — já alguém se lembrou de que deveria praticar-se em colégios e escolas onde se forma e educa o espírito da gente môça. Pelo que me respeita, contudo, e como prevenção ao leitor, direi, com o autor da *Feira dos anexins*: «*Suposto que em mi possa haver vontade para o bẽ servir, pode ser que nẽ por isso haja entendimento para o bẽ aconselhar; porque entendimento e vontade inda se ajuntão menos vezes q̃ a honra e o proveito, e ella, com que seja potencia poderosa, nem sempre guia ao acerto, se lhe faltão olhos de sufficiencia*» (15).

Bem se sabe que, no dizer do prolóquio — *Conselho sem remédio é corpo sem alma* —; mas quem se capacite de que são eficazes a maior parte dos conselhos que vai ler, dê *almas* a êsses *corpos*, fazendo acrisolar diligentemente os *remédios* nas retortas e filtros do seu ânimo, como se expressaria figuradamente algum arremedador daquele mesmo discreto e subtil moralista que tão bôas regras nos deixou para que «pelo caminho da Prudencia se acerte com a casa do Descanso»... E proceda ao invés do que se recomenda para os presságios — *Agoiros, nem crê-los, nem experimentá-los*! —:creia e experimente a verdade ressumante da maior parte dos avisos e precates que êste livro encerra!

---

(14) *Nova Floresta — Adágios portugueses.*
(15) D. Francisco Manoel, *Carta de Guia de Casados.*

ADAGIOS
PORTVGVEZES
REDVZIDOS A LVGA-
RES COMMVNS.

PELLO LECENCIADO
Antonio Delicado, ~~Prior da~~
~~Parrochial Igreja de Nos-~~
~~sa Senhora da Charida-~~
~~de, termo da Cida-~~
~~de de Euora.~~

~~NATVRAL DA VILLA DE~~
~~Aluito.~~

~~[illegible]~~

~~EM LISBOA~~
Com todas ~~as licenças necessarias.~~
~~[Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno de~~ 1651]

Reprodução, reduzida a 1/4 do frontispício do livro do P.e Delicado, com os traços atribuídos aos censores.

«Tres primorosos volumenes donde, con peregrína agilidad versificatoria y de pensamiento, el docto académico de Lisboa desentrañó, ya gracejando, ya en serio, hasta dos millares de proverbios lusitanos, en paráfrasis tan elegantes y sueltas, que bien se echa de ver que no anduvo exagerado el eximio literato brasileño Afranio Peixoto cuando dijo que en esta obra «o oiro popular se fez joias de preço, pelo lavor e bizarria» del orfebre.

«El admirable poeta hace maravillas con los refranes portugueses.»

FRANCISCO RODRIGUEZ MARÍN

das *Academias Española* e de *Historia*, Bibliotecário perpétuo da *Real Academia Española*, Director da *Biblioteca Nacional* de Madrid.
Decano dos folkloristas espanhóis.

«Grâce à vous tout ce vieux fonds commun d'expérience accumulée arrive sans aucune apparence d'effort, à la dignité de genre littéraire, et dans le mouvement contemporain, c'est une note absolument originale et je ne crois pas qu'on trouve actuellement dans un autre pays d'Europe l'exemple d'une pareille réussite.»

GEORGES LE GENTIL

Professor na *Sorbonne*, de Paris

AO PIO LEITOR

«Não sou já mancebo... andei por êsse Mundo... Vi, li, ouvi. Estes serão os textos, êstes os livros, que citarei a V. m. neste papel.»

D. Francisco Manoel.

AO PIO LEITOR

Do préstimo ou do valor
desta obra modesta e chã
não falará o autor,
muito avêsso à glória vã.
Porque não se desvanece,
nem se apouca em demasia,
não a exalta e encarece,
nem também a deprecia.

Com favor ou desfavor,
julgue-a, a seu grado, o leitor!

No que ela tenha de mau,
todos sabem que há-de haver
quem aparelhe o seu pau
a fim de, sem dó, bater.
Para em tudo desfazer
e senões em tudo pôr,
decerto não faltará
a má língua do censor,
que inda pior a fará!

Quanto ao mais que esteja bem
(se alguma coisa assim há...)
adverte um rifão, porém,
que assenta, à justa, em quem fôr
manco e falho de critério:
— Em bôca própria o louvor
é vitupério.
E o glosador, recordado
de que a obra é toda feita
só de ditados, ajeita
ao caso seu um ditado
e diz também:
— Quem dá o que tem
a mais não é obrigado.

*

Se alguém de bom siso,
à guisa de dar
conselho ou aviso,
pretende lembrar,
em falas ou escritos,
juízos ou ditos
da voz popular,
que, há séculos, são
do vulgo iletrado
precioso apanágio,
a êste bordão
vai sempre encostado:
— Lá diz o adágio...
— Lá diz o rifão...
— Lá diz o ditado...

Por mim, ficarei
feliz e contente,
se aquilo que sei,
e que eu cautamente
outrora aprendi
no mundo em que andei
— confiando-to aqui —
não fôr mal aceito
e fôr de proveito,
leitor, para ti!

*

Catecismo universal,
cuja doutrina corrente
de simples e sã moral
te faz discreto e prudente,
e cuja filosofia,
cuja lição acharás
ou na ingénua alegoria,
ou na sátira *mordaz;*
cartilha em que hás-de encontrar,
em estilo breve e conciso,
muita regra salutar
de bem viver — muito aviso! —
e a predicarem, a par
do chasco *ou* chiste *vulgar,*
rudes no seu plebeismo,
o apotegma *ou* aforismo,
o juizo, *o* axioma, *a* sentença;
obra de tal primazia
nos precates e tenções,
que em si engloba e condensa
aquela sabedoria
chamada — e bem! — das nações,
por ser de todas pertença;
êste livro é o claro espelho,
em tanto exemplo *e* conselho,
do instinto sagaz do povo.

Tem êle apenas de novo
que as várias formas extremas
do ditame *e do* ditério
por que, em tom jocoso ou sério,
trata e expõe eternos temas
— máxima, gnoma, berbão,
parémia, adágio, anexim,
provérbio, apodo, rifão,
prolóquio, ditado, *emfim,*
dito de arguto sentido
que, em antílabe lacónica,
branda, severa ou irónica,
na tradição foi colhido,
quer em verso,
quer em prosa —
conforme o sabor diverso
do propósito ou conceito,
hão-de haver comento ou glosa.

Qual versículo ou preceito
desta espécie de evangelho
que em seu texto só contém
«saber de experiências feito»,
refrão *ou* brocardo *relho*
vai cotado, mal ou bem,
pela prática dum velho.

VOX POPULI, VOX DEI

Vozes do povo, de quem serão?
Quem lhes deu corpo? Quem deu expressão
quase dogmática,
ora singela, ora enigmática,
à sua linguagem,
numas, grosseira, noutras, subtil,
nestas, oriunda de alta linhagem,
naquelas, vinda de origem vil?

Vozes do povo, serão de quem?
Tal qual no auto
do grande Gil
— de *Todo-o-mundo...* e de *Ninguém!*
E quer nos lembrem o agudo Plauto,
quer nos recordem o bom Platão,
muitas igualam
os doutos juizos de Salomão,
e, assim como êste, julgam e falam.

Vozes do povo, que vozes são?
Sejam sisudas, sejam burlescas,
são dições breves e pitorescas,
que, em frases-feitas, cristalizadas
desde idos tempos, correm espalhadas
de bôca em bôca, por más e bôas
bôcas do mundo.
Razoar de coisas e de pessoas,
ligeiro agora, logo profundo!

São os *lugares selectos*, uns,
outros, *comuns*,
de tão vulgares e repetidos,
que andam nos lábios
e nos ouvidos
de toda a gente — néscios e sábios.

Ditos dispersos, que pôsto achásseis
versificados
em rimas fáceis,
em metros pobres,
— embora, às vezes, de pés quebrados —
melhor conseguem suster-se em pé
que outros de engenhos raros e nobres.
Visto que até
obras sublimes, de estros gloriosos,
hão-de mais prestes cair no olvido
que êsses dizeres — em estilo poído
de língua arcaica — sengos e diosos!

Vozes do povo! É bem sabido
que, se umas tômam como argumento
motejo frívolo e comezinho
ao qual revestem, como indumento,
de tom escarninho,
outras dir-se-iam, na transcendência
dos pensamentos,
rasgos de génio, teses de sciência,
brônzeas, solenes e lapidares
como legendas de monumentos!

Prístinas vozes que vêm de antanho!
Quantas, na ideia, bem singulares,
quantas, na letra, de teor estranho,
se nos figuram
como de estirpe mais do que humana!

Vox Dei lhes chamam... E assim perduram
por toda a idade,
qual verbo eterno que do Alto emana,
nos imperiosos decretos seus,
para escarmento da humanidade!

Vozes do povo... vozes de Deus!

DIZERES
DE
EXPERIÊNCIA

«...verdades puras
«Que me ensinou a viva experiência»

CAMÕES — *Sonetos*

I

Aonde muitos cospem, lama fazem.

Onde os ruins se comprazem
em esvurmar o veneno da perfídia,
faz charco imundo a imputação perjura,
o aleive, o doesto, o vitupério, a insídia,
— escorralhas de tanta bôca impura
que só no mal se inspira!
Na sua voz, a hipocrisia e o embuste
hão-de falar a língua que se ajuste
às tramas da mentira
— ao murmurar leviano
ou à leviana atoarda —
a todo o vão rumor que se abastarda,
tecendo a intriga no tear do engano.

Qual nódoa que macula o melhor pano,
como ferrete de ignomínia em fronte
que a gente soi
ver nívea, estreme, insonte,
mancham a auréola ao mais excelso heroi,
e sempre da calúnia fica o rasto,
a baba que polui e que corroi
o justo e bom que lhe servir de pasto.

Aonde o ferro vai, vai a ferrugem...
É porque o sujo — suja,
e o pestífero — empesta,
e da babugem
sempre a escorrência fétida babuja,
a explicação é esta
de que à pessoa
mais virtuosa e bôa,
— como ao mais limpo o enlameia a lama —
um lábio infame o nome e a honra infama.

Se brada alguém que está o cão danado,
todos lhe atiram como a bêsta-fera,
sem prescrutarem se o arruído era
devido apenas à levez do brado.
E como a cão mordido todos mordem,
e nunca falta quem, por gôsto, bata,
em tal desordem,
se um grita: — Mata! —
acode o outro: — Esfola! —
e o descrédito aumenta como a bola
feita de neve,
que, ao girar sôbre si, engrossa breve
e que mais cresce, quanto mais se rola.

É a sorte funesta
do infeliz,
de vida clara e honesta,
de quem o mundo, sem razão, maldiz.
Volve-se um anjo ou santo em monstro abjecto,
se o cobrem todos do nauseante excreto
do ódio e do rancor.
E assim se cria a falsa e iníqua fama!
Porque os escarros tornarão infecto
o que mais puro e intemerato for
— porque onde muitos cospem, fazem lama...

*

— *Quanto mais luza o luar,*
mais lhe hão-de os cães ladrar,
diz um provérbio indiano.

Pois nisto igualam o animal humano
os cachorros que ladram muito à lua.
Quanto mais alto as vítimas se erguerem,
mais se ergue a voz dos maus a maldizerem,
com uivos roucos em que a raiva estua!
Lembram chacais ou perros de má raça!

Mas quem — porque não deve — nada teme,
dirá, mantendo a rota do seu leme:
— Rosna a matilha... e a caravana passa!

II

Bôa mão
do rocim
faz cavalo
— di-lo assim
o rifão —
e a ruim
do cavalo
faz rocim.

Tudo vem
de educa-lo
mal ou bem;
da energia
p'ra doma-lo;
vem da norma
por que à guia
se passar;
vem da forma
de o tratar
e montar
quem o adestre.
Hábil mestre
torna fino
o animal
mais boçal;
torto ensino,
do corcel
mais fiel
faz sendeiro
com indícios
de maus vícios.

Verdadeiro
igualmente
é o ditado,
quando à gente
reportado.
A criação
tal será
qual a mão
do que a dá
— tal qual fôr
o mentor
que nos leva
ou p'ra o dia,
ou p'ra a treva;
que nos guia
com carinho,
ou transvia
do caminho
do dever,
recto e liso.

É de ver
que o assisado
presta juizo
ao demente;
que o adoidado
turva o siso
do prudente,
porque *um louco*
fará cento
com seu pouco
senso e tento;
que o animoso
encoraja,
dá valor
ao medroso
em quem haja
mais temor;
que o ignavo
contagia
e entibia
o mais bravo,
mais sem mêdo,
mais audaz!

Tarde ou cedo,
fraco rei
fraca faz
forte grei...
São lições
de eras idas,
aprendidas
em Camões,
quanto ao brando
e amoroso
rei Fernando
— *o Formoso*...

III

Na boca do discreto
o público é secreto.

Porque êle p'ra si tem
que *segredo guardado*
é o que a ninguém
é revelado,
e que *o de três*
o diabo o fez!

Mas outro adágio ensina
esta doutrina
que torna o dito incerto:
— *Não há segrêdo*
que, tarde ou cedo,
não seja descoberto.

E, se o sabe a mulher,
se em lábio feminil
o sigilo estiver,
oh! então
(salvo todo o respeito
ao ente mais gentil,
mais perfeito
que tem a criação)
o caso infunde mêdo
a qualquer!
A crença mais se arreiga
no rifão:
— *O segrêdo*
em bôca de mulher
é manteiga
em narizes de cão...

IV

P'la boca se aquenta o forno.

Diz quem arrisca o subôrno,
ou quem aventura a peita,
que p'la bôca se enche o saco
do corruto e do velhaco.

Mas quando o forno rejeita
aquele ruim combustível,
muito se doi e se escalda
quem tenha a péssima balda
de outrem supor acessível
a êsse falaz processo
de alcançar feliz sucesso
em petição de favor.

É contar que em vez de aumento
que dê ao forno em calor,
lhe cause arrefècimento...

Cuidado convém que tenhas
com êste e outros ditados!
Diz-se: — *Quem unta, amolenta;*
— *Dádivas quebrantam penhas.*
Saiem com freqüência errados
os projectos do que intenta
tornar branda a criatura,
mais que a pedra, fria e dura,
e à qual não há quem aquente,
nem quebrante ou amolente
a índole ou catadura.

P'la bôca se aquenta o forno...
Quanta vez quem o ensaiar
nem chega a torna-lo morno!
E, p'lo contrário, há-de achar
que apenas logra prover-se
de lenha p'ra se queimar!
Quebra o nariz, ao benzer-se!

V

Cá e lá
más fadas há.

A-pesar-de isto,
é caso visto
que tudo o pior
e mais grosseiro
que há no estrangeiro
crê-se melhor
que o naciona'.

Porque, em geral,
coisas, pessoas
de além-fronteiras
são sempre bôas,
sempre as primeiras
na qualidade.
Em sendo estranhas,
ninguém lhes há-de
notar as manhas!

*

É o que sucede
com o falar.

Linguagem nossa
de pronto cede
o seu lugar,
para que possa
ter fácil curso
e entrar a porta
do bom discurso
outra qualquer,
ou viva ou morta,
mas de aluguer.
Nessa é que brilha,
à maravilha,
a citação
que em nossa língua
teria míngua
de estimação!

Quantos autores
se têm mostrado
justos censores
de tal pecado!
Lugar-comum,
sem preço algum,
ascende a dito
sábio, erudito,
desde que, em vez
de português,
em grego é posto
ou em latim.
Logo o conceito
tem outro gôsto!
Vertido assim,
faz outro efeito:
mais capta e rende,
principalmente
aquela gente
que o não entende!

Criticando tal pequice,
um velho escritor bem disse
que, por sua natureza
«e constelação do clima,
«esta nação portuguesa
«o nada estrangeiro estima,
«o muito dos seus despreza.»

Mas — *cá e lá* —
más fadas há...
Fadas... e fados
bem desgraçados,
por tal sinal!
Pois — lá e cá —
de modo igual
— porque o fadado
com sina triste
nunca resiste
ao triste fado —
sentido faz
— no mau destino —
o masculino
das fadas más.
E então dir-se-á
que — *cá e lá*
maus fados há!

VI

Cento dum ventre,
cada um de sua mente.

Raro sucede que entre
muitos irmãos, a gente
encontre dois, tais quais
no proceder
e no entender,
filhos dos mesmos pais,
nados duma só mãe.
O adágio adverte-o bem!
Embora nasçam gémeos,
e andem nos mesmos grémios,
o freqüente e vulgar
é, se, no discretear,
há opinantes cem,
achar que as diferenças
nas ideias avêssas
a um cento irão também!

São tantas as sentenças
quantas são as cabeças!

Diz latino ditado:
— *Tot capita* — pensando,
tot sententiæ — julgando.
O dito é acertado.

Que admira os cem irmãos,
nos casos mais correntes,
vê-los tão divergentes,
quando *os dedos das mãos*
(sendo cinco, e não mais,
sempre em convívio estreito)
em fôrça, aspecto e jeito,
não são iguais!

VII

O cesteiro que fez
um cesto, faz um cento.

Quem torto nasce
não perde mais talvez
o seu empenamento.
Acomoda-se e afaz-se
à pecha ou ao defeito.
Quem torto nasce
não morrerá direito!

Às vezes, ao menino
consegue-se fazer,
com paciência e lazer,
o mesmo que ao pepino
— doma-lo em pequenino.

Mas quando a sorte o quis
tornar mau de raiz,
o homem perverso e vil
que pratica acção má,
praticará
ou cem ou mil.
É tal qual o cesteiro
que nunca há-de perder
a arte de fazer
um cento ou um milheiro,
desde que um cesto fez.

Bem diz quem tal comenta:
— *O que não se escarmenta*
duma vez,
não se emenda de três...

VIII

As coisas vistas á noite, de manhã, outras parecem.

Tão outras são, que aborrecem!
Por isso ninguém se afoite,
sem que seja à luz do dia,
a ajuizar — porque erraria —
de alguma coisa ou pessoa.
Há-de sentir-lhe a surpresa
na bondade ou na beleza:
sai-lhe má, julgando-a bôa,
crendo-a linda, sai-lhe horrenda!

Rosto, à noite, de menina,
de manhã, não surpreenda
ser já de velha em ruína.
A chama artificial,
faces com rugas antigas,
ou picadas das bexigas,
mostram frescor natural.
A pintura e a habilidade
cortam anos à idade!

Até a côr amarela
da icterícia e da macela,
ao bruxolear dum candieiro,
quase em branco verdadeiro
se transforma por completo!

Quanto se altera e mascara,
muda de tom e de aspecto
o que o sol descobre e aclara!
Porque faz o engenho e a tinta
que tanto a aparência minta,
o espaço é mui dilatado
que vai do vivo ao pintado.

*

O que se dá com a gente
dá-se semelhantemente
com bichos irracionais.
Sentenceia um dos brocardos
que o povo repete mais:
— *De noite todos os gatos*
são pardos.
Vejam lá! da côr dos ratos,
seus inimigos mortais!

Embora feros rivais,
quando a treva fôr profunda,
sempre há-de haver quem confunda
uns com outros animais.
E, porque, à luz do candil,
se afigura ser gentil,
ser bela
a coisa ou pessoa feia,
diz o adágio que, *à candeia,*
parece a burra donzela!

IX

Cuida-lo bem, faze-lo mal.

Se o mal não foi intencional,
mas feito só por bem cuidar,
ninguém o ouse incriminar.

Aonde não há culpa,
não há que haver desculpa.

X

Comida feita
companhia desfeita.

Há gente com tal pressa
em desfazer
a companhia
que já a não interessa,
que até se esquece
de agradecer
o obséquio e a cortezia
a quem lhe oferece
da sua comida,
da sua poisada,
e, de noite e de dia,
a amima e a convida
com bizarria
mal empregada!
Sempre houve e há ingratos,
que atiram com os pratos,
no fim, à cara
de quem os hospedara,
e à mesa, por ter dó,
os assentara,
sem pensar no ditado
— *É melhor estar só*
que mal acompanhado!

XI

Por debaixo dos pés se levantam os trabalhos.

Quer em escusos atalhos,
quer numa estrada larga e soalheirenta e aberta,
hão-de ser-te a cautela e a atenção precisas.
Podem falhar-te os pés numa lura encoberta,
ou vir-te o mal e a morte
dalgum escorpião que pisas.

Abroquela-te bem contra os baldões da sorte
na viagem da vida!
Deves sempre recear
que, à imagem também daqueles maus precalços
— da queda ou da ferida
que te podem matar —
venha de amigos falsos
a dor que te dessangre o coração no peito,
e te afronte na honra ou manche no conceito.

Maior será o dano,
se, por melhor trair-te,
o lacrau, que intentar a fama denegrir-te,
se disfarçar astuto em animal humano!

XII

Depressa e bem não o faz ninguém.

Ninguém... ou poucos!
Hão-de ser loucos
— *por apressados,*
não melhorados —
os que não vejam
que, p'ra alcançarem
o que desejam,
não basta andarem
em roda-viva
que nunca amaina.
Improdutiva
resulta a faina,
se *é afanar*
e não medrar.
P'ra longa lida
é curta a vida!
Faze às avessas
no que tentares,
visto que *as pressas*
dão em vagares.
O muito, e mal,
é o geral;
o muito, e bem,
há pouco quem.
Em todo feito
dependerão
pressa e vagar
bem mais do jeito,
modo ou feição
de trabalhar,
que de esbofar-se,
e atarèfar-se,
nunca parando,
nem sossegando,
para, afinal,
ir labutando
muito, mas mal.

A ninguém esqueça
êste falar:
— *Vou devagar*
que tenho pressa!

XIII

Pelos domingos se tiram os dias santos.

Recorde-se, porém, que a mentir e a errar
andam sujeitos quantos
se deixam arrastar
por simples induções, vagas e fugidias.
Não se queixe do engano
quem, p'la amostra, compre o pano...

Não se deve esquecer que *um dia não são dias,*
nem crer regra comum, certíssima, fatal,
ocorrências fortuitas
que muitas vezes — muitas! —
são obra só do acaso, ou no bem, ou no mal.

Precisam, pois, de ser êsses *domingos* tantos,
que sirvam, com rigor, de norma aos *dias santos,*
aliás bem pode alguém, de juizo temerário,
tomar como diário,
freqüente e corriqueiro,
o que não é senão sucesso hebdomadário,
ou caso domingueiro.

Nem um dedo faz mão,
nem uma andorinha faz verão.

XIV

Doidos e porfiados
fazem grandes telhados.

Daqui virá chamar-se
— *telha* — à falta do siso
que a qualquer é preciso
para bem governar-se?
Porque o teimoso louco
achará tudo pouco,
se o cegar a ambição,
só estará a seu grado
sob o grande telhado
dum grande palação!

A uma tal loucura
de bens e de riquezas
chama quem delas cura
«delírio de grandezas».

São castelos no ar,
são construções na areia
o quanto edificar
quem assim devaneia.
Não olha ao que há de mau
na opulência que o tenta;
não vê que em *grande nau*
sempre é *grande a tormenta.*

XV

A experiência
é a mãe da sciência.

Sentença justa!
Não há sciência da vida
melhor do que a aprendida
à nossa própria custa;
à custa das lições,
às vezes muito duras,
dos nossos dissabores,
das nossas decepções,
das nossas desventuras,
das nossas mesmas dores!

Saber perfeito
o de experiência feito!
Quem nisto não atenta
de sábio não se gabe.
Quem não experimenta,
não sabe!

E, contudo, nesta sciência
a trova desfaz assim:
«O livro da experiência
«nenhum fruto ao homem dá:
«tem o conceito no fim,
«ninguém o lê até lá.»

XVI

A experiência é a mestra da vida.

Por essa grande mestra é instruida
a nossa alma em virtudes e em pecados.
«Tomai conselho só de exprimentados»
(disse-o Camões) «que os experientes sabem
«o como, o quando e onde as coisas cabem»,
e «posto que em scientes muito cabe,
«mais em particular o experto sabe.»

Para saber não basta ler:
preciso é viver e ver!

XVII

Feliz, infeliz,
é quem tal se crê,
não quem outrem diz.

Se alguém se guiar
só pelo que vê,
e assim ajuizar,
por mera aparência,
do alheio viver,
verá, com freqüência,
que errou o dizer.

É coisa sabida
que o rico, suposto
jucundo e ditoso,
não raro há-de a vida
vivê-la sem gôsto.

O audaz cobiçoso
que vezes não sente
mais pobre de gôzo
o seu coração,
que um mísero ente
sem cama e sem pão,
que a pouco limita
o seu ideal,
a sua ambição!

Então a desdita
dos Cresus é tal,
que inspiram mais dó
que o ínfimo Job,
p'ra quem era igual
a bôa ou má sorte,
alegre opulência
ou triste indigência
— a vida ou a morte!

Pobre?! *Pobre é quem*
por pobre se tem,
ensina o ditado.
E está bem provado
que muito pobrete
sempre anda alegrete...

*

Pois, quanto à idade,
é o mesmo também.
Não diga ninguém,
em bôa verdade,
ser qual a que aponta
a nota ou assento
do seu nascimento.

Aos anos, a conta
que a faça, porém,
conforme se sinta
mais mal ou mais bem.
São quinze ou são trinta?
São trinta ou sessenta?
A gente só tem
aqueles, tais quais,
que o rosto aparenta.
Nem menos, nem mais!

Ês môço ou não és,
segundo teus pés
se arrastam pesados
e buscam a cova
em passos cansados,
ou podes dar prova
de o sangue, sem peias,
ferver-te nas veias
— de a alma ser nova!
.....

Com bem mais razão,
julgue-se, por isso,
que é ou não rapaz,
que é ou não feliz,
o que tenha ou não
validez e viço,
alegria e paz
— não quem outrem diz!

XVIII

A fome é má conselheira

Nestas palavras se exprime
que a miséria leva ao crime,
e a sentença é verdadeira!
O ventre em jejum
não ouve nenhum.

Igualmente se diz dela:
— Quando a fome entra p'la porta,
sai a honra p'la janela.
Mas, p'ra ser assim, importa
que inda a honra esteja lá
aonde a penúria está...

Que, outras vezes, anda a par
a infamia com a riqueza;
e vivem no mesmo lar,

junto à mesma lauta mesa,
e o brio vamo-lo ver
longe de toda a grandeza,
a penar e a padecer
nos andrajos da pobreza.

Mas voltemos a medalha!
Se dá mau conselho a fome,
não o dará que mais valha
ao pobre, que ingénuo o tome,
quem a todos mal fará
e mal aconselhará
p'ra ter o muito que come.

Se a fome é ruim conselheira,
a gula, o fausto, a ambição,
inda que doutra maneira,
maus conselheiros serão.

XIX

O hábito não faz o monge, mas fa-lo parecer de longe.

Não o fará a valer,
na fé, no íntimo crer,
mas o falso religioso,
se é cauto, hipócrita, esperto,
no rebuço mentiroso,
olhado embora de perto,
há-de por frade passar,
embaindo a quem o veja.
Se bem o traje envergar,
logra o lôgro que deseja.

Sucede isto, quando e onde
alguém, com cuidado, esconde
as *unhas de gato*
no hábito de beato:
as vestes ver-se-ão,
mas as unhas não!
Cruz em peitos,
diabo em feitos...

É como *punhal de lata*
em bainha de prata.
Hão-de o crer de bom metal
e temê-lo, emquanto está
na baínha em que se enfia,
quando não vale um real,
nem mêdo algum meterá,
em se vendo à luz do dia.

Nada mais fácil de dar-se
que enganar um bom disfarce
mesmo a quem tem melhor vista.

Como dòminó de entrudo,
de frade, padre ou sàcrista
a roupeta encobre tudo!
Seja o demónio que a vista,
se lhe oculta os pés caprinos,
os chavelhos pequeninos
e o apêndice de trás,
há-de o próprio Satanaz
zombar até dos mais finos!

Quem seja dissimulado,
faz o que diz o ditado:
— *Com arte e engano*
vive metade do ano,
e, com engano e arte,
a outra parte.

Tartufo — o grande histrião —
qual diabo feito ermitão
— *bôca de mel,*
alma de fel —
a fama gozou de santo,
porque trazia,
da piedade pondo o manto,
como o prolóquio diria:
— *contas na mão*
e o demo no coração.

XX

Ao homem decidido
dá-lhe a Fortuna a mão.

Se, posto que atrevido,
dispõe de sã razão,
a tal homem, é claro,
nem Deus lhe nega amparo.

Um provérbio latino
diz que a fortuna traz
ajuda ao que é audaz.
Muito acertado ensino,
quando bem se procura
e excogita a ventura.

Mas que vês em geral?
Perder tudo, afinal,
quem quer que à sorte cega
os bens e a vida entrega.
A norma é — *porfiar,*
mas não apostar!

Quem menos se atreveu,
menos se arrependeu.
Não se afoga no mar
o que lá não entrar...

XXI

Um homem prevenido vale por dois.

Eis a razão por que diremos, pois,
de quem, leal, duma só cara e fé,
avise a tempo, e bem,
do que de mau ao nosso encontro vem:
— *Quem nos avisa nosso amigo é!*
Nem desacerta, por igual, quem pensa
— *Arrenego do amigo*
que me encobre o perigo.
Merece o encobridor esta sentença!

Mas, no sentido
das precauções possíveis
contra males ou riscos presumíveis,
freqüentes vezes se terá ouvido
— *É melhor prevenir que remediar!*

Como é melhor servir para avisar
quem se não saiba ou sinta ameaçado,
que andar de aviso alheio precisado.
O mal não tarda
a quem o tempo avisa, e se não guarda.

XXII

Jogou, pediu, furtou,
jogará, pedirá
furtará!

É o mesmo que se dá
com quem se embebedou
uma vez, e gostou:
a beber ficará!
Como vai o ladrão
à rapinância,
e o pedinchão
à mendicância,
também o jogador
do vício não se emenda,
nem sai o bebedor
da taberna ou da venda,
sem que ninguém os faça
reflectir na desgraça:
— *jôgo e bebida,*
casa perdida.
Se, em vida longa ou curta,
jogará e furtará
quem joga ou furta,
pedirá e beberá
quem pede ou bebe,
sem custo se concebe
que o bom só bem fará;
isto é — *quem deu, dará!*

XXIII

Do longe se faz perto.

O que fôr diligente
confirmará o asserto:
galgará fàcilmente
os percursos maiores
e os óbices piores
que veja em frente.
Um ágil caminhante
chega, de perna às costas,
ao longe mais distante
e às metas mais opostas.
Pois também a distância
que vai do ideal sonhado
ao sonho realizado,
com firmeza e constância,
se encurta de metade.
Com fôrça de vontade,
é jornada vencida
no caminho da vida!
Não há nada mais certo!
Tudo está em querer
— em querer e saber —
fazer do *longe* — *perto.*

XXIV

Mais faz quem quere do que quem pode.

Eis a razão por que sucede
que o rico, às vezes, não acode
ao miserável que lhe pede,
e é, sim, o pobre que à pobreza
doutro infeliz estende a mão,
dando-lhe abrigo, e, à escassa mesa,
não lhe negando do seu pão.

Não dá quem tem,
mas quem quere bem.

Não é quem pode que mais faz.
Quem teima e quere, quem tem confiança
no esfôrço próprio é quem alcança
melhor seu alvo. O pertinaz
domina e vence o engenho audaz,
embora fúlgido e pujante,
que em seus propósitos fraqueja,
porque não seja
perseverante,
de ânimo forte e fé constante
para atingir o fim que almeja.
O querer
é poder!

Ninguém, contudo, até à insensatez
o seu empenho ou teimosia leve,
visto que muita vez
quem faz o que quere, não faz o que deve.

Não mostre a verdade
dêstoutro rifão:
— Aonde há vontade,
não roga a razão!

XXV

Mais vale cair em graça do que ser engraçado.

Há séculos que passa,
como aresto em julgado,
o dito que proclama
— A quem o feio ama
formoso lhe parece.

O coração padece
de mil aberrações!
Porque encantou Camões
uma mulher de côr?
Caprichos de amador!

*

Ao gôsto estragado
o doce é amargo,
ensina o ditado.
E, pois, sem embargo
de ser enfuscado
de Bárbara o rôsto,
de olhar nela posto,
Camões, com ternura,
teceu-lhe o louvor:
«Pretidão de amor,
«tão doce a figura
«que a neve lhe jura
«que trocara a côr.»

Porque é que êle adorava
a rude e humilde escrava
e da negra fazia
a alva do seu dia?
Responde um sábio texto
em forma de anexim:
— *Não há bilha sem texto;*
ou êste adágio afim
que sentenceia:
— *Toda a panela feia*
acha o seu cobertoiro.
E inda bem que é assim!
Aliás fôra um desdoiro
para aquele ou aquela
que, em fealdade, iguala
a infeliz panela
de que o prolóquio fala!
Diz-se: — *Não há formosa*
sem senão
(e o espinho que há na rosa,
e os dedos te espicaça,
comprova-te o rifão)
— *nem feia sem sua graça.*

Sucede a qualquer rosto
como á côr do amarelo;
seja ou não seja belo,
sempre a alguém cai em gôsto.
Quando nalma se incutem
— por gôso ou por flagelo —
gostos não se discutem.

XXVI

Mais sabe o tolo no seu que o assisado no alheio.

Se faz de sábio o sandeu
no mester ou no grangeio
que mais lhe tocam de perto,
metido em estranha empreitada,
nem talvez pareça esperto
o de cabeça atilada!
Aqui portanto bem cabe
o dizer-se: — *Cada um sabe*
as linhas com que se cose
e onde o sapato lhe aperta.

Nenhuma cota mais certa
para alguém que o dito glose.

Quem—porque assim o não creia—
meta foice em seara alheia,
muito lépido e lampeiro,
com entradas de leão
próprias de todo o Quichote
que sai, no fim, por sendeiro,
dará justiça e razão
ao dichote
— *Quem te manda, sapateiro,*
tocar rabecão?

XXVII

Manha de Portugal, comer bem e dizer mal.

A pecha de quem traz
da casa alheia
a barriguinha cheia
e, a-pesar-de isso faz
ausências más
de quem o teve à mesa
e o acolheu no lar,
não é só portuguesa.
É manha universal,
e tão vulgar
e tão trivial,

como é a ingratidão.
Quem venha a ser crèdor
de alguma obrigação
de dinheiro ou favor,
verá o que há de exacto
nesta velha lição:
— quem faz o devedor,
faz o ingrato.

XXVIII

Da mão à bôca,
perde-se a sopa.

Cabeça ôca
crê que na pôpa
dá sempre o vento
a algum intento
em que se empenha,
só porque tenha
em tal pensado
e mais firmado
gôsto e sentido.
Reputa o objecto
já conseguido,
ou o projecto
já consumado!

De quanto esteja
por ir ou vir,
julga alcançado
tudo que almeja
e quere possuir.

Desde que sonha
que o que deseja
o pode haver,
há quem suponha
na sua mão
fechado o ter,
seguro já!
Louca ilusão!
Jàmais confiemos
no que inda está
em *vê-lo-emos!*

XXIX

Mestre fora,
dia santo na loja.

Em se indo o mestre embora,
logo o aprendiz arroja
p'ra longe a ferramenta,
em folga turbulenta,
em pândega rasgada!
E não trabalha nada,
num completo pagode!
— *Um dia bom* (dirá)
mete-se em casa! E vá
de mandriar o que pode!
É, como em dia santo,
uma folia, enquanto
o mestre não recolhe!

Já vem de Adão e Eva:
— *A quem p'lo seu não olhe,*
o diabo lho leva!
Leva-o, p'ra castiga-lo
da incúria e do abandono.
Se *o ôlho do dono*
engorda o cavalo,
também hás-de convir
em que, *se queres ser*
pobre sem o sentir,
é obreiros meter
e deitar-te a dormir!

O que à loja sucede,
quando o patrão não está
e o sueto não impede,
é o mesmo que se dá
onde quer que não há
nem quem às ordens ande,
nem quem sôbre outros mande.
Tudo é vento,
se não há rei
nem prior em convento.

Porque onde não há lei,
nem chefe ou governante,
vai tudo à rédea sôlta
— tripulação revôlta
de barco vago e errante.

*

O caso não é novo.
Há muito diz o povo:
— *Se em casa não está o gato,*
estende-se o rato.

XXX

O môço, por não querer
(não ***querer,*** ou não ***saber***)
e o velho, por não poder,
deixam as coisas perder.

Quantas lições, a meu ver,
nêste rifão a colher,
para, enfim, se arrepender
quem não gozou do prazer,
ou não fugiu do sofrer,
quando o podia fazer;
quem bem se não soube haver,
para na vida vencer,
ou para, ao menos, morrer
com a ilusão de valer
a pena — ao mortal — nascer!

*

Perfeito só há-de ser
quem — môço pelo *poder*
e viril pelo *querer* —
fôr velho pelo *saber.*

*

Aqui êste aviso acode,
êste adágio lembra e cabe
quase por glosa também:
— *O que de trinta não pode*
e de quarenta não sabe,
e de cinqüenta não tem,
não pode,
não sabe,
nem tem.

XXXI

Mostra-se o doido no riso.

— Tu não reparaste ainda
em tanto lindo Narciso
e em tanta pequena linda,
nunca sério ou nunca séria,
que riem de forma igual
do que tenha ou não pilhéria
e tenha ou não tenha sal?
— É que lá diz o rifão:
o muito riso
é sinal de pouco siso!
— Pode haver outra razão.
Qualquer dêles que assim faça,
não o fará porque entenda
as graças que escuta a alguém,
mas por engôdo ou negaça,
se possui formosa prenda
na dentadura que tem.
Como êsse ou essa acha graça
— p'ra melhor mostrar a bôca —
sempre, em tudo, a toda a gente,
por mais insossa e mais ôca,
outro que tenha mau dente
— por se ver forçado a abrir
os lábios, para se rir —
não acha graça a ninguém!
Por isso se diz, e bem,
que p'lo riso é conhecido
o louco e o presumido.

XXXII

Por muito se madrugar
não amanhece mais cedo.

Di-lo, de papo p'ra o ar,
quem, na cama, quente e quêdo,
se deixa a manhã ficar.

Mas quem supõe que jàmais
perde nome e cabedais
votando-os ao abandono,
fazendo da noite dia,
e êste passando-o no sono,
em maus conselhos se fia.
A quem tarde se levanta,
cedo anoitece!

Corta ao dia... a noite adianta...
e nada bom lhe acontece!

*

Melhor cogitados
são êstes ditados:
— Àquele que vela
tudo se revela;
— Madruga e verás,
trabalha e terás!

Posto não seja p'ra haver
em nula conta o dizer
— Mais anda quem tem bom vento
que o que rema com alento.

XXXIII

Não há cego que se veja,
nem torto que se conheça.

É vulgar que isto aconteça
e raro que assim não seja.

Vê o mais leve defeito
em outrem, quase escorreito,
quem sendo, em si, um abôrto,
coxo, manco, vesgo, torto,
se considera perfeito.

O mesmo faz o sandeu,
quando diz que *vê o argueiro*
no ôlho do companheiro,
sem ver a trave no seu.

XXXIV

Não há
formosura sem ajuda.

É o que dirá
toda a mulher presumida
que o palor do rosto muda
— à fôrça de tintas pôr
na face desvanecida —
em fresca e rosada côr,
e que até o fim da vida
mantém por divisa ou mote
— linda cara é meio dote.

Se, porém, se não encontra
dama alguma já sem viço,
que a êste revés ou contra
desvelada não acuda
com as artes ao serviço
do retoque e da pintura,
— formosura sem a ajuda
dos segredos da impostura —
também
não há ninguém
sem o seu pé de pavão.
É não!

XXXV

Não há trigo sem joio.

Seja em alqueire ou moio,
em quarta ou celamim,
por bem que se ache feita
sementeira ou colheita,
não falha o anexim.
Por melhor que se monde,
por melhor que se escolha,
quem o trigo recolha
verá que o joio esconde.

Pois com a gente
sucede talqualmente
o que sucede ao trigo.

Lá diz rifão antigo
que ninguém há lavado
de culpa ou de pecado,
fôrro de imperfeição,
limpo de pecha má:
— *Não há*
formosa sem senão.

XXXVI

Não saberá governar
quem todos quere contentar.

Não há mais justo ditado,
quando o que deve mandar
não passa de pau-mandado
que às ordens de toda a gente,
a sirva e adule e contente.
Quem serve ao comum
não serve a nenhum...

O que se diz muito amigo
de todos, sempre, em geral,
sem que dê a cada qual
o seu prémio ou seu castigo,
metendo no coração
os que o merecem ou não,
nem rege nunca a ninguém,
nem se sabe a quem quere bem.

Ou faz-se bom, por disfarce,
e, se intenta governar,
é por melhor governar-se,
ou, se procura agradar,
em lautos e fartos bodos
aos maus e bons pondo a par,
é, para, com tais engodos,
inda melhor os lograr.
Amigo de todos
e de nenhum,
tudo é um.

*

Não saberá governar
quem todos quere contentar.
Nem há-de governar bem,
nem contentar a ninguém!
E — não saberá mandar
quem não soube obedecer;
e — *não será bom senhor*
quem não foi bom servidor;
e — *quem não sabe sofrer*
não sabe reger.

Ditos diversos no teor
e desiguais no falar,
mas irmãos no discorrer,
na discrição e saber
do recto filosofar!

XXXVII

Não se pescam trutas às bragas enxutas.

Forma de expressar,
num dizer vulgar,
que, sem grande lida,
na batalha insana
que é a nossa vida,
raro alguém se ufana
de grangear ventura.
A quem quer festa
sua-lhe a testa;
e — *cada doçura*
custa uma amargura!
Pois sem rude luta,
sem muita labuta,
quem será que alcança
bens ou abastança?
Palmas de vitória?
Um clarear de esperança
menos ilusória?
Dar, enfim, certeza
à falaz imagem
duma vã miragem
de arte ou de beleza?
.....
Quem quiser pescar
há-de se molhar...
Ninguém de tal discrepa!
— Quem quere uste,
que lhe custe!
— Quem quere bolota, atrepa!

XXXVIII

Nem rio sem vau, nem estirpe sem mau.

Há certos sujeitos
vezados e afeitos
a grandes patranhas,
que em estirpes estranhas
de quatro costados,
se põem à caça
do sangue de raça
de avós inventados.

Em prístinos evos,
encontram parentes
de Cristo coevos,
e até ascendentes
em ínclitas madres,
em célebres padres,
em papas talvez!

Porém muita vez
— da gente defunta —
não dizem jàmais
a quem lho pregunta,
jàmais apuraram
quem foram os pais
que ao mundo os deitaram!

Não raro também,
em tais personagens
— de longe que vêm! —
das suas linhagens
seguindo-se a esteira,
ver-se-á comprovado
estoutro ditado,
por essa maneira:
— Não há geração
sem conde ou ladrão,
princeza ou rameira.

Nem rio sem coio,
nem trigo sem joio;
nem rio sem vau,
nem estirpe sem mau!

XXXIX

Nem só de pão vive o homem.

Por seu bem, ou por seu mal,
outras ânsias o consomem,
quando, em busca dum ideal,
vive de sonho e ilusão...
Outros desejos o tentam,
outras mínguas o atormentam
mais cruciantes que a do pão.
E por isso os deserdados
de afeições e de carinhos
— aves sem rumo e sem ninhos —
quando, em resposta aos seus brados,
uma voz enternecida,
de grato e divino som,
lhes deixa entrever, na vida,
o que é o céu, êsse dom
feito de esperança e de alento,
não o trocam pelo oiro,
pelo recheio opulento
do mais precioso tesoiro.

Não é, pois, só com a esmola
do vestir e do comer
que o infeliz se consola
e o triste sente prazer.
Quem outras mercês lhes faça,
dando um ar de riso ou graça
aos que mais sangrem da alma
que do corpo, abranda e acalma
a pena ou dor que os molesta.

É o que nos traz à memória
esta verídica história:

Conta-se que a uma festa
em que à Caridade fôra
confiada a incumbência
de acudir à indigência
resignada e sofredora,
morto de frio e de fome,
viera de longe um pobre.
Há muito, quase não come,
e o corpo vergado e esquálido
mal um roto andrajo o cobre.

Chagado, trôpego, inválido,
noite e dia, sem parar,
andara para chegar
à mesa daquele bodo,
onde havia pão a rôdo
que a tantos de seus irmãos
na desventura da sorte
distribuiam finas mãos
de damas de esbelto porte.
Vinha, como outros também,
para ver se, enfim, sabia
— pois só o mal conhecia —
o que era e valia o bem.

Mas, quando a vez lhe tocou
de receber seu quinhão,
e alguém, de manso, o chamou,
quedou-se de admiração,
como se fôra o seu espanto
que em estátua muda o tornasse.
Junto dêle, face a face,
nimbado de estranho encanto,
surgiu-lhe um fúlgido vulto!
Fôsse imagem de milagre
a quem se vote e consagre
o ardente fervor dum culto,
fôsse enganosa sereia,
fôsse astuta e linda maga
que em sua varinha traga
a fortuna que semeia,
no delicioso torpor
que tal visão lhe causara,
nem da própria sina avara
já recordava o horror!

Enleado, a contemplar
aquele rosto sem par
de compaixão e piedade,
êle, o rude caminheiro,
sentiu que outra caridade
melhor — sim! — que a do dinheiro,
lhe insuflava outro confôrto.

Neste seu êxtase, absorto,
sem ver nem ouvir sequer
senão a fada ou mulher
que o coração lhe embevece,
sem que reparo fizesse
na pouca ou muita valia
do óbulo que o socorria,
supôs-se ali transportado
a outro mundo mais largo,
de um viver menos amargo
e menos martirizado
que o de mísero mendigo
que Deus lhe dera em castigo.

De olhos fitos nesses olhos,
volveu-se a angústia em deleite!
Há-de o catre em que se deite
ser roseiral sem abrolhos,
enquanto o cobrir o manto,
refulgente como um véu
feito de estrêlas do céu,
do olhar que lhe deu quebranto!

E o vagabundo faminto,
para guardar a oferta,
nem a bôlsa mostra aberta,
nem tira o bornal do cinto!

Então, a dama gentil
preguntou ao pòbresinho
se o quinhão era mesquinho,
se o julgava escasso e vil.

Como quem acha a ventura
que há muitos anos procura
sem nunca a haver encontrado,
como quem vê, num momento,
mudar-se um negro tormento
num gôzo jàmais sonhado,
respondeu-lhe a balbuciar:
— Guardai as moedas e o pão
e dai-me a beijar a mão
que tantos dons me quis dar!
Guardai a esmola, guardai-a,
para que em outro recaia
o bem que vós espalhais!
Que eu, por mim, não quero mais
— pois de nada mais preciso —
que o vosso meigo sorriso,
de doçura tal e tanta
que o diria de Anjo ou Santa
que a minha fé ressuscita!
Basta-me a graça bendita
que, em vós, encanta e seduz,
que à minha alma traz vigor
e ao meu frio traz calor
e à minha noite dá luz!
E como se um orbe todo
de esplendor, em que se enleva,
lhe ofuscasse a alma em treva,
rejeita a porção do bodo.
Em vez de abrir a sacola
à sua farta ração,
àquela mais rica esmola
descerrara o coração!

*

Esta é a história, tal qual!

O tema é velho e revelho.
Aos que em bom sentido o tomem,
dêle se explica a moral,
como a explica o Evangelho:
— *nem só de pão vive o homem.*

XL

Ninguem está contente com a sua sorte.

Por melhor que a gente
vá direito ao norte
que a conduza e oriente
da nascença à morte,
raro tem ensejo
de ver ir-lhe a vida
toda na medida
justa do desejo.
Qual o que a suporte
sem erguer queixumes,
conformado e forte,
sem que o impaciente
o pungir dos ciumes,
da ambição ardente,
sem que no seu peito
nunca sinta o mal
dum ansiado ideal
sempre insatisfeito?
Qual, da sorte ingrata
que o, sem dó, maltrata,
e ao revêsso o impele,
se não doi e diz
o joguete imbele?
Quem é que é feliz?

Já alguém louvou
o destino seu,
que por si talhou
ou que Deus lhe deu?
Ninguém está bem
com o que tem.

Certo, *cada qual*
sentirá seu mal,
visto que o rifão
— *No mundo mesquinho,*
quando há para pão,
não há para vinho —
não é dito vão.
Mas, *se mais temos,*
mais apetecemos.
E o homem descontente
que se não coaduna
com a má fortuna,
é impertinente,
rude, maldizente,
— mau de contentar
e pior de aturar!

Terá bastante quem
se satisfaz com o que tem.

Contenta-te com o teu estado,
se queres viver descansado!

XLI

Nunca as desgraças vêm sós.

Se o infortúnio mais não é
que a patada ou pontapé
que a má sina dá em nós,
que nos dá o mau azar,
como azêmola ou muar
que, atirando ao ar as patas,
quebre cordas e arreatas
e nos venha escoicinhar
— fale embora em tom grosseiro
de azemel ou de arrieiro —
abre, leitor, as orelhas
para esta voz escutares:
— As desgraças vêm aos pares,
como os coices às parelhas!

As desventuras fatais
que a gente deixam ferida,
com indeléveis sinais,
de alma ou corpo, andam na vida,
pelo menos, aos casais.
Por isso se diz: — *Benvindo*
seja o mal que vem sòsinho!
Porque é raro, no caminho
em que, à sorte, vamos indo,
toparmos caso daninho
que esteja desirmanado.
Raro encontramos um mal
que não surja acompanhado
doutro pior ou igual!
Daí, pois, este aforismo:
— *O abismo chama outro abismo.*

Trateado de provações,
assim o notou Camões,
que sempre andou na revessa
daquele dizer comum:
«Em um mal outro começa,
«Que nunca vem só nenhum.»

XLII

P'las obras, não p'lo vestido,
é o homem conhecido.

Já lá vem de muito longe
que *o hábito não faz o monge;*
que o trazer cordão à cinta
e cruz pendente do peito
não faz crèdor de respeito
o que à fé nas obras minta;
que, pelo burel vestir,
não fica em frade tornado
quem de convento não seja.
Mas se a sotaina despir,
talvez se sinta apodado
e suspeitado se veja
de Judas Escariote
o mais pio sacerdote
da mais pura e santa igreja!
E quiçá lhe custe até
mostrar a outrem o engano,
provando que nada é
nele impiedoso e profano.

Ao passo que bem metido
dentro do mesmo vestido
que enverga quem tem virtude,
aos mais espertos e astutos
Belzebut embaça e ilude,
podem passar por corrutos,
eivados de gafa e peste,
infieis à sã doutrina,
tanto o padre como o frade,
se êste o seu traje não veste
e aquele despe a batina
— frade e padre de verdade,
ministros da lei divina!

Ao que o traz por embusteiro,
não faz monge o vestuário
dos que são de uso em mosteiro,
mas é certo que o contrário
crê-se, às vezes, verdadeiro.
Daqui vem, por corolário,
o prolóquio: — *Com bom traje*
se encobre ruím linage —
faz-se casquilho do gebo!

Enfeitai o cepo (são
as palavras do rifão)
e parecerá mancebo!

XLIII

O ódio velho não cansa.

Não cessa, nem se fatiga:
tem mais fôrça e segurança
do que uma afeição antiga.

O ódio é como a vingança:
com a velhez, robustece;
e o afecto — como a ventura —
freqüentemente acontece
ser um sol de pouca dura!

Paga-se amor com amor,
em geral, escàssamente;
e é pago pròdigamente
o rancor com o rancor.

Andam o ódio e a amizade
tanto ao revés da idade,
que, postos os dois à prova,
na firmeza e confiança,
o ódio velho não cansa,
e cansa a amizade nova!

XLIV

Onde fôrça não há,
o direito se perde.

Jus, que se ganhe ou herde,
só bem se manterá,
quando a fôrça o sustente.
Isto pratica e sente
o simples cidadão,
da mesmíssima forma
que a potente nação.

Nem outra é sempre a norma
dos chanceleres vários
de bronze, ferro ou aço,
que, no tempo e no espaço,
traçam discricionários,
ao arbítrio dum pacto,
as linhas de fronteiras
e as cabalas arteiras
dos códigos de facto.

As convenções juradas,
usos, foros antigos,
não valem, se as espadas
não escrevem ou não selam,
com sangue, os seus artigos.

Se os canhões os não zelam,
os solenes tratados
são paineis para a vista,
ou troféus de conquista
só, como tais, lembrados.

Sem ter fôrça — o direito,
e sem armas — as leis,
nem a reis, nem a greis
infundirão respeito.

Ao de quem mêdo hão,
logo o seu lhe dão,
reza um velho conceito.
— *Contra a fôrça* (a prudência
diz) *não há resistência!*
Observe-se, porém,
que êsses que vence o mêdo,
ou mais tarde, ou mais cedo,
àqueles de quem têm
sujeição ou receio,
chegam a dar o alheio,
se o seu p'ra tal não basta.
Por susto ou precisão,
quem é meão de casta,
faz até de ladrão!

XLV

Com papas e bolos
enganam-se os tolos.

Os parvos, gulosos
de finos manjares
— os papa-jantares,
frègueses viciosos
de chás e serões,
ingénuos caídos
em mãos de burlões —
são bons comilões...
mas ficam comidos!

Um dêsses joguetes
de alguém mais finório
— pàteta simplório
que corre a foguetes
e atrás vai do chôro,
requebro ou namôro
de quem lhe dá chá
e bolos lhe dá —
tem sorte mesquinha,
e cai-lhe no papo,
qual cai a dòninha
na goela do sapo!

Com papas e bolos,
enganam-se os tolos.
Nem sempre assim é;
nem sempre isto é certo.

Às vezes, até
algum mais esperto,
useiro nas fainas
de tais comesainas,
só morde na isca...
O anzol deixa-o lá,
farpando o que arrisca
as papas que dá!

Mas, para desculpa
da fraude ou da culpa,
diz o enganador:
— *A isca é que engana,*
não o pescador
que tiver a cana...

XLVI

Os pecados dos nossos avós, fizeram-nos êles, pagamo-los nós.

Vêm-nos, em legados,
daquelas e aqueles
que pecaram mais
— ou avós, ou pais —
culpas e erros seus.

Não é caso raro,
se alguém tenta a Deus,
pagar outrem caro
êsse alheio crime,
de que o próprio autor
nem o mal redime,
nem resgata o custo,
nem suporta a dor!
Paga o justo
pelo pecador!

A *água do capote,*
sôbre o inocente,
não sacuda quem
o *capote* molhe,
p'ra que não denote
ser poltrão, que sente
que não é por bem
que o àguaceiro o colhe.
Por onde pequemos,
por aí paguemos!

Deixemos os pais e avós, | e sejamos bons, por nós!

XLVII

Pelejam a comadres, descobrem-se as verdades.

Comadres e compadres,
de várias qualidades
e vários compadrios,
se em feros desafios
o seu ódio escabuja,
trazem para a disputa
quanto labéu oculto
os nomes lhes babuja.
Aos olhos de quem escuta
tanto ultrajante insulto,
daquela roupa suja
o edificante rol
fica, em estendal, ao sol!

Quando a comadre ralha
com outra, é certo já
que toda a pecha má
das duas vem à balha.
Nunca, de assunto à míngua,
hão-de ficar caladas.
Não têm *papas na língua,*
nem *arcas encoiradas!*

Não há podres, mazelas,
afronta que lhes quadre
— a êles ou a elas —
calúnia de mau gôsto,
que compadre a compadre
não arremesse em rosto,
ou comadre a comadre
não uive, rosne ou ladre
com fúria e com rancor!
Cada um contendor,
em vista de dizerem
— *Baila como tangerem!* —
não fraqueja, nem cansa:
como lhe tocam, dança!

Pondo as calvas a nu,
surdos ao dito: — *Tu*
que sabes e eu que sei,
cala-te tu,
que eu me calarei!...
lá prosseguem no seu
dize tu, direi eu!...

Meta-se, pois, em casa,
e não entre em barulhos,
quem não quiser engulhos,
nem chumbadela em asa!
Se estás na tua tenda,
não te acham na contenda...
Sempre é bom afastar-se
quem não queira abrasar-se
no fogo que outro acenda.
Pintura e peleja
de longe se veja!

XLVIII

Os pés vão
onde quere o coração.

E quantas vezes vereis
o coração dar as leis,
ser só êle a dominar
dos pés até á cabeça
— só êle a quem se obedeça!
Custa pouco porfiar
para haver um ar de graça
de quem empenho se faça
em, pelo amor, seduzir.

Correr, por gôsto não cansa...
Sarna de gôsto não pica...
E está-se farto de ouvir:
— *Quem não cansa, sempre alcança!*
A experiência o certifica.

Vão os pés, em passo breve,
como vai o coração,
aonde o desejo os leve,
ou os leve a tentação!
Onde vá o pião,
vá o ferrão!

XLIX

Pobreza
não é vileza.

Nem má acção,
nem condição
que alguém suponha
ser de vergonha
ou de irrisão.
Mas é desgraça,
é desventura,
é má doença,
a qual não passa,
nem bem se cura
só com sentença
ou anexim.
Minora-a, sim,
o auxílio ou esmola
de quem lhe valha,
quando a consola
com a migalha
do bodo findo.

Pois ao esfaimado
será benvindo
resto que sobre
ao abastado.
A pé de pobre
todo o calçado
serve...

Há quem observe
que, muita vez,
em altivez
ou em nobreza,
mais excelência
do que a riqueza
mostra a indigência.
Pois diz-se até,
e com justiça:
— *Pobre não é*
quem pouco tem,
é quem cobiça
o muito a alguém.

Mas, geralmente,
vê-se que fica
o infortunado
tão dependente
da gente rica,
que, nesse estado,
à face do oiro
que enche o tesoiro
dos opulentos,
nem sempre o triste
enfim resiste
aos argumentos
da sedução.

Eis a razão
por que há momentos
em que *a pobreza*
força à vileza,
e ao menos vil
torna servil!

Velha embora, é sempre nova
esta sentença da trova:
«Quem é pobre sempre é pobre,
«quem é pobre nada tem;
«quem é rico sempre é nobre,
«e, às vezes, não é ninguém.»

P'ra seres algo, é preciso
teres, conforme êste aviso,
— *casa aonde caibas,*
roupa, quanta vistas,
terra, quanta avistas,
ou *tanta, que tu não saibas!*

L

A porfia mata veado,
e não bèsteiro cansado.

Mas há quem diga, com mêdo
de estafar-se em demasia:
— *Quem se cansa, morre cedo* —
e põe travões à porfia.

Quem ladeira acima corre,
por sua vontade morre.
Assim é, na realidade,
mas, nisto de ter canseira,
ou *casar, ou meter freira!*

É mau quedar-se em metade,
seja em planura ou ladeira.

Ou, para muito viver,
é não dar passo a correr,
ou então, com o pé leve,
é cansar, para alcançar
a meta que se visar,
morra-se embora mais breve!
E morra o homem,
mas fique
a fama, que o glorifique,
das fadigas que o consomem!

LI

Porque há mais alhos que canela,
é que eles valem menos que ela.

Posto se diga que se vende
«*como canela*»
tudo que a gente mais pretende,
tudo que tem mais clientela,
o que não custa a encontrar
menos, em preço, há-de custar.
Lei da oferta e da procura!

Regra segura
é que, se há falha e raridade
do que só vai a mesas altas,
redobra o preço, com as faltas.
Diz-se, portanto, e com verdade:
— *Coisa rara,*
coisa cara!
Mas—ao invés—do que anda a rodos
e mal prezado,
do que é barato,
servem-se todos
por cinco reis de mel coado
— vende-se ou dá-se ao desbarato!

LII

Qual o rei, tal a lei,
qual a lei, tal a grei.

Eis porque o Poeta ingente
notou que «um fraco rei
faz fraca a forte gente.»

Um chefe audaz, valente,
faz triunfar na luta
a hoste sem coragem,
que torna, à sua imagem,
ousada e resoluta.

Qual o rei,
tal a grei!
Sempre isto observareis.
E qual o rei será
(onde quer que inda os há)
ou bom ou mau, vereis
que a lei é boa ou má.

«Perfeito» se chamou
àquele grande rei
que a divisa tomou
— «*Pola grey e pola ley.*»

LIII

Quanto mais vivemos,
tanto mais sabemos.

Eis porque os sabidos,
muito já batidos
nos vaivens da vida,
quando precavidos
contra a investida
de ruins videiros,
dizem desconfiados:
— *Dos escarmentados*
fazem-se os arteiros.

LIV

O que abunda não faz dano.

É tradução, do latim,
dum leviano
e imprevidente anexim.
Se isto é certo quanto ao bem,
quanto ao inverso, porém,
já não se dirá assim.
O que *abunda,* em caso tal,
quando, em vez de bem, é mal
— não remédios, mas venenos —
torna o mal inda pior,
torna-o pior e maior!

Mãos de mais, trabalho a menos.
É preciso distinguir
a abundância bôa e má,
aquela que é de convir
e a que só dano fará.

Conselho de bom amigo,
dado com discreto intuito,
êste dum clássico antigo:
— «*De nenhuma coisa muito!*»

LV

O que a dois senhores servir,
a algum há-de mentir.

Só a algum? Naturalmente
será a ambos que mente,
para a ambos desservir.

Ditos por igual profundos
os duma trova mui nossa:
«Não há no mundo dois mundos,
«não há no ceu dois Senhores,
«não há coração que possa
«ser leal a dois amores.»

LVI

O que bem vive,
bem morre.

E logo ocorre
— a quem derive
dêste rifão
outra lição —
que o mal viver
faz mal morrer.

Talis vita,
finis ita...

Mas quem buscar
a Deus, na vida,
e o não achar,
em vão não lida.
Há-de encontrá-lo,
com seu perdão,
a abençoá-lo
na hora extrema
da extrema unção.
O céu castiga
gente blasfema
que a fé não siga.

E quem a Deus
servir não quere
de ânimo forte,
nos reinos seus
entrar não espere
depois da morte.
Deus não dispensa
que esta sentença
ande cumprida:
— *Vive de sorte*
que aches a vida
na tua morte!

LVII

O que é de mais, faz mal.

Máxima útil,
de aplicação igual
ao moço audaz
e ao velho fútil,
que, às vezes, inda faz
maiores criancices
e muitas mais tontices
do que mesmo um rapaz!

Menos se gasta a gente,
se a vida, sòbriamente,
disfruta com temperança.
Quem muito corre,
depressa cansa.
Nota quem bem discorre
que os moços ajuizados
são velhos nos cuidados.

A riqueza a valer
é saúde e saber.

Se quiseres viver são,
faz-te velho temporão!
O que é preciso na vida,
é conta, pêso e medida!
A demasia faz mal.

Tira-se dêste conceito
estoutra prova real:
o nimiamente perfeito
chega a raiar pelo abôrto,
e o demasiado direito
mostra o aspecto de torto!
No julgar dos tribunais,
a própria justiça é
tachada de falsa e espúria,
quando fôr justa de mais.
Por isso se diz até :
— *Summum jus, summa injúria!*
Quem se excede na justiça,
excede-se na injustiça.
É tão mau passar,
como é não chegar...

LVIII

O que mais jura, mais mente.

É um pecado de ateus,
é não se lhe ser temente
invocar em vão a Deus.

Mas no embusteiro de ofício,
que engana por gôsto e vício,
só por grande raridade,
foge a bôca p'ra a verdade.
Se alguma vez fala certo,
é sem saber nem sentir.
Vê-se logo descoberto:
falou verdade a mentir!

Decreta sentença antiga
ser crime que brada aos céus
o jurar falso. *A verdade*
manda-nos Deus que se diga,
sem rebuços e sem véus.

Mas como, na realidade,
cada qual será juiz
de falar ou ficar mudo,
sucede assim que *nem tudo*
o que é verdade se diz...
Quem esta reprime e cala,
ao esconder seu pensamento,
faz crime de contrabando:
oculta — mentindo — a fala!
Ora um velho ensinamento
diz que *mentir, nem zombando!*

Moralidade a tirar:
ninguém, falando ou calando,
deve à verdade faltar!

Siga-se a verdade,
siga-se a razão,
quer a uns agrade,
quer a outros não!

LIX

Quem andou na festa,
três dias não presta.

Depois da festa,
coça na testa!

Só com a alegria
de ir para a folia,
lépido e açodado,
mui contente sai
para a romaria,
boda ou baptisado,
o que à festa vai.

Quanto mais, porém,
quem de volta vem,
folga e pula à ida,
mais trará p'ra casa
murcha a orelha, e a asa,
com seu grão, caída.

Se há quem veja então
linda rapariga,
quando de corrida
passa p'ra a função,
ao que assim lhe diga:
— Onde vais tão lesta?
— Ora! vou p'ra a festa!
sem parar, responde.

Mas depois, se, à vinda
da folgança finda,
lhe preguntam: — Donde
vens tão derreada,
trôpega e cansada?
Que é que te molesta?
O amor não te assiste? —
ela, aos ais, contesta,
cabisbaixa e triste:
— Venho já da festa!...

LX

Quem conta um conto,
acrescenta-lhe um ponto.

Um ponto só?! Pois não!
Junta pontos sem conto!
E com certeza que há-de
parecer invenção
duma cabeça ôca
a mais certa verdade,
se andou de bôca em bôca,
nas parlendas do povo.

O caso não é novo,
e lembra a trajectória
daquela velha história
da menina que um ovo
à luz, com espanto, deu!
E, então, que aconteceu?
Logo, no outro dia
do sucesso constar,
alguém dizia
que os ovos foram dois!
Passaram a dobrar!

Pouco depois,
já outra testemunha
jurava que ela punha,
duma só vez,
p'lo menos três!
E, dentro em breve,
rápido e leve,
o boato vai correndo,
de lés a lés,
e — no correr — crescendo,
de que os ovos são dez
que a menina pejada
põe de cada assentada!
Sempre em aumento,
chegaram a um cento,
conforme o que narrava,
como se houvesse visto,
e assegurava,
à fé de Cristo,
o último a contar,
com pormenores novos,
a história singular
da menina dos ovos!

LXI

Quem desdenha, quere comprar.

É costume de ciganos,
mestres em burlas e enganos,
apoucar e depreciar
as coisas de mais cobiça.

Como êsses chatins de feira,
procede de igual maneira,
e com igual injustiça,
o que tratar com desdém
a pessoa a quem quere bem.

Nada mais certo que verdes
quem, na zorrice e na cábula,
lembra a raposa da fábula.
Diz, como esta, que são verdes
os cachos de uvas maduras
pendentes de altas latadas,
porque não chega às alturas
donde estão dependuradas.
Quem usa assim desdenhar,
dirá sempre que não presta
aquilo que mais requesta
e que não pode alcançar...

LXII

Quem dinheiro tiver,
fará o que quiser.

— Poderoso cavaleiro
é D. Dinheiro!
— Nada mais eloqüente
que ter a bolsa quente!

Quem pouco, ou nada, tenha,
só quase sempre faz
— em vez do que lhe apraz —
o que aos outros convenha.
— Com o dinheiro à vista,
toda a gente é benquista.
— Chave de oiro há-de servir
p'ra as portas todas abrir.

Enquanto o endinheirado
faz do direito torto,
quem não tiver bom fado
nem onde caia morto,
será um pau-mandado,
que dócil torce e dobra!
O homem, ou a mulher,
de feitio maneiro,
são pau p'ra toda a obra
— ou p'ra toda a colher,
ou p'ra todo o fueiro —
p'ra quanto se quiser,
seja bem, seja mal!
Onde o oiro fala,
tudo se cala.
Tal qual!

LXIII

Quem erra e se emenda,
a Deus se encomenda.

Errare — assim
antigo romano
diria em latim —
humanum est. Sim!
Errar é humano.

Teimar-se, porém,
no êrro ou no engano,
é próprio de quem
tem falta de tino.
Como é de assisado
quem segue, desviado
dum recto destino,
caminho arripiar,

no seu desvario;
e o que anda erradio
da pátria ou do lar,
ao ninho tornar,
à casa volver,
repêso do crime
que a emenda redime,
e faz esquecer.

A lenda assinala
que à mais pecadora
mulher de Magdala,
perdoado lhe fôra,
com larga indulgência,
o mal que fizera,
só porque soubera
fazer penitência.
.....
Deus ouve e atende,
com grande clemência,
a quem se arrepende.

LXIV

Quem espera, desespera.

É o que sucede à gente
inquieta e impaciente,
que logo se exaspera
e se arrepela e chora,
à mais leve demora.
Que a resignada e estoica
pondera, firme e heroica:
— *Sofra quem penas tem!*
Trás tempo, tempo vem!
E, dêste modo, expressa
que nada a impacienta,
e que nunca a atormenta
o tormento da pressa.

Quem espera, desespera?
Camões dizia:
«Triste o que espera»
e «triste o que confia»!
Se, porém, se não cansa,
e, ao invés, persevera
o coração na esperança
e a mente na quimera,
mesmo se nada alcança,
feliz quem sempre espera!

Preceito salutar,
no desejar e esperar:
— *Deseja o melhor,*
e espera o pior!

LXV

Quem leva e traz, não deixa paz.

Besbilhoteiro
que anda a escutar,
alviçareiro
que anda a contar
— por mal fazer,
ora a *trazer*,
ora a *levar* —
na sua insânia
ou ruindade,
semeia a intriga,
cria a cisânia
e a inimizade.
Em quanto diga,
só lhe dará
prazer a nova
que mostra e prova
intenção má.

Quem traga e leve,
faz-se estafeta
ou almocreve
de tanta peta,
de tanto engano,
que mais não deixa
ficar atrás
que muito dano
e muita queixa.
Não deixa paz!

LXVI

Quem mal não usa, mal não cuida.

O incapaz
de coisas más
muito descuida
— visto que o mal não crê, nem faz —
o que não cuida ser ruim.

Quem só o bem conheça e use
e negue haver alguém que abuse
— ingénuo igual ao do anexim! —
ver-se-á traído e defraudado,
porque, inocente e confiado,
crendo que os outros são tais quais,
por si ajuiza e julga os mais.

LXVII

Quem me repreende,
do mal me defende.

É mais meu amigo
quem, por justiceiro,
logo, a tempo e horas,
me infligir castigo,
do que o lisonjeiro
que me dá emboras
pelo mal que fiz.

Querer desculpar a asneira,
é asnear doutra maneira.

O prolóquio o diz:
— *Com vento se limpa o trigo,*
e os vícios com o castigo.
É caso sabido e visto,
desde aquele grande exemplo
da expulsão, feita por Cristo,
dos maus vendilhões do templo!

LXVIII

Quem muito tem,
o muito gasta;
quem pouco tem,
pouco lhe basta;
quem nada tem,
Deus o mantém.

Mantém-no Deus
e dá-lhe tudo
— a êle e aos seus —
quando o manteúdo,
por si também,
não forra ajuda
e auxílio a quem
lhe valha e acuda.
Porque, senão,
fala o berbão:
— *Se és descuidado,*
és precisado.

E Deus é raro
que dê amparo
e estenda a mão
ao mandrião
que não tiver
arte ou mester.
Gôzo ou prazer,
graça ou benesse
devem de ser
p'ra o que os merece.
Cabeça louca
dispensa touca...
— *A quem não gasta,*
o pouco abasta,
chega e sobeja —
diz o que seja
parco e poupado.
Mas o estragado,
o perdulário
acha, ao contrário,
que o muito até,
mui pouco é!
Gente de casta
desgovernada
não terá nada,
se nada basta.

Melhor é vermos
se nos mantemos
entre os extremos,
nos meios-termos:
quanto a desejos,
nunca sobejos,
e ao que se gaste,
o que nos baste.
Lições perfeitas
de bom saber!
Cautas receitas
p'ra bem viver!

LXIX

Quem nada sabe,
nada duvida.

O tagarela,
que mais se gabe,
dá a medida,
quer na loqüela
descomedida,
quer na jactância,
de que *a ignorância*
é atrevida.
Certo, *o sandeu*
sabe no seu
mais que o sisudo
sabe no alheio,
mas, sem receio,
bedelha em tudo
— ou seu, ou estranho —
porque há no ignaro
tanto arreganho
como descaro.
Daqui também
talvez proveio
ouvir-se quem

diz que o *sandeu*
trata do alheio,
deixando o seu.

Bem ao avesso
dêsse revesso
ignorantão,
verás então
como é modesto
o sabedor,
que tem valor
e que é honesto.

Porque se sume
e apaga e esconde,
nos sítios onde
mais se presume
e se decora
de omnisciente,
o inconsciente
que tudo ignora.

O néscio, *quanto*
menos entende
mais repreende;
e há-de, portanto,
não perceber
que *só cuidar*
não é saber
— é impostura!

Faz-nos dizer
uma pessoa
de tal feitio:
— *Pote vasio*
é o que mais soa!

Certo é, porém, que *da ignorância vista,*
o saber escondido pouco dista.

LXX

Quem não se aventurou,
não perdeu, nem ganhou.

Rifão do jogador
que não hesita em pôr,
numa simples cartada,
tudo que tem de seu
e o azar reduz a nada!
Arriscou-se, e perdeu?
Arriscou-se, e ganhou?
A sorte é que o guiou
— é que faze-lo quis
infeliz ou feliz.

Norma do aventureiro
que o futuro confia
à incerta lotaria
do acaso milagreiro,
e a vida leva posta
numa esfera ou num dado;
do que anda sempre fiado
no final duma aposta;
do explorador que anseia
por novas descobertas
em regiões incertas
de longe terra alheia;
do soldado aguerrido
que, cem vezes batido,
anda à cata da glória;
dêsses herois da escória
— do ladrão e assassino —
que, em perigosa empresa,
expõem seu destino
para haverem a prêsa;
do político arteiro,
libertário ou tirano,
que, num lance leviano,
arruína um povo inteiro!

Lema do traficante
que, em rasgo temerário,
ou sobe a milionário,
ou desce a mendicante,
tornando certo o dito
— *Quem compra sem poder,*
venderá sem querer.

Mote, divisa e fito
do insensato que traz
a existência atrelada
à roda desvairada
da fortuna falaz,
e, conforme o ditado
— *quem jogou, jogará* —
não terá outro fado,
nem bom final terá.

LXXI

Quem não tem vergonha,
todo o mundo é seu.

Quanto mais suponha
êsse, em quem bateu
certo o velho apôdo,
ser o mundo todo
sua só pertença,
tanto menos pejo
põe do seu desejo
na ambição imensa!

Mas se o dito, à risca,
toma por lição,
veja que se arrisca
a sofrer então
o que um outro adágio,
conceituoso, diz
de quem tudo quis...

E, com tal presságio,
deve-lhe convir
menos lesto andar,
para não cair...

Se a rico queres chegar,
vai devagar!

— Quem quere em um ano enricar,
vai, aos seis mêses, a enforcar.

LXXII

Quem porcos busca, a cada moita grunhem.

Aqueles que se esfalfem e desunhem
após chacim perdido,
pondo no seu sentido,
por fôrça ou jeito, haverem de encontrá-lo,
talvez cuidem escutá-lo
na mais ligeira viração do ar...
E na sombra mais vaga hão-de julgar
entrevê-lo e palpá-lo!

Tudo se lhes figura
ser, no chão, o sinal,
o rasto do animal
de que andam à procura.
Qualquer som ou ruído
parece-lhes grunhido
que sai da herva ou moita
onde o suíno se acoita.
.....

Moralidade:
Se muito cremos numa falsidade,
por verdade há-de ter-se o que o não seja,
e há-de o sonho julgar-se realidade!

Quod volumus (aplica-se, em latim,
ao que acredita, em vão, no que deseja)
facile credimus. É sempre assim!

Se *querer é poder*,
é igualmente *crer*.

LXXIII

Quem porfia, mata caça.

Isto, muita vez, não passa
— no que dá tiros em barda —
de bravata
de quem muito, em demasia,
se confia
nos azares da espingarda,
e não mata
mais que o tempo que anda à cata
dalguma peça erradia.
Mentiras de caçadores
são as maiores!

Se apanha *bigode* ou *grade*,
p'ra não mostrar a verdade,
— pois *prestes tem a mentira*
bèsteiro que mal atira —
se os alvos todos falhou,
faz-se, em vez de caçador,
comprador
da caça que outrem matou.
Quem quere caça,
vai à praça!

Que, em montarias de amor,
quando a caça é de má raça,
frívola, esquiva, bravia,
quando agreste e arisca fôr,
mais não será que a negaça
do monteador que porfia.
Pode até o caçador
não caçar, mas ser caçado!
Buscar lã e vir tosquiado!
Quem arma a esparrela,
muita vez, cai nela!

LXXIV

Quem se não sente,
não é de bôa gente.

Como há, porém,
sempre no mundo quem
seja imperfeito,
há quem falhe ao conceito
e ao velho adágio minta;
quem, embora o escorracem,
e o espanquem e espicacem,
se não doa, nem sinta!

Mais do que a pedra dura
à qual, por fim,
a água mole fura,
nos de casta ruim
a dureza é tamanha,
que a água da vergonha
não lhes desfaz a manha,
nem lhes desgasta a ronha!

— *Quem se não sente,*
é filho de má gente!

LXXV

Quem se quere bem,
sempre se encontra.

Nem sempre, não!
De longe vem
que há pouco pró e muito contra
neste rifão.
Regra geral:
o que se topa fàcilmente
é quem nos seja indiferente
e não nos queira bem nem mal...
Ditoso até o que não diga
que encontra só gente inimiga!
Porque no mundo há desgraçados
tão da fortuna abandonados,
a quem fadou tão mal a sorte,
que, desde as faixas infantís
— do berço à morte —
ninguém lhes quis!

Esse que, triste, a vida acabe
sem ter pensado de ninguém
— *Quem me quere bem,*
diz-me o que sabe,
dá-me o que tem —
o texto inverte ao anexim
dizendo então: — *Quem se quere bem,*
nunca *se encontra!* —
pois, do princípio até o fim,
o azar lhe corre, em tudo, contra!

LXXVI

Quem tem bôca, vai a Roma.

Mais que rifão, é axioma!

Não verá talvez o Papa,
mas, sem roteiro nem mapa,
quem não desespére a meio,
há-de lá ver-se chegado,
por um ou por outro lado,
com um ou outro rodeio.

Se a Roma pretendes ir,
sem teres por companhia
quem saiba a rota — sòsinho —
pregunta, indaga e inquire!
Sirva-te a língua de guia!
A Roma, todo o caminho
vai dar!

E a verdade às fantasias
é bom que, à volta, prefiras
no que nos venhas contar.
De longas vias,
longas mentiras
traz quem fôr peregrinar.

Os livros cerrados
não fazem letrados.
Tais prolóquios nos avisam
de que aqueles que precisam,
para seu govêrno, haver
seja o que fôr, nesta vida,
o que almejam hão-de obter,
caso se entreguem ao estudo,
e se devotem à lida
de bem rebuscar em tudo.
Bem procurar é achar!

Se não se peca
por manco ou por surdo-mudo,
a poder de preguntar,
chega-se a Meca!

LXXVII

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

Quem más manhas há,
tarde ou nunca as perderá.

Lembram adágios tais, que toda a gente aceita,
aquele outro anexim:
— *O que no leite se mama,*
na mortalha se derrama;
ou o que diz assim:
— *De pequeno verás*
qual o boi que terás.

O que o berço dá, a tumba o leva.

Conta a história longeva
o que era de uso em Sparta, e qual a triste sorte
da criança imperfeita.
Por temor ao presságio, a lei votava-a à morte,
só deixando vingar
a válida e escorreita,
a saudável e forte,
a que pudesse honrar,
ou na paz, ou na guerra,
a intrepidez da raça e as tradições da terra.
E, por isso, o espartano
atingiu — na estrutura — o ideal humano!

Passou tempo, e abrandou-se a índole da gente,
já menos de partir que de vergar. Corrente
não é hoje o ditado
— *O empenado*
quere-se quebrado —
mas um, doutro sentido,
mas outro, em que o empenado, embora corrigido,
não ficará partido,
e no qual se atenua
o bárbaro rigor daquela pena crua,
com mais suave ensino,
sem morte ou quebradura:
— *De pequenino*
se torce o pepino.

Desde que a torcedura,
a que, a mal ou a bem, hajam de sujeitá-lo,
desentorte a tortura,
torcer pepino torto
é quase endireitá-lo.

Como, às vezes, se emenda o mais disforme abôrto,
também, sob a pressão
duma paciente mão
que o doma e que o ajeita,
quem mais defeituoso e enviesado nasceu,
um dia se endireita,
se com exemplos bons, e bons mestres, cresceu.

Da mesma forma, pois, um revesso feitio,
que, ao arripio
de todos e de tudo, andaria na vida,
adoça, a pouco e pouco, e, a passo e passo, muda,
quando o sabe levar, quem lhe tem mão na brida...

A pedra é dura,
e a gota de água é miuda,
mas, se cai de contínuo, abre-lhe cavadura.

LXXVIII

Quem vai à guerra, dá e leva.

As vezes, *dá* um frouxo braço
(se o jeito à fôrça sobreleva)
e *leva,* à farta, o valentaço!
Questão de azar, questão de sorte!
Pois quanta gente à guerra vai,
e nela entra, e dela sai,
passando incólume ante a morte!

Faça das tripas coração,
e das fraquezas faça fôrças,
e o homem tíbio como as corças,
porá em fuga um batalhão!

Quando é do cego a bordoada
a que, mais certa, prostra em terra,
quem preverá, de dois em guerra,
qual é que apanha mais pancada?

Freqüentemente, do guerreiro
as fanfarrices nisto dão:
grandes *entradas de leão,*
pífias *saídas de sendeiro!*

*

Quem vai à guerra dá e leva...
Mas, em geral, conta o que *deu,*
nisso é que fala,
suas façanhas só releva,
e o que *levou,* ou recebeu,
oculta e cala.
Quem mais inventa e alardeia?
Quem vai à caça ou quem guerreia?
Mentem por dez os caçadores?
Pois hão-de ver que os guerreadores
mentem por cem!
Tempos de guerra,
mentiras vêm
por mar e terra.

LXXIX

A rir, se dizem verdades.

A rir, de muitos sujeitos
se corrigem os defeitos
e refreiam as vaidades,
ou coisa talvez pior.
Aplicado a ruins costumes,
não há castigo maior
que o ridículo — cautério
que arde mais que os azedumes
do insulto ou do vitupério.
Ridendo... Sem pedra ou pau,
a rir, se escarmenta o mau
e o bom se torna melhor.
E àquele que sinta pejo,
que tenha vergonha e mêdo
e ainda se vexe e core
de chasco, apôdo ou motejo,
quem lhe põe na chaga o dedo,
a rir, fará com que chore!

LXXX

Os santos de casa não fazem milagres.

Põem-nos à rasa,
com doestos agres,
baixam-nos de altares,
negam-lhes rituais,
os familiares
que os conhecem mais.
Santos, dos caseiros,
são, para êsses tais,
pouco milagreiros.
Porque nunca há-de,
para os companheiros,
ser uma verdade
sua sã virtude,
nem da beatitude
vir-lhes santidade.

*

Em geral, não erra
quem assim decreta:
Ninguém é profeta
na sua terra.
Dão-lhe as profecias
fracas melhorias,
parco e escasso rédito.
Crêem-no embusteiro,
impostor sem crédito,
charlatão grosseiro!
Faz o efeito mau
do espêto de pau
em lar de ferreiro...

LXXXI

Se deixou o vinho, folga na taberna.

Lembra o veterano
que nenhum caminho
mais que o da caserna
trilha todo o ano,
quem do vinho o vício
faça o sacrifício
de, afinal, deixar.
Porque o militar
velho e reformado,
por saudoso ainda
do viver passado,
com a nostalgia
da carreira finda,
leva a noite e o dia
— sentinela fiel! —
junto do quartel,
como voluntário!
O que, de efectivo,
passe, enfim, a ser
bêbado honorário,
se, por tal motivo,
cessa de beber,
raro falta às vendas
onde há ceias fartas,
jogos e contendas,
diversões de cartas...
Chama-o lá—ao boémio,
que, de piteireiro,
se tornou abstémio —
a atracção do cheiro
vindo do batoque
do barril ou pipa.
Posto não lhe toque,
nem lhe chegue à tripa,
sente o vinho ao pé...

Diz-se que em segunda
natureza até
o hábito redunda!
Quanto ao borrachão,
mostra êste rifão
como se revela
essa lei eterna:
— *Não bebe em taberna,*
mas folga nela.

LXXXII

Só lembra Santa Bárbara, quando fazem trovões.

Só ocorre o seu nome venerando,
se, entre tufões,
se escuta, em ânsia, o ronco da procela,
a crescer e a bramir, de monte em monte!
A nuvem, que sôbre outras se encastela
no horisonte,
não basta, para indício, ao imprudente,
de que célere avança o temporal.
Terá de vê-lo próximo, iminente,
para o temer e reputar fatal!

Quando há saúde, estão os santos quedos.
São as doenças, aflições ou mêdos
que à balha os trazem. *É o precisar*
e o entrar no mar
que ensinam a orar.
Tem semelhança
quem reza aos santos, só quando troveja,
e quem apenas ora, e não pragueja,
no mar revôlto, ao implorar bonança.
O que roga, porém, tarde e a má hora,
e à Santa Bárbara, gemendo, implora
serôdea salvação,
se já da vida tem marcado o fim,
perde a oração,
perde o latim!

Mal pressinta, no ar, raio ou trovão,
quem tenha amor à pele, ande expedito!
Cante sim, o *Bem-dito,*
pedindo à Santa que lhe afaste o risco
de algum relâmpago ou de algum corisco,
fie-se na Virgem, com fervor, mas corra,
sem sustos nem desmaios,
a buscar protecção num para-raios
que o salve e que o socorra!

— Confia no futuro,
mas põe a casa no seguro!

Tendo a *Dona Prudência*
do entêrro seu entre a assistência,
o seguro morreu (diz o ditado)
de velho, em casa do acautelado...

LXXXIII

Tanto ri o insensato,
como chora o timorato.

Mostrará juizo a menos
aquele que rir de mais
— *muito riso, pouco siso* —
e o que, em desgostos somenos,
se carpir com grandes ais,
não prova melhor aviso.
Haja ganho ou prejuizo,
não devemos nunca ir,
ou no chorar ou no rir,
além do que fôr preciso.
Nem ao prazer, nem à dor,
exageremos o aspecto
ou carreguemos a côr!

É bom ser parco e discreto.

Um prolóquio diz solerte:
— *Aprende, chorando,*
e rirás, ganhando! —
e outro ainda nos adverte
que *não há boda sem canto,*
e não há morte sem pranto.
Cantemos, sim, e choremos
(se o caso fôr para tanto)
mas com cuidado evitemos
os excessos, os extremos!
Nem demasiada alegria,
que é defeito de insensatos,
nem prantos em demasia,
que é vício de timoratos!

LXXXIV

Numa terra de cegos,
quem tem um ôlho é rei.

Em país de pategos,
dá sota e az — faz lei! —
um mísero piolho,
pequeno como argueiro,
mas que armam cavaleiro,
por ter lume no ôlho.
Num alfobre de idiotas,
em que há cegueiras tais,
honras lhe dão, reais,
com direito a que as botas
os próceres lhe engraxem,
e, ao por êles passar,
de cócoras se agachem,
àquele que enxergar
um pouco mais além
que a gente que o rodear.
Pois, entre *Joões Ninguéns,*
há-de supor-se alguém
quem, mais que os outros, tem
manha, esperteza ou bens.

Hão-de acha-lo um portento,
até sem ter talento,
nem cabeça atilada,
nem vocação nem tento
para fazer mais nada
do que encher-se de vento!

Sem custo nem trabalho
— seja vesgo ou zarolho —
o que tiver um ôlho,
parecerá um *alho!*

Dêsse mesmo, porém,
se acaso o que lhe resta
de vista para o bem,
de pouco serve ou presta,
e, quando vê o mal,
não é para o estirpar,
mas para o aumentar
e tornar mais fatal,
pode-se então dizer:
— *Mais vale*
cegar do que mal ver!

LXXXV

Tristezas não pagam dívidas.

Não são moeda corrente
para a mor parte da gente.

Negras ou lívidas
(e o negro e o lívido são
os dois laivos da aflição,
as duas côres
dos dobrões das nossas dores)
parcas ou fartas que sejam,
tais pagas não se desejam,
não as quere o onzeneiro
na receita ou na despeza.

Ao contrário do dinheiro,
a moeda da tristeza
mais se repele e rejeita,
menos, por gôsto, se aveza,
menos se estima e aceita,
quanto mais vale e mais pesa!

Passa por mau pagador
quem apenas mágoas leve
para pagar ao crèdor
o pouco ou muito que deve.
Diz a trova, e, de certeza,
essa cantiga diz bem:
— «Inda não vi a tristeza
«dar de comer a ninguém!»

LXXXVI

Tudo que é vivo aparece.

É questão de o procurar...
Quase o adágio não merece
o trabalho de o glosar.

Por instinto, sciência ou faro,
hão-de o que existe encontrar.
Mas, salvo caso mui raro,
quando alguém desaparece
dentre o número dos vivos,
também da lembrança passa,
e breve se apaga e esquece.

Ninguém ignora os motivos
desta freqüente desgraça:
— *Les morts vont vite!* E então
— *Quem lá vai, lá vai* — dirão
quantos perdem a memória
dos que a morte à barra cita
e Deus chama à santa glória!

Como a pedra que se solta,
ou a palavra já dita,
nunca à mão ou bôca volta,
um morto não ressuscita.

Jàmais o tempo perdido
virá a ser encontrado,
nem o perfume esvaído
será de novo aspirado,
ou outra vez rescendido.

Som que foge, em canto ou ai,
neve que em farrapos cai,
água, em álveo largo ou estreito,
nunca vem de aonde vai.

Como a corrente, em seu leito,
nunca torna ou volve atrás,
nem flui p'ra donde derive,
a idade não se refaz
e a vida não se revive.

LXXXVII

Os últimos são os primeiros.

Serão a prole escolhida
de Deus, os que — nesta vida —
foram sempre os derradeiros
a receber do Senhor
grato amparo acolhedor.

Qual paráfrase ou comento,
vem a ponto
dêsse bíblico argumento
êste conto
de princesa e cavaleiros,
que tem por mote o ditado
do versículo sagrado:
— *os últimos são os primeiros.*

*

Era noite de Natal.
E à princesinha real,
cujo pai andava em guerras
com senhores doutras terras,
como era costume seu,
dessa vez aconteceu
que, ao fim de longa viagem,
quando chegou, de passagem,
com seu séquito de nobres,
a uma aldeia das mais pobres,
houvesse ali de poisar.

A meia-noite ia dar
no sino da velha igreja.
E a infanta, embora esteja,
porque é fraquinha, cansada
de tão larga caminhada,
entre o povo confundida,
quis ir ao templo, seguida
das aias e pajens seus,
orar ao Menino-Deus.

*

No seu presepe enfeitado,
o Jesus está deitado
entre pastores e gado.
Tem no berço, em vez de penas,
algumas tábuas pequenas,
com umas palhas apenas;
e, por sôbre a dura cama,
nuvens de algodão em rama,
dentre as quais um anjo clama
o «*Glória a Deus nas alturas!*»
Regando estéreis verduras,
brotam fontes de águas puras,
transparentes, sem igual
— águas que são, afinal,
fios de vidro ou cristal...
Por guarda de honra, dos lados,
uns camponezes armados
dos seus nodosos cajados,
e por fieis companheiros
alguns rudes pegureiros
com seus bois e seus carneiros.
Pelos córregos estreitos,
os três reis, de barro feitos,
os três magos, pouco afeitos
a tais caminhos, lá vêm
em direcção a Bethlém
trazer presentes também...

Era o presepe da aldeia
uma obra tôsca e feia,
mas, assim mesmo, tão cheia
de unção e graça, que a gente
do lugar, ingénua e crente,
jurava que o bafo quente
das vacas da estrebaria
amornava a palha fria
sôbre a qual Jesus dormia,
e que se ouviam até,
falando do filho ao pé,
a Virgem e S. José!

Admirou tal maravilha
a gentil princesa filha
do rei poderoso e forte,
forte e rico de tal sorte,
que o seu palácio ou castelo
era tão grande e tão belo
que outro ninguém conhecia
de mais fausto e mais valia.
E ou fôsse milagre então,
ou celeste inspiração,
ao comparar a opulência
do seu viver, à indigência
em que nascera Jesus,
raiou-lhe uma nova luz!

Fez chamar as criancinhas
que eram mais desgraçadinhas
— as que a fortuna enjeitava —
e deu-lhes quanto levava:
os seus vestidos custosos,
os seus aneis preciosos,
os pentes dos seus cabelos,
colares de oiro, em novelos,
que ninguém iguais os tinha
— joias próprias de rainha!
Pois, sendo bôa, como era,
viu que Jesus não quisera
— Êle, o rei dos reis! — ter mais
do que os pastores boçais:
nem falcoeiros, nem pajens,
nem luxuosas equipagens,
nem brasões, nem armaduras,
nem leitos com doiraduras,
nem vestuários garridos,
nem exércitos temidos,
nem côrte, nem fidalguia,
e era, de quanto existia,
de quanto rodeava a gente,
o Senhor omnipotente!

Embora criança ainda,
lembrou-se a princesa linda
de seu pai, que amava tanto;
e toda desfeita em pranto,
ao pensar naquele rei
para quem não vale a grei
dos seus milhões de vassalos
mais que um só dos seus cavalos
de apurada e fina raça,
mais que um bom falcão de caça,
ou que um valente lebréu
— rei que dita a paz e a guerra! —
viu que os primeiros na terra
são os últimos no céu!

LXXXVIII

A união faz a fôrça.

Um tímido animal
que em esfôrço mais não vale
que o veado ou a corça,
defende-se sem custo,
acompanhado e em bando,
de chacal ou rafeiro,
de lobo ou cão robusto,
por mais raivosos, quando
não levem companheiro.
Mas, desde que o persiga
a matilha inimiga,
se anda isolado e só,
em breve morde o pó
na peleja sangrenta.
No desigual combate,
bem fácil é que o vença
a alcateia sedenta!
Bem fácil é que o mate!

Moral de tal sentença:
se — ao fraco — uma aliança
dará fôrça e confiança,
o isolamento — ao forte —
pode até dar a morte!

Faz muita fôrça a união.
Se um só não pode alcançar
o que é fácil a um par,
para o esfôrço não ser vão,
unam-se e juntem-se, pois,
o empenho e o esfôrço de dois!
É o mesmo conceito exposto,
doutra guisa, no rifão:
— *Uma mão lava a outra mão,*
e as duas lavam o rosto.

*

A união faz a fôrça, e a dissídia a fraqueza.
Seja qual fôr a luta, é lei da natureza!

Quem há que não conheça a parábola antiga
do vime que, isolado, é, em mão inimiga,
frágil como vergôntea, e, junto a outros seis,
pode vergar talvez, mas não o partireis?
Explicava ela assim, por uma forma rude,
que a união é fôrça, e que a fôrça é virtude.

Irmãos na mesma fé! Tendes, na associação,
da parábola antiga aplicada a lição!

*

A união faz a fôrça.
Mas quem a frase torça
diz: — *Muita gente junta não se salva!*
E entende que a união não é ressalva,
só de per si, para vencer na luta,
se de mais se disputa;
se, lembrando o ditado
— *qual cabeça, tal siso* —
puxa e opina e pensa
cada um por seu lado;
se, por míngua de senso e de juizo,
há, em cada cabeça, uma sentença!

Quando a junção em magnas assembleias
é mais de corpos do que o é de ideias,
em vez de fazer fôrça, a união
dos que andam entre si desconcertados,
degenera em fraqueza e confusão.

Para tais resultados,
muito *antes sós, que mal acompanhados!*

LXXXIX

Vêem-se caras,
e não se vêem corações.

Nem de pessoas, nem de acções
ajuize alguém, sem provas claras!
Há almas brancas como o luar
em corpos feios, de olhar torvo;
corações negros como corvo
em seios lindos, de encantar!
Nem será caso raro e estranho
de toca ou moita aonde a gente,
por mais que espreite, o não pressente,
coelho sair de bom tamanho...

A regra é
— *ver e crer como S. Thomé!*

Sempre que alguém se nos depara,
é bom sondar-lhe o coração,
e não ligar valor à cara
— máscara só para ilusão,
disfarce apenas,
que, muita vez, quanto mais linda,
mais nos virá a dar ainda
tantos cuidados como penas.
Não presumamos, *pela aragem,*
saber quem vem na carruagem...

DIZERES
DE
PRUDÊNCIA

«*A prudência compõe-se de sciência e experiência*»

P.e Antonio Vieira

CATA O QUE FARÁS!

I

Albarde-se o burro à vontade do dono!

Quer tenha quatro pés, quer só dois a alimária,
— ou jumento ornejante e de casta ordinária,
ou asno palrador, que se diz, com entono,
o rei da criação (da má-criação talvez...) —
arreiem-na ao sabor do dono ou do frèguez!

Seja corcel fogoso, ou ronceiro jerico;
macho ruim de almocreve, ou lazão de homem rico;
seja o bom *Zé Povinho,* apalermado e rombo,
que é de uso figurar de albardão sôbre o lombo;
quem a montada apronta,
aparêlhe-a à vontade e feição de quem monta!

Que dance cada um conforme lhe tocarem,
e cante cada qual segundo lhe pagarem!
De modo mais lacónico,
na bárbara expressão do latim macarrónico:
— *Talis pagatio,*
talis cantatio!
Ou, em dição mais pura:
— *Tal paga, tal cura!*

De longe o dito vem:
— *Quem manda, manda bem...*
no fâmulo que o sirva, ou no animal que o leve.
Ao que em refôrço e ajuda êste aforismo acode:
— *Manda quem pode,*
obedece quem deve!

Suma de tais ditados:
às ordens dos mandões, sujeitem-se os mandados!

II

Antes de mais, que de menos!

Eis, muitas vezes, o engano
daqueles que acham pequenos
— no seu anelar insano —
ou os bens, por mais que sejam,
ou os gozos de que gozam,
tanto bem e gôzo almejam!

Falam certo os que assim glosam
e emendam prolóquio tal:
— *Tudo que é de mais faz mal.*
— Nem de menos, nem de mais!
São as normas naturais.

O ambicioso, cego e louco,
a quem nada satisfaz
seu apetite voraz,
tem sempre o muito por pouco,
e o pouco por desprezado.
Não atende a que, ao invés
do que aconselha o ditado,
tudo que anda aos pontapés,
sem conta,
nem monta,
como que a rôdo e granel,
mal — por *de mais* — se aproveita.
Quem tem muito mel
nas versas o deita.

III

Antes o corpo à morte,
do que a vida à má sorte!

Não há melhor razão
p'ra quem quer que trabalha
com febre e com paixão,
que, em revôlta batalha,
leva a existência inquieta,
singrando, a todo o vento,
para uma ansiada meta,
do que a de, assim, buscar
um vago atordoamento
para o cruel tormento
de, sob o incerto azar
que vai do berço à cova,
sob o jugo tirano
duma dor sempre nova,
haver de se arrastar,
dia a dia, ano a ano,
até findar!

Na pugna que embriaga,
menos se dá p'lo travo
da amargosa teriaga
que ao homem, pobre escravo
duma sina sinistra,
— na vida que o alente —
a mão de Deus ministra.
Menos se doi e sente
o que mais se inebria,
o que mais se desvaira,
o que mais alto paira
em vôos de fantasia.
No fragor do combate
a que a alma se entregue
— quer no amor que arrebate,
quer no ódio que cegue —
nos dramas ou nas farsas,
nos autos de cordel
ou quadros de epopeia
em que somos comparsas
ou temos um papel,
nubla-se, em nós, a ideia
dêsse veneno ou fel
que é o dom de vivermos,
e que vamos sorvendo
— no quanto imos sofrendo —
até morrermos!

Antes morte, que má sorte!

Mas há virtude mais rara,
mais própria do ânimo forte:
— *A má sorte, bôa cara!*

IV

Aprender até morrer!

Mais vale saber do que haver.
Para bem arrecadar
o que a prática ensinar,
é sempre bom ter aberto,
na memória, um cofre àsado
para as lições recolher.
É bem pequeno, decerto,
bem mesquinho e apoucado
êle precisa de ser,
por muito que haja a guardar,
se é sabido que *o saber*
não nos *ocupa lugar.*

V

Àquém ou àlém,
vê sempre com quem!

A urze da serra,
que mísera habita
no chão de ninguém,
ninguém lhe faz guerra.
Terá essa dita!
A mão que, refece,
a arranque da terra,
a esfolhe e a corte,
mui raro aparece
trazendo-lhe a morte.

Todavia a flôr
de mais linda côr,
de mais belo porte,
de mais verde folha,
sempre,*àquém* e *àlém,*
há-de de achar alguém
que, sem dó, a colha.

A vulgar giesta
quem a vai buscar
para se enfeitar
ou levar à festa?
Sucede isso às rosas,
aos jasmins e aos cravos,
que, nos seus canteiros,
donas caprichosas
têm por seus escravos
nesses cativeiros.

A esteva, coitada,
porque é flor serrana,
vive sossegada
junto da arribana
ou no espesso mato,
e lá cresce e viça,
sem causar cobiça,
sem cultor, nem trato.
Por seu grande bem,
raro ela há-de ter
de cuidar com quem
haja de se ver
àquém ou *àlém...*

*

Vê sempre com quem!...
Pois antes sósinho,
que andar com mau guia
que a outrem desvia
do recto caminho.
E, p'ra o caminheiro,
mais vale a má estrada
que o mau companheiro,
que lhe arme a cilada.

Recorda o escalracho,
que o ferro do sacho
persegue onde o veja
quem cuida do prado:
em sítio onde esteja,
destroi o semeado.
Por isso também,
por mais que se esconda,
não o poupa ninguém
ao justo castigo
— não escapa na monda!
É como no trigo
o joio maldito.

Bem diz êste dito:
— *Ao pé da silveira,*
padece a videira.

VI

Até passado
rio ou barranco,
pega-te ao santo!

E bem pegado
vais, nêsse arranco
de fé, enquanto
da travessia
dure a agonia,
dure a aflição.
Porque, depois,
em um dos dois
— rio ou covão —
sendo passado,
não mais o santo
será lembrado.

É que, entretanto,
vem-te o desdém,
a ingratidão
por êsse alguém
que, ao dar-te a mão,
te deu, no perigo,
a salvação.
Feito o favor,
logo o amigo
ou protector
cai no abandono;
findo o quebranto,
logo o patrono
é posto ao canto!
— *Rio passado,*
santo de lado!

VII

Beija o bode,
porque pode
dar em odre!

Porque em podre
de riqueza
pode um pobre
vir a dar,
e a grandeza
do mais nobre
conquistar
quem nasceu
vil plebeu
— a fidalgo
ascender,
sem nascer
filho de algo —
é de ver
que o prudente
certamente
bem dizia:
— Beijo o bode,
que odre pode
ser um dia!

VIII

A boda e a baptizado
não vás sem ser convidado!

E há outro anexim que diz:
— *Nunca metas o nariz*
onde não fores chamado!

À cautela, pois, não deixes
de ter isto bem presente,
a fim de que não te queixes,
se houver lá quem rudemente
te dê co'a porta na cara.
Que, se o bôlso levas cheio,
não sintas pejo ou receio!
Verás que ela se escancara,
sem que ninguém escogite
se foste ou não a convite,
desde que agradem as prendas.

Visita que dá interesse
sempre a boa hora aparece.
Não por ti, mas p'las oferendas,
hás-de ser mais aclamado,
entre repiques de sino,
do que os herois do noivado,
ou do que o próprio menino
ao qual se faz o baptizo.

A quem quere ser festejado
— a bôa verdade é esta —
em geral, o mais preciso
é dar ajuda p'ra a festa;
é dar *comes* p'ra os banquetes
e *bebes* p'ra os beberetes
— não é ser merecedor
de que lhe rufem tambor
e ao ar lhe deitem foguetes.

IX

Aos cavalos
e às mulheres,
é guardá-los
de alugueres!

O cavalo
de regalo
e a mulher
que nos quere,
quando prestam,
não se emprestam:
o primeiro
a qualquer
cavaleiro
amador,
e a mulher
— nosso bem,
nosso amor —
a ninguém,
seja quem
o homem fôr!

X

Chega-te aos bons, e serás
um dêles!

Como êles, tu pensarás,
e, como êles, tu farás,
e Deus
te livre e afaste daqueles
que, por maus ou por sandeus,
só te dão ideias más!
Maria
vai com as outras... Tal qual!
De súcia e de companhia,
vai-se ao bem e vai-se ao mal!
Nisto de ter companheiros,
eis a lei mais natural,
a fim de que andem certeiros:
cada um, com quem se assemelha.
Cada ovelha
com sua parelha!
E por isso é que sucede
que de outrem que bem procede,
ou de alguém que se desmanda,
se ouve muita vez dizer
que os costumes há-de ter
das pessoas com quem anda.
Com quem vais, ou com quem vens?
Diz-me com quem acompanhas,
e logo te digo as manhas,
ou as virtudes que tens.

Com os bons te ajuntarás,
se queres viver em paz.

XI

Cobra bôa fama, e deita-te a dormir!

Assim faz a pessoa dorminhoca,
sem ver se a fama sua pode aluir,
se é firme e sólida, ou balofa e ôca.
Sem ver que, enquanto está sem nada ouvir,
em hipócrita manto se embioca
quem o tenta apoucar ou detrair,
com ruins instintos e daninha bôca.
Erra quem deixa ao murmurar alheio
crédito e nome. É como, estando em meio
de lobos maus, ficar-se ao abandono.
Diz-se: — *A quem dorme, dorme-lhe a fazenda!*
Pois quem durma, e a fama não defenda,
pode, infamado, despertar do sono!

XII

Do dinheiro e da bondade,
a metade da metade!

Porque assim aconselhar
a quem quere ser verdadeiro
tal redução, ao julgar
do que outrem há-de valer
em bondade ou em dinheiro?

Porque assim minguar-lhe as doses
do que de bom possa ter?

É que é costume dizer:
— *São mais as vozes que as nozes!*
Mais as *vozes* a apregoarem
a virtude ou a riqueza
daqueles de quem falarem,
do que as *nozes* a atestarem
êsses dons e essa grandeza.

Do dinheiro e da bondade,
a metade da metade,
e inda é contar com largueza!

XIII

Entre pais e irmãos
não metas as mãos!

Nem entre casados
— *marido e mulher* —
quando malquistados,
metas a colher!
Há-de suportar
graves dissabores
quem os contendores
queira apaziguar.
Levará que farte,
duma e doutra parte!

Volta-se o feitiço
contra o feiticeiro...

Quem se atreva a isso
pense bem primeiro!
Nos desaguisados,
quer entre parentes,
quer entre esposados
que andem descontentes,
não é coisa rara
ser quem mais apanha
a pessoa estranha
que os brigões separa;
ser o irmão ou pai
que, ao revés, lhe vai
com as mãos à cara.

Não te envolvas, pois,
em contendas tais!
Onde bastam dois,
os três são de mais.

Mãos e pés esconde!
Toma bem cuidado!
Não te metas onde
não sejas chamado!

XIV

Escreve antes que dês;
recebe antes que escrevas!

Nêste prolóquio vês
aquilo que tu devas,
por prudência, fazer,
quando hajas de escrever,
ou seja para dar,
ou seja para haver:
é tempo não gastar,
nem recibo passar
antes de receber,
e muito reflectir
no que venham pedir,
antes de o entregar
— de o dar ou restituir.

Pois *o que logo dá*
duas vezes dará.

XV

Farelo com farelo,
farinha com farinha!

Revelam-se, em geral,
provas de igual modêlo,
quem se une e se avizinha
quer no bem, quer no mal.

Lé com lé,
cré com cré,
cada qual
com os da sua ralé!

Sociam as pessoas
de génio e casta afins:
bôas com bôas
e ruins com ruins.
Cada qual
com seu igual...

Foi para elas talvez
que o dito se inventou:
— Deus os fez,
e Deus os ajuntou.

Só vive bem
com outro alguém,
quem nêle achar
a fôrma do seu pé,
em vez de dar
com quem lhe faça até
ter calos na paciência,
que muito piores são
— diz a experiência —
que os do pé, ou da mão...

Mas há que ter cuidado,
porque, às vezes, *bugalhos*
de valor mal cotado,
para renderem mais,
querem passar por *alhos*...
Lá o diz o ditado:
— Estorninhos e pardais,
todos querem ser iguais!

XVI

Faz o que êle diz,
não o que êle faz!

Lembra Frei Tomás
o árbitro ou juiz,
mestre ou prègador,
aio ou perceptor
— um qualquer de quem
diga cada qual:
— cuida-lo bem,
fáze-lo mal —
de optimo conselho,
mas que, dando indícios
de ser triste espelho
dum viver de vícios,
zomba do rifão
que esta regra ensina:
— Exemplos farão
mais do que doutrina!

O que não pratica,
por si próprio, as bôas
máximas que aplica
às demais pessoas,
muito claro mostra
na dobrez, no engano,
que, se é *um no pano*
outro é *na amostra*...
Prova que as acções
mentem às lições,
que para outros são
— e para êle, não!

A quem fôr assim,
em seus actos vis
e dizer falaz,
serve-lhe o anexim:
— Braz bem o diz
e mal o faz.

*

Mais vale sê-lo
que parecê-lo.
É *parecer,*
e não o ser,
fiar sem tecer.

*

Quanto à mulher,
nunca lhe basta
— no que fizer —
ser pura e casta:
tem de ser cauta,
e haver até
por norma e pauta
o aparentar
que honrada é,
para inspirar
confiança é fé.

XVII

Faz por ter,
vir-te-ão ver!

Se tu tens
fartos bens,
onde vás
— quer tu fales,
quer te cales —
valerás
(sendo embora
um pateta
sem mistura)
mais que outrora
um profeta
da Escritura!

Obras falhas
de invenção,
gôsto ou mérito
— maravalhas —
di-las-ão,
p'ra teu crédito
e contento
— maravilhas!
Dir-se-ão filhas
dum portento
sem igual,
de grandeza
computada
p'lo que vale
a riqueza
alardeada
nos favores
e oferendas
que subornem
os louvores
às mil prendas
que te exornem.

Da cabeça
— mesmo dado
que aconteça
ser do tolo
mais chapado,
mais sem miolo,
e tãoôca
qual cabaça —
diz-se, e passa,
ter na bôca
verbo de oiro,
ser dum sábio
cujo lábio
— um tesoiro! —
verterá
o maná
da eloqüência!
E ver-se-á
como espelhas,
na fulgência,
nas sentelhas
do olhar,
teu pensar,
teu bestunto,
tuas artes!
No conjunto,
ou por partes,
todo tu
— ou vestindo
bem, ou nu —
serás lindo
a mais não,
com beleza,
gentileza,
distinção!

Mas, se fores
pobretão,
sem valores
nem fiadores
de caução
à miséria
que confessas,
— às avessas —
nem pilhéria,
nem engenho,
nem saber
te hão-de achar,
nem empenho
hão-de ter
de te olhar
e falar.

*

Muita vez,
quem — em vez
de usar tretas,
dizer petas,
mostrar ronha —
tem vergonha,
probidade,
honra e brio,
é quem há-de
mais andar
a arripio
do azar.

Se tu suas
e tressuas
no trabalho,
mas, se és falho
de arte e manhas,
se o que ganhas
não te chega
p'ra juntares
bôa adega,
e p'ra dares
bons manjares
e pitanças
a glutões,
e jantares
e festanças
a foliões,
não te admires,
se te vires
mal prezado.

É defeito,
é pecado,
no conceito
de madraços
e ricaços,
não ter bens.

Quer tu fales,
quer te cales,
tanto tens,
tanto vales!

XVIII

Guar-te de mau vizinho
e de quem fôr mesquinho

Que *a má vizinha*
dá agulha sem linha...

Aonde quer que seja
que a gente passe ou esteja
— casas, montanhas, brejos ou jardins —
não é aliança bôa
planta, bicho ou pessoa
que só se chega p'ra nocentes fins.

A sciência dos adágios
contém avisos contra os maus contágios
de ingrata vizinhança.
Receita de confiança
para, em tais casos, com rigor, seguir:
— *Quem com um mau vizinho vizinhar,*
de um ôlho, há-de dormir,
e, do outro, vigiar!
Dito que assim nos aconselha e exorta
a desconfiar
— como se faz com animais daninhos —
dos maus vizinhos
de ao pé da porta.

A vizinhança é meia parentela.
E dizem maldizentes: — Livrar dela!
visto que *trastes velhos e parentes,*
poucos e ausentes!

XIX

Do mau te afastarás,
e ao bom darás !

Mula com mataduras,
nem cevada,
nem ferraduras!
Faminta e desferrada!
Quere o anexim dizer
que o mal ou a desgraça
serão p'ra os de má raça,
e o bem deverá ser
p'ra quem o merecer.

Como, porém, pessoas
e coisas são... o que são
— ou más ou bôas —
e, infelizmente, não
tais quais justo seria
que fôssem de feição,
inverte-se a valia
das bôas e das más.
E quem de mais carece
e melhor agradece
— *aquele que mais faz* —
é o que menos merece!

XX

Mau virá
que bom te fará!

Homem infeliz,
de quem mal se diz,
e que vai largar
rédito ou lugar
a algum rival,
ou da sua igualha,
ou que menos valha
que êle próprio vale;
homem que não espera
vir-lhe a suceder
quem consiga ser
menos mau que êle era,
com razão pondera:
— *Trás de mim virá*
quem bom me fará!

XXI

Não bebas coisa que não vejas,
nem carta assines que não leias!

Se não desejas
prender-te em peias
de obrigações inda mais duras
do que serão
as de escrituras
em tabelião,
porque não lêste
com atenção
algum papel que subscreveste;
e, se não queres que água impura,
com porquidades à mistura,
te cause enjôo, ou dê maleitas,
observa à risca estas receitas:
nem escrito assines sem o leres,
nem água bebas sem a veres!

XXII

Não queiras pôtro,
nem mulher doutro!

Se não quizeres
arrepender-te,
não vás meter-te
com as mulheres
que já têm dono.
Observa o nono
dos mandamentos
da lei de Deus!
Por pensamentos
ou actos teus,
não as cobices
nem enfeitices!

Nem queiras nada
com a montada
fogosa e nova,
que, num galão,
te deita ao chão
e atira à cova!
Se poldro ardego
é grande perigo,
mulher de amigo
rouba o sossêgo,
é um castigo!
Mal anda, pois,
qualquer dos dois:
quem toma conta
de mulher doutro,
ou quem num pôtro
confia e monta.

XXIII

Não te exaltes por riqueza,
nem te abaixes por pobreza!

Embora se diga, e bem:
— *Não há mal tão lastimeiro,*
como o de não ter dinheiro —
por melhor conselho tem:
— *Vai ao pobre, sem chamado,*
e ao rico, por convidado.

Mais vale te sintas vaidoso
da tua honesta indigência,
que blasones, orgulhoso,
duma gafada opulência.

Posto seja verdadeiro
que, a não ter as burras cheias,
o *fidalgo sem dinheiro*
é castelo sem ameias,
e, *com dinheiro na mão,*
em toda a parte há função,
anda-me sempre escudado
nos juizos de Salomão:
— *Antes pobre, mas honrado,*
do que rico, mas ladrão!
Que, se a riqueza é honrada,
nunca ninguém perdeu nada
em ser Creso, em vez de Job
— metendo inveja, e não dó.

XXIV

Nem César, nem João Fernandes!

Nem *César* só em coisas grandes
que ao descalabro e à perdição
te arrastem, quando te desmandes,
nem só misérrimo *João*
na pequenez do coração!
Nem as vaidades e prosápias
próprias de Césares romanos,
tomando os ares soberanos
de quem só anda em Vias Ápias
(quando palmilhas, afinal,
as mesmas sendas mal calçadas
que pisa, em quelhas ou em estradas,
outro qualquer simples mortal)
nem a humildade ou a vileza
do despresível serventuário
que mais se avilta por baixeza,
ou se amesquinha por salário.

Por isso o povo sentencioso
diz ao servil e ao presunçoso
—ao que a ambição em pouco encerra,
e a quem mais alto do que os Andes
ergue a avidez das coisas grandes:
Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

— *Nem César, nem João Fernandes!*

XXV

Nem de cada malha peixe,
nem de cada mata feixe!

Quere dizer que é bom joeirar
o melhor, o mais perfeito,
não tomando, à toa e a eito,
quanto à vista nos passar.

Mas não vale exagerar!
Não tires, sem tom nem som,
nem tanto escolhas que até
vejas que *o optimo é*
o inimigo do bom...
Nem, às cegas, tudo aceites,
nem tudo, à cegas, rejeites,
mostrando, de tal maneira,
que *tudo te fede*
e nada te cheira!

Que é que faz quem bem procede?
Segue êste preceito antigo:
separa o joio do trigo!

XXVI

Nem sempre galinha, nem sempre rainha!

Com êste rifão
são mal lisonjeadas
as damas coroadas.

É certo que *não*
há vício ou manjar
que não nos enfade,
por muito que agrade
a quem o gostar.

Se ao bom paladar
bem há-de saber,
às vezes, variar
de mesa e comer,
nem sempre mingua
o afecto e o prazer,
em rei ou vassalo,
se um dia se amua
com essa que fôr
seu mimo e regalo.
Se em tratos de amor
quiser interpor
ligeiro intervalo,
fugaz digressão
no seu galanteio,
mais forte a paixão,
mais vivo o anseio,
depois volverão;
melhor amará
e mais quererá
o rei à rainha
e o galo à galinha...
Amor dobrado
o do arrufado!

XXVII

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

Entre os extremos hirtos,
o meio-termo encerra
o pensar justo: — *In medio, virtus!*

Êste ditame achei-o
da vida em várias leis:
— *Ide pelo meio*
e não caireis!
— *Nem a todos dar,*
nem todos guerrear!

Porque se tocam os extremos,
não nos devemos,
nem dum nem doutro, aproximar.
Sirva-nos de ensino
o tanger do sino:
nem tanto puxar,
que se quebre a corda,
nem tão devagar,
que a ninguém acorda!
Nem te faças fel,
nem te dês em mel!

Ou tudo ou nada
é regra exagerada,
tanto
quanto
estoutra será certa:
— *Quem crê a todos, erra,*
e a nenhum, desacerta.

*

Nem muito ao mar,
nem muito à terra!

Se se aumentar
ao que é de pouca monta
a proporção e a conta,
de pequena bustela
faz-se grande mazela!

Pega-te antes ao ditado:
— *Nem sobejo, nem minguado!*

Nem diminuindo os grandes,
fazer dum *César* um *Fernandes,*
nem de oução ou argueiro
fazer um cavaleiro!

XXVIII

Nem tão feia que espante,
nem tão linda que mate!

Que não nos arrebate,
mas não nos desencante!

Nem cevado espantalho
que, em carnes e em gordura,
nos recorde a fartura
de provisões dum talho,
nem mirrado esqueleto,
de ossos quase esburgados,
mais magra do que um espêto
para fazer assados!

Nem gôrda qual texugo,
nem de exterior tão mau,
que lembre um carapau
destinado ao refugo!

Nem com tantos senões,
que iguale em fealdade
noite má de trovões,
por seu tôrvo cariz,
nem uma tal beldade,
que nos faça infeliz,
porque após si arraste
vila, aldeia ou cidade,
sem que o seu lar lhe baste
para garrir e expor,
em todo o seu esplendor,
as prendas sensuais
de Afrodite pagã,
ao pleitear a maçã
com as deusas rivais!

Que nem graça lhe falte,
nem de mais sobressaia!
Nem tão velha que caia,
nem tão môça que salte!

XXIX

Um ôlho no prato,
e outro no gato!

Porque êste é ladrão
mais inda que o cão!
E pode levar
a carne ou o peixe
daquele que o deixe
a mesa assaltar.

A exemplo do gato,
há muito sujeito
com êsse defeito,
— ladrisco e ingrato,
guloso de quem
é bom guardar bem
o que haja no prato.
Pois, quando lhe apraz,
é muito capaz,
ficando-se a rir,
de à mesa nos vir
roubar o comer,
tal qual o felino,
vicioso e ladino,
costuma fazer,
se é baldo ao ensino.
Convém sempre ter
um ôlho fitado
no que hajas contigo
de estima ou valor,
e o outro pregado
nas mãos do amigo
infiel e traidor,
que tire p'ra si,
chamando-lhe seu,
o que era p'ra ti
e havias por teu.
.....
Diz um ditado,
e é dito exacto:
— *Do mal guardado*
bem come o gato.

XXX

A pobre não prometas,
e a rico não faleças!

Leitor! não desmereças
— quando te comprometas —
no conceito de pobre
a quem faças promessas
e acenes com gorgetas,
nem de rico ou de nobre
a quem devas e esqueças!

Se te adverte o credor:
— De farei, farei,
não me pagarei —
(e observa muito bem)
o honesto devedor
diz, por seu lado: — *Quem*
paga o que recebeu,
o que lhe fica é seu.
Quem paga o que deve,
sabe o que lhe fica.
A vida não complica,
e torna-a até mais leve.

Dever e oferecer
— sejam bens ou pancada —
não valem muito ou nada,
se se fica em dizer
que se dá, sem se dar,
ou paga, sem pagar,
ou bate, sem bater.
Prometido
é devido!
Homem de boa lei
tem palavra de rei.

Quem falta à obrigação
de compromissos seus,
falece, em devoção,
perante o próprio Deus.
Se é só para se ouvir,
e não para cumprir,
o muito prometer
é espécie de negar.

Vale o pronto recusar
mais que o falso prometer.

XXXI

Que morra o homem, mas que fique a fama!

Que finde a sua forma transitória,
mas que a voz se não cale que proclama
o nome seu, se o ilumina a glória!
Que a cinza voe, mas não se apague a chama!

Muito embora a matéria vil, corpórea,
seja fugaz e instável,
nunca a morte lhe leve a impalpável,
a incoercível parte
de belo eterno e de sonhado ideal
que, em *vida breve,* torna *longa a arte,*
e o génio imortal!

Que morra o homem, mas fique a fama!

Quem tal reclama,
todos que tomem
à risca o dito,
para a memória
do heroi bendito
entre os vindoiros,
querem a glória
de eternos loiros.

Mas — está visto —
se pensam isto,
é da pessoa
com fama bôa
— do *homem honrado,*
que *antes vai morto*
que injuriado.

Porque do torto,
ou do vilão
que ninguém ama,
dir-se-á então:
— *Quem sua fama*
tenha perdida,
morto anda em vida.

E, se morreu,
não vale buscá-la;
e, se a perdeu,
p'ra que será
tornar a achá-la,
sendo ela má?

XXXII

Sem que se prove, nada se louve!

Nem se reprove!
Quem ditos ouve
de bem ou mal,
deve tirar
a prova real,
e só gabar
ou censurar,
depois de ver
qual — sim ou não —
terá razão.

O ver e crer
máxima é
de S. Thomé!

Sempre há e houve
quem tudo louve
e nada prove.

Quem, por ouvir
outro aplaudir,
prestes aprove
acto ou dizer,
tem ruim cabeça.

No que encareça,
sem bem saber,
muito há-de errar
o que se fiar
só no paleio
doutra pessoa.

Se em juizo alheio
se louva à toa,
para louvar
falsos talentos,
emprenha do ar...
parirá ventos!

XXXIII

Quem dá o ungüento, dê o trapinho!

O mandamento
é comezinho.
Há que ampliar
esta lição!
Há que alargar
a exortação
de tal sentença,
p'ra ter virtude,
quer na doença,
quer na saúde.

Nunca um favor,
p'ra ter valor,
deve ficar
em meio ser.

Não acabar,
é não fazer.
E com razão!
P'ra ser objecto
de gratidão,
seja completo
o que, de bem,
se faça a alguém!

Fraco e mesquinho
é o tratamento,
dando-se o *ungüento*
sem o *trapinho,*
faltando o qual,
o pobre doente
logo pressente
que o curam mal.

Só se diz feita
obra ou mercê,
quando, o que a dê,
a der perfeita!

XXXIV

Quem não quere ser lobo não lhe vista a pele!

De igual modo, quem
não quiser ser bôbo,
larga o cascavel!
Nem do lábio tem
sempre à flor o riso
próprio dos truões,
nem pratica acções
sem vergonha ou siso,
como os histriões
que usam giba e guiso.

Quem não seja homem
para roubo ou morte,
furte-se a que o tomem
como de mau porte!

Quem não tenha sorte
de, por natureza,
possuir fereza
de leão voraz,
fuja de mostrar-se
de carão minaz!
Deixe êsse disfarce!
Não intente armar-se
nunca em ferrabraz,
iludindo a fé
de quem fera o creia!

Quem de mais se afeia
e faz pior do que é,
pense no rifão!
Pense em que, se enverga
falso vestuário
de animal papão,
pode quem o enxerga
dar-lhe um fim sumário,
como aos lobos dão!

XXXV

Quem se doi dos calos não vá aos apertos!

Podem lá pisá-los!
E êsses maus enxertos,
que andam encrustados
pelos pés da gente,
quando machucados,
mesmo ao meio dia
— hora a que não sente
nenhum gôsto em vê-las
quem, à noite, as via
com olhar contente —
fazem ver estrelas!

Homens precavidos,
que têm pés doridos,
(e também velhacos,
com seus pontos fracos)
lembram, com acêrto,
— por livrarem calos,
sem nenhum consêrto,
de que vão magoá-los
êsses entalões —
que *quem tem mazelas*
tudo lhes dá nelas.
Fogem de apertões!

XXXVI

Quem tem de vidro o telhado, não atire ao do vizinho!

É acção de tresloucado
por algum ódio mesquinho.
O que outrem apedrejar,
correrá um risco igual
ao de cuspir para o ar.

Portanto não faça tal!
Pode-lhe em cima cair
— como é justo que a pedrada
lhe seja um dia tornada —
a imundicie que expelir.
Mais dura a afronta lhe sai!

Cuspo ao ar na cara cai!

XXXVII

Queres ver o porvir? Olha o passado!

Para aquele que ouvir
esta voz do ditado,
eis o modo seguro
de o incógnito futuro
desvendar e saber
— de melhor entrevê-lo,
de o melhor pressentir.

Pois, se é certo o dizer
— *pelo fio, o novêlo* —,
pelo ido, o porvir
se pode adivinhar.

É no prever,
que está o acertar!

XXXVIII

Resolve devagar,
e executa depressa!

Grande verdade é essa
p'ra bem se triunfar
de quantos, pressurosos,
resolvem, num momento,
e deixam, preguiçosos,
de executar o intento.

Antes não começar
do que não acabar!

Porque a preguiça — crêde! —
morria à sêde,
— só p'ra não se maçar
a beber — posto fôsse
em água doce
que ela andasse a boiar!

XXXIX

Se não fazes o que queres,
faze o que puderes!

Caminha o verbo *fazer*
—como em dois pés, em que assenta—
sôbre o *poder* e o *querer*,
nos quais se firma e sustenta.
Fazer, só faço o que *posso*.
Que vezes terei, porém,
de *querer*, a mal ou bem,
o desejo teu ou vosso,
o que outrem decreta ou manda?
Porque o *poder* é só nosso
e o *querer*, em tantos, anda
à mercê doutro qualquer,
à lembrança o dito acode:
— *Faz o homem o que pode,*
e só Deus faz o que quere!

Mas, fazendo o que alguém queira
— não aquilo que tu queres —
a vida fica-te cheia
de muito acêrto ou asneira,
embora o que assim fizeres
seja mais de conta alheia
que de tua própria conta!
Toma o teu canhenho, e aponta:
— *De prudência é não querer*
o que não se pode haver.
E de estulto não se apode
quem esta lição te dá:
— *O que não quere, quando pode,*
quando quere, não poderá.

Leva, em tudo, bem cumprida
esta regra ou lei da vida:
— *Faze o que devas fazer,*
suceda o que suceder!

XL

Se queres ter bôa fama,
não te tome o sol na cama!

Para desta não sair,
há-de haver quem diga: — *Cobra*
fama, e deita-te a dormir!
E inda no sono redobra!
Deitar cedo, e cedo erguer,
dá saúde e faz crescer.
Quem não faz, da noite, noite,
e não faz, do dia, dia,
não vive com alegria

Todo o néscio que se afoite
a adormecer sôbre o loiros
de alguma passada glória,
que a tenha por transitória
e por sujeita a desdoiros.

Quem seu crédito, sem peias,
deixe andar de mão em mão,
quem trouxer por mãos alheias
a própria reputação,
talvez se deite afamado,
mas se levante infamado,
sem motivo nem razão!

XLI

Se tens físico amigo,
manda-o ao teu inimigo!

Em seus dizeres malédicos,
a reçumarem venenos
sôbre os míseros Galenos
— ou cirurgiões, ou médicos —
em termos bem pouco amenos,
Bocage não fez senão
— ao denegrir-lhes as famas
nos mais crueis epigramas —
as glosas de tal rifão.

E mais dirá quem lhes censure e exprobre
os enganos fatais da profissão:
— *Erros de físicos a terra os cobre!*

XLII

O seu a seu dono!

É bom de dizer!
Mas custa a obter,
sem hábil patrono
que faça valer
a nossa razão,
o que é de direito
e deva ser feito
por obrigação,
e não por favor,
ou fôrça, ou temor.

Corrente e vulgar
é não se nos dar
o débito justo
de nossa pertença,
senão quando o susto
de rectos castigos,
de pena em sentença,
com prova e testigos,
relaxe ao crèdor
o mau devedor
ronceiro e malquisto.
Que então—está visto! —
de quem medo hão,
logo o seu lhe dão...

XLIII

Com teu amo não jogues as peras!

Dá-te as duras,
e, p'ra si, guardará as maduras.
Até êle, jàmais tu devêras
levantar, fanfarrão, tuas vistas.
Com teu amo não jogues as cristas!

Já, porém, pouco vale o rifão.
Neste próspero tempo em que estamos,
quase, ao servo, quem serve é o patrão:
podem mais os criados que os amos!
Hoje em dia, quem é cidadão
é o vilão!
E dos velhos e sábios ditados
nunca foi esta frase sensata,
como agora, tão justa e exacta:
— *Quem tem criados,*
inimigos terá não escusados.

XLIV

De todos, os conselhos ouvirás,
só o teu seguirás!

Atento escuta seja lá quem fôr
que te avise por bem, embora mal,
por melhor não saber. E, em caso tal,
há que ouvidos fazer *de mercador,*
sempre que te aconteça
ser o conselho de ruim cabeça.
Orelhas moucas
para as palavras loucas,
e para as outras de melhor sentido,
que, em geral, são bem poucas,
apura então o ouvido!
Bom conselho desprezado
há-de ser muito lembrado!
Inda que velho,
não desprezes conselho!
São como que preceitos do evangelho!
Só vaidoso sandeu,
que em tudo mete mal o seu bedelho,
plausível julga êste conceito seu:
— *Dá-me dinheiro, não me dês conselho!*
Medita bem (repito) os que ouvirás,
mas só p'lo teu, depois, te guiarás!

XLV

Usa, e serás mestre!

Nada, com efeito,
que melhor adestre,
e dê mais proveito
p'ra se bem viver,
do que o bom saber
de «experiências feito.»

Mas, em tudo que *uses,*
nunca, em nada, abuses,
pois o excesso faz
velho o que é rapaz;
faz do incréu, scismático,
e do fiel — fanático,
e do são — enfêrmo.
.....

E, porque — abusar —
é — de mais usar —
segue o meio-termo!

Segue-o em linha recta,
que é a grande norma
p'ra se andar de forma
que não se erre a meta.

Batendo o ferro, é que serás ferreiro.
Batendo, sim!... Mas é, por ser batido
nas lições e nas fráguas da experiência,
que o homem simples se fará arteiro,
que o ingénuo chega a espertalhão sabido,
e muito ignaro alcançará sciência.
E, quanto mais o teu saber aumenta,
mais poderás dizer, desvanecido:
— *P'ra mestre bom, não há má ferramenta!*

QUEM TE AVISA...

I

O bom ganhar
faz bom gastar.

Erro fatal
será, porém,
o ganhar mal,
mesmo que seja
p'ra gastar bem.
O que não reja,
como é mester,
os bens que houver,
e, em seu grangeio,
fuja ao custeio
dum farto amanho,
muito se acerca
de mal perder.

— *Vai-te lá ganho,*
que me dás perca! —
usam dizer.

A sementeira
do melhor grão
sairá mais cara,
mas enche a eira
do melhor pão
que dê a seara.
Bem dispender
p'ra mais lucrar,
é bem semear
p'ra mais colher.

E, se *Deus disse:*
quem ganhasse que se risse! —
dirão que a fortuna asinha
perderá quem mostre zêlo
no *aproveitar o farelo*
e esperdiçar a farinha;

Assim como também se aprenderá
com quem aufira muito em lida pouca,
o mau destino que aos seus bens dará:
— *Se o ganho é fácil, a despeza é louca!*

II

A caridade
bem ordenada
por nós é começada.

Quem fôr, de qualidade,
avarento Harpagão,
muito avesso à tenção
de socorrer e dar,
consigo pensará:
— Em primeiro lugar,
eu; depois, *tu;* após,
êle. E — mui claro está —
se a alguém ouvir:
— *Hoje por nós,*
e amanhã por vós —
é certo corrigir,
dizendo assim:
— Hoje por mim,
e por mim, amanhã!
Nunca, por mais ninguém!
Nem por pai, nem por mãe,
por irmão ou irmã!

Na primeira pessoa,
se a coisa é bôa;
na última, se é má,
ou não lhe presta já!

No que respeita a réditos,
guarda-os em arcas cheias,
e evita, como aos créditos,
que andem por mãos alheias...
É com a própria mão
que os busca e chama a si,
com ânsia e frenesi,
sem dar conta ou razão
de filhos, nem de avós.

No quanto à vida importe,
a regra é — *Venha a nós!*

Quanto, porém, à morte,
nisso então já não quere
dianteira ou primazia.
Aplica, se puder,
outra filosofia,
e por outro evangelho
é que demonstra ler.

Diz: — *Morrer, por morrer,*
morra meu pai, que é velho!

III

Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doentes.

Nenhuma delas é daninha:
são duas coisas inocentes.
E bem nos diz o que assim pensa:
— Pode pegar-se uma doença,
nunca a saúde ou a cautela...
Mas, se levantam a espinhela
e são muito úteis à morrinha;
se os que se sangram em saúde
até lhes acham mais virtude
que à boticada ou à mèzinha;
se o corpo tornam mais sàdio
e mais farão viver a gente,
o que ambos causam é fastio,
se os usa alguém continuamente.

Dirá por isso o inconstante
— bom comilão, ou mau amante —
que só por lei da vida aceite
que a variedade é que é deleite:
— *nem sempre galinha,*
nem sempre rainha!

IV

É no poupar que está o ganho.

Este falar,
vindo de antanho,
lembra o dizer:
— *É do poupar*
que vem o ter.
— *Moço, não dás,*
velho, acharás.
— *Quem guarda, acha,*
quem cria, mata.

Quem se precata,
nunca relaxa
nem desacata
êstes ditados,
que aos governados
são de proveito.
Bom companheiro
é o dinheiro...
Um real poupado
é real ganhado.
Quem não poupa reais
não junta cabedais.

Segue o preceito
com que o poupado
se abasta e enrica:
— *Haja cuidado*
em o ganhar,
que tempo fica
para o gastar.
.....
Mas alguém já disse
que *grande sandice*
é pobre viver
p'ra rico morrer.

V

Enquanto há vento é que se molha a vela.

Enquanto a sorte nos bafeja a vida,
é que é amar, gozar, tirando dela
a máxima ventura apetecida.
Bem como, ao navegar com vento àsado,
nos altos mastros despregando os panos,

leva o mareante o barco seu largado,
para mais rápido ir cruzando oceanos,
enquanto nos der fôrça a mocidade,
os seus frutos sem par saboreemos,
porque, em chegando o decair da idade,
talvez queiramos, sim, mas não podemos...
Enquanto para as *nozes* houver dentes,
é que é colhê-las e comer à farta,
que, em estando desdentados ou doentes,
poucas nos bastam, e das que outrem parta...

A incerta roda da fortuna, se anda
a nosso jeito, apresse-se o andamento,
tal qual, em mar banzeiro, a vela panda,
aberta e arfante a qualquer branda aragem,
deve molhar-se, quando sopra o vento.
Barco parado não fará viagem...

VI

Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

Se esperas coisa de que tu não gostas,
escogita um pretexto ou uma causa
para alongar êsse intervalo ou pausa
de folga às costas, pois, *enquanto dura,*
vida e doçura,
e, em acabando,
gemendo e chorando!

Se o que te aguarda é mau,
procura demorá-lo!
Se o que te ameaça é pau,
será tempo que ganhes
de alívio e de regalo,
até que, em cheio, a tua conta apanhes!
Desde que o arrocho vai, até que vem,
sentem-se as costas bem.

Furta o corpo ao castigo,
a ver se acaso a ruim tenção não vinga!
Foge, leitor amigo,
com o corpo à seringa,
e trata de escapar
à ajuda ou à pancada,
a tudo aquilo que te possa dar
sofrimento ou maçada!

VII

A espada e o anel, segundo a mão onde estiver.

Se o pulso é fiel,
se há decisão
em quem trouxer
anel e espada,
é ir àvante!
Não temas nada
do atacante!

Mas, se, ao contrário,
o braço e o peito
nunca lograrem
ao adversário
pôr em respeito,
e te falsearem
na pugna ou pleito,
se tu não podes
o teu cartel
bem defender,
vê, pois, se acodes
ao teu anel!...
Vai-o meter,
se a salvo o queres,
num guarda-joias,
como as mulheres,
já que na espada
tu não apoias
a mão confiada.
No génio e sorte,
assim passando,
por teus azares,
do sexo forte
ao sexo brando
— quando tirares,
entre outras galas,
plastron e luvas
da esgrima fútil —
junta às bengalas
e guarda-chuvas,
o gládio inútil!

Se anel ou arma
alguém disputa
a débil mão
que se desarma
em fácil luta,
clama o poltrão
— protagonista
que em tais papeis
mete má vista:
— *Vão-se os aneis,*
fiquem os dedos!

Quem isto diga,
não faz, na briga,
mais que arremêdos
duma bravura
de pouca dura.
Antes passar,
— quem medo sinta —
a vida a fiar,
de roca à cinta!

Só bem peleja
quem bem braceja.
A bôa espada
vale muito ou nada
— protege ou não,
como é mester —
segundo a mão
onde estiver...
Diz o rifão:

— *Espada em mão de sandeu,*
perigo de quem lha deu!

VIII

Um homem prevenido vale por dois.

A prevenção duplica-lhe o valor,
para poder depois
melhor defesa ao inimigo opor.

Guerreiros e mareantes
terão, nestes rifões,
análogas lições,
precates semelhantes:
— *Arma-te em paz e veste-te na guerra!*
— *Se vais ao mar, apresta-te na terra!*
E treina-te em nadar, que, nêste mundo,
quem não sabe nadar, vai para o fundo.

IX

Mais quero um asno, que me leve,
do que um cavalo
que me derribe.

Antes jornada menos breve,
mas sem abalo,
e em que, afinal, eu bem arribe
sem ossos moídos
nem mal partidos
— embora sempre a passo ou trote,
tanto um como outro comedidos,
relembre Sancho e não Quichote —
do que ir de marcha em que me gabe
de vãs proêsas de alta escola,
porém que acabe
por me levarem em charola
para algum catre de hospital.
Muito mais vale
andar em asno a choutear,
que, por ser fraco e lazarento,
já me não pode ao chão lançar,
do que em ginete de espavento
que, num galão, me deita abaixo,
sem mais lhe pôr a vista em cima,
se dos arções me desencaixo!

Tem mais direito à minha estima
a mula ou macho de alquilagem
que me garanta essa vantagem
de eu ir, sem falta, ao meu destino,
do que um cavalo lesto e fino
que apenas chegue a meia viagem.

Não regem só cavalarias
tão úteis normas da experiência.
Aquelas mesmas teorias
toda a pessoa precavida
deve aplicá-las, com prudência,
nos lances bons ou maus da vida.
Por mais certeza no andamento,
deixe o corcel, tome o jumento!

Os prós e contras pese e meça!
É menos grave um trambulhão
em ronceiríssima caleça,
que em velocíssimo avião.

Com proverbial sabedoria,
já o velho Barros escrevia
que muito rende o caminhar
a «*quem se apressa devagar*»...

X

Mais vale pão com amor
que galinha com dor.

Melhor do que o capão
ou a galinha gorda,
sabe às vezes a açôrda,
ou simples *água e pão,*
que, segundo o ditado,
é comida de cão...
e de cão mal tratado!
Antes a pão e água,
com saúde e alegria,
que a melhor ucharia,
quando se assenta a mágoa
em nossa companhia,
e a dor e o sofrimento,
e os prantos e a tristeza
servem de condimento
ao que se põe na mesa.
O faisão mais gostoso,
ou o melhor peru,
não darão maior gôso
a quem já sinta nu
de afago e de carinho
o seio ressequido
como torrão maninho,
do que só *água e pão*
ao que se vê querido
por outro coração.

— *Pouco e em paz,*
muito se me faz.

XI

Mais vale
um pássaro na mão,
que dois a voar.

Faz mal
quem a ambição
em si não refrear,
e, surdo à voz
da sã razão,
se lance após
mirágens ilusórias
de grandezas e glórias.
Perde fôrças e alentos
em falazes intentos,
enquanto o esperto,
o cauteloso,
não troca o certo
p'lo duvidoso,
e melhor se encaminha
por esta voz do povo:
— *Não contes com o ovo*
no... interior *da galinha!*

O pródigo que gasta
sem conta nem medida,
e o próvido a que abasta
fortuna reduzida,
tanto entre si destoam,
como êsse que não faz
senão andar na cola
dos pássaros que voam
e vão fugindo em paz,
e êste que se consola
com um... mas na gaiola!

Em qualquer dos sentidos
— ou real, ou figurado —
antes um dado
do que dois prometidos!

*

Mais vale um toma
do que dois te darei...

Teu apetite ou ânsia
modera e doma!
A ave que te dei
vale mais do que — a distância —
as que vês adejando,
em par
ou bando,
mas que podem ficar
numa simples negaça,
que foge e passa,
e te deixa a olhar
apenas ao sinal...

Mais vale
um pássaro na mão,
que dois que voando vão.

XII

Mal vai na casa
aonde a roca
manda na espada.

Vai mal quem casa,
se os foros troca
da sua alçada
— *À mulher, roca!*
ao homem, espada!—;
quando a mulher
faz o que quere
e o homem, só,
sem uma queixa,
o que ela deixa...
Inspira dó
quem por poltrão,
não manda nunca,
e é mais varunca
do que varão!

Mal vai no lar
aonde a espada
se acobardar,
e não faz nada
e em nada toca,
porque é a roca
que se lhe impõe,
mexe e remexe,
põe e dispõe,
e, embora vexe
o espadachim,
só ela, sim,
governa à toa!

Bem não irá na casa
em que a *galinha* vôa,
e o *galo* tem a asa
quebrada,
ou de guia cortada;
em que *ela* cacareja
como e quanto deseja,
e *êle* não canta,
nem voz levanta;
em que *êle* sofre e cala,
como vassalo,
e *ela* decreta e fala,
como rainha;
— na *casa do Gonçalo,*
onde pode a galinha
mais do que o galo!

Palácio nobre,
ou simples toca
de humilde pobre,
morada em que anda
sem estriga a *roca*
que tudo manda,
ou onde o fiado
não é cuidado,
a vida irá
ao Deus dará!
Pois *não há* fio,
duro ou macio,
que não se parta,
se mal se fiar,
nem *casa farta*
sem roca a andar,
isto é, sem ter
a governá-la
mulher activa,
que sabe ser
p'ra copa e sala,
que, esperta e viva,
prevê e pensa
quer no bragal,
quer na despensa,
e, por igual,
gira tão lesta
quando trabalha,
como na balha
de bôda ou festa;
que lide e garra
— de quem se diga
que é tão *formiga*
como *cigarra.*

XIII

O mêdo é mau companheiro.

Dêle rejeita e dispensa
quer ajuda, quer sentença!

Com tal mentor ou escudeiro,
quem há que acerte ou que vença,
quando lhe aceita o ensino,
ou não faça de sendeiro,
quando lhe siga o destino?

O mêdo é mau conselheiro...
Sempre o temor
suspeita o pior.

XIV

Melhor é só, que mal acompanhado.

Tem razão o ditado!
Há quem diga aliás: — *Que só se veja*
o que só se deseja!

Antes, porém, no monte ser espargo
do que rosa em jardim,
se há-de a rosa sentir o gôsto amargo
da inveja ruim.

Fôra-lhe então melhor, mais valeria
viver num matagal,
se as flores que lhe fazem companhia
a acompanharem mal.

São os mesmos enfados que suporta
quem passa os dias seus
com maus vizinhos muito ao pé da porta:
de tal nos livre Deus!

XV

Quem acorda o cão dormido,
vende paz e compra ruído.

Deixe-se o cão descansado!
Se lhe passarmos ao-pé,
caminhemos com cuidado,
de vagar, pé-ante-pé!
Não lhe quebremos o sono,
p'ra não se acordar o dono,
que pode ser mais ruim
ainda do que o mastim!
Posto só fique em latidos,
nada ganhamos, de-certo,
em estar o bicho desperto,
ou em sermos pressentidos,
embora não pretendamos,
nem a êle, nem aos amos,
causar dano ou prejuizo.
Não é útil, nem preciso!
Coisa muito assemelhada,
mexer em água estagnada,
que pareça adormecida.

Se à água, assim remexida,
se revolve o fundo todo,
nem mesmo a que está no cimo
se aproveita: é vasa e limo...
Sobe à superfície o lodo.
E depois, olhaia-a, vêde:
não serve para beber,
nem pode matar a sêde,
tão suja e turva há-de ser!

Corra branda, em estreito rêgo,
ou estagne-se em charqueirão,
deixai a água em sossêgo!
E deixai também o cão!

Em paz, em crédito, em bens,
muito melhor te governas,
se não açulas os cães
de quatro... ou de duas pernas.
E êstes são, principalmente,
os que mordem mais na gente...

XVI

Quem boa cama faz,
nela se deitará,
e dormirá em paz.

Este ditado quere
dizer que bem fará
quem a vida aprestar
para o que der e vier...

Mas como adivinhar
— tão vaga e incerta e vã
é a hora por vir! —

onde se irá dormir
no dia de amanhã?
Em mísero grabato?
Em leito de aparato?

Em berço de oiro viste
quem morrerá em palhas...
Que vezes as medalhas
mostram reverso triste!

*

Quem bôa cama faz,
nela se deitará.
E como acordará,
se é tudo tão falaz?
Mal ou bem? Posto seja
como algodão em rama,
fôfa e macia a cama,
talvez nem sempre esteja
tão bem, ao levantar-se,
como a viu, ao deitar-se...

— *Quem com os cães se lança,*
com pulgas se levanta;
— *Quem dorme com criança,*
acorda... pouco asseado!

Ninguém de tal se espanta,
porque é a condição
de quem se haja deitado
alguma vez ao lado
de criança ou de cão.

Mal passa noite ou dia,
se é má a companhia.

*

Quem má a faz,
nela jaz!
Se a não deixou bem feita,
e em *maus lençois* se deita,
há-de torcer a orelha!

Êsse infeliz semelha
o que em colchão de arminhos,
ou de suaves penas
em que se ocultam espinhos,
se deixou embalar
com cantigas apenas
que não são de fiar...

Vê rosas nas ortigas
quem se fie em cantigas!

XVII

Quem com farelos se mistura,
porcos o comem.

Ninguém apouque a própria altura
tanto, que o tomem
por de craveira ou de estatura
indignas de homem.

Quem se mal preze e se relaxe,
quem a si mesmo até se taxe
em muito menos do que valha,
em vez de grão,
tel-o-ão por palha,
e hão-de apontar-lhe como igualha
o corpo vil de algum anão.

*

O que se abaixa faz carcunda.
Frase plebeia, mas profunda!

O que se humilha e se amesquinha
é qual farinha
que por farelos quere passar-se.
Com tal disfarce,
anda no risco
de ir para o cisco,
e, em vez de apenas se usar dela
no pão mais fino,
dar-se, por sêmeas, na gamela,
a algum suíno!

O que de mais se faz somenos,
não será tido por alguém,
nem para o mal, nem para o bem,
e, em suas falas ou acenos,
não passará dum *João Ninguém.*

Enfada e enjoa
o que, sem mérito, se emproa,
e, sem valor, de mais se ufana.
Aos toleirões de-certo engana,
mas aos espertos não ilude
o que, puxando-se à substância,
é só farinha na jactância
e só farelo na virtude.

Tanto é vergonha o envilecer-se,
como é ridículo o fazer-se
parlapatão,
balofo e ôco, inchado e vão,
de falsos títulos gabando-se,
tal qual as gralhas enfeitando-se
de lindas penas de pavão!

XVIII

Quem com ferro matou, com ferro morre.

Junto ao médico enfêrmo um outro acorre
a prescrever-lhe o vasto formulário
que, em vários *recipes,* lhe veio à ideia,
e que, pela melhor farmacopeia,
avia o boticário.
Sôlto o final suspiro da agonia,
vence a Morte ao colega que o socorre.
E, lendo atentamente o receituário,
disse alguém que o adágio parodia:
— Quem com drogas matou, com drogas morre!

*

Com ferro mata?
Com ferro morre!

Quem tal discorre,
vinga e resgata
a acção ruim,
dando ao culpado
o mesmo fim
do vitimado.

Diz, inclemente:
— *Olho por ôlho!*
dente por dente!

Cai noutro escolho
quem tal intente.
Não se redime
crime com crime.

Vota e condena
à dura pena
de Talião,
à mesma sorte
e expiação,
o autor da morte
a ferro feita.
Outra lição
a sã moral
proclama e aceita:
— *Quem faz o mal,*
colhe outro tal.
Em si reune,
corrige e pune
todos os vícios
— do vinho ao jôgo —
e os malefícios
do homem mau
que a ferro ou fogo,
com pedra ou pau,
corda ou veneno,
crime pratica
grande ou pequeno.
É o que o adágio
mui claro indica
neste presságio:
— *O que mal quere,*
por mal espere!

Ditado antigo:
— *Quem haja as feitas,*
haja as suspeitas...
e haja o castigo!

— *Onde as farás,*
as pagarás!

XIX

A quem deixa caminhos por atalhos
não lhe faltam trabalhos.

É isto sempre, e em tudo:
nos lances mais difíceis da existência,
nos problemas do estudo,
nos casos intrincados de consciência,
logo que um torto itinerário faz
que voltemos atrás,
perdendo-se a tarefa e as passadas,
por terem sido erradas.

*

— *Não há atalho*
sem trabalho.
O inverso de quem diz:
— *Caminha pela estrada*
e encontrarás poisada!
Pois o infeliz
que trilha córrego, ou pedrenta quelha,
raro achará choupana ou casa velha
que o preserve do frio ou sol ardente.

Ninguém se embrenhe no meandro escuro
que o abismo contorna!
Olhemos bem à frente,
— à frente, e ao futuro!
Quem adiante não olha atrás se torna...
Em tudo, pois, na vida
antes de entrares, pensa na saída!

XX

Quem espera por sapatos de defunto,
passa a vida descalço.

É certo êste percalço
no que se fia em pé-de-meia junto,
não por si próprio, mas por outra gente,
que, se faz testamento,
é só para tormento
de íntimo amigo, ou próximo parente.
Pois quanto mais ao presuntivo herdeiro
promete não viver,
mais teima em não morrer,
em não largar-lhe prédios, nem dinheiro.
Morte desejada,
vida prolongada!

É freqüente que a mão do que testou,
— a mão que o contemplado
cria já de finado —
fêche o caixão de quem imaginou,
numa ilusória esperança,
achar-se um dia fruidor da herança,
e, como tal, a pôr em si os fatos,
e a calçar-se com botas e sapatos
do *defunto*... que vivo cá ficou
— tenaz retardatário! —
a responsar a alma ao legatário
que ao túmulo baixou!

Nisto de andar à espera do calçado
de quem traz o seu fim há muito esperado,
mas, só tarde, o viver dará por findo,
há sempre êste receio:
depois de muito usado,
todo o sapato lindo
dá em chinelo feio...

Quem espera mão alheia,
mal janta, pior ceia.

Sentença sábia e justa:
— *Pão alheio, caro custa!*

XXI

Quem má cama faz,
nela jaz,

Sim! Mas para um fim servirá,
mesmo embora má,
uma enxêrga assim
— ou por mal enchida,
ou por mal batida —
como a do anexim.

Quando na gente
o mal redobra
e a dor rebrama,
quando, impotente,
geme e sossobra,
chora na cama
que é lugar quente.

XXII

Quem muito escolhe, pouco acerta.

Quem a vontade tem incerta
e em tudo é mau de contentar,
— porque *a quem derem que escolher,*
dão que entender —
a vida passa a hesitar,
com o temor de se iludir,
sem, afinal, se decidir,
sempre a buscar, sem acertar!

Ou no que tome,
ou no que deixe,
difícil é de resolver.
Porque até mesmo, se tem fome,
nunca é bem carne nem bem peixe
o que lhe lembra p'ra comer!

Em situação que seja irmã
da do animal de Buridan
— com tanta gana como sêde —
qual destas mata mais asinha?
Ninguém decifra essa adivinha!

Posto entre a espada e a parede,
ou *entre a cruz e a caldeirinha,*
a cada impulso, a cada anseio,
susta-o a peia dum enleio.
E, se algum dia, enfim, se vê
ante o dilema de Musset
— deve uma porta estar
ou bem aberta, ou bem fechada —
há-de a deixar
só encostada...
P'ra mal entrar
e mal sair,
jàmais, de todo, a há-de abrir,
nem ter cuidado em a cerrar...

XXIII

Quem não aparece, esquece.

Mas quem de mais aparece,
tanto lembra que aborrece!

Aonde te querem muito
não vás a miude! O intuito
dêste aviso é o do ditado:
— *Antes desejado*
do que aborrecido!
Antes deixemos ficar,
na lembrança e no sentido
dos de quem nos apartemos,
não enfado, mas pezar
de inda mais tempo não estarmos.
E, quando nos separemos,
que nos peçam p'ra voltarmos
hospedeiros que não sejam
daqueles que só desejam
ver-nos, sim... mas pelas costas!

No momento de partires,
nada mais grato que ouvires
dizer a alguém de quem gostas,
e cuja alma fica em trevas
— tal qual a tua também,
das mil saudades que levas —
— *Quem fica, saudades tem!*

XXIV

Quem não deve, não teme.

Quem conduz para o bem
da sua vida o leme,
e rumo tal mantém,
sem sobressalto ou mêdo,
sempre à bússola atento,
chegará tarde ou cedo,
a porto e salvamento.
Mas, se *teme,* ou se *deve,*
se algum perigo ou escolho
perto pressente, breve

se vir as barbas do vizinho a arder,
ponha as suas de môlho,
a fim de contra o fogo as precaver.
Acautele-se, pois, não lhe aconteça
que — tal qual sucedeu na vizinhança —
sôbre a sua cabeça
um crime caia, ou caia uma vingança

XXV

Quem não marralha,
não junta palha.

E *não manduca*
quem não trabuca.
— Quem não trabalha
não amealha.

Eis porque um principe antigo
ao pretender emendar
um beberrão mandrião,
sentenciou como castigo:
— *Não beba quem não suar!*

E o dito fez-se berbão.

XXVI

Quem não mede a altura,
mede a sepultura.

Quem pouco subir
acima da terra,
se vier a cair,
no chão não se enterra,
nem há-de sofrer
azar de temer.
Mas, se ergue tão alto
seu vôo, como ave
que afronta os espaços,
bem pode, num salto,
a queda ser grave,
deixando-o em pedaços.

Quem muito alto vai,
de muito alto cai.

Também quem não mede
o que há de impossível
no seu fantasiar,
o quanto êste excede
as regras e o nível
dum justo aspirar,
verá como saiem,
por fim, malogrados,
no alcance e no rumo,
e um dia se esvaiem
ideais arrojados,
mais vagos que o fumo.

*

Alça-te a ambição?
Vens por ela ao chão!

...E num chão deserto
ou — melhor — coberto
só de desenganos,
só de realidades,
breve tombarão
insensatos planos,
frívolas vaidades,
sonhos de ilusão!

De grande subida,
é grande a caída...

XXVII

Quem não tem manha,
morre no ar,
como uma aranha.

Falso falar!
Nunca desperta
a aranha esperta,
que não descansa,
essa lembrança
do ingénuo e tolo
que vá no enrôlo
do ardil ou trama
que, mal ou bem,
lhe teça alguém.
Injusta fama!

Sagaz, manhosa,
quando se mêta
mais cautelosa
nalguma grêta,
quando ali surde,
é, em surdina,
que a rêde fina
prepara e urde.
E é ver então
de que feição
se adapta e ajeita,
subtil, astuta,
à nesga estreita
da qual espreita,
e onde labuta,
e aperta e enleia
a leve teia.

A abelha-mestra
não é tão destra
na sua colmeia,
nem a formiga
é tão rabiga!

Obra da fada
mais engenhosa,
mais delicada
e habilidosa,
que bem que fica
a ténue malha!

Com que certeza
ela a fabrica!
Como a trabalha
com ligeireza!
Como a suspende
no ar, e a estende
de canto a canto!
O dúctil manto
que bem que o acaba,
a ponto e ponto
da sua baba!

Posto em confronto,
qual é o artista,
o mestre em renda,
em gaze ou tule,
que, à sua vista,
não se lhe renda,
não capitule!

Pelas paredes,
sôbre as janelas
lançando as rêdes,
quais bambinelas,
prêsa dos tetos,
assim apanha
a activa aranha
os mil insectos
do seu sustento.
E entanto segue,
de olhar atento,
nota e vigia
quem a persegue,
ou quem lhe espia
o moirejar,
sempre que fia
no seu tear.

E há que lembrar
essa proesa,
que da braveza
dá os quilates,
de se juntarem,
com fúria e sanha,
sete alfaiates
para matarem
só uma aranha!

E não ficarem,
em tal façanha,
por triunfantes
os atacantes!

Tanto o capricho
de pôr-se à caça
do arteiro bicho,
por fim não passa
de asneira crassa,
que é voz corrente
dizer dum ente
néscio, insensato,
que não tem manhas,
nem senso ou tato,
que *anda às aranhas!*

Como também
anda (diz-se) *em*
palpos de aranha,
quem se emmaranha
e vê a braços
com embaraços
que a sorte cria.

O tal ditado
ajuiza errado!

Melhor diria:
— Quem não tem manha
morre e esperneia
qual môsca em teia
que tece a aranha.
Na môsca, sim,
que bem se apanha,
êsse anexim
bate no alvo!
Qualquer a papa.
Porque não escapa
mêsmo ao papalvo
de juizo obtuso,
ingénua fé
e vistas fôscas,
a êste é de uso
chamar-lhe até
um *papa-môscas...*

XXVIII

Quem não tem ofício, não tem benefício.

Vida mal vivida
a de quem vadia
e anda, noite e dia,
numa bôa-vida
que é a pior que há.
Porque esquècerá
a lição sabida:
— *Donde o abade canta,*
de aí janta.

Não faz sacrifícios,
não tem benefícios.

Bom caminho adianta
quem, porém, trabalha
por juntar fortuna,
pôsto, quando a reuna,
quando suba e valha
muito mais que os mais,
com a inveja conte
dos que são rivais,
dos que humilhe e afronte
seu labor propício.
Raro em mesteirais
de mesteres iguais,
não domina o vício
dêste sestro antigo:
— *Quem teu inimigo?*
— *O do teu ofício!*

Mas de mais não faças,
p'ra que mal não juízem!
— *Sete ofícios* (dizem)
catorze desgraças!

XXIX

Quem não tiver padrinho morre moiro.

Não terá quem o leve à benta pia
e o ajude a ser cristão.

Um bom padrinho é como um bom tesoiro!
Não tem menor valia,
nem seus serviços menos úteis são,
se, em vez de se tratar de baptizado,
o seu préstimo foi para o afilhado
gànhar riqueza, fama, posição.
E, se o patrono é o próprio Deus, atento
a bem fazer-lhe, por seguro tenha:
— *A quem Deus queira bem, até o vento*
lhe apanha a lenha!

XXX

Quem o alheio veste, na praça o despe.

Quem a tal ditado
pouca fé empreste,
e o sobrôlho encrespe
meio desconfiado
de ser falso e incerto,
mostrará que é esperto
nessa suspeição.

Porque o dito falha.
Porque há muita gralha
que só de pavão
com penas se enfeita,
e toda a sua vida
a passa vestida
com plumas, que ajeita,
com tal artimanha,
que até nem lhe ganha
o lindo faisão!

*

Fará um vistão
a crassa ignorância,
se, com petulância,
se vai socorrer
do alheio saber,
e o ocioso paspalho,
se logra ocultar,
com estranho trabalho,
o seu preguiçar.

E muito burlão
desmente o rifão,
por nunca despir,
na rua ou na praça,
o ardil ou negaça
com que ande a fingir
ser seu o alheio
e lindo o que é feio,
com tal aparência
de santo em virtude,
ou mestre em sciência,
que a todos ilude.

Tais gralhas matreiras
cobertas de plumas
vistosas, nenhumas
das quais verdadeiras,
andamos no mundo,
por todos os lados,
topando enjoados
de tédio profundo.

Mas quem pretender
na praça não ser
um dia despido
do trajo temido
que traga emprestado,
e com que aparente
ser fera, e não gente,
que tome cuidado
em não simular
instintos ferozes,
aspectos nem vozes
de tigre ou jaguar!
Pois pode arriscar-se
a êsse disfarce
não ser descoberto,
e a ver-se monteado,
supondo-lhe certo
o que é fabulado.

É o caso de quem
a pele vestir
de lobo a fingir:
adrega também
o darem-lhe a morte;
sujeita-se a ter
o fim ou a sorte
do lobo a valer!

XXXI

Quem o inimigo poupa,
ás mãos lhe morre.

Quem tal discorre,
atira, à queima-roupa,
sôbre o inimigo seu,
porque assim se desforre
do mal que recebeu.
Ódio velho não cansa!
Ou fere, cara a cara,
ou espera, à falsa fé,
matando, por vingança,
alguém que o afrontara.

Outras vezes, até
mata por cobardia,
e não por valentia,
ou por coragem ter:
mata, p'ra não morrer!

Não atende a que nós
devemos recordar
que é de cristão calar
dentro do peito a voz
dos ódios e rancores.

A Deus — Senhor e Pai —
em oração, bradamos,
contritos pecadores:
— «As dívidas perdoai,
como nós perdoamos,
aos nossos devedores!»

E porque é isto
que ensina a lei de Cristo,
lembrai o *Padre-nosso,*
se o inimigo vosso
vos causar tentação!
E do mau devedor
tornai-vos bom crèdor
— crèdor de gratidão,
e não de desamor.

Mas, nêsse nobre intento,
não se esqueça jàmais
que é mau o que é de mais,
e que há um mandamento
para seguir, atento,
por norma em casos tais:
— *Perdoar, uma vez,*
e não três!

XXXII

Quem quere, vai; quem não quere, manda.

Em negócios ou demanda,
nunca nos deve convir
mandarmos procurador
onde nós podemos ir.
Pois, seja em que caso fôr,
não cava de coração
senão o dono do furão...

Mandatário desleal,
pouco fiel e prestante
segue esta falsa moral,
no que respeita ao mandante:

— Por fazenda alheia
ninguém perca a ceia!

O que o seu não olha à tôa,
quando quere, vai em pessoa.
Pois é de cabeça tonta
— tonta ouôca —
não ter na devida conta
esta regra salutar:
— Quem tem bôca,
não manda a outro assoprar.

Manda e faz,
servido serás!

XXXIII

Quem se empena sem ter pena, depois se depena.

Mas pena tão justa
nem sempre se expia.
Nem sempre o emplumado
dos outros à custa
— tal qual merecia —
se vê depenado.

Nem sempre quem veste
o que outrem lhe empreste,
ou doutrem não veio,
por lícito meio,
cair-lhe na mão,
nem sempre o burlão
que impávido passa
coberto e enroupado
com fato usurpado,
o despe na praça...

XXXIV

Quem semeia ventos, colhe tempestades.

De ruins intentos
só virão ruindades.

Os maus feitos trazem
aos que assim procedem,
penas que se medem
pelo mal que fazem,
quando o não excedem!

*

Com prudentes olhos
quem mal faça olhe
que só *espinhos colhe*
quem semeia abrolhos.

XXXV

Quem se vestir de ruim pano, veste-se duas vezes ao ano.

O que não queira que a despeza
inda redobre em quantidade,
não deve nunca à barateza
sacrificar a qualidade.

A homem pobre
pano bom, cântaro de cobre.
Barato e bom, é caso raro,
e *o mau, por todo o preço, é caro.*
O que nos dão de mão beijada,
ou pouco vale, ou não vale nada.
Negai-o logo, recusai-o!

De ruim pano, ruim saio...

Não está sujeito a desengano
quem fôr à máxima fiel:
— *Mais vale um palmo de bom pano*
que nove ou dez de mau burel.

Bem pode ter um tal ditado
sentido real ou figurado,
restrito à hipótese do fato
de breve e curta duração,
ou dum alcance muito lato
e de muito outra aplicação.

Daquele adágio à semelhança,
cumpre ter isto na lembrança:
nem por lhe darem de barato
mais carinhoso e amável trato,
ou lhe outorgarem prontamente
nome de amigo, deve alguém
acreditar que não lhe mente
quem lhe disser que lhe quere bem.

Sempre é melhor primeiramente,
p'ra não mudar, no mesmo ano,
nem de amizades, nem de pano,
ver se o que ofertam tem defeito
— seja fazenda ou afeição —
se qualquer delas é ou não
p'ra lhe dar honra ou dar proveito.
E sempre deve preferir-se
menos beleza e mais bondade,
se o belo ao bem não pode unir-se,
com harmonia ou igualdade.

Em quanto de útil se procure,
busque-se, pois, o que mais dure,
o que mais possa resistir
à acção do tempo que passar
— ou estôfo bom para vestir,
ou alma bôa para amar!
E com pessoa ou com tecido,
haja cautela, haja sentido,
e *não se queixe do engano*
quem, pela amostra, compra o pano!

XXXVI

Quem tem capa
logo escapa.

É o que vale
para o pobre,
que se cobre
pouco e mal.
E prefere-a,
na miséria,
ao sendal
que usa o nobre,
pois a capa
sempre encobre,
sempre tapa
seus andrajos
— sujos trapos,
velhos trajos
em farrapos.

*

Mas, sob a capa
— *quanto mais rôta,*
mais marôta —
que o uso rapa
e os anos coçam,
talvez se possam
velar até,
até esconder
feias acções,
quando ela é
qual dizem ser
as dos ladrões...

Logo que o fisco
dormite ou faça
mais grossa a vista,
com menos risco
nela se passa,
frustrando a pista,
de quando em quando,
muito à socapa,
o contrabando.

Diz um velho anexim
que, em pondo a capa,
o espírito ruim
com uma ponta tapa
e com outra destapa
o feito mau que, ao cabo,
a descobrir-se vem.
Diabruras de quem tem,
e bem não esconde nunca,
cornos e rabo,
pé de fauno e unha adunca
— coisas do diabo!

XXXVII

Quem vai ao vento,
perde o assento.

Quer êste seja
o ansiado poiso
que se deseja
para repoiso
de longa viagem,
quer a paragem
de dilecção
que, num recanto
do coração,
nos guarde alguém
— nosso almo encanto —
é bom lembrar
que *quem está bem*
deixa-se estar.

Pessoa amada,
se a alma sente
abandonada
da estima e afago
dum outro ente,
freqüentemente
dará o pago
ao que ande ausente
do seu sentido.
E o arredio
que, arrependido,
seu desvario
ou devaneio
houver por findo,
e tiver vindo,
em novo anseio,
para afaga-la
com mais ardor,
há-de encontrá-la
talvez rendida
a outro amor!
De zelos feito?
Paixão nascida
só do despeito?
Que importará!
Raro será
que inda no peito
do Bem dilecto
viva e subsista
o mesmo afecto.
Longe da vista ...

Quem vai ao ar,
perde o lugar!

XXXVIII

No sofrer e no abster,
é que está todo o vencer.

Dito sagaz e discreto
do velho estoico Epicteto!

Sofre de mêdo — hás-de ver! —
quem tem mêdo de sofrer.
E triunfa, sem prazer,
quem, sem risco, triunfar.

Faça a cota da sentença
o insigne D. João Manoel
— fidalgo mui singular,
cuja profunda sabença
tem o seu espelho fiel
na salomónica fala,
por glosa, aqui trasladada:

«Ouve, vê e cala,
«viverás vida folgada!
«Tua porta cerrarás,
«teu vizinho louvarás,
«quanto podes, não farás,
«quanto sabes, não dirás,
«quanto vês, não julgarás,
«quanto ouves, não crerás,
«se queres viver em paz.»

Audi, vide, tace,
si vis vivere in pace!

Boa fama grangeia
quem não diz mal da vida alheia.

É ver, ouvir... e calar
o que — a ver e ouvir — souberes!
Lembra a quadra popular:
«Ó meu amor, se quiseres,
«toda a vida, viver bem,
«hás-de ouvir, hás-de calar,
não dizer mal de ninguém!»

DIZERES ALEGÓRICOS

I

Com águas passadas não moem moínhos.

Prolóquio de ingratos, de instintos daninhos,
dos que *entram lambendo*
e saiem mordendo,
de pronto olvidando favores pretéritos,
mas, quanto aos futuros
— e nisto sómente consistem seus méritos —
por vários condutos, ou claros ou escuros,
buscando lográ-los, na ânsia irrequieta
de alguém a quem tarda acercar-se da meta,
e, afim de a alcançar,
não é para trás,
mas sim para ávante, que lança o olhar
intrépido e audaz!

Egoistas ferozes, adoram o sol,
ao vê-lo, glorioso, raiar do nascente,
apenas desponta num fulvo arrebol,
mas viram-lhe as costas, á hora do poente,
mal que êle se afunda, na sombra encoberto.

São dúbios amigos que nunca vês perto
nos passos difíceis. Se já não tens nada
em préstimo e bens,
evitam-te, e fogem de ti, como cães
que passam por vinha que foi vindimada.

No exposto, contudo, não há novidade:
já era verdade
de nossos avós
provada e sabida, que rodas e mós,
sem veio corrente, com água corrida,
com idas levadas,
quais corpos dormentes, se quedam paradas,
sem fôrça nem vida.

Com águas passadas não moem moínhos.

E' isto que sempre com águas sucede:
correram... passaram... Jámais retrocede,
nem anda e desanda, nos mesmos caminhos,
a mesma torrente.

Provérbio daquele que aos tempos doutróra,
brilhantes e aureos, prefere o presente,
prefere os de agora,
por muito que sejam sem fé nem grandeza,
se acaso lhe trazem fortuna e riqueza;
e ás velhas façanhas, aos ínclitos feitos,
ás fúlgidas glórias
dá menos aprêço que a outras vitórias
— embora sem honra — de fartos proveitos.

A água passada
não move o moínho.

Pois nunca a levada,
em seu torvelinho,
mais que uma vez só
se vê desaguar
na roda da mó
que impulsa, ao jorrar.

Sentença de quem
— se já se sumiu
a estrêla de alguém
a que antes serviu
de dorso curvado —
àquele que vem
de novo surgindo
acorre esbofado,
e, assim que o enxerga
em honras subindo,
o adula e corteja,
e ante êle se verga,
à pressa fugindo
do outro que veja
caído em desgraça.

Porque é dos de raça
de só aclamar,
com voz de estentor,
a quem triunfar,
ao chefe que incense,
seja êle quem fôr,
saúda, a gritar:
— Que *viva quem vence!*

Não moi o moinho com água passada.

Conceito que teve, na frase gabada
dum grande ministro
famoso e execrando,
glorioso e sinistro
— imagem do *posso*, do *quero* e do *mando* —
versão e traslado dos mais expressivos:

— *Enterrem os mortos, e cuidem dos vivos!*

Dizer lapidar,
que mais, todavia,
não era eloqüente, no duro falar,
nem mais exprimia
que o adágio, da era de avós afonsinhos:
— *Com águas passadas não moem moinhos.*

Um homem dessarte fadado p'ra a luta,
que, alheio a princípios e a escolha de meios,
só põe seus anseios
nos fins alvejados, que espreita e prescruta,
em nada se importa com lebre corrida,
e dá-se-lhe pouco de quanto lá vai!
Aclama o que sobe; despreza-o, se cai;
desdenha defuntos; só vive p'ra a vida!

No entanto, se há mortos de quem todos calam
ou sua modéstia, ou seus desatinos,
há outros que ainda nos vêem e falam,
que ainda nos guiam por entre os escolhos,
que ainda conduzem os nossos destinos.
Os mortos, aos vivos, lhes abrem os olhos!

II

A asno morto, cevada ao rabo!

Dar-lhe comida,
trato, confôrto,
se, quase ao cabo
da negra vida,
nada fará
com que o jumento
recobre o alento
perdido já,
é uma receita
que, por tardia,
não aproveita.
E, todavia,
pensado a horas,
talvez lograsse
prontas melhoras,
e do seu mal
inda escapasse.
Pobre animal!
Se a triste sorte
o põe à morte,
quem lhe dá fava,
em vez da palha
que antes lhe dava,
quem o vitualha
de feno ou grão,
socorre-o em vão.

A bêsta morta
levar ração,
é regar horta
murcha e mirrada.
Casa roubada,
trancas na porta!

Também de quando se dê
póstuma graça ou mercê,
o Tolentino dizia,
com reflexão acertada:
«De que serve honra tardia?
«Bem sei que o rifão é torto,
«mas faz lembrar a cevada
«que se deu a asno morto.»

III

Baixam as cadeiras, sobem as tripeças.

Dão-se trocas dessas
— míseras trapeiras
trocam-se, no espaço
curto de momentos,
pelos aposentos
de faustoso paço,
e, do mais rasteiro,
ao mais alto posto
do rival deposto,
sobe o aventureiro —
sempre que o azar
duma luta faz
que ao melhor lugar,
à melhor prebenda
que — por mais capaz —
disfrutava alguém,
logo presto ascenda
— só por mais audaz —
um qualquer ninguém,
sem valor primaz,
nem direito hierárquico.

Dão-se tais mudanças
de usos, leis, moral,
se o furor anárquico
do ódio e das vinganças
ruge, em vendaval,
sôbre uma nação!
A transmutação
faz-se de maneira,
que se vê de-pressa
como os de *tripeça*
falam *de cadeira!*

E', em tudo, novo,
outro, por completo,
de aparência e aspecto,
o cariz dum povo.

Os guindados descem,
e os minguados crescem,
se há epilépsias
que das fidalguias
doutro tempo herdadas,
ou das conquistadas
por esfôrço ingente,
indistintamente
aspam os brasões;
ou, num brusco salto,
quebram tradições,
e, de baixo ao alto,
tudo, enfim, subvertem
— mando, autoridade,
predomínio, glória!

Disto nos advertem,
com atroz verdade,
as lições da história.
Vem-nos à lembrança
o que foi em França,
quando do Terror;
quando, com furor,
dementada grei
leva à morte um rei
por mercê divina,
e a raínha arrasta,
de orgulhosa casta,
junto à guilhotina!
Ao Delfim, herdeiro
de aureo trono, dão
como carcereiro
o brutal Simão;
e do sapateiro,
a ralé possessa
firma a soez *tripeça,*
rude e altaneira,
onde de S. Luís,
súbito, a cadeira
com florões de lis,
sossobrara em escombros

Dos mais nobres ombros
caiem esfarrapados,
nesses torvelinhos,
mantos recamados,
púrpuras, arminhos...

Se o embater de ideias
lança a terra os sólios,
vencem as Tarpeias
sôbre os Capitólios.

*

Abatem os muros, crescem os monturos.

Quando a igreja alui,
ou o alcácer rui,
não se enxerga nada
mais que poeirada
e montões de entulho.
Quase cega a vista!
É será então
que, a impar de orgulho,
se o poder conquista,
o pior vilão
— como poeira sôlta
que se ergueu revôlta —
trepa a cidadão!

Sórdido lacaio
alça-se a pação,
com escudeiro e aio
para seu serviço;
e — já cortezã —
larga a barregã,
môça de eguariço,
a poída saia,
pela seda ou lhama
do vestido à laia
dos de nobre dama!

Sempre que os mais vis
por instinto ou raça
— feras de covís,
frutos da desgraça —
cantem a vitória,
reinará a escória
— não aquela gente
de trabalho honrado
que vergonha sente
de que um scelerado
diga ser-lhe igual,
e a assemelhe a quem,
invocando o bem,
só pratica o mal,
assaltando lares,
conspurcando templos,
profanando altares!

Mostram tais exemplos
que são mais tiranos
que os depostos reis,
êsses soberanos
em que o ódio estua
— déspotas sem leis,
que entroniza a rua!

Quando abatem muros
crescem os monturos...

Postas às avessas
normas e craveiras,
baixam as cadeiras,
sobem as tripeças...

IV

Pela bôca morre o peixe.

Quem, trazendo-a sempre aberta,
não reprima os seus dislates
— e até deixe,
porque bem a não aperta,
que, à pesca dos disparates,
lhe metam lá dentro um feixe
de bons anzois — não se queixe!

Diz-se que *em bôca fechada*
não entra môsca. Pois bem!
Se numa bôca cerrada
a môsca não tem entrada,
o que não queira também
às parvoíces dar saída,
logra o mesmo resultado,
se, tomando igual medida,
andar de bico calado.

Não há sentença mais certa,
nem lição mais verdadeira:
do tolo p'la bôca aberta
entra môsca, ou sai asneira.
Feche, portanto, o buraco
que às duas serve de trilho!
Na bôca do saco
é que está o atilho...

V

Boi sôlto lambe-se todo.

Isto diz, e com verdade,
o que se enleva no engôdo
de viver em liberdade,
trocando por êste dom
tudo que tenha de bom.
O boi metido ao arado,
ou de canga no cachaço,
por mais linda e enfeitada,
nunca se lambe a seu grado,
nem marca, a seu gôsto, o passo,
ande em alqueive ou em estrada.
Muge, sentindo no coiro
as puas dos aguilhões:
— *Arrenego de grilhões,*
ainda que sejam de oiro!

Lembra a fábula dos cães:
o do rico, a disfrutar,
com luxo, mas prisioneiro,
todos os gozos e bens,
excepto o de à sôlta andar,
e o miserável rafeiro,
o pobre perro vàdio,
que vagueia à chuva e ao frio,
mas que, sem dono ou prisão,
não permuta a vida airada
pela escravidão doirada
do gordo e amimado cão.

— Antes sem eira, nem beira
(rosna o esfaimado molosso,
pela rua, à cata de osso)
que — em palácio — com coleira!
Ou como o rato diria:
— *Mais vale magro no mato,*
que gordo em papo de gato!

Porque é clara a analogia
que em tais casos se descobre,
êste adágio aqui aplico:
Antes filho de pobre,
que escravo de rico!

VI

Cada terra com seu uso,
cada roca com seu fuso.

Se o fuso mudam à roca,
nem se fia bem a estriga,
nem bem corre a maçaroca.
É já de experiência antiga:
perde o fiado com a troca.

Talqualmente se não deve,
incauto e de ânimo leve,
desdenhar ou afrontar
hábito ou uso vulgar
na gente com quem se viva.
Pode esta mostrar-se esquiva
e tratar de forma ingrata
quem não siga com respeito,
nem saiba inovar com jeito
tradições de velha data.
Com quem te achares,
com tal te afares!
Nada mais corrente e humano:
— *Em Roma, sêde romano!*

Os usos de cada terra
em que há-de viver alguém,
torne-os seus, e não terá
de andar com todos em guerra.
— *Esqueça de onde vem,*
cuidando de onde vá!
E, para evitar queixumes,
pelos costumes do povo
onde entre e esteja de novo,
regre logo os seus costumes!
— *Por onde vás,*
tal como vires, farás!

VII

Candeia que vai adiante,
alumia duas vezes.

Ao procurador prestante,
a qualquer dêsses frèguezes
que em nosso emprêgo tomamos
por serviçais andadores
— tal como lubrificamos
as máquinas e os motores —
sempre será de vantagem
deitar-lhe óleo na engrenagem...
Muito mais, se fôr da raça
dos que põem a render
a obrigação e o dever,
e não os cumprem de graça.
E, se acaso tal fizermos,
há-de valer em dobrado
o pouco ou muito que dermos,
quando o demos adiantado!

Com pessoas de tal jeito,
gorgeta que vai adiante
— à candeia semelhante —
duas vezes faz efeito.
Que te sirva, pois, de ementa:
— *Quem unta, amolenta...*
Untando o carro a preceito,
é bom que o carreiro acuda
até à mais forte junta!
Quem seu carro unta,
seus bois ajuda.

*

— *Abre a tua bôlsa* (há quem diga)
abrirei a minha bôca.
Não é frase vaga e ôca,
mas usança muito antiga.
Toma, contudo, cuidado
com algum mal-entendido!
Quem paga adiantado,
não é bem servido...
Ao que exige — p'ra o ouvirem —
que, da bôlsa que lhe abrirem,
logo lhe adiantem dinheiro,
não lhe paguem sem primeiro
a fala ou canto soltar,
porque pode acontecer
o seu falar ou cantar
nenhuma paga valer.

— *Candeia que vai adiante*
alumia duas vezes.

Há-de assim dizer o amante
que, em longos ou curtos meses,
disfrutou o amor primeiro
que brotou no seio a alguém,
ao ver outrem, como herdeiro,
gozar o que foi seu bem.

Em afectos e carícias,
o melhor são as primícias,
visto que a fruta mordida,
ou já sorvada ou tocada,
de mexida e remexida,
não valerá quase nada.

Embora negue o rifão
que apressa o amanhecer
quem muito cedo se erguer
— para noutro coração
vir a *amanhecer* mais cedo —
muito convém madrugar...
Vai nisto, em parte, o segrêdo
ou arte de bem amar.
Sente-lhe o ardor duplicado
quem primeiro o fogo ateia
nalgum peito namorado.
Lembra o caso da candeia:
frouxa embora e vacilante,
é em dôbro que alumia,
e que da noite faz dia,
se, em vez de atrás, vai adiante.

VIII

Cântaro que vai muita vez à fonte,
lá deixa a asa ou a fronte.

Com tal desastre tanto mais se conte,
quanto mais fôr o aprêço ou estimação
da vasilha quebrada.
O ruim vaso não quebra. É do rifão!
E herva ruim não a queima a geada.

Do que a gente mais preza, é que o diabo
mais depressa dá cabo!

*

Tantas vezes vai o cântaro ao poço,
até que lá lhe fica o pescoço.

Adágio que se aplica
ao homem contumaz
que a tantos burla e tais maldades faz,
que um dia fica,
afinal, apanhado na armadilha,
colhido na ratoeira
onde caiem os falsos e os velhacos
— tal qual o cântaro, a infusa ou bilha,
que tantas vezes sai da cantareira,
que, duma delas, se fará em cacos!

IX

Casa de ferreiro, espêto de pau.

O bom sapateiro
com calçado mau;
ou o chapeleiro
com penante usado;
ou o joalheiro
tão desmazelado,
que só se embeleque
ou com pechisbeque,
ou com oiro eivado;
hábil alfaiate
rôto ou descosido;
destro calafate
que se mete em barco
mal apercebido;
rico, enfim, tão parco
em gastar seus cobres,
que nem mesmo pobres
mui necessitados
hão-de ao seu dinheiro
ser tão agarrados;
lembram o facêto
caso do ferreiro
que, no próprio lar,
usa como espêto
aguçado pau...

Nada mais vulgar!
Mestre, com seu grau
de ínclito legista,
mostra-se, em demanda,
fraco demandista,
se no pleito em que anda,
é parte e advogado.
Nunca se aquilate
médico afamado,
porque bem não trate
filho ou afilhado.
Quanto mais lhes toca
perto pela porta,
mais o casuísta
cinca e se equivoca,
mais a lide torta
sai ao bom jurista,
e sai gente morta
da perita mão
do cirurgião!

Pela mesma causa,
o prolóquio diz:
— *Ninguém é bom juiz*
em sua própria causa.

Casa de ferreiro,
o pior apeiro...

E' o contraste sabido
de que nos fala o ditado,
quanto ao pouco prevenido,
ou ao muito descuidado:
— *Alfaiate mal vestido,*
sapateiro mal calçado!

X

Da casa do gato não sai rato farto.

Mas, sim, se verá
da toca do rato,
com pança de parto
que próximo está,
o gato sair
cheiíssimo, à rasa,
depois de engulir
os donos da casa!
Pois donde bichana
sair a impar
da empanzinadela,
qualquer ratazana,
virá a chiar
— sem nada na goela —
de fome e de gana.

Quando é que da casa
do seu inimigo
alguém traz consigo
lembrança que apraza?
Dali não virá
nem cheio, nem grato.
Se farto voltar,
de-certo será
do péssimo trato
que lá lhe hão-de dar.

Se entrou dum manjar
à coca ou ao cheiro,
não ganha mais nada
que unhada ou dentada
do seu hospedeiro!
.....
Na loca do gato
definha-se o rato...
Ou não se definha,
se logo no papo
lhe cai, qual dòninha
na gorja do sapo.

XI

Cera sobeja queima a igreja.

Queima-a em gastos
de mau dispêndio,
bem mais nefastos
que um grande incêndio.
Há-de acabar
com o que houver,
quem só tirar
e não puser,
quem tudo esbanja
e vende e empenha,
e não arranja
donde lhe venha.
Escava e mina
a própria ruína,
quem quer que seja
que, no seu lar
ou sua igreja,
pense, ao gastar
p'ra fins terrenos
ou celestiais,
que *antes de mais*
do que de menos.
Dêste ditado
quem se utiliza
é o poupado
que economisa
seus cabedais,
crendo-os pequenos
— sempre *de menos,*
nunca *de mais.*

XII

Coelho roubado, orelhas de fora.

Se é gato, contudo,
o bicho pilhado,
ver-se-á, sem demora,
que o rabo peludo
— de tanto saído
que fica do saco,
da lura ou buraco
onde hajam metido
o incauto animal —
dá logo sinal
do mal cometido.

E' gato escondido
com rabo de fora!

Querem tais ditados
exprimir na sua,
que ao ladrão, embora
tenha mil cuidados,
quando com gazua,
ou com pé-de-cabra,
com valente ou pua,
portas doutrem abra
— quando faz trabalho
dos do seu mester —
lá virá qualquer
desavença ou ralho
de comadres, briga,
súbita querela
ou contenda antiga,
vinho tagarela
— claro ou vago indício
descobrir-lhe o feito,
por mais arte e jeito
que haja em seu ofício.

Ao fatal preceito
raro até se exime
êsse ou outro crime,
mesmo que não seja
o furtar de gato
cujo rabo ingrato
a acusá-lo esteja,
ou de coelho ou coelha
cuja longa orelha
traia o atentado.
Do demónio a capa,
que tapa dum lado,
do outro, destapa...

XIII

Cutelo mau corta o dedo, não corta o pau.

Tenham-lhe mêdo!
Cutelo tal
tem seu igual
no amigo ruím,
que é só capaz
de coisas más
e p'ra mau fim.
Dêle também
não virá bem!
E nada espanta
ver, quando alguém
já na garganta
sente o baraço
que em cadafalso
vai dar-lhe a morte,
que então o braço
do amigo falso
não vibre o corte
no estreito laço
do esparto grosso
que o algoz lhe deu,
mas no pescoço
do amigo seu!

XIV

Diz a caldeira à certã :
— Tir-te lá que me enfarruscas !

O que traz as mãos mais fuscas
e a consciência menos sã
e menos lavada e limpa,
é que se iguala, no bojo,
a uma caldeira que grimpa
contra a certã! Com arrôjo,
de orgulho e jactância impa,
ao dizer que sente nojo
de quem puras mostra as mãos
e mostra a alma também.

Diz o rôto ao nu:
— Porque não te vestes tu?

Sem princípios bons nem sãos,
sem virtudes — que as não tem! —
sem valor e autoridade
para acoimar com rigor
a alheia fragilidade,
assim se arvora em censor
do resto da humanidade!
Pois *ninguém, com dedo sujo,*
aponte faltas alheias!

Se eu sou ferro, e me enferrujo,
estranhar que não te asseias
lembra o caso corriqueiro
de tanto louco sandeu
ver no ôlho de outrem o argueiro,
sem ver a trave no seu!

XV

Dois galos em um poleiro,
dois pardais em uma espiga
não fazem liga.

Um do outro mau parceiro,
mau confrade e companheiro,
virão logo a pôr-se em briga,
à disputa e ao despique,
qual mais fero e desordeiro
no combate e no debique.

E que acontece depois?
Sucede que um... ou os dois,
por terra, enfim, cairão,
qual dêles mais desasado,
mais bicado e depenado,
em mais triste condição!

Pois os humanos mortais
para si o exemplo tomem
dos galos e dos pardais!...
Que, às vezes, os animais
dão bôas lições ao homem!

Amar e reinar
nunca dois a par!

E nem o *rei por natura,*
nem o *papa por ventura*
(que assim explica outro rifão,
quanto aos dois, qual a razão
da sua alta investidura)
quem use scetro ou tiara,
vista beca em tribunal,
ou empunhe austera vara
ou bastão de marechal,
quem traga insignia preclara,
quem haja, enfim, de ocupar
um trono, um sólio, um lugar
onde exerça império ou mando,
não deve jàmais cair
em, tais funções partilhando,
o seu poder repartir.

Porque as vozes de comando
— para bem as perceber
o que tenha de as cumprir —
não deverão nunca ser
dadas em côro ou dueto...
Tomariam tom faceto
bem pouco para acatar.
O mandar
não quere par.

XVI

Duro com duro,
não faz bom muro.

Nem o fará
mole com mole.
Ao chão virá
a maior mole
de arquitectura,
se à pedra dura
falta ou escasseia
a argamassa
— macia massa
de cal e areia.
Brando aviamento
e seixo duro
tornam seguro,
à chuva e ao vento,
o maior muro.

*

Assim na vida,
na ligação
um dia havida
entre dois génios
de igual feição,
quando homogéneos,
quer na dureza,
quer na moleza.

Ou causa atrítos
a mútua aspereza,
sempre em conflitos,
sempre à maneira,
uso e costume
da pederneira
com o fusil,
ferindo lume
no trato hostil;
ou, se o langor
lhes rouba a graça
e esfria o amor,
a vida passa
mortiça e lassa
— lembra o torpor
letal dum coma —
sem que um aroma
grato rescenda,
naquela alvar
monotonia
com que na agenda
vemos passar,
insulsa e fria
— quando se muda —
a folha muda
de cada dia!

XVII

Gato escaldado,
de água fria tem mêdo.

E' o burlesco arremêdo,
o dizer figurado
dum rifão que hás-de ouvir
muitas vezes citado:
— *Quem quere ver o porvir,*
olha o passado.

Tal qual queimado gato,
o nosso semelhante
com provas nos garante
que o prolóquio é exacto.
Só porque recordamos
erros de tempos idos,
os novos evitamos,
e males pressentidos,
longínquos, afastados,
inda a tempo arredamos,
do antigo mal lembrados.

Lição de previdência
que o incauto presente
recebe do pretérito,
e com que a experiência
— tornando o que é prudente
em cavidoso emérito —
dará profícuo ensino
ao homem já batido,
e ao matreiro felino
já escaldado e mordido.
Gato que a cobra morda
tem mêdo à corda...

XVIII

Grande nau, grande tormenta.

Na tormenta, o que há-de mau
diz o ditado que aumenta
com o tamanho da nau.

Tal qual a nave potente
que anda no mar aos baldões,
e cujo arcaboiço ingente
não vence a fúria aos tufões,
grande riqueza ganhada
é outra tanta perdida,
se um infortúnio da vida
o muito reduz a nada;
grande estadão de opulência,
ao golpe do azar adverso,
mostrará como reverso
largo assoalhar de indigência;
grandes castelos ameados,
palácios de quatro esquinas,
são, quando, enfim, derrubados,
montões enormes de ruínas;
e grande príncipe erguido
às culminâncias da glória
— quando do sólio caído —
pena cumpre expiatória,
tanto pior e mais dura,
quanto fôr maior a altura
do seu trono de realeza!

Mas bastas vezes não são,
nos de excelsa condição,
as dores de igual crueza
ás doutros que mais as sentem,
porque em bens sejam pequenos
e, de fortuna, somenos,
só em desditas aumentem.

O peito dum humildoso
mais se abre à angústia e se expande
que o de quem, faustoso e grande,
se mostre, em tudo, orgulhoso,
e a sorte iníqua também
olhe altivo e com desdém.

Grande nau, grande tormenta!
Tal como êste ensinamento,
fala certo o que acrescenta:
— Grande mal, grande tormento!
E, então: — *Para grandes males,*
grandes remédios! Destarte,
daqueles hás-de curar-te,
se é com êstes que lhes vales.

Mas os pobres não terão
com que, na sua aflição,
seus *grandes males* guareçam.
Hão-de ser mais desgraçados
do que os ricos que padeçam
os mesmíssimos cuidados.
Pois contra êstes não podem
usar dos *grandes remédios*
com que aos achaques e tédios
os abastados acodem.
Lágrimas com pão
passageiras são...
E' o *pão* medicamento
— e quem diz *pão,* diz dinheiro —
que aos de viver opulento
torna o sofrer mais ligeiro,
dando confôrto aos doridos.

Para à verdade o ajustar,
deve-se, pois, ao primeiro
dos prolóquios referidos,
o seu dizer emendar.
Na fúria do mar bravio,
resiste melhor à vaga
o vasto e forte navio
que o baixel que uma onda traga.

Que onde quer que o risco esteja,
na terra ou no mar que seja
— em paço ou choça de aldeia —
é qual fogo que se ateia
e, ao comêço, ninguém sabe
nem como, nem quando acabe.
Por pequena brasa
arde grande casa!

XIX

Um grão não enche o celeiro,
mas ajuda o companheiro.

Se, *a gota e gota,*
o mar se esgota,
assim também,
lágrima a lágrima, alguém
encherá tonel ou bilha,
grande ou pequena vasilha,
num fio de água da fonte.
Bago a bago, alça-se o monte!
Para arredar um empêço,
vencer distância, ou direito
vir a tornar um revesso
há que ser-se pertinaz,
e que ter paciência e jeito.
Sem tempo nada se faz!
— *Dar tempo ao tempo!* — é preceito
do que bem sabe teimar.
E, nêste, a fôrça é tamanha
que ergue ou alui a montanha,
atesta ou esvasia o mar!

Um grão não enche o celeiro,
mas ajuda o companheiro.

De igual cepa e de igual gôsto,
um mosto ajuda outro mosto.
Se entre os grãos nenhum é podre,
e a achega, de azêda e agre,
não torna o vinho em vinagre,
dentro da arca ou do odre,
não vai mal a companhia
que uns a outros se farão
— vinho ao vinho, e grão ao grão —
vivendo em grata harmonia,
no lagar ou na moega
— os vinhos na sua adega
e os grãos na tulha ou na mó.
Senão... *melhor é estar só*
do que mal acompanhado...

Antes ter um grão sósinho,
ou um só dedal de vinho
— se, com outro misturado,
se estraga e não se aproveita —
que meter em dorna ou moinho
frutos de vária colheita
bôa e má. Em toda a feita,
mais vale que se não acuda,
do que se dê má ajuda.

XX

O lôbo não mata o lôbo.

Nem bobo se ri de bobo,
nem o almocreve a almocreve,
nem o barqueiro a barqueiro
leva nada p'lo que leve.
De ferreiro p'ra ferreiro
não passa dinheiro.

Tudo isenção aparente!
Tudo apenas convenção,
desinteresse que mente!
Por ciume e emulação,
no fundo, querem-se mal,
tanto chacal a chacal,
como bufão a bufão,
como barqueiro a barqueiro,
como azemel a azemel,
como ferreiro a ferreiro.

Nem há censor mais cruel
que o confrade ou companheiro,
nem língua mais depravada
que a do sócio ou camarada
em sciência, arte ou mester. Disse-o
o autor dêste dito antigo:
—*Não há pior inimigo*
que o oficial do mesmo ofício.

XXI

Não é o mel p'ra bôca de asnos.

Por pouco fiel,
tal dito faz-nos
negar-lhe fé.
Raro não é
p'ra o asno o mel,
p'ra o esperto o fel.

Diz o ditado: — *Os santos aos parvos aparecem.*
Exemplos, há-os tantos,
que decerto não esquecem!

«Poeta com ventura,
«toleirão com desgraça»
é sorte insueta e escassa
que a todos se afigura
(já o notara Elmano)
ser sol de pouca dura
para o mortal humano.

Eis porque um poeta, os baldões
doutro faz assim lembrados:
«Os dentes do bom Camões
«sejam fieis testemunhas:
«muitas vezes, esfaimados,
«não acharam senão unhas!»

XXII

Não há fumo sem fogo.

E' tão certo o ditado,
como é ser mau costume
e perigoso jôgo
e folguedo arriscado,
o de brincar com lume.

Não há fumo sem fogo...
Nem, sem causa, há efeito.
E' o que o rifão traduz.

Mas diverge o conceito,
quando é diversa a luz
— se há fogo, e não há fumo.
Basta, em noite sem véu,
atento contemplar
o sintilante rumo
dum luzeiro do céu:
fulge, sem fumegar!

O que se dá com estrêlas,
com alguns olhos dá-se
de pupilas tão claras
que se diria, ao vê-las,
que iluminam a face
de certas lindas caras
com luz menos fugaz,
embora mais vivaz,
que o fulgor dos cometas.
Não tem fumo, entretanto,
êsse fogo, que é tanto
que humilha o dos planetas.
E, se em tais rostos há
tinta de treva, é essa
que nos encanta, e dá
— na sobrancelha espessa,
ou nas pestanas bastas,
ou na mancha graciosa,
ao de leve tocada,
dumas olheiras castas—
a visão vaporosa
duma sombra esfumada...

E já que o amor é chama
que, sempre que se inflama,
tem como fumo os zelos,
é licito supor
jámais poder havê-los
onde não haja amor.
Não há fumo sem lume,
nem, sem paixão, há ciume.

XXIII

Nem todo o branco é farinha.

Pode ser cré, ou ser cal...
Nem todo o mato é ourego...
Nem toda a coceira é tinha...
E, quer no bem, quer no mal,
só para o espírito cego
é que tudo se apresenta
como se fôsse tal qual
a aparência o representa.

Há muitos enganos de alma!
Nem sempre se enxerga bem,
sob uma atitude calma,
quanta paixão se contém!

Com astúcia ou artifício,
quanto, e a quantos, se ilude!
Passa a virtude por vício,
e o vício faz de virtude.

Nem sempre se há-de acertar
mau dizendo o de má cara,
ou néscio o de riso alvar.

Se o fingimento a mascara,
a que desvairos arrasta
a mulher de ruim casta
que por esta lei se pauta
— *Se não puderdes ser casta,*
pelo menos, sêde cauta!

XXIV

Nem tudo que luz é oiro.

Nem quanto brilha é diamante.
Só o exterior não garante
a riqueza dum tesoiro
que, aos olhos do ignorante,
pode fazer um vistão.

O pechisbeque e o latão
têm aureo aspecto, e de lata
muitas coisas se farão
que hão-de luzír como prata.

As joias, posto que belas,
nem sempre são de fiar:
servem muitas de ostentar
fortunas falsas como elas.
Das pérolas, hoje em dia,
nem já se sabe qual é
a bôa e a de fantasia!
A fingida é linda até
mais talvez que a natural!

Quanto, porém, a valia,
oiro é, o que oiro vale.

Pois com a gente é tal qual!
Nem todos que muito luzem,
neste seu brilho traduzem
talento ou valor real.
Anda em capa de letrado
muito asno disfarçado...

Vêem-se, a cada momento,
no bazófio ou gabarola,
por fora, cordas de viola,
por dentro, pão bolorento.

Mas longo tempo — verás! —
não se tem por forte o fraco,
nem por honrado o velhaco,
nem o poltrão por audaz,
nem tolo, a fingir de esperto,
põe a toleima a coberto,
nem deixará o vilão,
ao qual a fortuna, um dia,
meta uma vara na mão,
de mostrar a vilania.

Segue o prolóquio: — *E' bom ser*
o que se quere parecer.

XXV

Ninho feito, pêga morta.

Quem dêste dito se importa,
dando-lhe crédito e pêso
— por não vir a estar repêso,
nem chamar a si desgraça —
jámais a casa que faça
p'ra seu gôso ou moradia,
terá por completa e pronta.
Demora, afasta êsse dia!
Gasta sem medida ou conta;
faz, e desfaz, e renova,
p'ra a não dar por terminada.
Teme que a sorte mofina
o ninho converta em cova!
E não a deixa esquinada!
Casa de esquina,
morte ou ruína.

Reza sentença assisada:
— *A casa, a vinha e o potro*
faça-os outro!

XXVI

Ovelhas não são p'ra o mato.

Porque fica mais exacto,
acrescente-se ao ditado:
— *nem lôbos p'ra povoado.*

A ovelha, nos matagais,
a lã emmaranha e prende:
quanto aos lôbos e aos chacais,
qual deles bem se defende,
se descem aos povoados,
quando, em feroz montaria,
perseguidos, noite e dia,
são, dia e noite, acossados?

Eis a moral a colher:
viva o lôbo no alcantil
e a ovelha no seu redil
— cada qual onde nascer.

Assim como o rato
não quere ratoeira,
galinha do mato
não quere capoeira.
Puxa a cabra para o monte...
Não quere nenhum animal
jaula ou prisão que o afronte.
E' o que há mais natural.

*

Cada caça no seu coito,
cada mocho no seu soito!
Que é como quem diz também:
o que saír do seu meio
p'ra ir viver no alheio,
colhe mais mal do que bem.

Senta-te no teu lugar,
não te farão levantar!

XXVII

Pequeno machado
abate grande carvalho.

E com trabalho afincado,
alcança os fins almejados,
mesmo até quem seja falho
de muito altos predicados.

Se lhe dão à machadada,
o ferro embota a machada,
não se parte, nem se entorta.
Melhor que o pêso dos maços,
a grosa, sem dar pancada,
mansamente o gasta e corta,
fá-lo, sem custo, em retraços.

P'ra o partir, ou desbastar,
muito há-de, às vezes, valer
— melhor que malho a malhar,
ou que marrão a bater,
ou martelo a martelar —
pequena lima a limar,
ferrugem lenta a roer,
ou leve serra a serrar...

*

Pois também um coração
rude e agro de feição,
se é tratado com blandícias,
e se o trato dura e atura,
torna em beijos as sevícias,
muda a aspereza em ternura,
volve o rigor em carícias.
Agua mole em pedra dura
tanto dá até que a fura.

XXVIII

O rabo é o pior de esfolar.

E' o que exige mais vagar,
mais paciência e mais trabalho.
Mas porque será assim?
Será porque só no fim
chega a tal penduricalho
a vez de ser esfolado?
Ou porque já está cansado,
nessa altura, o esfolador?

Seja lá pelo que fôr!
Até o rabo de palha
que em nós alguém quis pregar,
e a nossa fama enxovalha,
não é bom de despelar!

Quantas delongas e atrazos
êsse dito explica à justa!
Em muitas coisas e casos,
o acabamento é que custa...

XXIX

Se a água não vai ao moínho,
vá o moínho ter co'a água.

Quando o moleiro vê, com mágua,
que se desviou do seu caminho,
para tomar uma outra senda
e dar proveito a algum vizinho,
farta levada com que a roda
movia a moenda,
busca o lugar donde outra venha,
e lá instala e acomoda
a nova azenha.
Não leva a água ao seu moinho?
De frágoa em frágoa,
leva o moínho a outra água...

Isto sucede ao que, em seu ninho,
não vê chegar, ou viu fugir
o bem que almeja:
irá buscá-lo onde êle esteja.

Há-de ter de ir,
de dor em dor,
e de ânsia em ânsia, aonde fôr
que a outrem veja
que o coração lhe queira abrir.
Falta-lhe o ente a quem mais ame?
Do que lhe reste,
melhor ou pior, ame o que tenha!
E não reclame,
e não proteste!
Recorde a azenha!
Oiça o rifão,
que ao beberrão
diz: — *Não é tacha,*
quando não há taça,
beber p'la borracha...
Ou mais não faça
que, por amor de Deus, ceder
o que p'ra si não pode haver,
e conformar-se co'a desgraça.

XXX

Se a pírula bem soubera,
não se doirara por fora.

Eis aqui ditado escrito
para quem quer que se esmera
e que se adorna e decora
para passar por bonito.
Tal qual a pílula tem
doce fóra, e dentro fel,
dizem adágios também:
— *Com açúcar e com mel,*
até pedras sabem bem.
— *Se o cepo enfeitais,*
por mancebo o tomais.

Por mais, porém, que se prestem,
nem sempre a côr e o vestido
dão o aspecto pretendido
aos que de luxo se vestem,
ou, p'ra garrirem, se pintam.

Por mais que finjam e mintam,
se a fealdade é das tais
que zombam dos artifícios,
não lhes valem sacrifícios
da moda aos novos rituais.

Mona com seda,
mona se quêda.

XXXI

Viva a galinha com a sua pevide!

Não se duvide
de que mais faz, se é simples a mazela
— como a pevide nas galinhas —
viver com ela,
do que tratá-la em vão
com mil mèzinhas,
valendo-lhe o caldinho e a cautela
bem mais que o bisturi do cirurgião.
Quando *o mal está no pêlo,*
não na raiz do cabelo,
mais cura a dieta,
do que a lanceta.

Em tudo acerta e colhe o ensinamento:
— *Antes cautela que arrependimento!*
E com juizo fala o que pondera:
— *Antes — bem fiz eu! — do que — se eu soubera!*

Mas todo aquele que a saúde apura,
e dela, com excesso, cuida e cura,
mais a piora, e a arruina e abala.

Se quere, em demasia, aperfeiçoá-la,
e remediar-lhe o mínimo senão,
e requintar êsse bendito dom,
sentirá a verdade do rifão
que diz que o optimo quere mal ao bom.

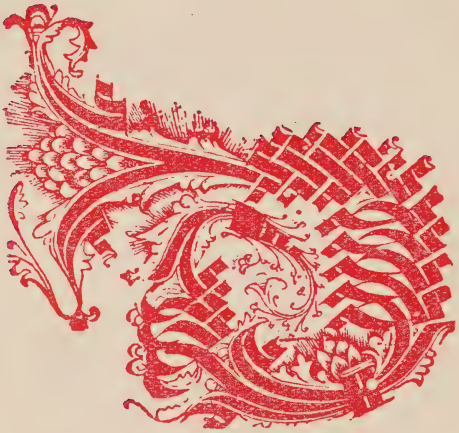
XXXII

Vozes de burro não chegam ao céu.

Ou, se lá vão, com escândalo e escarcéu,
— se penetram ali — é por engano;
é porque, às vezes, se confundem zurros
de legítimos burros,
com discursos e vozes de asno humano.
Mas dêstes ou que tais animalejos,
nem santo ou serafim, por mais paciente,
suporta o rebusnar impertinente,
ou dá crédito e fé aos seus ornejos.

As mansões celestiais
não foram feitas para irracionais,
muito embora lá sejam acoitados,
por compaixão, os bem-aventurados
pobres de espírito ou de sã razão.

Justo é que — se *ao menino e ao borracho*
põe Deus a mão por baixo —
achem, no céu, asilo e protecção
os que, por fado seu, não têm mais tino
do que tem o borracho ou o menino...



ÊSTE LIVRO DE RIFÕES,
em geral, de são conceito
— a-pesar de mal glosado —
por suas cautas lições,
dirão ser-lhes de proveito
os que o leram com cuidado.
E, embora o que tem de novo
não achem digno de gabo,
e enjeitem os versos meus,
viram que as vozes do povo,
se, às vezes, são do diabo,
quase sempre são de Deus.

✠ A ✠ EXPERIENCIA ✠ SUMMA ✠ MESTRA ✠ DAS ✠ ARTES ✠ PRONUNCIOU ✠ PELAS ✠ BOCAS ✠ DO ✠ POVO»

«OS ✠ RIFOENS ✠ SENTENÇAS ✠ SÃO ✠ VERDADEIRAS ✠ QUE

DITAMES E DITÉRIOS

Glosas em verso

de

DITADOS OU DIZERES COMUNS

Por

Alfredo da Cunha

da Academia das Sciências de Lisboa

II

Ano 1930

EM LISBOA

Nas oficinas da

Empresa Nacional de Publicidade

(De ✠ D. ✠ FRANCISCO ✠ MANOEL ✠ Carta ✠ de ✠ Guia ✠ de ✠ Casados)

As vinhetas são reproduzidas de antigos livros impressos em oficinas olisiponenses, e a do frontispício, com divisa, é reproducção exacta da que ornamenta o rosto da primeira edição dos «Adágios Portugueses» do P.e Antonio Delicado.

ERRATAS

Pág. 117, coluna 1.ª, linha 25.ª: *filhos* por *filhas*.

Pág. 120, última linha: *excepção* por *excepções*.

AMAR

O amor é como a lua:
quando não cresce, mingua.

I

Ama a quem te ama,
e responde a quem te chama!

Exortação predilecta
de tantíssimo poeta
que nunca se faz rogado
em acudir ao *chamado,*
se acaso o *chama* qualquer
voz de alguém, que de mulher
feitio ou figura tenha.
Já lá dizia o João Penha:
«Amemos, cantando aos ventos,
«As nossas musas dilectas!
«Até os próprios jumentos
«Têm, como nós, os poetas,
«Burras dos seus pensamentos.»

Foram os vates que a glória
de mais loiros coroou,
os que, de forma notória,
mais a paixão transviou.
Vai ser, qual légoa da Póvoa,
muito longa em comprimento
e edificante no ensino,
essa história. Aqui renovo-a
p'ra lição e p'ra escarmento
de amante de pouco tino,
que não se prenda, em amor,
com o — *quando, como* e *onde* —
porque *ama* seja a quem fôr,
e, seja a quem fôr, *responde!*

Se a mulher desvaira e turva
os génios mais decantados
na poesia e na prosa,
e se ela ao império os curva
dos seus volúveis mandados,
é intenção desta glosa
mostrar que, por sua parte,
o homem não lhe fica atrás.
Pois, com versos e outras lôas,
usando de manha e arte,
tem feito — como inda faz
e sempre fará — das bôas!

Os mais célebres aponto
dos que andaram sob as cangas
de caprichosos amores;
mas, dêsses mesmos, eu conto
que muito pano p'ra mangas
deixo a outros glosadores.

Quem censura tais senões
sempre êstes nomes repete:
antes de todos, Camões;
depois Bocage e Garrett;
e, afinal, o João de Deus.
E vê-se dos livros seus
que mais crescem os delitos
tanto, quanto mais gloriosos
se alteiam os criminosos,
os que, em sonetos bonitos
e em bonitas redondilhas,
cantam — a par — mães e filhas,
mulheres suas e alheias,
nem sempre lindas e novas,
às vezes, velhas e feias!
Todas lhes prestam p'ra as trovas!

Demonstra-se à saciedade
que é vil calúnia o libelo
feito contra o sexo belo
p'lo sexo da fealdade,
dizendo-o só de inconstantes.
Versáteis de coração,
hoje tanto como dantes,
são a fêmea e o varão,
muito, no amar, semelhantes.

Visto que foi o maior
— o maior e o mais sublime —
no versejar e no crime,
na insconstância, o pior,
p'lo grande Camões começo,
começando por citar
êstes versos, p'ra mostrar
como êle era réu confesso:
«No tempo em que de amor viver soia,
«Em varias flamas variamente ardia.»

Pois dos nomes que se contam
no repertório das santas,
quase todos se lhe apontam
como sendo de outras tantas
causas de ardentes anseios
— divas dos seus devaneios!
Nem deixava sossegadas
as matronas já casadas,
a uma das quais fazia
esta *volta,* em que o sentido
logo, a um tempo, ofendia
a dama e o seu marido:
«Matáveis, sendo solteira;
«Matais, agora, em casada;
«Matais de toda a maneira,
«Formosa e mal empregada.»

Em se tratando de amor,
que importava o traje e a côr?
Nem se lhe dava de a tez
semelhar carvão ou pez,
nem lhe era de pejo ou zanga
que andasse apenas de tanga
a deusa dos seus cuidados
— não senhora, mas escrava —
cujas prendas perpetuava
nêstes versos celebrados:

«Eu nunca vi rosa
«Em suaves molhos,
«Que para meu olhos
«Fôsse mais formosa.

«Nem no campo flores,
«Nem no céu estrelas,
«Me parecem belas
«Como os meus amores.

«Leda mansidão
«Que o siso acompanha,
«Bem parece estranha,
«Mas bárbara não.»

Que amante não trocaria,
se endeixas tais inspirasse,
o branco ebúrneo da face
p'la retinta negraria?

Nunca se sabe igualmente
quais, ao certo, é que prefere
dos cabelos da mulher.
Tanto o enleiam fortemente
uns «ondados fios de oiro»,
como o enleva a carapinha;
nem a fusca ancila tinha
a coma de «metal loiro»
que noutra, a quem galanteara,
achou de beleza rara!
E o mesmo lhe aconteceu
com olhos de iris variada,
encarecida e estimada
nos escuros como breu,
ou nos verdes de esmeralda.

Foi sempre esta a sua balda:
amar a eito e a esmo.
Era de tal natureza,
que a serva, como a princeza,
valiam p'ra êle o mesmo!

Ardendo em zelos e em cio,
ao cortejar, duma vez,
não uma ou duas, mas três,
assim escreveu dêsse trio:
«Não sei se me engana Helena,
«Se Maria, se Joana,
«Não sei qual delas me engana.»
Pena, de-certo, pequena
a de tão justos enganos,
p'ra quem tais perdas e danos
a tantos peitos causou.
Sempre com íntimo agrado
a gente vê enganado
quem, também, muito enganou.

Memorando em verso eterno
aquelas e outras façanhas,
fôsse no idioma paterno,
fôsse em linguagens estranhas
— no mais puro castelhano,
em galego e em italiano,
modulando madrigais
que, juntos, dão ladaínhas —
p'ra êle as musas são mais
do que, em bando, as andorinhas!

O segundo, o grande *Elmano*,
o Bocage — o patriarca
do soneto — êsse Petrarca
com doze Lauras por ano
— uma por mês, reza a fama! —
êsse a si próprio se chama,
entre outras iguais verdades,
«*Devoto incensador de mil deidades,*
«*(Digo de môças mil) num só*
momento.»
Mil! Não lhe bastava um cento!

Ao descrever os seus dotes,
ousadamente, o Bocage
diz que as môças que dão motes
têm «coração de estalage.»
Coração com o tamanho
duma enorme hospedaria
era o dêle, em que metia
de amadas quase um rebanho:
as *Marilias* e as *Ritalias*,
Nizes, Ulinas, Analias,
as Perpétuas e Vicências
e outras mais a quem crismava
a seu gôsto, e sujeitava
às maiores inclemências!

Sempre afeito e pronto o estro
a servir-lhe de instrumento
p'ra todo e qualquer intento
do seu amoroso sestro,
pinta com exactidão,
nos versos dum dos tercetos
dos seus formosos sonetos,
a sua instável feição:
«*Amor, ou desfalece, ou para, ou*
corre;
«*Um porfia, êste esquece, aquêle*
morre.»
Mas nesta formosa ode
rebenta, com veemência,
posto que muito a-desoras,
êste grito que o sacode
como um brado de consciência:
«Dos homens ignoras
«A índole errante?
«Quem é muito amado
«Não é muito amante.»

Desabafo comparado
ao de quando, já cansado,
clamava com amargura:
«*Ó moléstia de amor que não tem cura!*»
A dêle nunca! mau doente,
na cura pensando tarde,
do seu mal fazendo alarde,
como enfêrmo impenitente!

*

Garrett agora! Deus meu!
Quantos foram os seus numes!
Em quantos variados lumes
a sua alma não ardeu!
Cabelo ruivo ou castanho,
ou negro, ou cendrado, ou loiro,
côr do azeviche ou do oiro,
talhes de todo o tamanho,
cútis alvas ou trigueiras,
causavam-lhe o mesmo espanto,
igual sedução e encanto,
em nacionais e estrangeiras.
E, porque de amor vivia,
fôsse bôa ou má a sorte,
êle amou até à morte,
até ao último dia!

Tal qual os seus dois colegas,
padres-mestres nêste assunto,
também queria, por junto,
com iguais querenças cegas,
a umas poucas de beldades.
Tal qual Bocage e Camões,
contava as suas paixões
aos pares ou às trindades!

Basta vêr como, no exílio,
fugido da sua terra,
lá, na longínqua Inglaterra,
se entreteve em terno idílio
com três manas duma vez!
Entre diversas proezas,
quis, ao mesmo tempo, a três
que eram irmãs, e inglesas
— Laura, Júlia e Georgina —
tipos, de graça diferente,
de beleza feminina,
mas que êle amou irmãmente!

E, no que respeita à côr
dos olhos, como saberdes
se pretos, azuis ou verdes
mais captaram seu louvor?
Aos verdes, da Joaninha,
quantos hosanas entoou!
Mas também se extasiou
ante os negros da freirinha
que, por tentações satânicas,
— ela que era Soledade —
lhe quis matar a saüdade
das loiras môças britânicas.

Nas *Viagens na minha terra*
— não obra de fantasia,
mas livro em que o autor encerra
a própria biografia —
é com desvanecimento
que êle afirma que o *flartar*
nos pode êstes gozos dar:
com uma, entretenimento;
com duas, deleite angélico;
e com três, prazer divino!
Foi, seguindo tal ensino,
que, de aventuras famélico,
mui presto, da língua inglesa
o verbo *flirt* importou,
e logo o aportuguezou,
p'ra o fruir com mais largueza!

Mas, entre os adoradores
da mulher, o João de Deus,
só com o *Campo de Flores,*
supera os émulos seus.
Não houve ainda ninguém
que, em louvor do sexo belo,
poetasse tanto e tão bem,
com tal meiguice e desvelo!
Ou da Beatriz ou da Heresta,
da Cândida ou da Maria,
da pàdeirinha modesta
daquela aldeia algarvia
onde nascera o poeta,
ou da pòbrinha *Descalça*
que aos pés deveu ser dilecta
dêsse rouxinol de balsa
cuja garganta divina
cantou a *Pomba* galante
e a branca e loira Marina,
nunca foi senão o amante
que em «bem-te-quero» acabava
quantos lindos malmequeres
por seu amor desfolhava.

Quis a todas as mulheres,
como a todas as estrelas
e como a todas as flores.
Era olhá-las, era vê-las,
e ficar prêso de amores!
Amando de igual maneira
a rosada ou a trigueira,
como em Garrett e em Camões,
encontrareis nos seus versos
freqüentes contradições
e gostos os mais diversos
quanto aos olhos ou às tranças,
e ao claro ou escuro da pele.

Só não achareis mudanças
— cante a Amélia ou a Raquel,
ou alguma outra qualquer —
na admiração que, através
dos seus hinos à mulher,
êle mostra pelos pés
minúsculos, de ave leve,
nessa viva adoração
pelos branquinhos de neve,
que «mal poisassem no chão»,
quais «velas à flor do mar»,
e que, no ardor dos desejos,
poria sôbre um altar,
ou «cobriria de beijos.»
Pelos pés e pelos seios,
fontes de seus madrigais,
«redondos, arqueados», cheios,
virgíneos ou maternais
— ou peitos de «pomba farta»,
como declara à Maria,
inspiradora da carta
de mais doce poesia
que há na língua portuguesa,
ou essas pomas pequenas
de que exaltou a beleza
e a que bastavam apenas,
p'ra as tapar, «duas conchinhas»
— ondas de ténue relêvo,

tão calmas e tão mansinhas,
quanto era brando o enlêvo,
quanto era serena e calma,
cheia de mística unção,
a devoção da sua alma
e a voz do seu coração!
E, sabendo usar, audaz,
do ridículo pungente
ou da sátira mordaz,
tendo a graça percuciente
de Aretino ou Juvenal,
segundo lhe era mister,
nunca soube falar mal,
nem maldizer — da mulher!

Eis no que muito se aparta
dos vingativos poetas,
cuja pena se não farta
de atirar hervadas setas
contra as lindas filhas de Eva.
Nisto, a todos sobreleva
e a todos dará lições,
ainda e sempre, o Camões.
É êle que, ousado, lança
à mulher, que diz perjura,
afrontas desta crueza:
«Nunca ponha ninguém sua esperança
«Em peito feminil, que de natura
«Sómente em ser mudável tem
firmeza.»
Em tais palavras, em vez
de ao «Eterno feminino»
retratar, a traço fino,
de si o retrato fez!

Se à *Beliza,* por ingrata,
de «formosa fera» a trata,
logo alcunha de «cadela»
«má, mentirosa e malvada»
a uma Catarina bela,
só porque dêle se enfada!
Aberrações de cioso,
que o ciúme sente morde-lo,
e brama e ruge, queixoso
de dores de cotovêlo!

Deixo em paz e passo em claro
o *Sadino* dissoluto,
p'ra citar o génio raro
do autor das *Flores sem fruto.*
Sete damas, das que mais
requestara, o bom Garrett
equiparou-as a sete
ímpios pecados mortais!
E a cada qual seu papel
distribuiu — com mais injúria
certamente que justiça —
de *gula,* de *ira* cruel,
de *avareza,* de *luxúria,*
soberba, inveja, preguiça...
Eis como êste sedutor
em ruim moeda pagava
àquelas a quem jurava
tributo de eterno amor!

*

Por tudo que dito fica,
e pelo mais que, discreto,
eu calei, se justifica
que, em tão importante objecto,
a maior cautela tomem
tanto a mulher como o homem.

Haja-se em conta o ditame:
— *Quem quere ser amado, ame!*
Mas jàmais alguém, leviano,
queira amar, sem ser amado,
e acudir, sem ser chamado!
Diz o prolóquio italiano:
«*Tanto é amare e non essere amato,*
«*quanto rispondere senz'essere chiamato.*»

P'ra se evitar o percalço
de alguma falsa paixão
— de alguma *chamada* em falso —
que ponham todos travão
— e travão de segurança —
na quadriga, de onde a Esperança,
tendo por guia a Ilusão,
solta a voz — *Ama a quem te ama*
e responde a quem te chama!

II

Amar o próximo como a nós mesmos.

Não adágio, mas alto mandamento,
que vezes não cai êle em esquècimento!

Quando Deus povoou os vastos sesmos
do orbe terrestre, com os animais
chamados racionais e irracionais,
que apenas patenteavam de comum
o odiarem-se, uns aos outros, ferozmente,
de entre todos os seres, deu a um,
blasonador de mais inteligente,
corredor de perigos e aventuras,
o título de rei das criaturas!
E aos filhos de Eva e Adão
fez que prègasse o verbo de Jesus
êste ditame que ao amor conduz
fraterno e isento de sensual paixão,
e não — claro é — portanto,
ao que tenha o seu fulcro na mulher:
— queiram-se os homens, uns aos outros, tanto
quanto, a si mesmo, cada qual se quere.

Mas, porque há, com efeito, racionais,
nos seus instintos e nos seus caprichos,
bravios e perversos muito mais
do que outros quaisquer bichos,
foi que êste caso sucedeu a alguém:
— mais amigo dos cães êle ia sendo,
quanto mais ia os homens conhecendo...

Assim também,
quanto mais se lidar com más péssoas,
mais se devem estimar as coisas bôas
que —embora mudas — persuasivas falam
ao espírito que enlevam ou regalam,
e que, sem terem lábios nem ouvidos
p'ra mal dizerem ou p'ra mal ouvirem,
em discreto convívio nos servirem
ao grato e calmo gôzo dos sentidos.

III

Amor, amor,
princípio mau e fim pior!

Os que o pintam com rigor,
os que o desenham melhor
feito criança travêssa,
asas põem ao Cupido.
Nada que mais se pareça,
nem de mais justo sentido!
Alado, vôa de pronto,
com as setas e o carcaz;
e — criança — não têm conto
as travessuras que faz!
Por incerto e fementido,
nêle jàmais nos fiemos.
Que tempo tão mal perdido
aquêle que, a amar, perdemos!

O namorado infeliz,
por tal razão é que diz:
— Dos nossos bens, não há bem
de mais aprêço e valor
que o de não ter a ninguém
nem muito, nem pouco amor.

IV

Por amor que não convém,
muito mal e pouco bem.

Já o cantava a Severa,
ou outra de igual cantar:
«Quem ama, não considera;
«Quem considera, não ama;
«Eu amei, sem considerar,
«E agora choro na cama!»

Na cama, que é *parte quente*
p'ra cada um se chorar
das amarguras que sente!
Mas, se outro sincero amor
a par do teu podes pôr,
e se outra afeição segura
não te é falsa nem perjura,
diz, no afago a quem te afaga:
— *Amor com amor se paga!*

V

Amor com amor se paga.

Destarte o prolóquio ensina.
«*Amor com amor se apaga*»
foi o que li noutra sina.

Quando nos sangra no peito
um afecto malfadado
— salvo o devido respeito —
aplique-se êste ditado:
— *Cura-se a chaga do cão*
com pêlos do próprio cão.
Deve-se o mesmo dispor
nos males do coração:
— Cure-se o mal dum amor
com o bem de novo amor!
E — estranha contradição! —
a labareda candente
de alguma paixão antiga
vem extingui-la a chama ardente
da paixão que se lhe siga,
muito embora seja raro,
se o querer é de raiz,
que não fique muito claro,
da sofrida queimadura,
o sinal da cicatriz...

*

Se um rifão de mau presságio
diz: — *Mal de amor não tem cura* —
responde-lhe êstoutro adágio:
— *Com tempo tudo se cura!*

E replica-lhe também
a trova dos cantadores:
«Mal de amores cura tem:
«Ajuntem-se dois amores,
«logo o mal se cura bem.»

VI

Amor com amor se paga.

Doce ilusão que naufraga
nos recifes da inconstância!
Dela, em dores, se disperta,
se o capricho ou a distância
torna tal máxima incerta.
«Amar e ser atendido
«Bem o faz qualquer amante;
«Para amar, mesmo ofendido,
«É preciso ser constante.»

O afecto que salda afecto
é a moeda que há mais rara
e tentadora de aspecto,
e sai-nos, por fim, tão cara,
que nem dobrão de oiro fino
se lhe irmana em valimento,
ou se lhe iguala em destino!

Tem por *cruz* o sofrimento
e tem por *cunho* a paixão...
Batida dentro do peito,
no fundo do coração
do que anda à paga sujeito,
mostra a moeda da afeição
— assim como as aureas peças
de antigo e faustoso rei —
bem vincadas pela dor,
aquelas marcas impressas
— *cruzes* e *cunhos* de lei,
da lei eterna do amor!

Se, no anverso, quis gravar
o agudo punção do fado
o *cunho* do muito amar,
nela sempre se há-de ver,
em relêvo, do outro lado,
a *cruz* do muito sofrer!

VII

Amor com amor se paga.

Não é ditame seguro,
porque o verde afecto apaga,
muita vez, o já maduro!

A nódoa que põe a amora
com outra verde se tira.
Como a nódoa que caíra
sôbre o estôfo, sem demora
— quando é de amora madura —
mal outra verde lhe toca,

esmaece e perde a côr,
assim também uma jura
em que a alma se equivoca,
ou um protesto de amor,
não do peito, mas da bôca
— protesto vão, jura ôca —
se desfaz e se esvaiece,
se novo afecto aparece
que os deixa a perder de vista.
— *O que uma mora tinge,*
outra destinge —
diz um velho adagiarista.

VIII

Amor de menino
é água em cestinho.

Justíssimo ensino!
Fogoso mocinho
e inválido ancião
de-certo exporão
à mofa e ao riso
a falta de siso,
se fazem de amantes
aquêle inda antes
e o outro, passado
o tempo devido.

Que tenham os dois cuidado,
que tomem ambos sentido!
Por serôdeo ou temporão,
sempre é ridículo o amor
fora da quadra em que fôr
a sua própria sazão.
Lenha verde e velho gôgo,
muito fumo e pouco fogo.

IX

Amor do coração,
e só da bôca, não !

Porque êste é fala vã,
não dura, nem faz fé.
«*Des grands mots avant;*
«*des petits mots, pendant;*
«*des gros mots, après.*»
Palavriado, antes;
palavrinhas, durante;
e palavrões, depois!
São as várias cambiantes
da afeição inconstante,
infeliz para os dois.
Amor da boca, enfim,
como diz o anexim!
Palavras, nada mais!

*

No amor, há os andamentos,
apressados ou lentos,
das obras musicais
que o nosso gôsto elege.
E há nêle ou harmonia,
ou desafinação,
se é ou não quem o rege,
se é ou não quem o guia
a voz do coração.

Quem bem seu Bem não ama,
segue esta escala ou gama:
começa em *vivacissimo;*
depois, vai *rallentando;*
e mais e mais *smorzando,*
findará em *pianíssimo,*
com pé no abafador...

Às vezes, o amador
repete a audição.
Executa êle então,
já com diverso objecto
do de outro antigo afecto
— com outro instrumental —
a breve *serenata*
duma curta aventura
de enrêdo trivial,
ou a grande *cantata,*
a larga partitura
de idílico argumento,
chamada — o casamento!
Ou faz *da capo,* quando,
sem mudar de instrumento,
só as folhas virando,
torna ao ponto inicial
do trecho musical
— compassos sem variantes
nos *alegros* e *andantes,*
notas só da garganta,
romanzas que não são
sôltas do coração,
mas só da voz que as canta.
.....
Pois, para mim,
amor da bôca, não!
Da alma, sim!

X

O amor dum estudante
não dura mais que uma hora.

«Toca o sino,
«vai p'ra a aula», e o bargante
«vêm as férias, vai-se embora!»
Lá segue p'ra o seu destino,
sem que uma palavra diga,
talvez, à môça que o chora
e a quem fez perder o tino!

«Coimbra (diz a cantiga)
«Que fazes aos estudantes,
«Que vão p'ra lá uns anjinhos
«E vêm de lá uns tratantes?»
Quais são os filtros daninhos
com que em tal desvairo trazes
aqueles mesmos rapazes
que eram sérios e assisados?

Qualquer tricana bem posta,
de lenço e chale traçados
e chinelinha no pé,
dando à pregunta a resposta,
explica, à justa, por que é.
— É porque em meu coração,
que anda a pular-me no peito
(confessa-o ela sem pejo)
nunca aos *sacas de carvão*
houve fôrça ou houve jeito
— se lhes desperto um desejo —
p'ra dizer a algum que não.
E essa confiança de amante
— *confiança que sempre fica* —
eu dou-a logo ao estudante
com mais prazer que ao futrica.

É que, p'la bela tricana
de que a Coimbra da Alta
com justo orgulho se ufana,
e cujo amor leve e lesto,
duns p'ra outros, muda e salta
sete vezes na semana,
abraços, beijos... e o resto,
é tudo dado e aceito,
sem reserva nem protesto,
quando, com lábia ladina,
algum mocinho escorreito
à fala com ela vem,
— se vem de capa e batina.
E eis, pois, a razão também
— ó tricaninha de lei,
que denuncias, na graça
do teu correcto perfil,
sangue alheio à tua grei,
e a estirpe de fina raça
mostras no porte gentil —
porque tu nasceste um dia
dum beijo que à tua mãe
certa paixão fugidia
fez dar, nem sabes a quem!

*

O amor dum estudante
não dura mais que uma hora...
Tão volúvel e inconstante,
como veio, vai-se embora!
Nasce e morre num instante!
Mas, seja ou não seja assim,
tal qual o povo o memora,
sabem, por si, os leitores,
isto que eu soube, por mim:
«*Mais vale um dia de amores*
«*que dez anos de latim.*»

XI

Amor louco : eu por ti,
tu por outro.

Triste amor
de que a gente mofa e ri;
que grita, em voz de Stentor,
até se calar de rouco,
a um coração que é mouco,
de verdade, ou a fingir;
que nunca se faz ouvir
— por mais que se exalte e clame —
daquele alguém a quem ame,
surdo de alma p'ra o escutar.

Louco amor de quem não cansa
em querer e requestar

a quem lhe não dá confiança
nem lhe dá sinais de esperança,
dêsses que a outrem vai dar.

Amor louco! Mas qual é
o que tenha tento e siso
e incuta ou mereça fé?
Qual é o amor com juizo?
Não há nada mais leviano,
mais cheio de fundos falsos
onde se esconda o engano,
e donde surjam percalços,
do que o coração humano.

Por isso, pois, quanto a amor,
fia-te mais no de Deus
que no dos próximos teus,
seja o próximo quem fôr,
ou quem fôr teu semelhante
— espôso, espôsa ou amante.

E quanto mais tentador
e mais pródigo nas juras,
menos te mostres confiante
no que promete em venturas!

XII

Bem ama quem não esquece.

Amor que não olvida,
nem descrê, nem duvida,
amor que não fenece
e vive mais que a vida,
sente-se uma só vez!

É êsse amor sem fim,
«até o fim do mundo»,
de Pedro à linda Inez...
Não se repete assim,
tão longo e tão profundo!

É êsse amor romântico
que deu a Bernardim
ternas modulações,
e se exaltou em cântico
na lira de Camões
— e que os eternizou!

É o amor que nimbou
de tons imateriais,
dum halo pre-divino,
as virgens imortais
de Sanzio e Perugino.

É o amor que, na história,
tem páginas de crime
e páginas de glória,
que pune e que redime,
mas que todos irmana
no desvairo sublime!

Culpa em Soror Mariana,
ou virtude em Lucrécia,
o amor, que Helena ateia,
é que arma em guerra a Grécia
e que Troia incendeia;
e que — vinte anos — faz
de Penélope a teia,
e a desfaz e refaz,
constante, dia a dia...

Amor que perde ou salva;
que norteia ou transvia;
que é labirinto ou guia;
que é treva ou clarão de alva!

Essa paixão define-a
quem disser que é tão forte,
que vai além da morte
— como em Paulo e Virgínia
e em Julieta e Romeu —
sagrar seu himeneu
no templo azúl dos céus,
com mortalhas por véus,
por tálamos nupciais
as loisas sepulcrais,
e a luz da própria chama
por círio velador!

Ama de eterno amor
quem não esquece a quem ama!

XIII

Feliz ao jôgo, infeliz no amor.

Não pensa quem tal diz
que outro jôgo não há mais sedutor
p'ra alguém tornar feliz ou infeliz,
do que é o de arriscar o coração
na fortuita aventura
duma falaz paixão;
do que é a própria alma ingénua e pura
à fortuna inconstante confiar,
buscando o gôzo e só achando a dor,
tal qual sucede ao cego jogador
que busca a sorte e só encontra o azar.

XIV

Mãos frias, coração quente,
amor p'ra sempre.

Quem sinta
paixão que ao tempo não cede
e que o tempo até aumente,
e a idade não desminta,
diz ser isto que sucede
ao que é, de amor, padecente.
E, quando tal aconteça
(lá o ensina outro rifão)
o fogo no coração
atira o fumo à cabeça.

Tanto o sangue aflui ao centro
do peito, lá tanto dentro
se transforma em labareda,
tanto fermenta e leveda,
que a febre dessa doença
que o seio agita, convulso,
não se conhece no pulso,
e, em vez de ter parecença
com a doutro qualquer mal,
ou mostrar sintoma igual
ao doutra moléstia ou queixa
— ferva embora o coração
qual cratera de vulcão! —
as mãos de gêlo nos deixa.
E tanto assim,
tanto o adágio bate certo,
que, em contra-prova do asserto,
afirma êstoutro anexim:
— *Mãos quentes, coração frio,*
amor vadio...

XV

Muito padece quem ama!

Quem quizer na sua cama
dormir sonos descansados,
lembre-se dêstes ditados:
— *Grande amor,*
grande labor!
— *Quem muito se obriga a amar,*
muito se obriga a penar.
— *Guerra, caça e amores,*
por cada prazer, cem dores!

XVI

Muito padece quem ama!

Quem é que, por si, não sente
— pelas suas mesmas dores —
quanto é justo o que proclama
êste adágio, que não mente,
ao falar em mal de amores?

E o pior é que êste mal
não há sciência que o vença,
e só o cura, afinal,
quem dá motivo à doença!

Que pena que a medicina,
que acode a tanto fracasso
e emenda tanto aleijão,
não invente uma vacina
que livre de tal andaço
nosso frágil coração!
— *A chaga do amor*
quem a faz, a sara.
Eis como explica e aclara
prolóquio de bom autor,
por que o próprio amor guarece
quem de muito amor padece...

XVII

Não há cárcere bonito,
nem amor feio.

Reflectindo nêste dito,
logo à ideia me veio
que, se, em parte, é semelhante
ao que diz achar o amante
sempre lindo o feio amado,
noutra parte, o que o ditado,
quanto a cárceres, ensina,
algum tanto surpreende.
Não há prenda amada feia
(e *prenda* se denomina,
talvez p'lo muito que prende
ao que em seus laços enleia)
nem ergástulo que agrade.

Mas que é o amor, a paixão,
senão aljube ou cadeia,
cativeiro da vontade
em que o débil coração
perde a sua liberdade?
Por isso há muito quem diga,
com esta velha cantiga:
«Vive mais morto que vivo
«O livre que se cativa.
«Ledo fôrro sempre viva
«Quem se livra de cativo.»

Cárcere e *amor*
devem, pois, ser irmanados,
em tais casos, com rigor,
nos justos significados.

XVIII

Ninguém largará sem dor
o que possui com amor.

Mas que a dor lhe passe breve,
se o amor que alguém lhe inspira
lhe fôr pago com mentira,
com outra afeição tão leve,
como se pede que a terra
seja p'ra aqueles que encerra
— p'ra os mortos sôbre que pesa.

Com ruíns defuntos não vale
gastar nem cera, nem reza,
porque é aplicá-los mal.
«*No amor,*
quem foge é que é vencedor.»

XIX

Quem ama a mulher casada,
a vida traz emprestada.

Ponha-se nisto o sentido:
— *A mulher de outro marido*
e a burra com seu burrinho
nunca se mete a caminho.

Os que o ditado comentam,
ainda mais acrescentam:
— *Não queiras potro,*
nem mulher de outro!
— *Nem mulher casada,*
nem vinha vindimada!
A razão deve ser esta
p'ra quem a induz e requesta:
porque *a fruta proíbida*
é a mais apetecida,
e porque *o melhor bocado*
é o furtado!

Não! *Amor e senhoria*
não se quere de companhia,
visto que não pode haver
dor maior que a de saber
que à mulher, que é nosso bem,
há — com mais direito — quem
lhe colha os íntimos beijos,
nela ceve os seus desejos,
matando a sêde de amor
na própria fonte onde fôr
procurar o refrigério
p'ra o vivo ardor da paixão,
o que a possui com mistério,
a ocultas, como um ladrão!
Nem há mágoa mais custosa
que a de supor que outrem goza,
mais livremente que nós,
essa mesma criatura
de cujo afecto a ventura
gozar quiséramos sós.

XX

Quem anda cego de amores
não verá senão paredes.

A quem sofra tais rigores
e se emmaranhe em tais rêdes,
que admira que isto aconteça?
Que bata, por dispautério,
nos muros com a cabeça?
Embora a muitos pareça,
como se diz no ditério,
que *as paredes têm ouvidos,*
talvez que elas os não dêem
aos suspiros e aos gemidos
das penas que te alanceiem.

Aos sem vista, de nascença,
noite o dia se afigura:
cegos de amor — que diferença! —
chamam dia à noite escura!
Depois, então,
em meio da negridão,
qual viva luz de candeio
que, no súbito lampejo,
ofusca e cega, *o desejo*
torna formoso o que é feio,
e mais se quere e encarece
ao que menos o merece.
A treva torna-se em chama!
Quem o feio ama
bonito lhe parece...

Não se engana quem apoda
de andar com o juízo a arder,
ou com a cabeça à roda,
quem, por amor, se perder.
Por isso diz esta moda:
«Cinco sentidos que temos
«De todos bem precisamos,
«E todos cinco perdemos
«Enquanto nos namoramos.»
E outros cantam, e eu não nego,
pois acho coisa acertada:
«Quem pintou o amor cego
«Sabe bem o que pintou:
«Amor firme não vê nada
«Senão o bem p'ra que olhou.»

XXI

Quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer.

Sempre foi isto assim! Sempre assim há-de ser
com êsse verbo — *amar* — cuja conjugação
— melhor que a bôca — a sabe e acerta o coração.

Muito mais a rigor que os livros de gramática,
há-de ensinar a prática
suas várias flexões. E quanto mais na *activa*
o conjugar a gente,
tanto mais quererá sentir-lhe a *voz passiva*
na primeira pessoa e no tempo presente —
— não de um *condicional* incerto e aventurado,
nem apenas também dum vago *conjuntivo* —
mas de um *modo* formal, dum claro *indicativo,*
que dúvidas não deixe, ao exclamar: — Sou amado!

E que formas de amar o coração não tem,
tão meigas e gentís, e tão boçais também!

Contam sábios autores,
de larga erudição em matéria de amores,
— quer sejam dos de raça ou índole selvagem,
quer dos que em mais requinte e garbo se avantagem —
que em terras onde o rapto é de habitual preceito,
o homem sua, e tressua, e vocifera, e brama,
e é forçado a apanhar uma queixa de peito,
p'ra o peito conquistar da sua esquiva dama.

Em Esparta, era preciso, à bruta, ir arrancar
a noiva às mãos dos pais. Pois hoje é necessário,
p'ra alguém se conservar viuvo ou celibatário,
fugir de quem tiver meninas pr'a casar!

Nos povos cafreais, onde a mulher se vende
como animal de carga, é de uso, o que a pretende,
indagar o seu custo, e discutirem ambos
— com seu futuro sogro, o futuro marido —
quanto é que a môça vale em carneiros ou bois
— a moeda que lá corre em tais compras ou escambos.
Parece ao pretendente excessivo o pedido;
alcunha-o de extorsão; questionam, e, depois,
enquanto o vendedor a jovem elogia,
o que sempre acontece
é o comprador achar ruim mercadoria
aquela que, tão cara, o dono lhe oferece,
e que, por tal razão, com boa propriedade,
fica a poder chamar — sua cara metade!

Venturoso país! País de maravilhas,
onde a pobreza está em não se terem filhas!
O preço é alto ou baixo, em função da procura.
Às vezes, chega a estar p'la rua da amargura
o valor da mulher! O mais acarentado
por mãe ou pai da noiva, é o noivo que o contesta,
num regateio tal, que é p'ra ela uma afronta!
Pois — caso singular! — o pretenso esposado
é quem primeiro diz que a esposada não presta,
p'ra ver se a aquisição lhe fica mais em conta,
se lhe sai a consorte um pouco mais barata!

Na Polinésia então, consoante a moda antiga,
a sina da mulher é muito mais ingrata!
Quando disputam dois a mesma rapariga,
sem nenhum transigir, e sem nenhum ceder,
entregam-na à mercê dos rivais na contenda,
que a puxam, cada qual, p'ra si, até perder
braços... e casamento, ao fim da pugna horrenda!

Já não sucede o mesmo em terras da Lapónia.
Os namorados lá tratam as namoradas
com grande gentileza e grande ceremónia.
Em ternas expressões, em frases delicadas,
afirmam que o lapão ao português desbanca.
Cognomina a mulher «àvesinha do estio»,
«adorada pombinha» ou «perdizinha branca»!
E êste modo de a amar é de tão bom feitio,
chama-lhe coisas tais que uma pessoa come,
que nem parece amor: o que parece é fome!

Entre nós, o trivial é um rapaz que tenta
despertar noutro peito uma paixão violenta,
arrojar-lhe, febril, a seta dum olhar,
e esperar pelo efeito. E o efeito mais vulgar
é, quando a requestada atende o apaixonado,
ver como êste, a pé firme, ansiadamente fita
à noite, uma trapeira, onde uma sombra grita
frases de intenso ardor que saltam do telhado.
Há-de sentir-se, então, na treva, de onde em onde,
o espirro que pregunta, e a tosse que responde.
Diz êle, a tiritar: — Que amor que eu te consagro!
Ela, que mal ouvira, inquire: — Estás mais magro?
Hein? — Que me dizes, tu, querido?... Não percebo...
E como, com a queda, o verbo se partiu,
foi apenas metade o que o sujeito ouviu,
não distinguiu senão que lhe falava em cebo!
E antes que o matrimónio em estreito laço os prenda,
já raríssimo é que um ao outro se entenda!

Põe, às vezes, um dique a tais jôrros de amor,
noctívago transeunte, ou lento varredor.
Disfarçam, pois. — Que frio está! geme a donzela.
Desta feita, êle ouviu, e concordou com ela.
E, numa convicção que vai até os ossos,
agasalhando mais os éticos pescoços,
a esfregarem as mãos e a baterem os queixos,
tais quais, um contra outro, o chocar de dois seixos,
só nêste ponto, enfim, se compreenderam bem!
Pois, de resto, o colóquio é entre o — Quê?! — e o — Hein?!—
e pouco adiantam mais, passando a noite assim,
um a tossir convulso, outro a fazer — Atchim!
Diz-lhe êle, p'ra acabar: — Filha, já me retiro.
Recresce, então, em fúria, o amor... com o defluxo.
Sobe a esternutação em forma de suspiro;
desce abaixo o catarro, em ânsias de soluço.
Vulcão que reacende a saüdade que estua,
numa terna explosão que chega ao quinto andar,
da calçada êle atira o seu adeus ao ar,
da trapeira ela deita o seu adeus à rua!
Mas, visto como são as noites muito frias
— haviam-no ambos já notado e renotado —
tais paixões andam sempre um tanto doentias,
tal afecto anda sempre um tanto constipado.

Outrora — e hoje ainda é hábito freqüente —
a forte pisadela, a que esmagasse um dedo,
seria para o amante um optimo expediente,
p'ra à amada revelar seu íntimo segrêdo.
A moçoila, com o pranto a embaciar-lhe a vista,
mostrando, na expressão dos olhos seus magoados,
a dor da esmagadela e o orgulho da conquista,
sentia ter o pé e o coração inchados!

Não aludo às paixões do longínquo passado
— cavalaria andante, idílio arrebatado,
que raro epilogava um feliz himeneu,
como em Paris e Helena, em Julieta e Romeu,
Heloisa e Abeillard, Paulo e Virgínia, e tanto,
tanto outro ardente amor já posto para um canto
e já fora de moda. Os mortos são da história!
Deixemos-lhes em paz a vida e a memória!

.....

Aos vivos só direi que sempre se há-de ver
— como acima se viu nos exemplos citados —
seja a espécie qual fôr dos que andem namorados,
o que se obriga a amar, obrigar-se a sofrer!

XXII

Quem se obriga a amar,
obriga-se a padecer.

Sempre assim foi e há-de ser
até o mundo acabar!
Haja ou não razão de queixa,
que duro e triste viver
o de quem, por outrem, deixa
o seu coração prender!

Às vezes, que mal não vem
ao que anda à cata dum bem!
Pelo gôzo dum momento
dão-se anos de sofrimento!
Sabem-no quantos Jacós
têm passado horas cruéis
p'ra poderem às Raquéis
dizer um dia: — Enfim, sós!

E, por isso, o que maldiz
a sua sorte infeliz
— qual na peça do Judeu
(a que deu nome *Proteu)*
certo amante sem ventura —
é com despeito e amargura,
que vai, na queixa, às do cabo,
e assim expande a angústia e a ira
em que, raivoso, delira:
— *Antes dar um ôlho ao diabo*
do que uma mão ao amor!

Se, porém, a mão não escapa
ao Cupido tentador,
dirá também, afinal,
ante a paixão que o solapa:
— *Se o amor fôsse cardeal,*
há muito, o demo era papa!

XXIII

Quem tem amores não dorme . . .

«Nem de noite, nem de dia».
Muito à verdade conforme,
essa trova concluia:
«Dá tantas voltas na cama
«como o peixe n'água fria.»

Outro ditado proclama:
— *Aos que dormem descansados,*
dormem os cuidados.
Mas, porque há mil roubadores
do que uma pessoa tem
p'ra seu gôzo e p'ra seu bem,
não durma quem vá de amores!
E, noite e dia, não pregue
ôlho sequer um momento!
Não socegue!
Ande atento!
Como o caldo de galinha
nunca piora os doentes,
não lhe faz dano a cautela,
que é sempre a melhor mèzinha
p'ra tratar os padecentes.
A quem vela
tudo se revela...

XXIV

Sobram as culpas onde falta o amor.

Lembra o dizer de análogo sabor:
— *Casa onde falta o pão,*
todos ralham
e ninguém tem razão.
São dois conceitos que, em geral, não falham.

Mas, ao contrário, onde o carinho sobra,
pelejas de namorados
são amores renovados:
passam as culpas, e ninguém se exprobra
com ódio ou com rancor. Diz o rifão:
— *Muito amor, muito perdão.*

XXV

Sopas e amores,
os primeiros são os melhores.

Para bons entendedores,
não há melhores nem piores
no que a afectos diz respeito,
nem será o mais perfeito
o que fôr mais temporão.
Nunca se viu ordem lógica
na sucessão cronológica
das paixões do coração.

Rezam trovas não haver
«Luar como o de Janeiro»;
e ajuntam a tal dizer:
«Nem amor como o primeiro...
«Enquanto os outros não vêm.»
Que razão que as trovas têm!

Seja o da entrada na vida
— aurora, na juventude —
ou seja o da despedida
— ocaso, na senectude —
em qualquer fase da idade
do homem ou da mulher,
o que mais quebranto der,
ou que deixar mais saüdade
— por mais serôdeo que fôr —
é êsse, afinal, o que há-de
ser sempre o melhor amor.
Pois quando é mais lindo o sol?
È no poente, ou no arrebol?
Em tais casos, tem-se visto
sair dos mais verdadeiros
o dito que o Evangelho
põe na bôca a Jesus Cristo:
— «*Os últimos são os primeiros.*»

O que, em tempo, é menos velho,
e é, na série, o derradeiro,
será — no mais — o primeiro!

XXVI

Tomar amores não custa,
mas deixa-los é que mata!

Não há sentença mais justa
do que esta, que assim retrata
isto que a tantos ocorre,
na afeição que nasce e morre:
pelo mal, o bem trocar.

Quem em amor se meter,
não sairá quando quiser.

Tão diversos, tão sem par
são o amar e o desamar,
como contrário e oposto
é um gôsto a um desgôsto.

Amor e menino
começam brincando
e acabam chorando.
Já vem de longe êste ensino!
Vão-se os amores,
ficam as dores.

XXVII

O teu amor e uma cabana.

Muito se engana
quem tal suspire, à moda antiga.
Já é mui raro ouvir quem diga
que de tão pouco se contenta
uma paixão;
que um namorado se alimenta
mais de amavios que de pão;
que há-de existir, no mundo, amor,
até sem nada mesmo haver
de bom ou mau para se pôr
na mesa, à hora de comer.

Falar romântico de outrora!
Deixou de ser vulgar agora
achar-se ingénuo que se prenda
só nos grilhões dos lindos olhos
de quem não traz nas mãos, aos
molhos,
notas ou títulos de renda.

Paulo e Virgínia, se voltassem,
não deixariam de aspirar
a ter *chalet* à beira-mar,
villa ou *chateau* onde morassem,
ou a habitar *palace-hotel*
com seu *auto* e seu *dog-cart;*
e, em vez dum servo negro e fiel,
muito mais *gauche* do que *smart,*
que os dois houvessem recrutado
entre os retintos de Port-Louis,
um bom *chauffeur,* um belo *groom,*
ou um *chasseur* agaloado,
como se vêem por aí
em tanto esplêndido *tea-room.*
E não teriam olvidado
um telefone posto *ad-hoc,*
p'ra o *rendez-vous* no *five-oclock*
dum *restaurant* ou clube *chic.*

O amor já não se abriga ou esconde
numa cabana. *Faz-se* aonde
mais descoberto e às claras fique.
Não se confessa à luz da lua,
mas à do sol, mas à do dia!
Bebe *champagne,* brota e estua
em qualquer *dancing* dos da moda.
Já não murmura ou balbucia...
Ou apregôa-se na rua,
ou chalra em chás da bôa roda,
em charro *argot,* ou francesia.
Já não se curva nos minuetes
dos *talons-rouges,*
da antiga sécia e do peralta,
nem canta idílicos motetes
ao som do cravo: pula e estruge,
vozeia e salta!
Vibra em clangores de trombeta
e em discos mil de gramofone,
não em modinhas à espineta,
tal qual, escravos da etiqueta,
séculos antes da *garçonne*
dar ao cabelo o mesmo corte
que dava ao seu o sexo forte,
soíam fazer nossos avós.

Amor-expresso, amor veloz,
não marcha a passo, nem a trote;
é doutro modo que se expande:
vai de hidro-plano, ou de avião!
Amor-*fox-trot,*
amor-*jazz-band,*
— mais tentação,
no mau sentido,
que sentimento bem nascido
de terna e mútua inclinação —
já nada tendo de secreto,
dispensa até o próprio afecto
e é-lhe supérfluo o coração...

*

O teu amor e uma cabana!
É *démodé!* É sem-sabor!
Vem lá do tempo da pavana;
cheira a bafio ou a bolor!
Porque hoje vês plebeu ou nobre
glosar, na vida, estoutro mote:
«Ser pobre e casar pobre
«É remar contra a maré:
«Casar com mulher sem dote
«É andar só com um pé.»
E lá se diz nêsse francês
que é p'ra o dengoso português
mais língua-mãe que língua-irmã:
sans vin, sans pain, l'amour n'est rien,
que assim poremos em vulgar:
— o amor não vive só do ar...

XXVIII

Ver-te e amar-te
foi obra dum momento.

Mas oxalá, destarte,
durasse um só momento
êsse arrependimento
de *ver,* e logo *amar*
— punição e tormento
de quem deixa cegar
pela afeição
os olhos da razão.
Vós, que me lêdes,
sois sabedores:
cego de amores
não vê senão paredes.

*

Ver-te e amar-te
foi obra dum momento!

Não deixes enlevar-te
no breve encantamento
do que é pronto em querer,
como é no abandonar.

Fácil no amar,
fácil no aborrecer...

AMIGOS

Amigo do bom tempo muda-se com o vento.

I

Amigo anojado,
imigo dobrado.

Vem do grande amigo
o grande inimigo
— do melhor,
o pior!

Nem o caso é de milagre:
— *Do bom vinho, o bom vinagre!*

II

Amigo a rogar,
imigo a pagar.

No acto de pedir,
lambe como um cão,
mas, ao restituir,
morde-te na mão!

Rogará, lambendo,
pagará, mordendo.

Nada menos raro!

Quem faz bem a ingrato,
compra caro
e vende barato.

III

Amigo de todos e
de nenhum,
tudo é um.

Sempre assim o vi e ouvi.
Se tal sucede à amizade,
nos amores também há-de
— se em vários alguém se inflama —
vir-se tal balda a sentir.

«Coração que muitos ama
«e não sabe amar só um,
«por mais que queira fingir,
«não tem amor a nenhum.»

IV

O amigo fingido,
conheces no arruído.

Dir-te-á, p'ra mostrar
o bem que te quere:
— Comigo, é contar
p'ra a vida e p'ra a morte!

Mas, quando te der
ensejo a má sorte
de a sua amizade
melhor demonstrar-te
se é fraca ou se é forte,
verás como êle há-de,
por obras, provar-te
que é mais *para a morte,*
que apressa, se pode,
do que é *para a vida,*
à qual não te acode,
por mais carecida
de amparo e assistência.

Verás, com freqüência,
que amigo matreiro,
como êsse do adágio,
irá mais lampeiro
e alegre ao sufrágio

por alma de quem
lhe quis e fez bem,
do que há-de correr,
contente, à igreja,
a graças render

por caso que seja
de lucro ou favor
p'ra o seu benfeitor.
Por mim e p'los meus,
direi:

— do falso amigo,
me guarde Deus! —
e acrescentarei:
— porque do inimigo
eu me guardarei.

V

Ao amigo incerto,
com um ôlho fechado
e com outro aberto.

Sempre com cuidado,
sempre atenta a vista,

p'ra o trazer vigiado,
sem perder-lhe a pista!
Se êle é bom, conheces
logo que procura
encontrar-te a cura
do que tu padeces.

Amizade certa
a da hora incerta!
Sabes-lhe o quilate,
quando essa hora bate.
Na necessidade,
prova-se a amizade.

VI

De amigo não esperes
o que tu puderes.

Máxima cruel
para amigo ruim!
Que, do leal e fiel,
reza o anexim:

— O melhor espelho
é o amigo velho —
um dos tais de quem
notarão, e bem:
— Vinho, azeite e amigo,
o mais antigo —
o de muitos anos,

presto e pressuroso
no evitar-te danos;
auxiliar precioso
contra as aflições;
o de quem dirão
que *os amigos são*
para as ocasiões.

VII

De amigo reconciliado
e de caldo requentado,
nunca bom bocado!

Se o primeiro se arrefenta
e o segundo se requenta,
é logo, na mesma hora,
atirá-los ambos fóra,
tal como se usa fazer
ao havano, puro embora,
que, a meio, cessou de arder.
Não mais se deve acender;
nem o salva a qualidade!
Há-de-te dar, em mau gôsto,
o mesmo que te daria
uma quebrada amizade,
em amargura e desgôsto,
se a religasses um dia.
Deus te tenha guardado
de amigo reconciliado!

Ser-te-ão, pois, leitor, precisos
êstes três úteis avisos:
tabaco reacendido
não caias mais em fumar;
caldo que foi refervido,
não deixes na bôca entrar;
afecto, uma vez partido,
não o intentes consertar.
Toma com êle cuidado!

O amigo quebrado
soldará,
mas não sarará...

VIII

Amigos, amigos,
negócios à-parte!

De tempos antigos
vem já que o comparte
de bolo indiviso,
o bom negociante
de cálculo e siso,
em contas e tratos
com seu semelhante,
ao ser-lhe preciso
cumprir os contratos,
jàmais concedeu
— chegada a partilha
com íntimo seu,
com pai ou irmão,
com filho ou com filha —
não ter um quinhão
de gran-capitão,
igual ou melhor
— mas nunca pior! —
do que o que tiver
o outro quinhoeiro
com o qual convier.
Em bens ou dinheiro,
vê só, na verdade,
clientes ou sócios,
e exclui dos negócios
amor e amizade.

Cuidando de ganhos,
ser-lhe-ão os parentes,
ou seus aderentes,
iguais aos estranhos.

É caso em que vai
a ponto o estribilho
— *Não há pai por filho,*
nem filho por pai!

IX

Para os amigos, mãos rôtas!

Hão-de sofrer os que dão,
não aos poucos, não às gotas,
bem medidas e contadas,
com regra e com discrição,
mas aos potes e às canadas,
com uma e com outra mão,
— a rodos
e a todos —
desilusões bem amargas!

— Para os amigos, mãos largas!
dizem. Porém a diferença
entre o *amigo do que é nosso*
e o *nosso amigo* é imensa!
P'ra aquele,
o que seja nosso ou vosso,
é dêle,
e por isso come o seu
consigo,
e o teu
contigo;
e, ao que lhe dão, acontece
ser — por mal agradecido —
mal empregado ou perdido,
dado a quem o não merece...

Amigo de mesa
não é de firmeza.

X

No apêrto do perigo
conhece-se o amigo.

Conhece-se então,
quando, sem demora,
nos acuda, ou não,
na aflitiva hora.
Se nos deixa a nós
com o risco a sós,
nada vale o amigo
cúpido e rabigo,
que, por mais que abiche
e que torne seu
o que é meu ou teu,
sai-nos de Peniche!

XI

As bôas contas fazem bons amigos.

— Não mudes de moleiro,
sem lhe pagar primeiro.

Observa como norma êstes artigos:
o amigo teu, do teu freguez separes
(amizade e negócio de tal arte,
que esteja aquela sempre desta à-parte)
e traze ao servo as pagas regulares
e os saldos sempre em dia!

Quando lances, porém, no *deve* e *haver*,
o que a outrem e a ti há-de caber
de dinheiro, afeição ou cortezia,
não queiras mais do amigo
do que êle quere contigo!
E, p'ra que evites *dares e tomares*,
mui bem farás se estas lições lembrares:
— Com homem interessal
não juntes teu cabedal!
— Quem deve a Pedro e paga a Gaspar,
torne a pagar!
— Não queiras contas com parentes,
nem dívidas de ausentes!

XII

Ao bom amigo,
com teu pão e teu vinho!

Não te mostres mesquinho,
se êle o não foi contigo
em provas de amizade.

Olha ao que há de verdade
nêste filosofar:
com quem — por bem te querer —
goze com teu gozar,
pugne por teus haveres,
sofra com teu sofrer,
partilha os teus prazeres!
O aviso que te der
o que por ti houver
dedicação leal,
nota-o, guarda-o tal qual,
embora, na ocasião,
julgues que nada vale
e lhe não dês razão.
Conselho de quem te quere,
inda que pareça mal,
escreve o que te disser!
Poderás, algum dia,
aproveitar talvez
o que, à primeira vez,
crêste opinião sandia.

*

Se eu tiver a ventura
de haver tal criatura
por grande amigo meu

— meu e das coisas minhas —
como se — êle — fôsse — eu —
trá-lo-ei nas palminhas,
qual *meu Santo Antoninho*
aonde te porei,
e, em mimos, julgarei
ser dom mui comezinho
— de quem pouco agradece
a quem muito merece —
só *meu pão e meu vinho.*

XIII

— Êsse é meu amigo,
que moi no meu moinho.

— Amigo é qualquer
de que eu môa o trigo,
ou que para o vinho
ou azeite quere
— dando-me a ganhar —
(diz o ganancioso
pouco escrupuloso)
só o meu lagar,
sem nos bem querermos,
um ao outro, os dois.
Em mais claros termos:
por amigo hei, pois,
sem amigos sermos,
quem me dá proveito.

Muito mau ditado
para o desvelado
do seu bom conceito.
Êste còraria,
ao cobrar maquia
de outrem que suponha
desejar-lhe mal.
Porém, se a vergonha
não pesa nem vale
p'ra quem queira ver
o moínho a render,
o dito é real,
o dito é flagrante!
Porque o principal
é, p'ra o traficante
sórdido e ganhão,
que jàmais à azenha
algum dia venha
a faltar-lhe o grão.

O avaro prefere
e dá mais valor
a quem mais lhe der.
Quem é seu credor
de estima e carinho?
O adágio que o diga!
— Quem faz o seu vinho
e azeite em lagar
que lhe enche a barriga,
recheia o bolsinho
e ajuda a enricar,
ou moi no seu moínho.
Negro é o carvoeiro
e alvo o seu dinheiro.

XIV

A filho e a amigo,
pão e castigo!

Agora o pão,
logo a lição!

Ensinamentos
ou mandamentos
da lei de Deus!
Pães e castigos
o Cristo deu-os
tanto aos amigos,
como a inimigos...
Deu galardões
aos virtuosos
e punições
aos viciosos.

No ceu, na terra,
há que premiar
quem acertar,
e àquele que erra
há que o punir
ou ensinar,
e há que suprir
quem nada tem.

Se nos consola
fazer o bem,
fazer a esmola
com que se assista,
se nutra e vista
ao que precisa;
dar-lhe a camisa
ou a estamenha
e a brasa ou lenha
com que se aqueça;
jàmais esqueça
logo aplicar,
ao que pecar,
a reprimenda.
Sim! dê-se pão
a quem tem fome,
e p'ra que emenda
e correcção
e juizo tome,
dê-se com pau
em quem é mau.
Benditos dons
p'ra maus e bons!
Com pão e mão
se dá criação!

XV

Não busques para amigo a rico nem a nobre,
mas bom, inda que pobre.

Com êste sentenciar, que é de homens experientes,
recordarás também um dito dos antigos:
— *A sorte faz parentes,*
e a escolha faz amigos.
E, quando achares nêle algumas pechas más,
a ti próprio dirás:
— *Os defeitos do amigo*
lamento, e não maldigo.
E assim procederás,
poupando-o a vexações. Só não vêem os loucos
que *conhecidos são muitos e amigos poucos.*

Mas, seja com qual fôr, *trata com teu amigo*
como se houver de vir a ser teu inimigo!
Por isso bem farás
cuidando, nêsse trato,
de *andar de pé atrás*
e *pedra no sapato...*

XVI

Não me pago do amigo
que come o seu, sósinho,
e o meu, comigo.

Cautela, não te iludas
com o traidor daninho,
à maneira de Judas!
Em ajustes ou escambos,
medita nos rifãos:
— *Partamos como irmãos:*
o meu, meu, e o teu, de ambos! —
e assim, com mãos de harpia,
é que êle te faria...
— *Quem troca ôdre por ôdre,*
um dos dois será podre —
e o que êle trocará
pelo são, que era teu,
é que podre será...
Pacto de fariseu!

Pelo bom que lhe dás,
o mau receberás!

Atende ao que te digo,
que, a-final, não é mais
do que o que nossos pais
já diziam do amigo
igual a um dos tais,
espertos como ratos,
que, em contas ou contratos,
só pensa em te iludir:
— *Como êle te medir,*
assim lhe medirás!

Recorre, na ocasião,
à pena de Talião:
— faz-lhe o que êle te faz!
A quem o teu depreda,
paga na mesma moeda!

XVII

Não proves o amigo em coisa de interêsse.

Pois há-de talvez
—qual joio no trigo —
sair-te refece
e não, como o crês,
p'ra sempre obrigado
por quanto lhe deste,
p'lo bem implorado
que tu lhe fizeste.
Não estiques de mais
a corda que o prende
à tua amizade!
Se nisso tu cais,
verás como rende,
verás como ela há-de
mostrar-se fraquinha
e tão quebradiça
qual fio de linha
dos mais mal fiados,
que pronto se enliça
e parte aos bocados!

A amigo e a cavalo
não hás-de apertá-lo!

XVIII

Não proves o amigo em coisa de interêsse . . .

De interêsse p'ra ti!
Pois diz-nos antigo
autor, que merece
que o citem aqui,
p'lo que há, nesta quadra,
de justo conceito
e aviso que quadra
ao caso sujeito:

«Experimentai um amigo
«em tempo de vossos males,
«foge-vos montes e vales
«como dum seu inimigo.»

XIX

Pior é o falso amigo que o confesso inimigo.

Por isso o amigo incerto
— que, *por diante, acata*
e, por detrás, mata —
apenas descoberto,
põe-no logo de lado!
É bem menor o dano.

Mais vale um desengano
que viver enganado.

Combate de adversário
instiga e alenta o esfôrço;
golpe de partidário
que, à falsa-fé, nos fere,
lembra pirata em corso,
lembra aquêle que espere
— qual sicário ou ladrão —
a quem na estrada vai,
e na emboscada cai,
vitimado à traição.
Nunca herva no trigo,
nem suspeita no amigo.

XX

O que é teu amigo tira-te do arruído.

Ou sofre-o contigo!
O outro — o fingido —
é êsse que faça
de mouco de ouvido
à voz da desgraça
de quem, no bom fado,
o viu mui chegado,
mas — longe ou oculto —
não o teve a seu lado
lá onde o afrontou
agravo ou insulto,
lá onde estalou,
com mais alarido,
a briga ou tumulto,
a volta ou arruído.

XXI

Quem empresta a amigo, cobra um inimigo.

Se, em vez de crèdor,
se arvora em dador,
sem lucro nem prol,
do que outrem fareja
e humilde lhe esmole,
talvez que não seja
então mais feliz.
Ver-se-á chamariz
daqueles ingratos
de espécie não rara,
que, ainda por cima,
atiram com os pratos,
sem escrúpulo, à cara
de quem os estima
e acolhe e amima.

Dinheiro emprestaste,
imigo criaste.
Eis o mais seguro
e mais certo juro
que de aí tiraste!

XXII

Quem nos avisa, nosso amigo é.

Assim será, quando avisar por bem,
ou, mesmo até se, ao prevenir-nos mal,
o fez sem má tenção, de boa fé.

Quando, porém,
por desleal,
falha ao aviso, aquele amigo falso
que nos sujeita ao risco ou ao percalço,
sobreleva, em maldade, ao inimigo.

Renego do amigo
que me encobre o perigo.

É o caso de aplicar-se êste anexim:
— *o que não é por mim, é contra mim.*

XXIII

Quem quere um amigo
prega-lhe uma sova.

Há quem meta à prova
êste adágio antigo,
posto não pareça
que afeição mereça
o que a exige a mal.
Nem se me afigura
que, p'ra bem rezar,
seja essencial
que o prior ou cura
bata no altar...

Ouve-se afirmar
que há quem simpatia
ou amor consagre
ao que o zurza um dia.
Não é com vinagre
que se apanham moscas,
pensa, todavia,
quem negar que à bruta,
com maneiras tôscas,
só a dar castigos,
afeições recruta
quem procura amigos.

Veja-se também
que é p'la suavidade
— não p'la feridade —
da feição que tem,
que *o cordeiro manso*
mama na sua mãe
e na mãe alheia.

Ambas, sem descanso,
chupa e suga a par!
Traz a goela cheia
e a barriga a impar!

Nem te admires nada
de que ao cordeirinho
que, a mamar brandinho,
chucha p'la calada,
bem lhe queiram mais
do que ao animal
áspero e brutal
com os próprios pais;
do que à criatura
má de catadura
— racional ou não —
que, sujeita ao mêdo
mais do que ao respeito,
só por excepção
é que, tarde ou cedo,
ao que alcança a jeito
não lhe morde a mão.

Tiras com amor
mais do que com dor.

Pode a suave manha
mais que o ódio agre.
Mais moscas apanha,
que o tonel
de vinagre,
a gota de mel:
— mais a astuta aranha,
que o leão cruel.

XXIV

Se o amigo não presta
e a faca não corta,
a perca pouco importa.

E vai também com esta:
— *De amigo que não valha*
e faca que não talha
não me dará migalha.

BEM E MAL

Mal é acabar-se o bem.

I

Aquilo que sabe bem,
ou é pecado, ou faz mal.

Verás, ao invés, porém,
qual a bondade que tem
a mèzinha de hospital,
que é, no saibo, ao fel igual,
pois, em regra, sara bem
a droga que sabe mal.
Como o remédio é amargo
e tem poder curativo,
também *amarga a verdade*
e, sem embargo,
não há melhor correctivo
da mentira ou falsidade.

Ora, p'ra não enfermar,
nem haver por que pecar,
cada qual que se modere
no que, em excesso, lhe apraz
— quer nos gozos que prefere,
quer em tudo mais que faz!

II

Chega-se o bem ao bem,
e o mal a quem o tem.

Tal como acorrem
a avolumar os rios,
da água os ténues fios
que das serras escorrem,
acodem fama e glória,
as honras e o esplendor
a quem, triunfador,
de vitória em vitória,
ganhou prestígio e mando.

Como bola de neve
que, de pequena e leve,
engrossa, ao ir rolando,
a glória, a glória chama,
a fama atrai a fama.
E, quando assim não é,
e, embora pouco até,
ao bem se chega o mal,
não formam bom casal,
nem firme e forte liga.
O pouco fel
dana muito mel.
É de experiência antiga.

O oiro busca açodado
a burra do opulento,
ou medra do avarento
no cofre abarrotado,
enquanto o magro cobre
o lugar não aquece
na sacola do pobre.
Sempre assim acontece!
Já lá escrevia o bom Trancoso,
tão atilado e conceituoso
em seus dizeres prudenciais:
«*A quem tem muito dão-lhe mais.*»

Sempre, e em tudo, procura
— procura, e há-de achar —
ao feliz, a ventura,
e ao infeliz, o azar.
Boa ventura
com outra, dura.
Reverso do aforismo:
— *O abismo atrai o abismo.*

Em Sá de Miranda li:
«O bem não é como a tinha:
«Não se pega tão asinha,
«O mal pode ser que si.»

III

Como o bem se chega ao bem,
cresce o mal em quem o tem.

Dêsse a quem a sorte quís
encher de prendas e mimos,
dar afagos, dar arrimos,
ou p'ra o fazer mais feliz,
ou p'ra mais rico o tornar,
com bem verdade se diz:
— *Correm os rios p'ra o mar!*

O que, porém, ao contrário,
suporte o negro fadário
que lhe as desgraças aumenta
e o mal ao mal acrescenta,
pensará no perdigão
que em mil penas se depena,
sem desditas que não tenha
a agravarem-lhe a aflição:
— *Perdigão perdeu a pena,*
não há mal que lhe não venha...

Como é vulgar que o mau fado
antes cresça que minore,
quase sempre o desgraçado
anda de mal p'ra pior;
ou, como se ouvia outrora,
— *Hoje mal, cras empiora.*
Quem mal cacha,
pior acha.

IV

É, depois que nos falece,
que o bem melhor se conhece.

O provérbio não se engana.
Quando a fonte sêca fôr,
é que a água tem valor.
Já o Marquez de Santillana,
na versão de Bernardim,
dizia assim:
«Nunca foi mal nenhum mor,
«Nem no há hi nos amores,
«Que a lembrança do favor
«No tempo dos desfavores.»

Mais há-de custar perder
um bem sentido e gostado,
do que ignorar um prazer,
ou não fruir um amor
que inda não fôsse gozado
e a que se ignore o sabor.

Por isso é que eu não desnego
os versos da cantilena:
«O cego que nasceu cego
«Não perdeu o que logrou;
«Não pode ter tanta pena
«Como o que viu e cegou.»

V

— Faze o bem,
e não olhes a quem!

Dizem as almas largas.
Mas quem já deva ter
lições amargas
da iniqüidade alheia,
pensa — *Por bem fazer,*
mal haver —
e duvida... e receia...
Lembra-se do ditado,
com justiça aplicado
às pessoas marotas:
— *fazer bem a velhacos*
é deitar água em sacos —
ou em peneiras rôtas,
ou cêstos com buracos.

E êsses que tais hão-de pôr
à prova e uso a sentença:
— *Na areia escreve o favor,*
grava em metal a ofensa.

Faze o bem,
e não olhes a quem!

Não olhes, p'ra não veres
o mal que, às vezes, traz
o ser-se bom p'ra alguém;
p'ra não te arrependeres
das dádivas que dás.
Dia em que bem farão,
véspera de ingratidão...
Todo aquele que, atrás
de si, deixa vivida
longa e experiente vida,
lembra que *quem mais faz,*
menos merece.
O prudente não esquece
as lições ou presságios
de êstes e outros adágios:

— Há mais ingratos
do que sapatos;
— Fazer o bem,
sem se saber a quem,
perigos tem;
— Dinheiro compra pão,
não compra gratidão.

Mas, posto cem ditados
possam ser invocados,
contrários ao rifão
— Faze o bem
e não olhes a quem!
— eco da voz divina! —
escuta o que te ensina
o coração leal,
e segue esta doutrina:
quem não faz bem, faz mal!

VI

Há males que vêm por bem!

Por equívoco, talvez,
dá-se isto, uma ou outra vez.

Para não chegar, porém,
alguém à hora da morte
sem ter bafejo da sorte,
muito de-certo convém
ao bem procurá-lo,
e ao mal estorvá-lo,
tendo sempre em atenção
esta conta ou proporção:

o mal que entrou às braçadas,
sairá às polegadas...

Mas *há bens que vêm por mal...*
Há muito prazer fatal!
Todavia, ao desejoso,
que aos seus apetites cede,
freqüentemente sucede
que ao objecto do seu gôzo,
do qual por sentir acabe
as tristes resultas más,
perdoa o mal que lhe faz,
só pelo bem que lhe sabe.

VII

Mal alheio dá conselho.

Não é só em nosso mal
que encontraremos lição:
também nos serve de espelho,
e nos dá exemplo igual,
o que os outros sofrerão.
Certo é que *pesar alheio*
não se sente senão meio,
visto que *dor e desgraça*

serão para quem as passa,
mas o mal que outrem sofrer
pode servir-nos de norte
no bem viver e morrer
— no vivermos com ventura
e bafejados da sorte,
e no encararmos a morte
sem temor nem amargura,
como suave transporte
para outra vida futura...

VIII

Mal de muitos gôzo é.

Nossas penas embrandece
ver que a outros — pior até
que a nós próprios — acontece
o mal tornar-lhes a vida
tormentosa e dolorida.
Opina
velha sentença latina,
com que esta nossa condiz,
que há-de ao mísero infeliz
no amor, no azar, nos negócios,
servir de consolação
em suas mágoas ter sócios
que infelizes também são,
e que, no pego em que vão,
por igual, perdem o pé...

Mas já o mesmo não é
— com o bem — para o maldoso.
Bem de muitos não lhe é gôzo.
Mais a inveja aumentará
no mau que fôr cubiçoso
e chore a alheia alegria,
só porque a não fruirá.
Tais quais se devem sentir
— o que é bem, com bonomia,
e o que é mal, de má feição —
só os sente quem possuir
bondade no coração.

Portemos então por fé
que, ao contrário do anexim,
só os bons dirão assim:
— Bem de estranhos gôzo é...

IX

O mal dos nossos burricos é que nos faz alveitares.

Quer aos pobres, quer aos ricos,
são da fortuna os azares
que topemos
nos caminhos que trilhemos
— enganos e desenganos —
que aos avançados em anos
dão aviso e dão sabença.
Fazem que a tanta doença,
a tanto infortúnio e tédio
saibamos dar-lhes remédio.
Tem, pois, razão a sentença!

Mas se o mal dos nossos muares
é que nos faz alveitares,
e o que de ruim ou de feio
noutrem há, serve de espelho
aos senões que possa haver
em nós mesmos — *Mal alheio*
dá conselho —
o que, em si, cada um sofrer
melhor instrui e doutrina
— com a sciência
da experiência —
quanto à útil medicina
que lhe guarece e acalma
as dores de corpo e alma.

Não há outro ensino igual
ao do nosso próprio mal!

X

O mal e o bem à face vem.

Para encobrir
o mal que traz,
é que é capaz
de se tingir
de rósea côr,
e de fingir
vivo rubor,
a sécia andeja
que em si faz gôsto,
e inda deseja
ao murcho rosto
dar a ilusão
de flor garrida
— simples ficção
de graça e vida!
Teme o rifão:
— *Quem mal parece,*
de mal padece...

XI

O mal voa,
o bem soa.

Mas o bem,
curto e breve,
êsse tem
branda e leve
sempre a voz,
porque é boa.
E veloz,
ágil, lesto,
o mal voa
para nós,
pronto e presto.

Mal daqui,
pior dali...

Pois, ao passo
que o que é bom,
por ter som
frouxo e escasso,
quando louve,
pouco se ouve,
o que é dito
com mau fito,
— o que é mal —
em geral,
tanto ecoa,
que atordoa,
que parece
que ensurdece,
quando soa!

XII

Não há bem que sempre dure,
nem há mal que sempre ature.

Diz-se até que *é a ventura maior, a que menos dura.*

Muito pouco acerta quem julga durável o bem.

Antes se creia que ao mal
é que raramente alguém
lhe marca o ponto final.

Do bem ao mal,
vai um quarto de real.
Vento e ventura
pouco dura.

XIII

Quem para o bem não presta,
para o mal remedeia.

Para o mal sempre serve!
Grande verdade é esta,
a qual se patenteia
a quem pondere e observe
que, em sendo ao mal atreito,
àquele que não dá
— no bem — rêgo direito,
para uma feita má
nunca lhe falta o jeito!

CALAR E FALAR

Há um tempo para falar, e outro para calar.

I

É pelo falar
que a gente se entende.

Mas quem isto emende,
por se recordar
de que um contendor,
nímio parlador,
quando quere mostrar
língua ter de prata,
muito disparata,
nota, e bem, que a gente,
por de mais dizer,
é que geralmente
mais se desentende.
Por emmudecer,
raramente ofende.

Lei de bem viver:
muito pensar,
pouco falar,
menos escrever.

II

Fala á gente,
e guarda o teu dinheiro!

Sê cortez, deferente,
nunca altivo e grosseiro!
Não dês ganho ou provento,
mas paga o cumprimento
a quem te cortejar,
e dá bom tratamento
a quem te bem tratar!
É dom que sai gratuito
a quem o saiba dar.
O bem falar
não custa muito
e muito vale.
Mais custa falar mal!

À gente, pobre ou rica,
faz cara prasenteira!
Nada menos te fica
na bolsa ou na carteira.
Vale mais boa palavra
que oiro de boa lavra.

P'ra se deixar vexado
o grosseiro abrutado,
não se imite o anexim
— p'ra ruim, ruim e meio!
Pela prática sei-o.
Antes se diga assim:
— P'ra mal-criado,
bem-criado e meio!
Dá melhor resultado.

III

Falai no mau,
aparelhai o pau
e olhai pr'a a porta!

Diz-se do ausente,
em cuja pele corta
o maldizente,
e a quem apraza
vir, de improviso,
e sem aviso,
a nossa casa.
Que muita vez o pau,
zurzindo o bom,
sem tom nem som,
respeita o mau,
e o mais culpado
é o mais poupado,
e, pelo pecador,
é o justo o pagador!
Falai no Mendes,
à porta o tendes!

IV

Falar em corda, em casa de enforcado.

Recorda, o que assim fala, a condição
de quem acoima, em casa de ladrão,
delito aos de ladrão equiparado;
de quem, nas próprias barbas do tratante,
recrimina o chatim, seu semelhante;
do que exige pureza, em vinho ou leite,
ao vendedor que, nêles, aos almudes,
porção tamanha de água chilra deite,
que lhes tira o sabor ou as virtudes;
de quem prega decoro ou senso crítico
ao mau estadista, ou ao ruim político.

Falar em corda, em casa de enforcado...

É avivar a pena ao condenado;
o discreto gabar ao metediço;
é dizer ao avaro: — Dá dinheiro! —;
e, o natural opondo ao que é postiço,
exaltar a verdade ao embusteiro,
a riqueza ao que nada houver de seu,
a crença e a fé ao que se diz ateu.

É lembrar, no momento derradeiro,
a corda do suplício expiatório
àquele que, levado ao oratório,
está prestes a dar dos crimes seus
contas finais no tribunal de Deus.

Que, às vezes, é o mesmo condenado
que, inda agravando a sua triste sorte,
fala na corda que há-de dar-lhe a morte,
e em que será na fôrca pendurado!

Faze, portanto, o que aconselho e faço,
observando ó rifão:
— *Em casa de ladrão*
não fales em baraço!

V

Falo-te em alhos,
respondes-me em bugalhos.

Se não dás a resposta
à pregunta bem feita,
p'lo mesmo *caso*
em que ela te foi posta;
se à pregunta direita
tu deres, ao acaso,
resposta néscia ou torta,
hão-de te achar então
rombo como podão,
tapado como porta,
ou crasso como loisa.

Três ditérios irmãos
p'ra réplicas estranhas:
— *Não diz coisa com coisa!*
— *Mete os pés pelas mãos!*
— *Anda às aranhas!*

VI

Mais vale
calar
que mal
falar!

Só o mudo,
que a tudo
se cala,
e, à míngua
de fala
ou língua,
não tuge,
nem muge,
só quem
não fale
nem bem
nem mal,
mantém
discreto
o que é
secreto.

Até
os prós
de a voz
faltar,
serão
o não
parlar
alguém
sem trêlho
e sem
trambêlho,
sem causa
nem pausa,
sem tom
nem som!

Que tenha,
portanto,
o santo
e senha
— *Nem chus,*
nem bus! —
quem mal
falar.
Mais vale
calar!

VII

De pessoa calada
afasta a tua morada!

Como quem se precate,
sempre afasta as canelas
do mastim que não late,
do perro que não gane,
e que é pior p'ra elas,
porque não dá rebate,
p'ra que melhor engane.

*

A pessoa calada
não fica a dever nada
ao *cão que morde*
e que não ladra.
Rifão que tal recorde
também lhe quadra.

A água silenciosa
é a mais perigosa.

VIII

Prata é o bom falar,
oiro é o bom calar.

Se o esperto de mais vozeia,
o tolo mais tolo vence-o,
conservando-se em silêncio,
porque — mudo — não asneia.

O parvo, quando calado,
pouco dista do avisado.
Não se dando p'lo que ignore,
por sagaz é reputado.
O calado é o melhor!

Sê atento e sê fiel
ao conceito venerando
do velho D. João Manuel:
«Seis coisas sempre vê
«Quando falares, te mando:
«*De quem* falas, *onde* e *quê*,
«E *a quem*, e *como* e *quando*.»

— *Antes resvalo do pé*
que da língua — diz-se até!

E ajunta-se, em ar de praga:
— *Bôca fala, bôca paga!*

Se Deus nos deu, às parelhas,
os olhos, mais as orelhas,
e uma só bôca nos deu,
é que, em verdade,
Êle entendeu
que deveremos
falar apenas metade
de quanto ouvimos ou vemos.

Em todos os casos, pois,
tem como regra comum:
— olhar e escutar por dois,
falar por um!

Quem se não sabe calar,
não sabe falar.

Alguém que trovou com arte
o seu discretear sisudo,
nunca viu, quem fale em tudo,
«que saiba falar em parte.»

IX

Preto no branco fala como gente.

Fala melhor, porque é mais convincente,
o que se fixa, para ser relido,
uma e mais vezes, com o olhar atento,
do que as palavras que dispersa o vento,
e que vôam e sôam ao ouvido
como breve remígio
de asas que ruflam através do espaço,
sem que se encontre do seu vôo o traço,
o sulco ou o vestígio.

Não há prova mais certa do delito
do que o papel escrito.

X

Quem cala, consente.

Mas o que se finge
mudo qual esfinge,
lembrará quem mente,
se — ao dever falar —
à cautela, a viola
mete na sacola.

O que sopear,
por egoismo ou susto,
brado de verdade
contra o que é injusto,
contra o que é maldade,
quem o mal consinta,
ou, por mal, não fale,
faz, por puridade,
tal como quem minta,
muito embora cale.

*

Quem cala, consente.
Consente... ou despreza
o maledicente,
se nada lhe pesa
de mau na consciência;
se a sua inocência,
mais clara que o dia,
se alheia da sanha
ou da aleivosia
de quem o abocanha.

*

Quem cala, consente.
Consente... ou desdenha
o mal que lhe venha
de bôca impudente.
E fica indiferente!
Não deve, nem teme?
Não grita nem geme:
não fala! Consente!...

XI

Quem fala de olhos fechados, quere ver outros enganados.

É como aquêle sujeito
de feitio atravessado,
que olha todos de mau jeito,
de soslaio e desconfiado.
Porque tem a alma torta,
ninguém encara a direito,
nem direito enxerga nada.

Nunca o nosso olhar suporta,
nem a vista, enviesada,
fita em nós, a sabe pôr:
é de revés e de esguelha,
como o que, ante o julgador,
na cara traduz e espelha
o crime de que é autor.

XII

Quem muito fala, pouco acerta.

É o caso tal de se dizer:
— *Muito falar, pouco saber.*

Mas quem, de mais, a goela aperta,
nem fala bem, nem desacerta.
Porque *o bom é saber calar,*
até ser tempo de falar.

Quem muito fala e pouco sabe,
de asno se gabe.

Mas da pessoa a quem aberta
jàmais se viu a bôca, incerta
pregunta a gente: — É tola ou esperta?

Quem muito fala e pouco entende
por ruim se vende.
Porém àquele que não fala,
ou não se cala,
que nunca abre, ou nunca cerra
os lábios seus, é bom lembrar:
— *Nem tanto ao mar,*
nem tanto à terra!

XIII

Se o bem calar é oiro,
o mal falar é lodo.

Assim o diz o apôdo.

Se mais do que um tesoiro
vale o homem circunspecto,
que é fruto sem carôço,
ou uva sem grainhas,
por tolo ou indiscreto
tem-se o velho ou o môço
que *fala as estopinhas!*

Lá diz outro ditado:
— *O môço bem criado*
nem de si fala,
nem, preguntado, cala.
Muito falar,
muito errar!

XIV

Tão duro ao doido é calar,
como ao sisudo falar.

Antes te culpem de míngua
de eloqüência e de loqüela,
que de falar sem cautela
e sem ferrolho na língua.
Mas, se nesta não tens *papas,*
falando *p'los cotovelos,*
sem resguardo nem refolhos,
aos disparates não escapas:
saiem da bôca aos novelos,
ou, quais cerejas, aos molhos!

Em quem assim desembucha
e assenta no chão a giga,
palavra palavra puxa,
sem tento ou mão no que diga!

Falatório de homem bruto,
muita folha e pouco fruto!

É de louco
falar muito e calar pouco.

Falar sem cuidar
é tirar sem apontar.

CANTAR

O cantar bem é de poucos.

I

Bem canta Marta,
depois de farta.

Doutra maneira
— se a aperta a fome —
ninguém a tome
por cantadeira!

Sem hucharia
p'ra sua engorda,
falta-lhe a corda
p'ra a cantoria.

Mas, se a barriga
impa de farta,
a boa Marta
dobra a cantiga!

Há muitas Martas
— fêmeas ou não —
que, só bem fartas
e cheias, hão
de ter p'ra nós
préstimo e voz...

Cantor matreiro,
ou, por dinheiro
— tanto, por tanto! —
solta o seu canto,
ou te procura
logo enredar
na indústria escura
do seu cantar.
Arias ingratas!
Chantage, em França,
se chama à usança
de tais cantatas...

II

Cantigas, leva-as o vento!

Mais leves que as leves palhas,
cantigas, o vento espalha-as,
leva-as ao ar num momento!
E, depois, no torvelinho,
no rodopiar turbulento,
ninguém lhes sabe o caminho!

Trovas tristes, tristes versos,
por frescas auras dispersos
e quentes bôcas soltados,
arrastam consigo as dôres
das almas dos cantadores
que lhes fiam seus cuidados!

Se tu choras e não cantas,
criam-te as mágoas raízes,
que o pranto, nos infelizes,
é como a água nas plantas.
O chôro não afugenta
do coração a amargura:
quando as dores não têm cura,
quem chora o seu mal aumenta.

Disse-me alguém não sei onde,
disse-me alguém não sei quando,
que, muitas vezes, esconde
tristezas quem vai cantando.
Não me disse novidade.
Desata o nó da garganta!
Canta a esperança ou a saüdade!
Quem canta, seu mal espanta!

Quem chora,
seu mal piora.

III

Carro que canta, o seu dono avança.

São práticas antigas!
Melhor que com razões, é com *cantigas*
que muita gente, muita coisa alcança.

Estimula os muares a guizeira,
tal como a chiadeira
que faz o carro, a andar, os bois instiga.

De análoga maneira,
quem vai *atrás do chôro* ou *da cantiga,*
será levado a caminhar consoante
as intenções de quem lhe chore ou cante...

IV

Quem canta, não cantareja.

Nem águia de vôo audaz,
como a serpente, rasteja.

Aquêle que um dia seja,
em arte ou sciência, primaz
— não gorgeador de falsetes,
nem *sábio de saberetes* —
faz sempre bem quanto faz.

Há um dito semelhante
p'ra quem, de génio ou feição,
seja aquilo que parece
— é *p'lo dedo* que *o gigante,*
e, *p'las unhas,* que *o leão*
logo a gente reconhece.
Vejam como o rouxinol,
que é, de entre as canoras aves,
a de notas mais suaves,
de entre elas todas, o escol
— na melodia, o primeiro —
canta, sim, não cacareja
como galinha em poleiro.
E albatroz, que ao largo adeja,
que sobe direito aos astros,
cortando o azul com arrôjo,
não leva as asas de rôjo,
nem anda, em terra, de rastros.

Nem rouxinol cantareja,
nem gerifalte rasteja...

Contudo, por muita parte,
ouve-se, em remedos de arte,
quem, escancarando a garganta,
só cantarola, e não canta.
E, por igual, se verão
patos-marrecos, coitados,
que, em voejos desajeitados,
mal se despegam do chão!

Como é, p'ra a águia — voar,
p'ra a filomela — trinar,
ou p'ra o corcel — galopar,
é p'ra o pato — patejar,
p'ra o triste mocho — piar,
ou p'ra o reptil — rastrear.

Não se comparem os trilos
da tutinegra ou canário,
ao monótono fadário
das cegarregas, dos grilos,
dos ralos que o ouvido ralam,
nem, por engano, se tomem
os que palram, p'los que falam
— o papagaio p'lo homem!
Nem bom orador gagueja,
nem bom cantor cantareja...

Em feitos vis não se expande,
nem se relaxa ou degrada,
quem nasce p'ra feito grande,
fadado p'ra empresa grada.
Não se entretêm os leões
na caça dos taralhões...

V

Se cantas a burro, responde-te a coices.

Se em seara asinina de orneios e zurros,
do canto ou da fala meteres as foices,
mais burro te mostras que autênticos burros.

Nem pérolas deites a bôca de suínos,
nem trates, de ingénuas, rameiras de alcoices,
nem gastes com asnos cantatas ou hinos!

Jumento manhoso — por festas — dá coices!

CASAR

Cada um canta como tem graça,
e casa como tem ventura.

I

Por afeição te casaste,
a trabalhos te entregaste.

Quem casa por amores,
maus dias, noites piores.

— Casa, e verás
que mal dormirás!

Ditérios de mal-casado!
Rifões de gato escaldado
que até mesmo da água fria
se arreceia e desconfia.

Por mais certos tende, pois,
êstes dois:
— Arranja casa com lar
e mulher que saiba fiar.
— Por cobiça de florim,
não te cases com ruim!

Sôbre os prós e contras vários,
em casos de casamento,
há de prolóquios um cento
que dispensam comentários.
São profundos, são perfeitos,
falam como livro aberto!

Exemplos do que é de esperto
o povo nos seus conceitos:
— Com a mulher rica e feia,
ruim cama e bôa ceia;
— A mulher que te quiser
não diz o que em ti houver;
— Quem gaba a mulher de bela,
vive dela.

Se, entre si, quando se odeiam,
mulher e homem
são cão e gato,
que se guerreiam,
e que não comem
no mesmo prato,
mulher que ama o seu marido,
ou marido que bem quere
só à mulher,
lembram nota e sustenido
duma escala musical,
que, postos na sua clave,
e afinados por igual,
soltam a ária suave
da harmonia conjugal,
sem se afastarem do tom:
— são como vogais unidas,
que, em ditongo contraídas,
formam um único som.
Ou, em dizer mais prosaico,
peças que, à justa medida,
entram certas no mosaico
aventuroso da vida!

Um duo de bem-casados
não é êrro assemelhá-lo
ao de galinha e de galo
que passam afortunados,
juntinhos no seu poleiro,
sem mais galos nem galinhas;
ou a casal de andorinhas
que viva em ninho fagueiro,
uma com outra, sòsinhas,
sob o docel dos beirais,
dando assim exemplos lindos
aos outros, aos mal-avindos,
àqueles que são tais quais
o par de murganho e gata,
ou de felino e de rata,
ou de sapo e de dòninha
— de dòninha sem cautela,
que vai, mísera e mesquinha,
cair do sapo na goela!

Cabe ao marido a prudência;
cabe à mulher a paciência.
Caiba ao marido o papel
de sol, e caiba o de lua
à mulher, na casa sua,
diz D. Francisco Manoel.
Quando ambos podem cantar
o estribilho popular
desta cantiga singela:
— «Quem gosta de mim é ela,
«Quem gosta dela sou eu» —
porque Deus a ambos deu
a sina de bem se quererem,
aqueles que assim viverem
são, entre si, tão irmãos,
como dum corpo os dois braços,
e as palmas das duas mãos.
São asas da mesma ave
que se alteia dos espaços
na imensa e cerúlea nave.
Dão-lhe um nome lindo — *Amor!*
Se de pejo e de pudor
toda se veste e se empluma
— qual ave do paraíso —
é núncia de bom aviso,
mais bela do que outra alguma!

Mas, posto se erga segura
da potente envergadura
das penas com que se libra,
se acaso perde uma guia,
ou uma das asas falha,
não mais no ar se equilibra:
eil-a em terra, na agonia,
sem nada haver que lhe valha!
Tal qual sucede a quem casa
e é da má sorte o ludíbrio!
Quando uma à outra metade
traia, faleça ou despraza,
perde a vida o equilíbrio,
e, com êle, a felicidade!

*

Nisto, pois, de casamento,
é adoptar a lição,
ou seguir o mandamento
do juizo de Salomão:
«A graça ilude,
«a formosura passa;
«busca a virtude,
«e não beleza ou graça.»
E cada qual
só nêste fito resuma
a essência, a síntese, a suma
da ventura conjugal!

Sem a virtude, a beleza
é como rosa sem cheiro.
Que dito mais verdadeiro,
mais justo e de mais certeza?

Beleza da bondade separada
não vale nada!

II

Antes de casar,
tem onde morar,
terras p'ra lavrar,
vinhas p'ra podar.

Lembre-se outrossim
que há um anexim
que se adapta a jeito
a consórcio feito
mais por ambição
que por afeição:
— *Casei com a gata*
por causa da prata,
roubaram-me a prata,
fiquei com a gata.

Tornem-se depois
já do casamento,
para mais aumento,
gôzo e prol dos dois,
o marido barca
e a mulher arca.
Traga o bom marido
tudo o que puder
agenciar, na *barca,*
para que o trazido,
próvida, a mulher
guarde na sua *arca.*

Mas se a *gata* rica
sem a *prata* fica?
Mas se a *barca* andar
no lodoso rio
dum enlace mau?
Vem a naufragar
contra algum baixio,
ou encalha em vau.
Vive muito à imagem
dessa infausta nau,
quem se arrisca à viagem
dum amor sem sorte,
em que a adversa fada
que o velame enfuna,
veda que se aporte
à mansão sonhada
da feliz fortuna...

III

Antes que cases,
olha o que fazes !

Sim! P'ra que o passo
não te emmanqueça,
dá tempo e espaço
ao teu anseio,
não te aconteça
pôr pé em falso,
ou pô-lo em cheio
em atoleiro!
Antes descalço
que mal calçado!
Antes solteiro
que mal casado!
Pois quanto mais
a alguém quiseres,
mais certo vais,
se assim fizeres
— se sempre fôres
lento, moroso
e cauteloso
nos teus amores.

Devagar
se vai ao longe!
Antes entrar
p'ra monja ou monge,
do que enlear-se
a vida em laço
que há de apertar-se
como baraço
de enforcamento.
Embora seja
igual tormento
ao da fogueira
que nos chameja,
aos pés do altar
— quem tal não queira —
ir-se *casar*
ou meter freira,
mais vale professo
nalgum convento,
freira em mosteiro,
que o mau sucesso
dum casamento
que é cativeiro.

Antes que cases,
olha o que fazes!
Quem não *olhar,*
e se casar
desprecavido,
de-certo diz,
quando infeliz
e arrependido:
— Ai! o que eu fiz!
Mas, nessa altura,
p'ra desfazer
a teia escura
que envolve em tédio
o seu viver,
qual o remédio?

Triste forçado,
prêso, em galés,
de mãos e pés,
tal era o estado
do mal-casado,
quando não tinha,
p'ra se curar
do mau consórcio,
logo a mèzinha,
fácil de aviar,
do seu divórcio.

Os céus permitam
— aos descasados —
que lhes remitam
os seus pecados,
se, em moral sã,
há salvação,
se, na moral
pura e cristã,
logram perdão
p'ra culpa tal!

*

Antes que cases,
olha o que fazes!
Bem é preciso,
com o compasso
do são juizo,
atentamente
medir tal passo,
quem dá-lo intente
com mais confiança.
Mais valerá
boa esperança
que posse má.
Porque talvez,
se assim julgar,
deixe o casar
p'ra outra vez,
e fique a ver se
chega a *semana*
dos nove dias,
p'ra resolver-se...

Quem não se engana
com fantasias
de coração,
se o acometeu
a tentação
dum himeneu,
reflecte e pensa
no seu destino,
seguindo o ensino
de tal sentença.
E, se casar,
por malfazejo
tenha o estuar
febril do cio.
Antes desejo
do que fastio!

*

Antes que cases,
olha o que fazes!
Mas, se o fizeste,
e mal te deste,
faz como quem
se casou bem.
A vida encara
de ânimo forte!
Faz bôa cara
à ingrata sorte!

Sê resignado
com o teu estado!
E sê leal,
e sê fiel
ao teu papel,
até final!

IV

Antes que cases,
olha o que fazes,
que não é nó
que tu desates!

Não! por ti só!
Bom é então
que sempre acates
êste rifão.

Toma atenção
antes que cases!

Velhos, rapazes,
nunca se fiem,
nem se transviem
nalguns atalhos,
em que os casados
mal precatados
topam trabalhos,
encontram escolhos.

Cegos os olhos
pela paixão,
mui fácil é
seguir ou não
por bons caminhos
— ir-se *na fé*
só *dos padrinhos*...
Em quantos lares,
sem o sonhares,
padre, tu lavras,
com duras penas,
sentença atroz,
nessas palavras
— duas apenas! —
«*Conjugo vos*»?

V

A casa com lar,
e a mulher a fiar.

Quando Deus concede
êstes dons a alguém
que o seu bem lhe pede,
dá-lhe o maior bem.

Disse autor de escol
que, na casa sua,
o homem faz de sol
e a mulher de lua.

Justo pensamento,
se, no casamento
a que alguém se afoite,
reina *êle* de dia
e *ela* impera à noite.
Como quem diria
que *êle* é nado e feito
p'ra o labor da vida,
e *ela* mais nascida
p'ra as funções do leito.

Mas, p'ra nessa lida
ela mais não ser
que p'ra o deleitar,
e *êle* p'ra a manter,
sem jámais lograr
folga nem lazer,
Deus bondoso dê
aos que a Igreja enlaça,
bem melhor mercê,
bem mais útil graça:
dê lavor que apraza
à *mulher, em casa,*
e ao *homem, na praça.*

VI

Em casa do varão
manda êle e ela não;
na do varela
manda êle e ela;
na do varunca
ela sempre e êle nunca.

Ora a norma ideal
é a autoridade
ser irmã e igual
em qualquer metade
de qualquer casal.
Porque êle é mais forte,
que maneje a *espada;*
e que fie na *roca*
débil, a consorte
branda e recatada.

Mas a dar-se a troca,
sempre que se arvore
a mulher em *espada*
e o marido em *roca,*
vão de mal a pior,
invertidas, pois,
as missões dos dois!

Ou que a *espada* ande
dada a quem fraqueja,
por que quem a brande
mau esgrimista seja
—nem audaz, nem ágil—
ou que a *roca* frágil
ande mal fiada,
vê-se que à matroca
segue a malfadada
«*casa aonde a roca*
«*é que manda a espada*»
— *casa de Gonçalo,*
em que manda o galo
menos que a galinha...
Logo se adivinha
que o viver é mau,
se — qual no *arrenego*
do troveiro — é o prego
«brando mais que o pau».

VII

Casamento, apartamento.

P'ra bem viver,
o que se casa
aparte a casa!
Não pense em ter
por companhia,
só p'ra quisília,
de noite e dia,
toda a família
de quem esposar!
Pois, aliás,
há-de passar
horas bem más,
dias ruins
de travo amargo.

Se a seus afins
não põe ao largo
do seu beiral,
queira ou não queira,
hão-de lhe o sal
pôr na moleira!

VIII

Casar, casar, quer bem, quer mal!

Muito há-de errar
quem faça tal!

— *Casar, casar,*
sôa-nos bem,
sabe-nos mal —
diz-nos, porém,
outra lição.
Na colisão,
qual anexim
seguir, por fim?
Casar devemos
só por amor,
só pelo *som,*
sem que curemos
do seu *sabor*
ou mau ou bom?
Que lá se veja
quem o deseja!

Do amor que tem
como sinal
soar-nos bem,
saber-nos mal
— dum amor louco —
livre-nos Deus
a mim e aos meus!
Que *saiba a pouco*
o ideal será!
E — no que *sôe* —
que não destôe,
nem fora vá
da afinação
que o afecto dá.
Porque, senão
— caso não fôr
no mesmo tom
o *gôsto* e o *som* —
seja o *sabor*
melhor que o *soar,*
naquele amor
que, p'ra durar,
nem há-de ter
picante saibo,
nem deve ser
insôsso e taibo.

Comida, e amores
de casamento,
nem semsabores,
nem de tempêro
ou condimento
com exagêro.

Se a iguaria
que sal não tem,
logo enfastia,
vê que também,
quanto mais sápido
ou saborido
é o manjar,
tanto mais rápido
— se é repetido —
há-de enjoar.

IX

O casamento e a mortalha no céu se talha.

É mandamento
que nos entrega
à sorte cega!

Posto a sentença
assim decida,
logo à nascença
— ou inda antes —
da morte ou vida
dos figurantes
— embora o céu
cumpra a missão
de lá talhar
mortalha e véu —
p'la própria mão
vá-se tirar
para consorte
quem mais agrade,
e, quanto à morte,
que importa a prova
do trajo que há-de
levar-se à cova?

Se é o céu que talha
o casamento,
quanto lhe falha
seu bom intento!

Um bem imposto
raro, em geral,
não traz desgôsto.
É dos tais bens
que dão em mal.

Vale mais um gôsto
que alguns vinténs...

X

Casar
e compadrar
cada um
com seu igual

Norma comum,
regra geral:
só puxa bem
a carro ou trem
um tiro igual
— se se assemelham
os que emparelham.
E não há — não! —
uma tracção
que exija mais
da fôrça humana,
do humano alento,
que a dos varais
da traquitana
do casamento...
Ao argumento
— *duro com duro*
não faz bom muro —
outro ditado
volve assisado:
— *lé com lé*
cré com cré! —
E, no bom pão,
sabido é,
com o mau grão
não entra o são...
O mais trivial
é quem escolher
seu par, sem ver
se o elege mal,
pagar com penas
o seu engano,
e, por leviano,
colher apenas
vergonha e dano.
Bôa ventura,
com outra, dura.

Homem, mulher
que só requere
— na outra metade —
ou a riqueza,
ou a beleza
— sem a bondade —
se a quere só bela,
vistosa e rica,
logrado fica!
Não vai com ela
até o fim!

Para casar
ou compadrar,
que sejam, sim,
iguais os dois
que façam par!

Junte-se, pois,
cada ovelha
com sua parelha!

XI

De Castela, nem bom vento,
nem bom casamento.

Nunca em terra estranha
— seja ou não a Espanha —
procures com quem te cases!
Ràramente de lá trazes
companhia p'ra teu bem,
ou de lá te sopra e vem
alguma arágem fagueira.
De exemplos mil, que alto falem,
a nossa história está cheia!

— *Limpaduras da minha eira*
mais valem
que trigo de tulha alheia.
— *Mais quero à minha peneira*
pedir um pão apertado,
que à vizinha um emprestado.
Se tens, pois, no teu celeiro,
não recorras ao estrangeiro!

Procura mais perto,
indaga em redor,
e encontras, de-certo,
melhor casamento
e vento melhor.

Aplica-lhe *el cuento:*
— *Fui à da vizinha*
e envergonhei-me,
tornei-me à minha
e remediei-me!

O que longe vai casar,
ou vai enganado,
ou vai enganar.
Toma em conta êste presságio!

Tem em vista o sentenciado
nas palavras doutro adágio:
— *casamento a par do lar,*
compadre de alem do mar.

XII

— Mãe, que é casar?
— Filha, é fiar,
parir, chorar...

Triste colóquio!
No ensinamento
dêste prolóquio
faz-se mister
que tome tento
toda a mulher
mal precavida!
Não vá passar,
inteira, a vida
nessa fadiga
de só fiar,
qual parca antiga,
a negra estriga
do seu penar.

XIII

Melhor se enforca
quem pior se casa.

Mau casamento!
Quem nessa lorca
de lôdo e vasa
cai, desatento,
p'ra breve aprasa
o apartamento.

Por triste míngua
da nossa língua,
tão abundante,
tão rica em dons
de ritmo e sons,
bôa consoante
para *consórcio*
só nela há uma
— nos nominais —
só há *divórcio,*
sem outra alguma,
sem outra mais
de índole igual!

Assim — tal qual
os aproxima
e liga a rima
— tal qual no verso! —
liga outrossim
o azar adverso
o início e o fim
do amor reverso,
que o fado quis
fôsse infeliz!

Então veremos
como se tocam
os dois extremos,
quando se chocam
— bem ao ouvido,
mal no sentido —
a sagração
e a quebra ou corte
duma união
de amor sem sorte!

XIV

O que não tem
sogra ou cunhado
é bem casado.

Se uma, de mãe,
e outro, de irmão,
não fingem bem,
porque ambos são
de má feição
e nenhum esconde
que tem, de raça,
génio tirano,
ponham-nos onde
qualquer não faça
perda nem dano!

Cunhados,
ferros de arados
(e há igualmente
quem acrescente
— sogra e furão)
dentro do chão
serão logrados.

Êstes rifões
desnaturados
têm excepções.

Mas quando a sogra
se desafora
com genro ou nora,
e lhes malogra,
p'ra os causticar,
a paz do lar
— se mal se porta —
menos convém
viva que morta.
Essa é que *nem*
de barro à porta!

XV

O que tem mulher tem o que há mister.

Sim! Mas no desvelo
pêlo sexo belo,
ninguém leva a palma
ao que aliás disser:
— *Casa sem mulher*
é corpo sem alma —
como se exprimia,
tanto em seu louvor,
o famoso autor
da *Carta de Guia*.

Mas preciso é
cada um achar
— leve tempo embora! —
fôrma do seu pé,
p'ra não coxear
pêla vida fora...

Pois, se assim não fôr,
se o iludir o amor,
e, por mal pensar,
mal escolhe o par,
mostre a sem-razão
do dizer vulgar:

— *Solteiro-pavão;*
em noivo-leão;
casado-jumento.
Não se torne mais
bruto que animais
sem entendimento,
nem, por seu tormento,
faça de muar
p'ra a mulher montar!
Malfadada vida,
vida que mal finda,
a de leão, à ida,
e sendeiro à vinda...

XVI

Quem pensa, não casa, quem casa, não pensa.

É esta a sentença
de quem se compraza
em êrro chamar
a alguém se casar.

Pensou? Não fez tal!
Casou? Pensou mal!
Saiu disparate!

*

De melhor maneira
falará, porém,
quem te diga: — Dá-te
a quem bem te queira
e a quem queiras bem!

Corre-te o viver
plácido e feliz,
quando seja o querer
de alma ou de raiz.

XVII

A quem faça casa, ou se casa, fica-lhe a bolsa rasa.

Rasa... ou arrasada!
Fica a bolsa sem nada,
ao fim de encheres,
do chão à telha,
o ninho para teres
ou nova e linda abelha
a fabricar-te mel,
como em colmeia;
ou feia centopeia,
ou cobra cascavel,
que saiba só esvurmar
peçonha ou rosalgar,
e de fel e vinagre
te ponha, azêdo e agre.

Quem casa,
quere casa.
Mas, quanto a encargos,
toma tento na vida!
Nada de gastos largos!
Conta, peso e medida!
E, porque, em muito caso,
um adianto é atrazo,
p'ra que os bens não arrases,
em mútuos não te adiantes
e em pagas não te atrazes!

Antes, muito antes
que tu levantes
em rua ou praça
prédio de ousada traça
— ou que te cases —
vê o que fazes!

XVIII

Quem tarde casa, mal casa.

Quem escolhe espôsa
formosa e nova
(a qual deu prova
de ser raposa
matreira) estando
de pés p'ra a cova,
busca e apressa
um miserando
e infausto fim
— a tumba e a eça.
É do anexim!

Velho casado
com mulher nova
vive enganado,
ou abre a cova.

Cada aventura
ou cada feito
tem, em verdade,
a sua altura,
tem, com efeito,
a sua idade:
na juvenil,
o casamento,
p'ra bem viver;
e, na senil,
o testamento,
p'ra bem morrer...

Pois, quanto a amor,
quanto a paixões,
é mau transpor
as estações:
querer calor
entre nevões...
No inverno frio,
não vale teimar
inda em gozar
o sol do estio...

*

De tarde madrugar
e de tarde casar,
hás-de te lamentar.

COMER

Engorda o menino para viver
e o velho para morrer.

I

Cada um come do que gosta.

Mas dito mais justo acode
áquele que, em glosa, houver
de ao prolóquio dar resposta:
— Cada um come do que *pode,*
não tendo à mão o que *quere.*

Que o rifão também se aplica
ao de paladar tão mau,
que tanto se depravou,
que descontente não fica,
se, em vez de pão, lhe dão pau
— se lhe dás, ou se lhe dou
o pão que o diabo amassou...

II

Sem comer
não há prazer.

Barriga vasia
não tem alegria.

Eis o pregão
do gargantão
que vê o céu
na mesa posta,
e ao cheiro andando
do bom pitéu,
da gorda posta,
sempre buscando
o melhor naco,
nédio e guapo,
quere *um no papo*
e outro no saco,
e ainda chora
pelo do prato.

Rebente embora,
nada mais grato
para o guloso
que lisongear
o gôsto e o gôzo
do paladar.

Mas, se é do tom
comer *do bom*
e do melhor,
encher de mais
papo ou barriga,
é o que há pior!

Sêde frugais!
Ouvi quem diga:
— *Quem come pouco*
muito aproveita.
É mau ser mouco
a tal receita.

Não imiteis
usos ou leis
dos animais
irracionais!
Justo é mostrarem
quanto ao que comem,
não se irmanarem
o bruto e o homem.
Em tempo, alguém,
mestre perfeito
de cozinhado,
guisou mui bem
um são conceito
nêste ditado,
que por verdade
(pois dela há-de
andar rés-vés)
é bom que tomes:
— *Diz-me o que comes,*
dir-te-ei quem és!

III

Guarda que comer,
não guardes que fazer!

Posto seja a comida
tão necessária à vida
como a luz ou o ar,
e sem o seu quinhão
de quotidiano pão
ninguém possa passar,
o adágio significa,
p'ra quem o bem glosar,
que—porque melhor fica
primeiro a obrigação,
depois a devoção —
o bom trabalhador
tem sempre mais valor
e mais a Deus apraz
do que o bom lambaraz.

Mas por que o mandrião
acha que o *não guardar*
o que é de obrigação
equivale a deixar
o *que fazer* de lado,
e à frase ilude e gora
o fiel significado,
diz: — *guarda que comer*
(p'ra o ter a toda a hora)
não guardes (deita fora!)
o que hajas *que fazer!*
Êsse não tem respeito
pelo velho preceito:
Antes te deites sem comer
que te levantes a dever!

IV

Guardado está o bocado
p'ra quem o há-de comer.

Há-de, às vezes, suceder
que, ou entornado ou furtado,
o caldo (diz o rifão)
se perca *entre a bôca e a mão.*
São pessoas distraídas,
que, por outras, atrevidas,
de dentro das escudelas,
ou caminho das goelas,
as sopas verão gualdidas!

Isto que é com a comida,
será com tudo na vida.

Haja, portanto, cautela
em livrar nosso bocado
de por outrem ser levado,
se a gente o não guarda e zela.

A tentação
faz o glutão,
como a *ocasião*
faz o ladrão...

V

Mais olhos que barriga!

Há muito quem tal diga
dos que julgam poder
— quanto vêem — comer;
dos que devorariam,
quais Saturnos, os filhos,
e se deliciariam
comendo *a dois carrilhos.*
Basta que o cheiro sinta
dos fritos ou guisados,
dos perus ou capões,
p'ra na bôca faminta
um dêsses esfaimados
ter água aos borbotões!
E, quando à refeição
lhe surge algum intruso
a minguar-lhe a ração
de seu costume e uso,
pondo-o a meio jejum,
rosna, com desprazer:
— *À hora de comer,*
traz o diabo mais um!

Mais olhos que barriga!
Aquele que mastiga
o conspecto dum prato,
gostando com o olfato,
crendo sápido o olor
— guloso epicurista
que ao cheiro acha sabor! —
come até com a vista!

O recurso que resta
ao infeliz glutão
que haver não pode à mão
o pasto que requesta,
lá o ensina o dizer:
— é, *com os olhos, ver,*
e comer com a testa!

VI

Não vivas p'ra comer,
e come p'ra viver.

Muito embora nos diga
uma sentença antiga
— *a fome não tem lei* —
por mim, observarei:
— Come até o limite
duma sóbria vontade,
não tudo que te agrade
ou te dê no apetite!
E dêste adágio a prova
nunca pretendas ter:
— *Ao que de mais comer*
abre-lhe o garfo a cova.
Quem assim não fizer,
é que de-certo quere
dar cumprimento ao dito:
— Bom comer,
mau morrer;
e às bordas do Cocyto
conte que muito em breve
seja o diabo que o leve!
«De fome na vi
a ninguém morrer,
mas a muitos, si,
de muito comer.»
E, quanto ao vinho, vêde:
por um morto de sêde,
morrem mil, de beber.

*

Quem, por gula, pecar
— quando soar
no vale de Josaphat
a trombeta fatal —
em excomunhão mortal,
verão que se erguerá
da lúgubre jazida,
os beiços a lamber
do último pitéu
que saboreou em vida!

Ao ir, enfim, bater
— não à mansão do céu —
do fundo inferno aos quintos,
expiará seus delitos
na secção dos famintos,
dos gulosos precitos,
cumprindo ali a pena
que impiedosa o condena
a nunca mais poder
nem comer, nem beber,
a nunca mais lograr
nem jantar, nem cear!

Mas em tal comilão
é que assenta a matar
o escarneo do rifão:
— A bêsta comedeira,
pedras na cevadeira!

VII

Nem com toda a fome à hucha,
nem com toda a sêde ao pote!

Senão, ou estoira, ou embucha
quem de água ou pão se abarrote.

Mas, quando à cozinha vás,
não olhes p'ra o que se faz:
— se a comida vês fazer,
fartas-te antes de a comer.

E não se veja também
fazer o vinho que vem
da uva que sai da vinha,
pois não enjôa o lagar
menos que enjôa a cozinha.
São normas que têm lugar
nas regras de bem-viver.
Quem coma até rebentar,
não mostra juizo ou saber,
revela brutalidade!

Tal qual sucede no amar,
«comer e saber comer»
— não há mais certa verdade —
«são dois pontos delicados:
«os que comem são sem conto,
«os que sabem são contados.»
Os de finos paladares
poucos são, feito o desconto
dos comedores vulgares.

Nem só com água ou com pão
colhe tão mau resultado
quem, desprezando a lição,
nunca está farto ou saciado.
Quem, muito além do que deve
— na fome das ambições
ou na sêde das paixões —
seus loucos desejos leve,
quem ache sempre pequenos
bens ou haveres que tem,
quere de mais, terá de menos,
não pode acabar em bem!
Comer, querer e coçar
estão no principiar...

VIII

Papas à noite fazem azia.

E todavia
há quem se afoite,
à meia-noite,
a comer papas,
beber zurrapas,
encher-se à farta,
tanto e retanto,
que causa espanto!
Que morra Marta...

Glutão suicida,
posto que a vida
mais breve acabe,
só pelo bem
que êle lhe sabe,
perdoa o mal
que pronto vem,
certo e fatal.
Funesto embora
lhe deva ser,
come e recome!
Dirá que *a hora*
de se comer
é a da fome!

IX

Quando se come, não se envelhece.

É o que parece
a quem não tome
como pecado
mortal a gula.
É o ditado
grato ao lambão
que tudo engula
que houver à mão.

Embora morra
de indigestão,
quanto mais come
à tripa-fôrra,
mais cresce a fome.
Está o codear
no começar.

Na alegre faina
da comesaina,
p'ra a vianda que entre,
tem sempre abertos
e sempre certos
goela e ventre.

Porque *a fartura*
faz a bravura,
dá louçania,
dá alegria,
e um velho dito
diz que *gordura*
é formosura,
faz-se bonito,
faz-se loução,
traz nédio o rosto.

— *Veste-te a uso*
(rezá o rifão)
e come a gôsto!
Mas sem abuso!
Que é mau processo
cair no excesso,
seja no fato,
seja no prato.

Quem de mais come,
é que enfraquece
e se consome
— é que envelhece!

X

Que morra Marta, mas morra farta!

Tal qual um fole
que se enche de ar,
quase a estoirar
de quanto engole
— a esmo e a eito —
de pasto à cata,
Marta recorda
êste preceito:
— *O que não mata*
engorda!
E tudo come!

Tem por seguro
que, *para a fome*
não há pão duro.
Engordará
com o mau pão
e a carne má!

Vê quem a observe,
que de ração
tudo lhe serve
à bôa Marta,
co'a condição
de morrer farta!

Pois isto mesmo
se diz de quem
— a eito e a esmo —
busca o seu bem;
de quem, famélico
de outra comida,
quere em festim
pantagruélico
tornar a vida,
olhando ao fim,
e não aos meios.

Ao ambicioso
de bens alheios
para seu gôzo,
os meios são
— o bom e o mau —
de aceitação,
em lhe prestando
para degrau
de glória ou mando
— para enfatuar-se
com as riquezas,
ou envaidar-se
com as grandezas.

XI

O que tarde vier come do que trouxer.

A quem isto sucede,
talvez ocorra o azar
de aquele que o hospede,
por farto de o esperar,
já não ter que lhe dar.

Também se diz — eu sei! —
— *Tardei, arrecadei!*
— *A raposa que tarda,*
caça aguarda.
Mas, em geral, não é
dizer de muita fé.

Nem sempre o que *tardou,*
arrecadou;
nem raposa atardada
caça mais nada
que a ratoeira
em que foi apanhada
e ficou prisioneira.

— *Primeiro vens,*
primeiro tens!
— *Quem antes nasce,*
antes pasce.
Perde com as demoras
quem venha fora de horas.
Se lhe falta o que baste,
dir-lhe-ão: — *Tarde piaste!*
Como *não há mau pão*
p'ra boa fome, então
faz — sentindo-as vasias —
das tripas coração.
Das idas iguarias
aceita os vis sobejos;
ou qual, em seus bocejos,
a gente dorminhôca,
fará *cruzes na bôca,*
p'ra afugentar o diabo...

Quem vem do bródio ao cabo,
sem nada, enfim achar
— diz-se em gíria vulgar —
curte fome de rabo!

XII

Quem se deita sem ceia,
toda a noite rabeia.

Dirá o lambareiro,
forte no refraneiro
do comer com desmando.
Mas em vão sentenceia!

Visto que é *começando*
que mais se ateia
a guerra e a ceia,
ir-se-á empanturrando,
sem advertir
que *o bom comer*
faz mau dormir;
nem pensar no dizer:
— *Se queres enfermar,*
ceia e vai-te deitar;
nem recordar, prudente,
que estão *das grandes ceias*
as sepulturas cheias.

Barriga quente,
pé dormente...

XIII

Quem tem fome
cardos come.

— *Falta capão?*
Cebola e pão!
Pois, *quando a comida tarda,*
a fome é bôa mostarda.
O faminto acha gostoso
o próprio cardo espinhoso!

Ao que tais rifões lembrar,
êste logo vem à balha:
— *Todo o burro come palha,*
o caso é saber-lha dar;
ou é o burro sofrer
uma ânsia tal de comer
— porque não sinta a cevada
a picar-lhe na barriga,
há longo tempo sem nada —
que até, aos ornejos, diga
que tem por boa ração
a palha má que lhe dão!

Necessidade faz lei!
E doutra alguma não sei,
que mais nos punja e torture,
que dê mais guerras e lutas,
e em que a gente mais figure
de feras crueis e brutas,
do que a fome e do que a sêde
— sede de água ou de justiça,
fome de inveja ou cobiça,
que em ambas, leitores, crêde,
aqueles ditos não falham!

Como não falha o rifão:
— *Casa onde não há pão,*
todos ralham
e nenhum tem razão.
E não há então quem veja
nem soberba, nem orgulho,
naqueles em que o bandulho
em tanta penúria esteja.
— *Pardal que tem fome,*
vem abaixo, e come...

E quem dera que — assim como na rima
tantas e tantas vezes se aproxima
o grato verbo — *come* —
do ingrato nome — *fome* —
se aproxime, solícita, a ração
da bôca, em ânsias, a que falte pão!

DAR E PEDIR

Melhor é dar a ruins, que pedir a bons.

I

Cada um dá o que tem e a mais não é obrigado.

Verás pessoas, porém,
de coração bem formado
que, por bondade, inda além
do seu, que a outros darão,
pedem o alheio emprestado
só p'ra auxílio e protecção
dos que lhes rogam aflitos.

Uma trova diz também:
«Pilriteiro, dás pilritos,
«Porque não dás coisa boa?
«Cada um dá o que tem,
«Conforme sua pessoa.»

O que de outrem se condôa,
dê àquele a quem acode
o mais e melhor que pode,
em sendo bem empregado.

Cada um dá o que tem
e a mais não é obrigado.
Mas quando nos pede alguém
com fineza e cortezia
— ou se lhe faça ou não faça
quanto de nós pretendia —
mais vale recusar com graça
do que dar com grosseria.
Pondo-o em seu próprio lugar
fica tal ditame a par
dêstoutro justo ditado:
— *Mais do que o dado,*
vale a maneira de o dar.

Quer um, quer outro rifão,
são regras de educação.

Como é melhor que pagar
haver algo p'ra fruir,
melhor que ter que pedir
será ter algo p'ra dar.

II

A cavalo dado não olhes o dente.

O que fôr mimado
com algum presente
de alma benfazeja,
mostre-se contente
do que quere que seja
que lhe venha à mão.
Salvo quando veja,
no que assim lhe dão,
o traiçoeiro intuito
com que o brinde é feito,
sem se haver pedido,
sem que, pouco ou muito,
seja de proveito
ou apetecido
êsse dom gratuito.
Por exemplo, quando
o impudor nefando
de algum lábio feio
de homem ou mulher,
tredo e surrateiro,
beijo der, em cheio,
em quem não o quere,
mesmo com dinheiro!

Já lá vem de antanho
que *o aceitar é ganho.*
Nunca o interesseiro
tal discuta! Olhe
que *a quem dão, não escolhe!*

III

A dádiva mal dada,
p'ra Deus, não vale nada.

Êle condena e enjeita
— mais que a mal empregada —
a dádiva suspeita,
de intenção reservada.
P'ra a primeira há perdão,
mas p'ra a segunda, não!
Caridade fingida
não acha em Deus guarida.
Ninguém se fie em dons,
quando há ruim sentido
no dado ou repartido
— se os que dão não são bons.

E também, se, em demasia,
se com exagêro dais,
logo *o pobre desconfia*
da esmola grande de mais.

IV

Por dar, dão,
dizem os sinos de Santo Antão.

E os outros sinos de São Crispim
dizem — retinem — também assim.

Se êles falassem em bom latim,
talvez dissessem: — *Do ut des...* Não
barulhariam, como em motim ,
nem reboarão,
como em trovão,
a não fruirem seu galardão.
Quer êles planjam em Santo Antão,
roucos, soturnos qual cantochão,
quer repeniquem em São Crispim,
em sons mais vivos que os do clarim,
só farão
ou dlão! dlão!
ou dlim! dlim!
quando auferirem retribuição.
Qual dom lhes derem, tal som darão.
Por dar, dão...
Como, outrossim,
ou por entêrro só dobrarão,
ou pela boda dum alfenim
repicam rijo, como em festim,
quando lhes pagam a devoção
— se não se falta com tal quindim.
Porque o dinheiro faz tlim! tlim! tlim!
e é muito lindo tal maganão!
P'ra a gente pobre (diz o rifão)
não há repique nem dobre. E não!

Apliquemos o anexim
aos homens de condição
menos bôa que ruim.
Quantos não imitarão
um carrilhão,
quer seja o de Santo Antão,
quando sôa — dlão! dlão! dlão!
com tristeza e compunção,
como que a bradar — Não! Não!
aos que ao seu chamado vão,
quer seja o de São Crispim,
a restrugir — dlim! dlim! dlim!
como quem grita — Sim! Sim!
Vinde a mim! a mim! a mim!
Bimbalharão
a gôsto e disposição
do que encomenda o sermão,
ou promoveu a função
alegre qual serenim,
ou grave qual procissão.

Se os sinos badalarão
dlão! dlão! dlão!
e as campainhas, assim
como as sinetas, dlim! dlim!
com mais ou menos unção,
conforme se untar a mão
ao sineiro ou sàcristão,
por causa ou razão afim,
muitos homens andarão
às ordens ou discrição
dos que — p'ra bom ou mau fim —
p'ra os pôrem no galarim
e ajudarem na ascensão
a mandão ou mandarim,
lhes darão ou pagarão.

São uns almas de chatim,
tanto êsses que alugarão,
p'ra seu cómodo, o vilão,
e sua intriga, o malsim,
como êstes que bailarão
sempre ao jeito e à feição
do que outros lhes tocarão
no tlim! tlim!
do dinheiro maganão...
Por se lhes *dar,* é que *dão*
ou *à perna* de andarim,
ou *à língua* de aldravão,
como aos badalos darão
— pouco, só por um cequim,
e muito, por um dobrão —
os sinos de São Crispim
e os bronzes de Santo Antão.

V

Mais vale dar a inimigos,
do que pedir a amigos.

Antes dar que pedir,
se, em verdade, se tem
com que se faça bem.
É preceito a seguir
p'ra que não se arrependa
quem um favor pretenda
de amigo desleal.

Quão raro se derroga
a norma ou lei geral
— *Sai caro o que se roga!*

VI

Muito pede o sandeu,
mas mais o é o que lhe dá o seu.

Quando, porém, a custo, se concede
o que implora o sandeu ou o assisado,
a ponto vem dizer com o ditado:
— *Caro se compra o que se pede!*

VII

— O que deu, cale,
o que recebeu, fale !

— Não peças a quem pediu,
nem sirvas a quem serviu!
— No dar e no tomar,
cuidado no enganar!
— Quem pouco tem, e isso dá,
cedo se arrependerá.
— Bom pedidor,
bom tenedor!
— Se dais a comum,
não dais a nenhum.
— Quem muito pede,
muito fede.

Eis, no *pedir* e no *dar*,
quais as normas a adoptar.
Também, em muita ocasião,
pede o guloso
p'ra o desejoso;
e é de lembrar o rifão,
com seu jeito de epigrama:
— o que não chora, não mama...
Chorar, aqui, é — pedir;
e *mamar* é — conseguir.

Mas, seja a coisa pedida
graça, favor, ou dinheiro,
merece primeiro,
e pede em seguida!

VIII

Quem dá antes da morte,
terá má sorte.

O que, de leve e à toa,
a outrem dôa,
tal como se dirá
em forma tabeliôa
— *inter vivos* —; quem dá
seu muito ou pouco,
p'ra o não tornar a haver,
prova, em seu proceder,
ser rematado louco.

É melhor que se fine,
e que a tal desventura
fuja na sepultura,
do que cedo se arruíne
e, vivo, se deserde.

Desgraçado o que perde
— dando-o antes da morte —
o que deveu à sorte!
Pior que os males juntos
de quem os anos passa
de herança ou dote à caça,
e, à espera dos defuntos
lhe deixarem calçado,
nunca lhes sai do encalço,
sem que deixe, coitado,
de andar de pé descalço,
sem botas nem sapatos,
é — bem fazendo a ingratos —
doar, ainda em vida,
a gente de maus tratos
e mal agradecida.
Dar, antes de morrer,
é dispor-se a sofrer.

IX

Quem dá ao pobre,
empresta a Deus.

Do que te sobre
dos gozos teus
— dos teus sobejos —
faze partilha
com o farroupilha,
sem mais desejos
do que os da ajuda
de quem lhe valha,
de quem lhe acuda,
e na sacola
deite a migalha
da ansiada esmola.

Ao pobre dado,
a Deus prestado!

Tem por seguro:
Deus não te falta,
em dons celestes,
com farto juro
de taxa alta,
quando lhe emprestes
por mão do pobre.
Pois devedor
o Céu não fica
do oiro ou cobre
que, por amor
de Deus, se aplica
a socorrer
com o comer
ao mal-andante,
ou a acudir
com o vestir
ao mendicante,
ao miserável,
triste pedinte.
O que tal faça,
quem, amorável,
por bem, se finte
para à desgraça
dar um quinhão
de haveres seus,
verá que em dobre
lhe volta à mão.
Empresta a Deus
quem dá ao pobre...

Mãos que não dais,
por que esperais?

X

Quem dá, bem vende,
se não é ruim
quem o recebe.

Que é que se entende
dêste anexim?
Quem o percebe,
dêle haverá
esta lição:
a ingrato, nada
se lhe dará,
nem — de água ou pão—
gôta ou dentada,
sêde ou ração.
Mas demos, sim,
a agradecido
mais que o pedido!
Porque êste, assim
que aceite o dom,
fica a pensar
como pagar
o mau com o bom,
dando a quem deu,
com larga mão
— como cristão
a fariseu —
gradas ervilhas
por más lentilhas
— *bilha de azeite*
pela de leite.

XI

Quem dá e torna a tomar,
ao inferno vai parar.

É Deus que assim o castiga,
embora cante a cantiga:
«Encontrei o dá e toma
«Na rua do toma lá,
«Inda não vi dá sem toma,
«Nem toma sem deita cá.»

Mas quem tome o que já deu
vai ter *dares e tomares*
com quem foi que o recebeu.
E não será coisa rara
tu, leitor, inda escutares
àcerca da gente avara
que chamou — chamou e fez —
seu, de novo, o que ofertára,
dixotes de mau jaez.

— *Uma figa há em Roma*
para quem dá e toma.
— *Quem dá e toma,*
o diabo o coma!
— *Quem dá e toma,*
nasce-lhe uma corcova.
Em muito adágio ou gnoma
tu acharás a prova
de que abundam rifões
com justas correcções
àquele que vier
a tomar o que der.

XII

Quem dá o pão, dá a criação.

Versão vulgar
da sã doutrina,
que a voz divina
buscou espalhar
por toda a terra:
é castigar
aquele que erra,
e o que mais come
(por mais haver)
dar de comer
a quem tem fome.
A educação
ou criação
faz bom o mau.

Ora com pau,
quando castiga,
ora com pão
para a barriga,
torna educado
o mal-criado.
Esta lição
daqui se extrai:
dê pau ou pão,
quem dá é pai.

Mas, se é pancada,
cuidar-se-á
de não ser dada
sem precaução,
pois *quantas dá,*
tantas apanha,
quem, com a mão,
bate com sanha.

Pune com jeito
ao que o merece!
Faz mal quem esquece
êste preceito,
e zurze assim,
sem tom nem som,
a toda a hora,
o bom e o ruim.
Cavalo bom
não quere espora.
É mau serviço
— ao castigá-lo —
a alguém torná-lo
cão malhadiço.

XIII

Quem dá o pão, dê o castigo.

É criação,
de bons efeitos
p'ra filho e amigo.

Quem os desmoite
dos seus defeitos,
logo adivinha
ser o *açoite*
grande mèzinha,
que os maus depura.

Quem bem te amar,
faz-te chorar!
Regra segura
que a medicina
há muito ensina:
o que arde cura.

XIV

Quem dá o pão, dá o castigo.

E da cavalgadura
lá diz também o adágio antigo
ser *castigo de dura,*
uma no cravo,
e outra na ferradura.
Tratando-se de gente,
com o seu quê de desconchavo,
de incerto e dúbio proceder
(e não de bêstas) igualmente
há um dizer
aplicável a quem,
por néscio ou esperto demasiado,
ora anda mal, ora anda bem,
ora se encosta ao lado,
e pelas bermas vai da estrada,
ora procura o meio
da senda lisa e desbravada:
— *dar uma em falso e outra em cheio;*
uma cair na falsidade,
e acertar outra na verdade;
uma bater na ferradura,
outra no cravo que a segura...

XV

Quem dá o que tem, a pedir vem.

Pois, geralmente,
quem recebeu,
o mal não sente
de quem lhe deu
com tanta incúria,
que em vil penúria
vem a esmolar!

E é de contar
que a gente rica
— pobre em cuidados —
alheia fica
aos desgraçados.

De quem perdeu
quanto era seu,
dirá, a rir,
sem o prover
nem de vestir,
nem de comer:
— *Teve e não tem,*
qual Pedro Sem!

Só êste chiste
pessoa má
encontrará
p'ra dar ao triste
sem nada já!

XVI

A quem tudo quere, nada se lhe dá.

Para quem não quere,
temos nós muito.
Há,
nêstes dois rifões,
duas alusões:
uma, aos cobiçosos,
sempre desmedidos
nas aspirações;
outra, aos generosos,
falsos e mentidos,
só de bolsa aberta,
quando a sua oferta
crêem rejeitada.

De ambos, afinal,
tira-se a moral:
a ninguém dar nada!
Nem ao que invejar
tudo o que outros hão,
nem ao que enjeitar,
por orgulho vão,
o que de outrem vier.

O que quere
cavalo sem tacha,
sem êle se acha.
Certo que em qualquer
ambição ou mira,
quem a tudo aspira,
ou *quem tudo quere,*
tudo perde!
O que em esforços vãos
p'ra que ganhe muito,
ou de muitos herde,
tente, com as mãos,
contra o azar fortuito,
abranger a terra,
abarcar o mundo,
nos desígnios erra.
Improbo e infecundo
é seu louco intento.
Quando o plano aborta,
ou irá ao fundo
sem ter salvamento,
ou da cêpa-torta
duma vida escassa,
de receita parca,
aleatória e incerta,
nunca sai nem passa.
O que muito abarca,
pouco aperta...

XVII

Tarde dar e não dar são a par.

Demos, sim,
mas a horas!
Já no fim
e a-desoras,
uma esmola
nem ajuda
nem consola,
quando acuda
na agonia.
Se é tardia,
vai-se o efeito
e o proveito
co'a tardança.
P'ra que seja
uma esperança
benfazeja,
dê-se, enquanto
útil fôr
p'ra um pranto
enxugar,
um ardor
mitigar,
suavizar
uma dor!
Tarde acodes?
Pouco podes!

DEUS

— Deixa fazer a Deus, que é santo velho!
— Sem Deus vai até à porta, e com Deus através dos mares!

I

Ajuda-te, que Deus te ajudará!

De tão velha e revelha, criou cãs
esta justa sentença. Por que já
disse outrora a *Pucelle* de Orleans:
— *Travaillez, Dieu travaillera!*
E quem por santa e mártir dada está,
não errou, nem soltou palavras vãs.
Esto laborator,
et erit Deus auxiliator!

II

Cada um sabe de si, e Deus de todos.

Sempre assim dizer ouvi.
Deus, tendo sciência a rodos,
sabe de ti e de mim,
do que há ou não de perfeito
no íntimo de cada peito
— quer do bom, quer do ruim.
E ao mais recôndito vai,
e em nossa alma êle entra e sai
como pelo vidro a luz,
sem deixar qualquer sinal
— tal qual
conta da Mãe de Jesus,
e de como concebeu,
sem mácula, o filho seu,
esta quadra que não tem
nenhuma rival mais bela:

«No ventre da Virgem Mãe
«Encarnou divina graça:
«Entrou e saiu por ela
«Como o sol pela vidraça.»

III

Dá Deus nozes a quem já não tem dentes.

Isto é, dá o bem-estar, dá a ventura
a quem não pode — ou pode e não procura —
as vantagens tirar correspondentes
à sua bôa sorte

Igual ao que não tem a dentadura
nem sã, nem forte,
para as cascas partir das suas nozes
(menos, às vezes, do que são as vozes...)
é o homem opulento, mas avaro;
é quem não dá valor ao caso raro
de ter mulher gentil, virtuosa e grácil;
quem tem mau estômago e optima comida,
grande solar para modesta vida,
nunca acertando com a rota fácil,
na estrada do deleite e da alegria,
para gozar e amar, sem todavia
seguir o trilho de imorais prazeres:
— é êsse triste alguém
de largos teres,
que se soube enricar,
mas ignora o que seja fazer bem,
ou bem as suas rendas disfrutar.

Quem do que é seu não faça
uso, com arte, engenho e discrição,
ou não o gaste em obras de bondade,
nem de Deus, nem dos homens, cai em graça.
Por si não tem a única razão
da magnanimidade
com que o destino caprichoso e vário
lhe cogulou das *nozes* da fortuna
o barco temerário,
cujas velas, favónio, o vento enfuna,
e em que fará, sem garbo ou galhardia,
da inútil vida a estéril travessia.

Certo pensava o Épico, ao dizer:
«Ponderemos e vejamos
«Que ganhamos em viver
«Os que nascemos;
«Veremos que não ganhamos
«Senão algum bem fazer,
«Se o fazemos.»

Pois, se, na vida, só buscarmos gozos,
sem com o «bem-fazer» os resgatarmos,
não nos mostremos, no final, queixosos
se a divina indulgência não lograrmos.
Lembra-o assim o troveiro
dum vetusto cancioneiro:
«Penamos pelas folganças
«Que, vivendo, procuramos;
«Que é impossível que hajamos
«Duas bem-aventuranças.»

IV

Dá Deus o frio conforme a roupa.

A quem a poupa
até o fio
— ao pobretão —
êste rifão
intenta dar
consolação.
Mas o vulgar
é o clamor
de quem suspire
pelo calor,
para que o tire
dêsse tormento
de ao tempo andar,
à bruma e ao vento,
a tiritar,
e o livre breve
de chuva e neve;
é quem proteste
porque não veste
— do que precisa —
mais que a camisa;
quem não aceite
que a mão de Deus
os frios seus
ao fato ajeite,
e antes acate,
nestas questões,
as prescrições
do alfaiate,
para poder
então dizer:
— *Ande eu quente,*
ria-se a gente!

Talvez se houvesse
por bem melhor
que Deus não desse
a quem o adore
constipações,
nem arrepios,
e — para andarmos
como uns Adões,
sem atavios —
não conservarmos
— das estações —
mais que os estios.

Mas o ditado,
quando mudado
o seu sentido,
quando invertido,
também se aplica
à gente rica,
que se confia
à assistência
e bizarria
da Providência,
e nunca poupa
nem traz no fio
o seu vestuário.
— *Dá Deus a roupa*
segundo é o frio —
diz o argentário
que o fato veste,
ligeiro ou não,
mas do bom pano
que mais se preste
para a estação
ou mês do ano.

Há, pois, razões
de preguntar
qual dos rifões
é mais de fiar:
Deus dá a roupa
segundo o frio,
ou *dá o frio,*
conforme a roupa?

V

Deus escreve direito em linhas tortas.

Assim é, com efeito!
E quanta vez o faz em *letras mortas!*
E mortas, de tal jeito,
que pouco serve aos homens a doutrina
da escritura divina,
porque a não sabem ou não querem ler.
Não há cego pior
do que é aquele que não queira ver,
ou vela os olhos p'ra não ver melhor,
nem pior surdo do que êsse que, a fingir,
mouco se faz, se lhe repugna ouvir.

Não há poder contra o querer divino.
Nenhum o iguala em mando, em pêso e em fôrça!
Tem o império invencível do destino,
e nada existe que o domine ou torça!

Linhas tortas...
letras mortas...
Ao notarem as mil sinuosas linhas
dos sinais em que Deus
intentou revelar desígnios seus
às criaturas simples e mesquinhas,
entre tantos mistérios e adivinhas
cuja decifração
é vedada aos mortais, quantos dirão:
— Coisas direitas que, por *linhas tortas,*
escreve Deus, mas que hão-de p'ra os ateus
ficar em *letras mortas!*
Tenhamos por verdade essencial:
«Ninguém entende de Deus
«Senão quem é divinal.»

VI

De Deus nos vem
o mal e o bem.

Pois *donde vem*
a excomunhão,
de lá nos vem
a absolvição,
que o mal redime.

Há quem lastime
que de Êle, outrora,
o mundo viesse,
em que mais chora
e mais padece
quem mais o adora!

Porém o crente,
enquanto a morte
piedosamente
o não transporte
ao merecido
e eterno Empíreo,
p'ra o prémio haver
do que haja sido
o atroz martírio
do seu viver,
dizendo vá,
firme na fé:
— *Bom é*
o que Deus dá.

VII

Deus, que o assinalou,
má pecha lhe encontrou.

Não é só a mortalha,
nem só o casamento
que, antes do nascimento,
no céu se gisa e talha.
Quando torto se nasce
de corpo e alma, traz-se
como que o estigma ou sêlo
que aparta os imperfeitos
dos sãos, dos escorreitos.
Basta, às vezes, só vê-lo,
p'ra logo adivinhá-lo
— ao que o céu assinala —
sem mesmo ver-lhe o feitos,
nem mesmo ouvir-lhe a fala.
Não é preciso mais
do que olhar aos sinais
com que Deus quis marcá-lo,

tal qual marcou o artista,
oleiro ou ceramista,
a peça que refuga,
que saiu do trabalho
com eiva ou com verruga,
ou que o forno avariou
— peça de rebotalho.

— *Guardar daqueles*
que Deus assinalou!
outro adágio aconselha.
E quando êles
— os que trazem sinal —
vierem em parelha,
gémeos, de cunho igual,
quem tal notou
dirá que, dessa vez,
Deus os fez,
e Deus os ajuntou!
Mas, depois,
entre os dois,
venha o diabo, e escolha
qual julga pior *rôlha,*
qual mais p'ra o mal convém,
sabido que, p'ra o bem,
dois ruins e dois tições
nunca bem os compões...

VIII

O futuro a Deus pertence.

É raro que Deus dispense
as pobres das criaturas
de lhes mostrar, sem clemência,
no sofrimento e na dor,
nas penas, nas desventuras,
a divina omnipotência
do seu esfôrço criador.
E bruxo ou mago há-de ser
quem, no insondável futuro,
saiba de alguém predizer
qual o horóscopo seguro.

O futuro a Deus pertence.
Nêste pleito permanente
entre o que *é, foi e será,*
Deus, afinal, é que vence.
Há-de tudo, eternamente
— quanto *vem, veio* ou *virá* —
sempre andar ao seu mandado
— o futuro e o presente,
qual sucedeu ao passado.

Sendo os tempos todos seus,
o porvir compete a Deus,
o qual *dispõe* como quere
do que o homem *propuser...*
E, se assim é, quem não há-de
respeitar sua vontade,
para o que der e vier?

Temor de Deus, quem o tem,
não temerá a ninguém!

IX

O homem põe e Deus dispõe.

Que *vis* ou potência humana
com a divina se irmana?
O homem *propõe;* Deus *impõe!*
E o que impõe, não o derrogam
preces de santo qualquer.
Quando Deus não quere,
os santos não rogam.

Quando Êle criou o mundo,
criou a noite e o dia,
e logo a mágoa sombria
opôs ao prazer jucundo.

Fez a fraqueza e a fôrça,
dando-os, como condição,
aquela, à tímida corça,
esta, ao ferino leão.

Fez o trabalho e a indolência,
a riqueza e a pobreza,
dum lado pondo a prudência,
doutro, o denodo e a braveza.
Fez a doença e a saúde,
tal como o vício e a virtude,
a santidade e o pecado.
Fez o estúpido e o atilado,
a linda e a desairosa,
— fez a poesia e a prosa,
em línguas de muita casta.
E nesta obra, em que contrasta
uma com outra metade
— o feliz com o infeliz,
e a mentira co'a verdade —
pôs e dispôs como quis!
E assim, com êstes senões
que lhe deu, ao concebê-lo,
se compraz em conservá-lo,
tal qual observa o Camões:

«muitos a repreendê-lo
«e poucos a emendá-lo.»

Mas nem por isso haja alguém
que adore menos a Quem,
das mansões celestiais,
não explica aos simples mortais
porque é que faz ou não faz
o que lhe apraz ou despraz.
Não afrouxemos na fé!
Muito mais que o pau da barca,
sabemos como ela é
que salva aquele que embarca,
largando-se ao mar da vida,
com rota desconhecida,
entre blasfêmeas de ateus.
E enquanto a casa de Deus
ninguém deixe ao abandono,
para casa do diabo,
corrido, a esconder o rabo,
mandemos o próprio dono!

X

Mais pode Deus a ajudar,
que velar nem madrugar.

Dito ao qual se pode opor:
— *Deus é bom trabalhador,*
mas gosta de quem o ajuda.

É coisa muito sabida
que à pessoa a quem acuda,
a quem Deus quiser dar vida,
água fria lhe é mèzinha:
só com ar, cura-lhe a tinha!

Com bom vento de feição,
é bôa a navegação.
E donde vem melhor vento
que a bom porto e salvamento
nos leve, seja onde fôr,
que da graça do Senhor?

Isto não exprime, porém,
que Êle menospreze a quem
ganha o pão com mais cansaço
e que, em vez de auxílio dar
ao que melhor matinar,
estenda a mão ao madraço.
Seria lição nefasta
servir de pai ao ocioso,
e ao vigilante aguçoso
dar-se por sogra ou madrasta.

Dizem ignaros sandeus:
— *A ventura te dê Deus,*
que saber pouco te basta!

Mas responde a sã moral:
— *Deus ajuda a quem trabalha,*
que o *trabalho é o capital*
que não falha.

— *Querer Deus p'ra nós e o diabo p'ra os outros...* Eis
uma das torpes leis
que é muito mais cristão que por esta mudemos:
— Não queiramos p'ra outro o que p'ra nós não queremos.

XI

Mais vale o que Deus ajuda,
do que o que muito madruga.

Esta sentença refuga!
Seus dizeres troca e muda
pelos daquela que diz:
— *Ao que madruga,*
Deus o ajuda.

Aquele adágio infeliz,
só propício ao mandrião,
responde com o rifão:

— *Trabalhemos e roguemos,*
Deus fará com que alcancemos!

Mas, p'ra que bem te proteja,
e o teu rôgo lhe não seja
qual clamor de fariseus,
não andes *perto da igreja*
e muito longe de Deus.
De pouco pode prestar
os olhos apenas pôr
no púlpito ou no altar,
e não em Nosso Senhor...

XII

Ao menino e ao borracho,
põe-lhes Deus a mão por baixo.

Julga quem dá ao ditado
sentido pouco avisado,
bem diverso do que eu acho,
que Deus, aos falhos de tino
— ao bêbado como um cacho,
que, aos *ss,* mal se sustém,
e ao inhenho do menino
que engatinha e faz tem-tem —
é que ampara e que mantém!

Enquanto ao infante amima
e ao beberrão quase anima
a meter-se, sem temor,
pelas vinhas do Senhor,
fazendo nelas vindima
— enquanto a mão põe por baixo
do menino e do borracho,
a quem vale e não castiga —
com a outra mão fustiga,
sem dó nenhum, o sujeito
que já criança não é,
nem bebe como Noé,
se não caminha direito!

Entendido assim o dito,
são os de espírito pobre,
os de razão transviados,
que o manto largo e bendito
do Todo Poderoso cobre,
os mais bem-aventurados!

Deve supor-se, porém,
que Deus acode e faz bem
só ao mísero mortal
que, sem saber, faz o mal.
Pois ao menino estouvado
e ao borrachão encartado,
p'ra os seus vícios lhes tirar,
é protecção não lhes dar,
nem dar-lhes sinais de estima;
é, quando haja precisão,
não lhes pôr de baixo a mão,
mas ir-lhes de mão p'ra cima!

XIII

Quem com Deus anda, Deus o ajuda.

A quem o traz no coração,
com fé sincera e devoção,
é mais que justo que Êle acuda.
E, sejam muito ou quase nada
os dons e auxílios seus
— a sua ajuda abençoada —
por tal se dê louvor e gabo,
pois *é melhor um pão com Deus*
que dois com o diabo.

Se *Deus faz o que quere*
e o homem só o que pode (e até
o que não deve...) o certo é
que bem dirá o que disser:
— *Deus nunca falta ao que promete*
a quem lhe vote fé e amor.
Mas, sem perdão, logo remete
— porque é no inferno o seu lugar —
a Belzebut o pecador
que os céus não cura de alcançar.
Quem de Deus se aleixa
a Deus leixa.

XIV

Quem erra e se emenda,
a Deus se encomenda.

Se errar é humano
— já vem êste ensino
do axioma latino —
seu êrro ou engano
alguém corrigir,
é limpo sair,
por méritos seus,
do horror do pecado
— é ter conquistado
a graça de Deus,
e ser perdoado!

XV

Quem não busca Deus na vida,
Deus o deixará na morte.

Verdade certa e sabida!
Mas que vezes faz a sorte
que o homem, que a Deus procura,
a vida passe a buscá-lo,
sem nunca ter a ventura
nem a dita de topá-lo,
a não ser na sepultura?!

Perdão, pois, à criatura
que ao Criador demandar,
e só na morte o encontrar,
se acaso assim o esconjura,
dando largas à amargura
e desafôgo ao penar:
— Deus se releve a si mesmo
— já que foi Êle que o fez
e que é Êle que o ampara —
êste mundo em que anda a esmo
a maldade e a estupidez;
em que a virtude é tão rara;
e de cujas vis gafeiras
já lá vem muito detrás
dizer-se, com o Pêro Vaz
do *Auto das regateiras:*
«O mundo é como coceira,
«Se bem nele contemplais:
«Folgais, quando vos coçais,
«E arde-vos na derradeira.»

Se aquele rôgo, porém,
fôr também
ou impiedade ou pecado,
a quem o exora, por bem,
Deus lhe perdoe o rogado!
Para não chamar desgraças
sôbre mim ou sôbre os meus,
rendendo a Deus muitas graças,
não quero graças com Deus.

XVI

A quem não fala, não o ouve Deus.

Mas não fales de mais! É de sandeus,
com muita palra e muita impertinência
cansar do Eterno a proverbial clemência.

Quando lhes peças
— p'ra que sejas ouvido, por igual,
quer de Deus, quer de mísero mortal —
isto não esqueças:
— Ao que hás-de rogar,
não hás-de assanhar!

E recorda também que em tantos, quantos
forem os rogos ou pedidos teus,
o que se há de ficar devendo aos Santos,
pede-se a Deus!

DIZER E OUVIR

Quem mal diz, mal ouve.

I

O bom dizedor
antes perde o amigo
que perde um bom dito.

É certo! O que fôr
como êsse que digo,
em fala ou em escrito,
não raro prefere
à boa amizade
daquele a quem fere,
a fútil maldade
dum dito com graça.
Pois dêsse — de raça
e usanças traiçoeiras —
de fôrma tão torta,
tão ruim de maneiras,
nem sombra tu queiras
ter junto da porta!

II

Cada um diz da feira
conforme lhe vai nela.

E — se falar de festa —
de análoga maneira,
acha que é feia ou bela,
que é ruim, ou que presta,
consoante na função
se divertiu ou não.
O feirante, igualmente,
se bem mercadejou,
acha a feira excelente,
ou má, se mal feirou.
As coisas, nêste mundo
são todas *consoante,*
ou *conforme,* ou *segundo*
é, em cada cambiante,
triste ou jucundo,
o prisma visual
de cada qual.
Seguirão as variantes
que sofre a catadura,
ou benévola ou dura,
dos criticantes.
E êstes discorrem,
em regra, como fôr
seu bom ou mau humor,
ou como correm,
na ocasião,
de bôa ou má feição,
os sucessos da vida
— ao arrepio,
ou à medida
do seu desejo
ou alvedrio.
Em cada caso e ensejo,
cada um vê mal ou bem,
conforme os olhos que tem.

III

Dize pouco e dize bem,
e ter-te-ão por alguém!

Ditando ao seu secretário,
sôbre um assunto ordinário,
uma carta estilizada,
toda à substância puxada,
chegara à parte final,
ao fecho sacramental:
«Amigo, venerador,
«muito atento e admirador,
«servo humilde e obrigado...»
E o signatário julgava
que inda era pouco e minguado,

que inda tanto não chegava,
e ponderou ao escrevente:
— O homem talvez não ache
isso apenas suficiente.
Que julgas que lhe acrescente
nos cumprimentos da praxe?

O outro, pausadamente,
com ar cansado e dormente
de quem se enjoa e enfarta,
de mãos poisadas na pasta,
diz: — Não ponha mais na carta!

Para impostura, já basta!
Quem tem prudência e juizo,
não diz mais do que o preciso.

O que escreve demasiado
cai em excessos de louco.
Ouça o conselho ao ditado:
— *Pensa muito, fala pouco,*
escreve menos!
E considere também:
quem de mais se faz somenos
nunca é tido por alguém.

IV

Não digas tudo o que souberes,
nem creias tudo quanto ouvires,
nem faças tudo o que puderes!

E, se esta máxima seguires,
se mais calares que falares,
e desconfiares que confiares,
a salvo irás de dissabores,
vás tu aonde e com quem fores.
Tudo que saibas não dirás;
tudo que ouvires não crerás;
tudo que possas não farás!

V

Ninguém diga:
— Desta água não beberei,
dêste pão não comerei.

Quem se isenta e desobriga
de ter isto em atenção,
de-certo que não faz bem.
Oh! ninguém
diga mal do ruím pão,
ou mal da água ruim!
E vêde
que deve isto ser assim,
porque muita, muita vez,
é tanta e retanta a sêde
de corpo e de alma, que um dia
certa secura nos fez,
que se engole, até à lia,
a água de pior sabor;
ou da fome tal o horror,
que se come a côdea até
que mais negra e dura é!

Em outros casos, porém,
tanto se acham pervertidos
e embotados os sentidos,
que nos sabe tudo bem!

Sucede com água má,
e acontece com mau pão,
o que, em muita condição
da nossa vida, se dá.
Curtem-se dores, torturas,
que mal se imagina ser
— quando em tempo de venturas —
possível alguém sofrer.
E sofrem-se! E há que sorver
o cális das amarguras!

Aquela máxima antiga
junte-se, pois: — *Ninguém diga*
desta dor não chorarei;
dêste amor não penarei;
desta alegria rirei;
dêste mal guarecerei...
É a longa ladaínha
dos tristes vaivéns em que anda,
nesta vida miseranda,
nossa existência mesquinha!

VI

Nunca digas o que sabes,
sem saberes o que dizes!

Para evitares deslises,
nunca a frase tu acabes,
sem, antes do fim, pensares
como hás-de dar-lhe remate.

Se ao improviso o confiares,
pode sair-te dislate.

Só não erra quem disser,
a seu tempo e em seu lugar,
depois de bem o pensar,
aquilo que bem souber.

VII

Nunca me arrependi do que não disse.

É sentença das justas e assisadas.
Antes nada dizer que dizer nadas!

Embora, por horror à garrulice,
precises ter paciência como Job,
ouve cem vezes, e fala uma só!

É então, no que a segredos diz respeito,
ficarás para sempre dependente
daquele de quem faças confidente.

Nunca te esqueças dêste bom conceito:
— *A quem disseres tua puridade,*
dás tua liberdade.

VIII

Em pouco, muito se diz.

E que exemplo mais feliz,
mais feliz e mais frisante,
que o de qualquer dêstes termos
— *Deus, Pai, Mãe* —para dizermos,
no lapso dum breve instante,
na só emissão dum som
— numa sílaba — só numa!
escrita em letras de luz,
quanto de mais belo e bom
de cada peito reçuma,
e o verbo humano traduz!

Porque o Pai e a Mãe, na terra,
serão, para os filhos seus,
como um reflexo de Deus,
cujo imenso amor encerra
o que os pais aos filhos têm.

Deus! Pai! Mãe!
Eis o tríptico sagrado
— nêsse trissílabo — que há-de
ser, em fé e adoração,
para o filho devotado,
a Santíssima Trindade,
no culto do coração.

IX

O que escuta, de si ouve.

Em geral,
todo aquele a quem aprouve
à escuta ou à espreita andar,
se o que ouviu de si foi mal,
o que viu ficou-lhe a par.

A não ser quando êle aplique
a orelha apenas aos sons
da própria voz, que em mil tons,
tal qual sineta em repique,
o encareça e glorifique,
só ficará a saber
como é doutros desmentido
quanto lhe tenham ouvido,
em seu aplauso, dizer.

Olha o que ensina a lição
do sábio rei Salomão:
«Não te gabes de ti:
«Outrem que te elogie!»

X

Quem bem ouve, bem responde.

Tu só te desejes onde,
depois de se reflectir,
se responda ao que se ouvir.
E tem sempre a vista posta
nesta sentença avisada
— *A pregunta apressada*
vagarosa resposta!
Vem a-propósito até
recordar êste vulgar
e corriqueiro dizer:
— *Mais fácil é*
ao burro preguntar
que ao sábio responder...

O bem pensado
não sai errado.

Por isso, pois, só te queiras
onde haja tento e juizo,
bom senso e boas maneiras,
que é, em tudo, o mais preciso,
visto que em casa de orates,
onde mal se fala e escuta,
quanto mais cresce a disputa,
mais crescem os disparates!
Bom audiente,
bom respondente!
Ouve primeiro
e fala derradeiro!

XI

Quem diz o que quere, ouve o que não quere.

Quem falas não mede,
e nelas se excede,
não diz o que deve.
Nem há que admirar
que não lho releve
quem dêle falar,
se, enfim, chega a vez
de vir-lhe a pagar
o que êle lhe fez.

Nem mesmo também
sucede que a alguém
que prova ter míngua
de *papas na língua,*
dizendo o que deva,
o vulgo o descreva,
em escrito ou conversa,
com justa verdade.
Que a maledicência,
com bôca perversa,
malsina a bondade,
crimina a inocência.

Quem há que consiga
que dêle se diga
só o que é de justiça
estreme e castiça?
De quem se propala
— em quanto se fala,
em quanto se escreve —
metade sequer
do bem que merece?
Quem diz o que deve,
não ouve o que quere.
Sempre isto acontece.

Como falarás,
assim ouvirás.

Quem, de forma vaga,
alusões propaga
contra a honra alheia,
ou, com vis intentos,
meras falsidades,
sem cuidar, vozeia,
quem semeia ventos,
colhe tempestades.

O mordaz verá
que essa sementeira
torpe e malfazeja
frutificará.

E de tal maneira,
que mui certo esteja
de que lá virá
dia em que os seus frutos
arrecadará!

Hão-de lhe os produtos
da colheita opima,
como catapulta
ou brutal pilão,
despenhar-se em cima
da cabeça estulta,
e esmagá-lo-ão!

Quem muito murmura,
muito se aventura.

Mete a mão no seio,
não dirás do alheio!

Quem, a caluniar,
goste de deitar-se,
há-de, ao levantar-se,
caluniado estar.
Se fizeres tal,
sentirás que *o mal*
que da bôca sai
em teu seio cai.

Se ao dicaz aprouve
mal dizer de alguém,
maldi-lo-ão também.
Mal fala, mal ouve!

XII

Quem é de bom natural,
ouve mais o bem que o mal.

Pelas portas dos ouvidos
dos que andam ao bem afeitos,
entram com mais persuasão,
e vão melhor conduzidos,
seguindo logo direitos
caminho do coração,
os abafados gemidos
ou queixumes da aflição,
que os clamorosos bramidos
do ódio ou da imprecação.

A alma de quem é bom
muito claro escuta o som
sumido e ténue dum ai,
em que suspira e se esvai
ou a saüdade ou a dor,
e é surda à voz de Stentor
em que resfolga e se trai
a ira, a sanha, o rancor.

Não é por muito gritar,
mas por muito merecer,
que a alguém se deve escutar
e o rôgo seu atender.

XIII

A quem tudo quere saber
nada se lhe diz.

Quando quem pregunta quis
saber de mais, é de crer
que se evite o responder.
Mas quando a curiosidade
não tem mal nem ruindade,
errará quem menoscabe
o que muito preguntar,
porque deseje aumentar
o cabedal do que sabe.

Tal como *a quem tudo quere*
nada se dará,
por muito que se tiver
— que a avidez é pecha má —
ninguém caia na tontice
de, sem precisão nenhuma,
dar corda à besbilhotice.
Em suma:
nada se mostra ou se diz
ao abelhudo
que em tudo
mete o bedelho e o nariz!

FILHOS E PAIS

Ninguém saberá ser filho,
senão quando chega a pai.

I

O bom filho à casa torna.

Aquele filho que fôr
submisso e moirejador,
e que ao pai entregue a jorna
ganha com árduo labor,
quando o desvairo passar
que longe o levou do lar,
sentindo de si desprêzo,
há-de tornar ao caminho
do paterno e amado ninho
— filho pródigo repêso.

Mas êssoutro que se alheia
da própria casa, e anseia
por andar pelas estranhas,
mostrando as artes e as manhas
de que um perverso é capaz,
no êrro não volve atrás.
Se contra os pais se revolta,
não, por bem, os buscará.
Só por causa ou coisa má
o mau filho à casa volta.
Filho que os pais amargura
jàmais conte com ventura.

II

Dai-me mãe acautelada,
dar-vos-ei filha guardada.

Convirá que não esquèçais
que a bôa casa dos pais
é boa escola dos filhos.
Pois, salvo rara excepção,
embora da vida os trilhos
sigam vários, deverão
nossas proles ao ensino
que, no exemplo, nós lhes dermos,
seu feitio ou condição:
haverem por seu destino
aquele que nós houvermos
e lhes deixarmos em dote.

A môça como é criada,
a estôpa como é fiada.

Farinha do mesmo lote
— *ejusdem farinæ* — vês
quase sempre, em mal e em bem,
os filhos, por sua vez,
lembrarem, do pai e mãe,
ou a índole soez,
ou a bondade que têm.

Por seguro, pois, contai
que não erra o trocadilho:
— *Qual o filho, tal o pai,*
e qual o pai, tal o filho.

É o caso de dizer-se (salvo seja!):
— *O filho do asno, uma hora ao dia, orneja...*

III

Diz-me quem são teus pais, dir-te-ei a quem sais.

Sais, como ao tronco saem
as vergônteas e os ramos
que dêle a seiva extraem,
posto, às vezes, vejamos,
em plantas enxertadas
— como em filhos e pais —
não serem bem iguais
os troncos e as pernadas.
Cão de caça
sai à raça.

Não muito se verá
de mãe aguçosa
filha preguiçosa.
Mas quando tal se dá,
se o mal dos pais não vem,
procura-o mais além:
virá de avós, directo.
— *De pai mau, filho bõ,*
lá virá neto
que saia ao avô.
Que o mais trivial
— por ser o natural —
é, p'ra a mãe, bôa ou má,
estar a filha,
perfeita ou imperfeita,
como a púcara está
p'ra a respectiva bilha
do mesmo barro feita,
por mão do mesmo oleiro.
Sai a acha ao madeiro...
Quem é negro de nação,
nem a poder de sabão!

IV

Farás o teu filho herdeiro, não o faças despenseiro.

Porque nunca saberá,
ao certo, o pai avisado
se o filho se tornará
perdulário ou governado
— *a pai guardador*
filho gastador —
é que tal diz o ditado,
quando ao pai o risco aponta.
Porque não sabe a medida,
nem o pêso, nem a conta
com que, ainda em sua vida,
gaste o filho o que, por morte,
lhe caiba em partilha ou sorte,
ande o pai pelo seguro!
De olhos postos no futuro,
antes lhe queira testar,
deixando-o por seu herdeiro,
que vê-lo a desperdiçar,
fazendo-o seu despenseiro.
Siga portanto a sentença,
não vá, inda neste mundo,
achar vasia a despensa,
ou ver a tulha no fundo!

V

Filho de peixe sabe nadar.

Quem há que deixe
de justo achar
êste estribilho:
— *tal pai, tal filho?*
Nunca em má vinha
há bom renôvo,
nem má galinha
porá bom ovo.
A voz do povo,
em que adivinha
cada rifão
a alta lição
da voz de Deus,
mui bem pondera:
— *Quem sai aos seus*
não degenera...
Filho de gato
mata rato.

VI

Filho és, pai serás,
como fizeres, acharás.

Se respeitaste
o pai e a mãe,
e aos dois trataste
como também
tu quererias ser tratado
por filho teu bem educado,
e se, na bôa criação,
aproveitou do aprendizado
quem te deveu a gèração,
terás a prova do ditado.

Tais fomos nós,
tais sereis vós.

VII

Filhos e criados
não deves mimar,
se os queres lograr.

Quem, para mandados,
tem assoldadados,
ou é pai ou mestre
que, na casa ou escola,
algum môço adestre,
tome por bitola
êste ensinamento:
muito mal estima
quem, de mais, amima.
Siga-o sempre atento!

A mancebo mau,
com mão e com pau!
Esta monitória
vem do tempo antigo,
em que o usual castigo
era a palmatória.
P'ra fazer bom filho,
põe-lhe bom barbilho!
Mas discretamente!
Pai impertinente
(diz o adágio) *o filho*
faz desobediente.

E, quanto ao criado,
cria o mau senhor
ao mau servidor;
fá-lo malcriado,
quando julga ser,
só por dar-lhe a mão
e lhe bem querer,
e confiança dar,
sem a correcção
justa lhe aplicar,
que lhe dá criação.

Tal qual no montar!
Quem monta sem espora
é asno de nora.

VIII

Pai não tiveste,
mãe não temeste,
mau te fizeste.

O uso é êste,
mas, claro está,
na aplicação,
regra não há
sem excepção
que a norma trai.

Às vezes sai
ou má pessoa
de casa bôa,
ou *de mau ninho,*
bom passarinho.

IX

Um pai para cem filhos,
e não cem filhos para um pai.

Nisto atentai:
sejam ou não vossos cadilhos,
quanto a disvelos, quanto a amor

— porque jàmais se possam pôr
os pais e os filhos muito a par —
é o dos pais que sobressai.
Amor de pai,
que todo o outro é ar!
Por isso mesmo, quando alguém
disfruta o êxito feliz
do que lhe corra ou surta bem,
fala a-propósito, se diz:
— Onde bem me vai,
tenho mãe e pai.

Casos serão muito estranhados
— contradições de aberração —
serem, da mesma gèração,
uns, filhos, e outros, enteados.
O que é vulgar acontecer
é que *só filho sabe ser*
o que chegar um dia a pai.
Pois nêste adágio meditai
p'ra não deixardes p'ra tão tarde
vossa piedade filial,
que não é coisa que se guarde
p'ra quando a vida der sinal
de se acercar do seu final.
Que nasça — quando se nascer —
o amor a quem nos deu o ser!

X

Qual é Maria,
tal filha cria.

Boas ou más,
assim verás
que as tuas prendas
não serão mais
que o bem ou mal
que tu aprendas
com os teus pais.

Regra geral:
de bom casal,
filhos tais quais!
De bôa casa
a bôa brasa.

XI

Quem a meus filhos beija,
a minha bôca adoça.

Se há sentença que seja
reverso desta, e possa,
no conceito assisado,
tão justa e tão exacta
mostrar-se por igual,
é a dêste ditado:
quem meus filhos maltrata,
também me trata mal.

Em quantos casos — quantos! —
freqüentes e vulgares,
só *por amor dos santos,*
se beijam os altares!

XII

Quem tem filhos, tem cadilhos.

É tal qual!
Inda mal
são nascidos
— com as dores,
os anseios,
os vagidos —
que temores,
que receios,
e que amores
e carinhos!

Quanta lida
pela vida
dos filhinhos!

Filhos nados,
mil cuidados!
E há quem diga,
co'a cantiga,
que ao menino
pequenino
a mãe há-de
o embalar
— a cantar —
«com vontade
«de chorar!»
Quanta vez!

Se em pequenos
dão vigílias,
não, talvez,
serão menos
as quisílias
noutra idade.
Em verdade,
— *filhos criados,*
cuidos dobrados!

*

Por ser coisa assente e certa
ter cadilhos
quem tem filhos,

diz a gente egoista e esperta:
— *Meninos e passarinhos*
à janela dos vizinhos!

JUSTIÇA

Muito se engana quem julga.

I

Bôa demanda,
ou má demanda,
o escrivão
por tua banda.

Não o esqueças, não!
Trá-lo virado
para o teu lado!

Hajas direito,
ou hajas torto,
para o teu pleito
chegar ao porto
e salvamento
do provimento
apetecido,
se o juiz não é

de muita fé,
nem é provido
de grande tino,
segue o ensino
de quem te diz:
— *Tens um leitão?*
Mostra-o ao juiz,
dá-o ao escrivão!

II

De demanda guar-te,
em que sejas parte!

Dum sim e dum não
nasceu a questão...
E, se tem de ser,
se hás-de à perna haver
o fiel-de-feitos,
no melhor dos pleitos
gastas um tesoiro!
Em custas e selos
vão-se-te os cabelos,
sem ficar-te o coiro!
E afinal dar-te-ão
justiça de moiro
por oiro cristão,
se a causa não fôr
a bom julgador.

Quem demanda tem,
nunca dorme bem.
Porque menos há-de
ser o teu prejuizo,
ouve, à puridade,
êste cauto aviso:
— *Antes dês ao gato*
do que leve o rato.

Antes lá te avenhas
com o mais revel
dos contendedores,
do que em juizo tenhas
de largar a pele
aos «enliçadores»
e subtís casuistas,
mais «enredadores»
do que bons legistas.

Quem aos ruins doutores
êsses nomes deu,
foi confrade seu
muito sabedor
— foi Sá de Miranda,
poeta, em leis doutor.

Quando na demanda
um arrazoador
ou vozeiro rábula
talha o seu quinhão,
faz como o leão
da sabida fábula.

Co'a experiência anda
quem te vaticina:
— Guar-te da demanda,
como da ruína!

III

Deus te dê contenda
com quem te entenda!

Com quem esperto fôr!
Não, porém, de jeito

a torcido pôr
quanto crês direito
— com quem te entender!
O que houver de ter
de *jogar as cristas*

com antagonistas
que lhe vão à mão,
lembre esta lição:
— Contenda,
com quem nos entenda!

IV

Dos enganos vivem os escrivães.

Quem traga em causa os bens,
pense que, há centos de anos,
vigora êste conceito.
Qualquer pecha ou defeito,
qualquer abuso ou vício
próprio da profissão,
inerente ao ofício,
levam-lho logo a mal,
ao pobre do escrivão!
Diz êle que é legal,
que é da praxe tirar
dos descuidos alheios
— por fas ou nefas — meios
p'ra bem se governar.
— São críticas injustas, —
alega por seu lado.
Não é êle o culpado
de lhe pagarem custas.

A culpa de viver
dos estranhos enganos
jura que deve ser,
nas percas e nos danos,
de quem, p'ra sustentar
questão com injustiça,
ou p'ra bem se escudar
contra quem lhe cobiça
posse ou domínio seu,
um dia recorreu
à vara da Justiça...

Quase o cremos repêso
de ganhos tais fruir.
E ingénuo, que o ouvir,
certo o não leva prêso.

Mas quem fôr imparcial
vê que, em escrivães — assim
como em tudo, afinal —
há bom, meão e ruim.

V

Julgue-se pelas acções, não pelos dobrões.

Visto que à justiça dão
balança, convém lembrar
êste dito, que é tesoiro
de conceituosa intenção:
— A balança, ao trabalhar,
ignora se é chumbo ou oiro
o que tenha de pesar.
Pois também o juiz ignore
se é maior, ou se é menor,
em prestígio ou cabedais,
o valor de cada parte,
p'ra lhes dar quinhões iguais,
quando a justiça reparte.
Os juizes não sejam cegos,
nem surdos ante os *renegos*
com que muitíssimo aprende,
em lições de bom proveito,
quem folheia o *Cancioneiro*
do Garcia de Rezende.

«Arrenego do direito
«que se vende por dinheiro»;
«Renego do julgador
«que julga por afeição».

E lá se diz do venal
e iníquo sentenciador,
que põe o aresto em leilão,
ser «no reino o maior mal.»

«Arrenego do jejum
que se faz por não ter pão.»
É dizer que quadra a algum
— antes mau embargador,
que bom desembargador —
que só julga com justiça,
quando não tem peitador
a quem venda a injustiça,
tornando assim verdadeiro
o que certo autor alega:
— que a Justiça é uma cega
que anda p'la mão do dinheiro.

VI

A justiça a todos guarda,
mas ninguém a quere em casa.

Pois de tal modo ela os carda
e a bolsa lhes põe à rasa,
que aquêle que lhe requeira,
vendo-a surda e com cegueira
ante as razões que expuser,
suspeitando de que o fôro,
que a petição lhe indefere,
se transforma em desafôro,
mui feios nomes lhe chama,
ao exprobrar-lhe o indecoro,
ou culpar-lhe a imperícia.
Barafusta em fúria, e clama:
— *Feita a lei, feita a malícia!* —
sentença que anda em rifões
de muito honrosa autoria,
na velha sabedoria
da nossa e doutras nações.
São os néscios e porfiados,
que enriquecem os letrados,
que, na mais clara questão,
«querem fazer, por latim,
«do sim, não,
«do não, sim»,
como escreveu quem sabia
da mesma regedoria...
E, depois, sempre vereis:
— *mais são os casos que as leis.*

VII

Mais vale má avença
que boa sentença.

Posto os serventuários
dêsses santuários
em que Themis tem
alfagemes cem
a afiar-lhe a espada,
sejam de confiança,
tendo-lhe a balança
bem equilibrada,
ao que em tribunais
intentar acção,
em que sacrifique
fartos capitais,
seja com razão,
seja por despique,
vai-se-lhe a fazenda,
quando, na contenda,
para tarde fique
a prudencial
decisão final.

Leve à conclusão
o litígio em que anda!
Mais vale
má composição
que bôa demanda,
diz a gente arguta.
Lembre que é mister
haver dois que ralham
para haver disputa.
Quando um não quere
dois não baralham.

VIII

Podes perder, por preguiça,
o que ganhes, por justiça.

Com o direito por teu lado,
nunca receies dar brado!

Mas a gente assustadiça
diz: — *Quem demanda tiver*
nunca dorme quando quere —
e modera logo as zangas,
e refreia logo as sanhas,
porque pensa, com os rifãos:
— *A Justiça há sete mangas*
e, por manga, sete manhas;
e *o que é nosso às nossas mãos*
não deixa de vir parar.
E p'ra mais não se inquietar,
sôbre o caso dormirá!

Ora *a quem dorme* (ou *preguiça*)
— a quem nada se lhe dá —
nunca lhe acode a justiça.
Ao Diniz, que era doutor
e legista de respeito,
no *Hissope,* motejador,
o mesmo conceito ocorre,
quando observa que «o direito,
«aos que dormem, não socorre.»

IX

Quem anda em demanda, com o démo anda.

Qual gato escaldado,
bem sabe o pleiteante
que foi demandado
ou foi demandante,
quão certo é o ditado.
E fará, de facto,
concordata ou pacto
com o próprio demo!
Chegará ao extremo
de não crer erróneo,
num cristão idóneo,
o que é lei de ateus
— viver bem com Deus
e com o demónio!
E dirá até
que o diabo não é
feio, como o pintam...

Inda assim, importa
que o não deixem estar
onde o não pressintam.
Diabo atrás da porta
é p'ra recear!

Quando o crê a gente
já de nós ausente,
descarrega a tranca,
e, só feito o mal
— quando nos desanca —
se dará por tal!

*

Quem anda em demanda
com o demo anda.

Não anda; desanda
na sorte e fortuna:
demanda a miséria!

Se, noutra matéria,
é sempre oportuna
a máxima antiga:
— Pintura e peleja
de longe se veja! —
o mesmo se diga
também da Justiça.
Ninguém a deseja,
se é falsa e postiça,
quando usa da espada
de branda cortiça,
torcida e embotada,
que empunha a Carriça.
Ninguém a cobiça,
nem quere ver entrar,
solene, em seu lar,
embora, no feito
sujeito às alçadas,
se tenha, às carradas,
razão e direito!

X

A quem bem nega, o seu mal nunca se prova.

Porque julga como cega
em quanto aprova ou reprova,
e arbitra de olhar vendado,
raro descobre a Justiça
o verdadeiro culpado,
se êle ateima e se encarniça
em enjeitar o delito.

Daqui, pois, deriva o dito:
— Nega, ladrão,
e não te enforcarão!
Lembre sempre o incriminado
êste prudente ditado:
— Do mal que fizeres
não tenhas testigo,
ainda que amigo.
Seja de homens ou mulheres,
o testemunho é um perigo.

XI

Rôgo e direito fazem o feito.

Mas, de entre os dois
— direito e rôgo —
qual ir depois?
O pleitear
será um jôgo
de mero azar,
se és infeliz
com o juiz
(por excepção,
só *de direito*
no nome, e não
na rectidão)
que julgue o pleito.

Põe no canhenho
que a norma é esta,
se o juiz não presta:
primeiro, o empenho!
Se o julgador
fôr dos que dão
jus e razão
só por favor,

vá o rôgo à frente!
Depois, mais tarde,
faz bulha e alarde;
torna-o sciente
dos argumentos
e documentos,
e cita o Código!
Depois sê pródigo
em atirar
poeira ao ar!
A causa ruim
falar sem fim!

Coisa mal feita
quere rôgo ou peita.
Mas tem cuidado!
Sê fino e arteiro!
Não vá o gado
sair mosqueiro!
Quem tenta a peita,
cria a suspeita...
Se o teu direito
vai ser sujeito
ao justo aresto
de juiz honesto

— e o juiz não é,
regra geral,
nem parcial,
nem de má fé —
podes deitar
tudo a perder,
só com o pensar
em o prender
com paga ou rôgo.
Erras o rumo:
foges do fumo
e cais no fogo!

XII

Se queres ser bom juiz,
ouve o que cada um diz.

Jàmais ouças, entretanto
qualquer *Espírito-Santo*
dos tais chamados *de orelha!*
Mal te induz e te aconselha.
Mantém-te surdo aos zumbidos
dos zangãos intrometidos!

Se do que outros lhe segredem
só apura o que o esclareça,
e das razões, que procedem,
julga p'la própria cabeça,
mostra o juiz ter juizo são.
Às sugestões quisilentas
das *agulhas ferrugentas,*
negue crédito e atenção!
Faça a tudo que assim fôr
ouvidos de mercador!

Finja, sim, que vai escutando,
mas vá, por si, despachando.

E não queira o julgador
ser como era o Frei Tomaz!
«Não é sesudo o juiz
«Que tem jeito no que diz
«E não acerta o que faz.»
Justo conceito que aprendes,
ou recordas nòvamente,
com o bom do Gil Vicente,
no *Auto da Mofina Mendes.*

Juiz de facto ou direito
nunca olvide êste preceito
que a prudência lhe prescreve:
— Qual mulher de Cesar, deve,
a-de-mais de honesto ser,
não deixar de o parecer
no que faz, ou diz, ou escreve.

LADRISCOS E LADRAVAZES

Bem parece o ladrão na forca.

I

Antes pouco honrado, que muito roubado.

Optima lição,
para o que é ladrão,
vês nêste ditado.
Porque os bens mal vindos
são depressa findos:
— O que a água dá,
a água o levará...

Quem cabritos vende
e cabras não tem,
de onde lhe vem?
Leitor, tu aprende
com quem tal charada
te der decifrada,
com quem á pregunta,
que assim lhe foi posta,
formula e ajunta
a exacta resposta,
que é bom estar àlerta
com gente que, incerta,
de origem obscura
— da qual não se apura
jàmais de onde veio —
arrota nobreza
e o papo traz cheio
de fausto e grandeza,
dizendo que a sua
estirpe é de escol
— ser *filha do sol*
e neta da lua;
com gente plebeia
— de muito aparato
e pouco recato —
que põe na ideia
passar-se por nobre,
e em nobre empavesa;
com gente que aveza
mui pouco, que é pobre,
mas finge de rica;
que *compra a enforcado*
e *vende a esposado;*
que, enfim, nunca explica
por claro e a sério,
o denso mistério
de, sem capital,
nem fonte legal
de bons rendimentos,
fazer tanta vista
que a todos assombra,
e os fartos proventos
do capitalista
os deixa na sombra!

São espertos feitores,
mais gordos, mais nédios
que os próprios senhores
das quintas e prédios
que só por pecados
dos seus possuidores,
lhes andam confiados;
é o rico banqueiro,
à custa dos pontos,
o agiota que gira,
de estranho dinheiro,
com centos de contos,
e os lucros que tira
são para seu bem,
enquanto, prudente,
as perdas que tem
as lança ao cliente!
São esbeltos janotas,
de altíssima roda,
com fatos da moda,
com sólidas botas,
com luvas, das caras,
com lindas gravatas,
com oiros e pratas
e joias mui raras,
mas cuja opulência
é mais misteriosa
que a linha tortuosa
da sua ascendência.

É êsse peralta
— inda *ontem vaqueiro*
e hoje cavaleiro —
que a bolsa te assalta
à volta da esquina,
e a sécia ladina
que encanta e que tenta,
mas que é a ruína
de quem a sustenta.

São todos, enfim,
os que andam, assim
como uns parasitas,
à míngua de meios,
em suas visitas
aos bolsos alheios,
buscando a mantença
dos vícios que têm.

Sem renda nem tença,
donde é que lhe vem?
Responde a cartilha
que rege as acções
da astuta matilha
de tais intrujões:
— Ôlho vê... mão pilha!

*

Ai! Miguel, Miguel,
que não tens abelhas
e que vendes mel!

Quem não tem rebanhos
nem tosquia ovelhas,
mas que venda lã
com que embolse ganhos;
o que, sem quintã
para ter criações,
mercadear leitões;
êsse que dispenda,
sem que diga onde
cabedais esconde
ou aufere renda;

homem que amealha,
sem fortuna havida
dalgum seu maior,
e que não trabalha
por ganhar a vida
com o seu suor;
todo o que reparta
e dissipe à farta
do que diz que é seu,
e a quem Deus não deu,
para tais folganças,
sortes nem herdanças,
ou, conforme o dito,
que, sem cabra-mãe,
vende algum cabrito,
sem provar de quem,
não é bom nem são
— deve ser ladrão!

Quem não tem
e muito dispende,
na praça se vende.
Põe-se em almoeda
por qualquer moeda
de oiro, prata ou estanho,
para quem o queira.

— Venha de onde venha,
o que vier é ganho! —
Diz desta maneira,
quando a alguém convenha
tê-lo por seu lado,
como pau mandado,
para alheio engôdo.

Mestre em manha e ronha,
o falar plebeu
vexa-o com o apôdo:
Quem não tem vergonha
todo o mundo é seu!

II

E tão ladrão
aquele que entra na vinha,
como o que fica ao portão.

Qual tem acção mais daninha,
— dos que emparceira o rifão —
é quem ao que a unha deita
ao produto da vindima
— ao que entra e faz a colheita —
guarda de quem se aproxima,
é êsse, ou o outro a quem coube
saltar dentro, em vinha alheia,
trazendo a sacola cheia
das uvas que apanhe e roube?

Não se faz perfeita ideia
— entre êsses dois ladravazes,
lobos da mesma alcateia,
de iguais instintos vorazes —
de qual será o pior
— o pior ou o maior! —
se é o que lá dentro entrou,
se é o que ao portão ficou
a vigiar quem se avizinha...

Mas contra qualquer ladrão
— mêdo ao dono, ou mêdo ao cão —
o mêdo é que guarda a vinha!
P'lo cão, se teme o patrão.

III

Peca o justo na arca aberta.

Já dêste velho ditado
diz o Ribeiro Chiado:
«Como esta velhice é certa!»
Mostra a arca o bojo cheio?
Mais a cobiça disperta
de quem em si não tem mão,
ao ver à mão tal recheio.
A ocasião
faz o ladrão!
Para tal não suceder,
tem o justo de o ser tanto,
que o seu recto proceder
lhe dê créditos de santo.

Mas admitimos sem custo
que se erre doutro feitio,
doutra culpa ou desvarîo
— *Sete vezes peca o justo* —
embora de arca fechada,
ou com a arca sem nada...
Há mil formas de pecar
(como as há de se morrer),
mil da alma se perder,
e um só modo de a salvar
(como há só um de nascer),
que é dá-la a Deus a guardar.

IV

Quem enganar a ladrão,
tem cem dias de perdão.

Pois cem anos de louvor
tem quem roube o roubador!
Dizem por isso os queixosos:
— *A um tredor,*
dois aleivosos!

Em matéria de pilhar,
o que furta a quem furtou,
não faz mais do que aplicar
ao vilão, que a grangeou,
a pena de Talião:
— faz-se ladrão do ladrão!
A quem se apossa do alheio,
torna-lhe certo o anexim:
— *A um ruim,*
ruim e meio!

Ao que a prêsa lhe depreda,
paga na mesma moeda!

V

Quem mede azeite, unta as mãos.

Como as suja com dinheiro
todo o infiel tesoureiro,
de sentimentos malsãos,
que na caixa
faz mão-baixa.
Um e outro são irmãos
em terem unhas nas palmas.

Ao que as unta
e ao que as suja
—porcos de membros e de almas —
a má fama os liga e junta.

A bôca mordaz babuja
azeiteiros e caixeiros,
naquela indústria vezeiros,
dizendo de tais fuãos,
que assim transformam em seu
o que é meu, ou o que é teu,
não serem limpos de mãos.

Nem mesmo p'ra se pagar
daquilo de que é crèdor,
êste pode ao devedor
sua fazenda tirar,
pois *não escapa de ladrão*
quem se paga por sua mão.

VI

Tão culpado é o ladrão,
como é o consentidor.

Consentidor e autor
são co-réus da mesma acção.

Tão ladrão é certamente
o que, por si, vai roubar,
como aquêle que consente,
como aquele que deixar;
como qualquer que se possa
ao furto opor, e, por fim,
faz a tudo *vista grossa,*
deixa correr o marfim!

Eis o caso do rifão,
quando diz, e com verdade:
— *Se o ladrão anda com frade,*
ou o frade será ladrão,
ou o ladrão será frade.

MULHERES E HOMENS

O homem fogo, a mulher estopa,
vem o diabo e assopra.

I

Amor de mulher
e festa de cão
só olham p'ra a mão.

Com pau se quere
mula e mulher.

Boa e honrada
a viuva sepultada.

Mulher doente, mulher
p'ra sempre.

A mulher sara
e adoece quando quere.

Mulher bôa, ave rara.

Conselho de mulher
vale pouco,
e quem o toma é louco.

Mulher formosa,
doida ou presunçosa.

Mulher palreira,
fraca fiandeira.

Com mulher formosa,
castelo em fronteira,
vinha em carreira,
não falta canseira.

O que o diabo não puder
(ou à mente não lhe acode)
fá-lo a mulher.

A mulher
ri quando pode,
e chora quando quere.

Mulher que muito se mira,
do fiado pouco tira.

Mulher e pedrado
quere-se pisado.

Benta é a porta
por onde a mulher fôr
morta,

A mulher e o vinho
fazem errar caminho.

Nem casa em ladeira,
nem mulher bailadeira.

Mulher feia
quere-se sem candeia.

Mulher louçã,
cabeça vã.

Môça a aprazer,
velha a beber,
gastam o haver.

Mulher que sabe latim
e mula que faz him!
raras vezes têm bom fim.

Com mulher louca,
andem as mãos,
cale-se a bôca!

Juizos vãos
de despeitados!

Êstes ditados
são um rosário,
não de ditames,
mas de ditérios.

São um sudário
de tais vexames,
tais impropérios
do varão forte
contra a consorte
fraca e mesquinha,
que se adivinha,
no maldizer,
a inveja ser
que o leva em fúria,
quase em demência,
a tanta injúria,
tanta insolência!

Faz-se o libelo,
de insídias cheio,
do sexo feio
contra o que é belo,
nas argüições
dêsses rifões
e doutros tais,
onde há até,
pior que os mais,
um dito que é
voz de chacais:
— Dia de S. Tomé,
quem porco não tiver,
mate a mulher!

O que Mafoma
diz do toucinho
e mais também
de quem o coma,
o homem escarninho
diz, com desdém,
da criatura
que se assegura
vir da costela
sobresalente
do pai Adão!

Mas fala dela,
seguramente,
sem ter razão,
as mais das vezes,
nêsses soezes
termos sem nexo,
visto esquecer
de que a tal sexo
pertence quem
lhe deu o ser
e lhe foi mãe;
como também,
se acaso é pai,
e filhos há,
mal falará!

Falso nos sai
o adagiarista,
quando, em lugar
de se mostrar
bom moralista,
grave e correcto,
é satirista,
mais que indiscreto,
— desabusado!;
ou quando olvida,
por descuidado,
quanto é devida
a recompensa
desta sentença
à que é bondosa
de índole e casta:

— *Mulher virtuosa,*
Deus a esposa;
à mulher casta,
Deus lhe basta.

Com juizo tal,
como contrasta
êste imoral
e cruel ditado:
— *Dor de mulher morta*
dura até à porta!

Nem, se no fado
a triste cai,
nem quando vai
— rez de alquiler —
dar de aluguer
fingido amor,
alguém lhe deve,
por mais de leve
que o toque fôr,
bater sequer
com uma flor!
Sempre é mulher!

O que a caldeira
nota à sertã,
que é, na porqueira,
sua parceira
e sua irmã,
é o que, por fim,
nos faz lembrado
tanto anexim
grosseiro e ruim.
Até o Chiado,
frade folião,
poeta brèjeiro,
mete a colher
na discussão,
dizendo arteiro:
— quem a mulher
à sôlta deixe,
«que não se queixe
do que vier!» —
sem que a consciência
lhe acuse e exprobre
a incontinência
do seu viver
— o tanta pobre
mulher perdida
vir-lhe a dever
sua má vida!

Quem deite contas
às mil afrontas,
às mil blasfêmias
que contra as fêmeas
rugem e ululam,
e que pululam,
como escalrachos,
no adagiário
— guia e breviário
de tantos machos —
nisto convenha:
— *Quem desdenha*
quere comprar...
E há-de pensar:
— *Vê-se o argueiro*
no companheiro,
não o trambolho
no próprio ôlho!

Porque, afinal,
ao que a estimar,
a espôsa leal
volve-lhe o lar
em céu aberto.
Nada mais certo!

Aos maus rifões,
leitor, vê, pois,
se antes opões
um dêstes dois:
—*Quem tem mulher,*
tem o que há mister.
— *Mulher de bom recado*
enche a casa até o telhado.

II

O charuto e a mulher
estão mais no acertar
que no escolher.

Que é como quem disser
que, em passos de casar,
quem de mais se prender
co'a escolha do seu par,
há-de se arrepender,
quando, entre muita ofer
ta,
muito rejeitar. Olhe
que *pouco acerta*
quem muito escolhe!
A bôa ou má consorte
é uma questão de sorte.
O melão e a mulher
são maus de conhecer.

III

Cresce a mulher
com bom marido,
como o oiro bem batido.

Mas, se tal se não der,
dirá a espôsa assim
do espôso que é ruím:
— *Mulher que se fiar*
em homem a jurar,
o que ganha é chorar!

No embate fero e ágil
— duelo de vida ou morte
do sexo frágil
com o sexo forte —
contra o segundo
vibra o primeiro
êste golpe tão fundo,
como certeiro:

— *De graça é caro*
marido sem cuidado
e casa sem telhado.
Justíssimo reparo
quanto ao homem que dá
à espôsa vida má,
em vez de ser-lhe amparo.
Nada há que se pareça
com homem sem cabeça
como é — lembra o ditado —
a casa sem telhado.

Tenha em conta o varão
êste sábio juízo
de Salomão:
— A mulher de bom siso
o mundo há-de tornar,
àquele a quem amar,
de inferno em paraíso.

IV

Minha comadre andadora,
tirando a sua casa,
em todas as outras mora.

Da que pelas ruas anda
a dar à perna e à asa,
mexida como ciranda,
ao Deus dará, sem destino,
tentando a quem quere que passa,
ou com o ar da sua graça,
ou com seu ôlho ladino,
hão-de pensar: *não se caça*
a môça bôa na praça.

*

A mulher e a galinha,
por andar, se perde asinha.

Da galinha e da mulher
diz um rifão que é mister,
p'ra terem honrada vida,
irem p'ra casa à tardinha:
— *A mulher e a galinha*
com sol recolhida.
E mais também se aconselha:
— *A mulher e a ovelha*
com sol à cortelha.

V

A mulher de mais má pinta
é a que mais a cara pinta.

Aqui porei como glosa,
ou comentário ligeiro,
êste episódio traiçoeiro
duma entrevista amorosa.
(Mero conto imaginado,
ao ter de fazer, um dia,
a paráfrase ao ditado,
é bem certo que podia
ser facto, e não fantasia.)

Quando uma cabeça ôca
de mulher teve a loucura
de que a beijasse na bôca,
sucedeu esta aventura:
os meus beiços desmaiados,
após um breve murmúrio
de surdos sons abafados,
dos seus lábios carminados
tomaram o tom purpúreo!
Destingira para os meus,
nêsse longo beijo ardente,
a côr postiça dos seus!

Que pitoresco incidente!

Pois de tal ensinamento
colhe e aproveita a lição!
Olha que *destingimento*
não quere dizer *distinção*...
Aquela mulher *distinta*
— quando se viu *destingida* —
p'ra não ter perdido a tinta,
anos daria da vida
falsa e dolosa em que andara
com a impostura na cara,
prestando pasto ao engano
de meio género humano
— daquela mesma metade
que, com verdade ou sem ela
(sem verdade,
bem o creio...)
a outra metade bela
alcunha de sexo feio!

P'ra que mais engode e minta
— na fealdade,
ou na idade —
é que a mulher mais se pinta.

VI

Da mulher e da sardinha
a mais pequenina!

Conselho de quem doutrina
sôbre amores e cozinha,
dizendo, quanto à primeira,
que *do mar se tira o sal*
e da mulher muito mal;
e, no tocante à parceira,
que *quem quere mal à vizinha,*
dá-lhe em maio uma sardinha.

Ou seja a fresca *vivinha*
a que andem *chegando a brasa,*
ou mulher — velha ou menina —
à qual *arrastem a asa,*
queiram-lhes talhes pequenos!

Já a bôa medicina
de Esculápios e Galenos,
a regra ensina:
— *Do mal, o menos!*

Mas, sem exageração,
gostados na conta exacta,
não sofre indisposição
aquele que assim precata
o estômago... e o coração.
Pouca peçonha não mata...
Em todo o caso, há quem diga,
com uma sentença antiga:
— *Não há nada tão pequeno*
que não possa ser veneno.
E *o pouco fel*
dana muito mel.

Embora noutro rifão
se encontre oposta versão
— *Da sardinha e da mulher,*
a maior que houver —
assentemos, com a trova,
que na mulher, velha ou nova,
«*a pequenez é um dom*».
Por isso — pouco, mas bom!
Mulher como a franga,
que caiba na manga!

O que às mulheres sucede,
sucede aos varões também.
Porque *um homem não se mede*
aos palmos; porque em ninguém,
só por ver-se-lhe a estatura,
de grande ou pequena altura
— só pelo seu comprimento —
se avalia ou mede o grau
da virtude ou do talento,
a fôrça com que se expande
o seu génio bom ou mau.
E, com ou sem fundamento,
até se diz: — *Homem grande,*
bêsta de pau!
Apôdo mui semelhante
ao de quem escreveu que não
vira «corpo de gigante»
«de gigante coração.»

Todavia tal ditado,
de tão dolosa intenção,
talvez que fôsse inventado
por algum homem anão...

VII

Mulher janeleira,
uva de parreira.

Mulher de janela,
amora de estrada.
A feia ou a bela,
que mais desfaçada
se mostre na espreita
de algum pretendente,
é qual, na ramada,
tentando a colheita,
o cacho pendente;
ou como em silvado,
na estrada criado,
a rúbida amora,
que, em ar de negaça,
atrai e namora
a gente que passa.

Mulhersinha de janela
diz de todos,
e todos dela.
Nem lhes fica a dever nada
— na malícia e nos engodos —
à solteira e à casada,
a môça ou velha viuva
que quere ser remaridada,
e — tal qual madura uva
pendurada na parreira,
sempre à espera de que a colham —
se derrama por que a escolham,
como à casada ou solteira.
Mulher destas, quando fala,
com sentimento fingido,
do seu defunto marido,
o que lhe doi sempre cala.
Se mais fundo e dolorido
solta um suspiro ou um ai,
não é de-certo à memória
do que está em santa glória,
e da glória já não sai.
Porque, dêsse, o que ela diz
é que — *o que lá vai, lá vai!*
Chora e sente-se infeliz
porque inda outro não achou
p'ra junto dela ocupar
aquele mesmo lugar
do que Deus a si chamou.
E, se lhe pedem, por fim,
a mão, o que ela costuma
é logo dizer que sim,
dando as duas, em vez de uma!

Mas porque se alega, e bem,
que *não há rio sem vão,*
nem regra sem excepção,
há nisto excepção também.

VIII

A mulher que bem se arreia nunca é feia.

Bom será que bem se vista!
Quando, com arte, se adorna,
nada mais belo p'ra a vista,
se em boneca se não torna
de loja de capelista,
no traje e côres. Aliás
vade retro, Satanaz!
Aquela que desta laia
de mais se alinde e componha,
há-de ganhar, na gandaia,
o que perdeu em vergonha.
Quando em excesso se enfeita,
se retoca e estuca o rosto,
não será por bem que ajeita
ao gôsto alheio o seu gôsto.

Quanto da cara mais cura,
tanto a casa mais descura.

E, se tem bonitos dentes,
p'ra sempre os trazer patentes,
um velho autor advertia
que a mulher de tal feição
ri, ao sermão da Paixão,
como ao da Páscoa riria...

Livrar da que há-de dizer,
mostrando o que Deus lhe deu
a homens, além do seu:
— *O que é bom é p'ra se ver!*
Infiel ao mandamento
com que o Evangelho quere
que sempre, no casamento,
ao espôso siga a mulher,
deixa-se ir indo no amor
pelo amante sedutor,
e esta emenda à regra faz,
trocando ao texto o sentido:
— *Por êste tu deixarás*
o pai, a mãe... e o marido!

IX

Mulher que foi, cavalo que há-de ser, não me venham ver!

Pensa, quem tal observe,
que a *mulher que* já *foi,* de nada serve,
não presta p'ra casar,
pois formosura ou graça
não volta, quando passa;
e poldro ou cavalinho por criar,
não presta p'ra montar.
É pouco próprio de homens precavidos
contar os pintos antes de nascidos,
isto é, confiar em que, em chegando à idade
já de cavalo feito,
em vez de bom corcel de qualidade,
não saia o potro um sendeirão sem jeito.

X

Mulher que não perde festa, p'ra pouco presta.

É como a *comadre andeja*
— *não há parte onde a não veja;*
ou como a *D. Constança,*
que não falta a festa ou dança.
Mais agrada à mulher louca
o pandeiro do que a touca.

Disse alguém que na boneja,
«que presume de santeira,
«e vai sisuda à igreja»,
certa em boda ou romaria,
não passando de rameira,
ou alcaiota andadeira,
bem mal fará quem se fia.
Às romarias e às bodas
sempre vão as loucas todas.

XI

Não há como a mulher
para fazer do homem quanto quere.

Ninguém, como ela, pode submetê-lo,
tiranizá-lo, por amor ou zêlo!
Mostram-no, em versos que serão eternos,
e dela houveram fogo e inspiração,
poetas quer antigos, quer modernos,
rendidos ao seu mando e sujeição.

É facto muito fácil de provar
que, a não haver mulheres para amar,
nunca poeta algum teria havido.
Ou, por outras palavras: é sabido
que o poeta iguala,
quando lhe falta a musa feminina,
alma penada sem a fé divina,
filomela sem canto, voz sem fala,
olhos de cego para toda a luz,
visto que ela — e só ela! — é quem o induz
a dar aos versos o que têm de bom:
dá-lhes na voz — a música do som;
no olhar em chama — o génio que irradia;
no riso — o chiste, o espírito, a alegria!

Desde o Eden terreal e da maçã
com que a mãe Eva ao pai Adão tentou,
que não é fantasia ou glória vã
êsse poder com que a mulher ficou.
Fôsse no Pindo, ou nas regiões do Lácio,
no Cairo, em Malta, em Nazaré, no Egito,
teve ela sempre êsse condão bendito:
que o diga o velho Homero e o velho Horácio!
Digam-no os gregos, digam-no os romanos
— é ler Anacreonte, ou ler Vergílio!
Desde os cultores clássicos do idílio,
até, em nosso tempo, aos parnasianos,
testemunham-no os simples e os rètóricos
— rudes segreis e artificiais gongóricos!
E — em Portugal — dos vários trovadores
que deixaram de si gloriosa esteira
— de D. Diniz e Vasco de Lobeira
aos nossos atuais versejadores —
de todos êles sôbre o estro ardente
foi sempre o frágil sexo omnipotente!

*

O poeta escreve o que lhe dita a musa;
e a musa teve-a Dante em Beatriz;
Petrarca, em Laura — essa mulher feliz
como outra alguma a história não acusa;
e teve-a Tasso na gentil Leonor.

Que seria, afinal, de tais portentos,
se não lhes insuflassem fôrça e alentos
a mulher e o amor?

Que fôra sem o *Eterno feminino*
Alfredo de Musset? E o próprio Hugo,
se não curvasse a tão suave jugo
a altiva fronte de cariz leonino?
E Lamartine, o amante de Graziela?
E Byron, o britânico Petrónio?
E Goethe, a cujo Fausto o mau demónio
levou a amar a Margarida bela?
E, na Espanha do Cid e do Almanzor,
o Espronceda, o Zorilla, o Campoamor?
Sem elas não teriam uma ideia!
E nem Quichote, o cavaleiro andante,
alma de poeta, visionário e errante,
seria o heroi que foi, sem Dulcineia!

Que faria Camões, sem a Natércia?
Bocage, sem as Nises e as Marílias?
Garrett e os outros, sem as jovens Lílias
que lhes quebraram a mudez e a inércia?
Talvez fizessem, com vagar, colheres,
ou coisa ainda de menor proveito.
Fariam obras doutro cunho ou jeito
— nunca os seus lindos versos às mulheres!

Se tantos nomes conquistaram glória,
devem-no àquelas que lhes deram temas
para os sonetos, odes e poemas
com que lograram perdurar na história.

Porque tanto Raquel se fez amar
do João de Deus, é que êste disse um dia:
«Esta vida é um mar; e nêste mar
«Qual é o astro que nos alumia?
«Que norte, estrela ou bússola nos guia?
«Um olhar de mulher! um terno olhar!»

*

Poetas há, porém, que, num momento
de ingrato e de feroz desvairamento,
fazem como o Castilho
nos *Ciumes do bardo.*
Era êle, ao certo, o bardo ciumento!
Qual fogo de rastilho,
quais espinhos de cardo,
queimam e ferem os ferinos versos
de que, à mulher lançando
o azêdo fel de epítetos perversos,
enche o poema nefando!

Nêstes curtos exemplos ver-se-á
como, nessa hora, em tão glorioso vate
a inspiração foi má,
quase tocando as raias do dislate!
«Mulher! que mixto horrendo és tu na terra,
«para unir crimes tais com tantas graças?!
«Que nome te convém? cruel, perjura,
«ímpia, blasfema, algoz, monstro dos monstros?
.....
«Mulher pura e fiel não há, nem houve.
.....
«Raça infame de víboras dolosas!
«Pudesse uma só nau contê-las todas,
«e o piloto fôsse eu! triunfo eterno!
«Livre era o mundo e os séculos vingados!»

Não se tornava fácil
usar mais gentileza,
nem mais delicadeza
p'ra com o sexo grácil!
Lendo apóstrofe tal,
desde logo se infere
que nunca viu mulher
quem, cego por seu mal,
tanto as pôde injuriar!

Algumas delas, visse-as,
olhasse-as bem, e é certo
que, em vez de as afogar,
enchia-as de carícias:
tinha-as de si bem perto,
não as deitava ao mar!

*

Mulher! Nume de amor! De ti deixou
— na endeixa à escrava de quem escravo andou —
Camões a mais subtil definição.
Aquela cuja vida é consagrada
a amar um homem com amor votivo,
nêle encarcera o próprio coração;
e dêsse, por quem fôr também amada,
em si clausura o coração esquivo:
— *é a cativa que o trará cativo* ...

XII

Nem mula manca há-de sarar,
nem mulher má se há-de emendar.

Nem corda ou pau corrigirá
a mulher má
de nascimento,
nem alveitar fará andeja
a bêsta muar que já manqueja,
por bom que seja o tratamento.
Qualquer das duas,
com tal defeito,
nunca andará a gôsto e jeito
das ordens tuas,
nem te dará rêgo direito!

Mulher e cão de caça,
procurai-os de raça!

XIII

Por seu mal é que se enfeita
a mulher e a cereja.

É que esta se põe vermelha,
ao vir próxima a colheita,
e a outra — seja ou não seja
velha ou môça — se aparelha,
toda à substância se puxa,
e à moda pompeia e luxa
— para a mulher se perder
e a cereja se comer.

Quanto mais linda se faz,
tanto mais feio há-de ser
o que se apresta a fazer
com homem velho ou rapaz.
Para o mal, servem-lhe todos!

Qual mostruário de engôdos,
expõe em si, como em montra
de loja de alinhos vários,
quanto de novo se encontra
em joias e em vestuários.

Não se atavia de enfeites
para anjo de procissão,
mas para os ruíns deleites
do pecado ou tentação.
Porque, em se ouvindo exclamar
— Que bôa que ela hoje vai! —
é para mau fim que sai
à praça ou rua a larear.
Será o cio que a açula,
ao mostrar-se tão tafula
que ao mundo dá que falar!

Pobre cereja criada
para a comer quem a queira!
Pobre mulher transviada
em costumes de alcoiceira!
São frutos para colheita
do primeiro que os deseja,
de quem quer que a mão lhes deita,
quando, acaso, à mão os veja.
Mas, no que à fêmea respeita,
antes mulher de ninguém,
do que manceba de alguém.

XIV

Sobeja é a mulher aonde esteja;
mas aonde não está
falta fará.

Raro, quem a não tem, a não deseja;
mas onde ela estiver,
pelo contrário
— segundo o adagiário —
há-de a mulher
ser tida por supérflua ou por sobeja.

Dominado talvez pelo contágio
do que há de senso ambíguo em tal adágio,
S. João Crisóstomo, doutor da Igreja,
das filhas de Eva aspérrimo adversário,
acha-as um grande mal — «*mal necessário*»!
É assim que lhes chama, com desdoiro
— quando em termos severos lhes castiga
a «*amizade inimiga*» —
aquele a quem chamaram — *Bôca de oiro!*
O olhar cerrando às tentações mais belas,
não muito cristãmente as qualifica
de «*amititia inimica*»,
ao dar por certa a incerteza delas,
e a mísera desdita
de quem lhes quere, de quem as acredita...

XV

A viuva rica,
com um ôlho dobra,
com outro repica.

Se tem bens de sobra,
viuva rica
casada fica.
Mas, quanto a *repiques*,
é bom que os apliques
à rica e à pobre,
à humilde e à nobre,
por mais mascarada
de dó que se ostente,
e mais aparente
andar desolada.

Chôro de viuva
é água de chuva.

Qual chuva que passa,
se a núvem passou,
o pranto estancou,
passada a desgraça.
Não corre perene
qual brota do monte
a água da fonte.

Por muito solene
e sôlto com arte
que seja o carpir,
no todo ou em parte,
será a fingir,
por mal parecer
pesar não haver,
nem pena sentir!

As queixas e os ais
da bôca são mais
que do coração.
E aquela que fôr
mais firme na dor,
e honrosa excepção
à regra fizer,
podemos jurar
que é mais que mulher
— é santa de altar!

PALAVRAS

Não há má palavra, se a
puserem no seu lugar.

I

Bôa palavra
custa pouco e vale muito.

O dito de bôa lavra,
isento de mau intuito,
vale muito e custa pouco.
Mas, se é bom só na aparência,
sem o ser também na essência,
é melhor ficar-se mouco
para a fala que bem sôa,
mas que vindo de pessoa
mentirosa e desonesta,
p'ra nada serve nem presta.
A palavra, p'ra ser bôa
de qualidade e valor,
precisa — tal qual o amor —
que venha do coração:
apenas da língua, não!

II

A bom entendedor
meia palavra basta.

Se quem ouve não fôr
audiente de má casta,
bonda aquele que fala
dizer-lhe só metade.
Porque o resto, que cala,
quem tenha argúcia há-de,
sem o ouvir, entender:
em linguagem vulgar
— *apanhá-lo no ar.*

Mas é preciso haver
tal arte no falar,
que logo se consiga
dar muito a perceber,
pouco embora se diga.
Bom dizedor,
bom ouvidor!
Bem faz o que se iguala
— no estilo — aos que o atendem
— tribuno ou prègador —
pois *não é bôa a fala*
que todos não entendem.

III

A espada vence,
a palavra convence.

Mais do que a espada,
que o golpe ou que a pancada
— em todo o caso ou feito,
demanda ou justa —
logra a palavra asada,
a arte e o jeito
da fala que se ajusta
ao derimir do pleito.

Ao passo que o *vencer*
não passará talvez
de efêmera vanglória,
o *convencer*
é que dará, de vez,
a sólida vitória,
ganho ou triunfo certo.

Mais do que a fôrça bruta,
pode a razão arguta:
mais do que o forte — o esperto.

IV

Palavra de rei
não torna atrás.

Tem fôrça de lei,
se é recto e capaz
aquele que a deu.
Porém, de contrário,
se o rei é sandeu,
perjuro ou falsário,
mais que o do plebeu
ou néscio impostor,
trivial e vulgar,
não se alça em valor
o régio falar.

A história está cheia
— a nossa e a alheia —
de fraudes confessas,
de falsas promessas
das bôcas de quem
ostenta e mantém
corôa real.
Nem sempre, por mal!
Às vezes, por bem!

É ver como em França
se guarda a memória
e grava a lembrança,
no mármore ou bronze,
em letras de glória,
das burlas e enganos
do astuto Luis XI
— exemplo e modêlo
de bons soberanos,
no próvido zêlo
e amor pela grei.

Palavras de rei
não voltam atrás?
A dêle, falaz
em tal mandamento,
volteava, inconstante,
p'ra trás e p'ra diante,
a cada momento!

Mentiras reais,
ou vêm, nos anais
dos povos, louvadas
com vivo entusiasmo,
ou vêm condenadas
ao ódio e ao sarcasmo,
segundo elas são
ou em benefício,
ou em sacrifício
e mal da nação.

— Se os mais circunspectos
e graves decretos
têm tantas variantes,
porque é que hão de os reis
ser, mais do que as leis,
na fala, constantes? —
dirão os reinantes
que esquecem depressa
palavra ou promessa.

Desde eras remotas,
que os homens de estado
e os reis patriotas
assim têm glosado
estoutro ditado:
— *Bem dissimular,*
p'ra bem governar!

V

Palavra e pluma
o vento as leva!

Tal qual a bruma,
que, mal se eleva,
um sôpro basta
p'ra a dissipar,
o vento arrasta,
desfaz no ar,
a uma e uma,
palavra e pluma.

*

Cantigas — ai! —
leva-as o vento!

Onde êle vai,
elas lá vão!
E, num momento,
não resta nada
mais que a visão
— ou a ilusão —
duma revoada
de penas leves,
que ruflam breves
em fuga alada...

Palavra e pluma
são como a espuma
que sôbre a praia
role e se esvaia.

São *pedra solta*
que *não tem volta.*

VI

Palavra puxa palavra.

Não há ditado mais certo!
Quando à asneira livre e brava,
que ouvido e senso escalavra,
alguém deixe o dique aberto;
quando a língua se destrava,
nunca falhando à puxada,
as palavras mal pensadas
— aquela a esta agarrada,
uma com outra enganchada —
vêm à bôca, às cambolhadas!

Ao tagarela,
que no chalrar não tem mão,
nem ponto põe na loqüela,
hás-de tu escutar então
o que talvez não desejas.
E, porque *as palavras são*
como as cerejas
—mais do que aos pares, aos molhos—
quer as bôas, quer as más,
sem rebuço, nem refolhos,
dêle, aos cachões, ouvirás!

VII

As palavras boas são,
se assim fôr o coração.

Um sentimento alto e nobre,
como dobrão de quilate,
troca-o o lábio muita vez,
nos miudos de vil cobre
da calúnia ou do dislate
da fala indigna e soez.
Vês se o sino é mau ou bom
— rachado ou não — pelo som,
pelo mal ou bem que sôa.
Na palavra má ou bôa
(se ela não logra o intento
de ocultar o pensamento)
verás como é a pessoa.

VIII

Palavras, leva-as o vento!

Leva e espalha-as num momento!
Palavra fóra da bôca
é pedra fora da mão:
quanto mais leve e mais ôca,
mais sôlta e longe a verão.
Isto, quanto às que são ditas.

E as outras, que ficam escritas?
Têm a mesma vida escassa
das que se riscam na areia.
Nas letras que a pena traça,
quanto se mente e falseia!

Afirmam que as vozes vôam
e os escritos permanecem.
Êstes não vôam nem sôam,
mas vão-se apagando e esquecem,
como o som que, enfim, não se ouve...
Letras dessas sempre as houve.
Embora de talhe lindo,
o tempo vai-as delindo,
como ennegrece o doirado,
e como deixa empanado
o brilho dos ouropeis.
Se, à imagem das faladas,
são as palavras grafadas
pouco firmes e fieis,
não admira ouvirmos quem
delas diga, com desdém:
— Cartas?! *Cartas são papeis!* —
e, porque é passivo e mudo,
o papel consente tudo!

Palavras, leva-as o vento,
quem se fiar em cantigas
é falho de entendimento.

Rapazes e raparigas!
Ao que, à razão desatento,
a cantigas der ouvidos,
traiem-no os cinco sentidos.
Vê estrêlas nos pirilampos;
ouve catarro em formigas;
palpa, com gôzo, as urtigas
e as silvas bravas dos campos;
achará que a sardinheira
melhor do que as rosas cheira;
prefere à polpa o caroço;
e não lhe sabe a insosso
comer a que falte o sal!

Andam-lhe o gôsto e o olfato,
a vista, a audição, o tato,
ao invés do natural!
Fraquezas, pechas antigas
do que se fie em cantigas
de quem não presta nem vale.

IX

Palavras loucas, orelhas moucas!

Surdez igual
tenha a razão
e o coração
para o que é mal!
Mais mouco seja
que um surdo-mudo,
sempre e em tudo
em que o mal veja,
ou o mal soa!

Palavra bôa
unge,
palavra má
punge.
Justo será
que, pois, a orelha
se alargue bem,
se acaso alguém
bem aconselha.
Quem ouça então,
não perca um som,
nem um acento,
se o que ouve é são,
honesto e bom.
Mostre-se atento!
Visto que Deus,
dando sentidos
aos entes seus,
quanto aos ouvidos,
de-certo deu-os
a quem os tem,
não para o mal,
mas para o bem.
É natural!

X

Palavras não custam dinheiro.

Não custam, não! Vai lá saber
qual é o preço verdadeiro
que a oratória há-de render
ao senador ou deputado
que, ao discursar no parlamento,
mostra, no seu palavriado,
mau jus fazer ao pagamento.

Vai indagar a quanto monta
a escrita ou fala em qualquer pleito
(vens a sabê-lo pela conta...),
não p'ra aprumar o teu direito,
mas sim p'ra o pôr tão retorcido,
que nem de ti, espantado e absorto,
êle há-de ser reconhecido,
pois já tu mesmo o julgas torto!

Palavras não custam dinheiro.
Que vezes há-de o linguareiro,
que não se mostra em seu galrar
cauto nem calmo,
caro pagar,
com língua mais do que de palmo,
quanto de mais ou mau falar!

XI

Palavras são fêmeas, e factos são machos.

As fêmeas, é certo,
dirão: — Que blasfêmias!
Tais ditos eu acho-os
de autor pouco esperto.

Acções não são fêmeas?
Dizeres não são machos?
O ser masculino
ou ser feminino
o termo ou expressão
— *palavra* ou *dizer*,
e *facto* ou *acção* —
que efeito há-de ter?

Quem nisto pensar
descobre a intenção,
o fim ardiloso
de o adágio aviltar
o sexo formoso.
Mais justo, porém,
será o apôdo
que aplicam a todo
aquele que tem,
nos gestos e falas,
não faltas, mas sobras:
— *Palavras sem obras*
são tiros sem balas.

XII

Sobe a palavra, quando o vinho desce.

Com a bebida o falario cresce!
Baixa às tripas o vinho, ao mesmo passo
que, mais e mais,
se elevam seus vapores à cabeça,
tornando o entendimento obtuso e baço.
Efeitos triviais
de tanto alguém libar, que se escandeça.

*

Da uva o rúbido sumo
trepa à mioleira esquentada,
como ao ar se alteia o fumo
das chamas duma queimada.

Fumos de fogo e de vinho
seguem o mesmo caminho,
sobem da mesma maneira
que o da palha ardendo em eira.
É, entre muita chocarrice,
sempre, em casos dêsses, há-de,
nua e crua, ver-se, enfim,
à tona da bebedice,
sobrenadar a verdade!

In vino, veritas... Sim!
É mais que evidente o ensino,
mais que certa a realidade
do velho adágio latino.
No vinho está a verdade...
Que vezes sai da bebida,
em gente desabusada,
a mentira desmentida
e a burla desmascarada!

XIII

Tais palavras te dizem, tal coração te fazem.

Isto convém que frisem
todos que se comprazem
em descobrir maneira
de, mesmo a quem não queira,
render ao seu falar.

Para a outrem lograr
fazer-lhe o coração,
põe-se o termo devido
sempre no seu lugar.
E dêste adágio então
comprova-se o sentido:
— *Mais vale bôa palavra*
que oiro de bôa lavra.

VELHOS

— Porque sabe o diabo tanto?
— Porque é velho!

I

— Antes velho ajuizado
que moço desatinado. —

pensa a mulher de bom siso,
que se fia no conceito:
— boi velho, rêgo direito.

Mas a que é — tal como guiso —
ôca e estúrdia de cabeça,
diz do homem que envelheça:
— Já me não serve p'ra nada!
E troca então, a estouvada,
pelo jovém que, atrevido,
em certos *adiantamentos,*
chegue além do que ela peça,
o sujeito comedido
nas obras e pensamentos,
mas *a cair da tripeça...*
Mais lhe agrada rapazola,
sempre de beijos nos lábios,
que a diverte ou a consola,
do que trôpego ancião,
forte só em ditos sábios
de conselho e discrição:
— prefere ao *velho ajuizado*
o *moço desatinado!*

II

O preto velho (ou o pêrro)
não aprende linguagem.

Isto escreveu ou disse
quem viu cair em êrro
os que essa aprendizagem
deixaram p'ra a velhice.
E o caso é mais flagrante,
quando a linguagem quere
— em homem ou mulher —
ser voz de peito amante,
ser o doce dialecto,
singelo, mas sublime,
no qual o nosso afecto,
em êxtases, se exprime!
Por falta dêsse ardor
que torna linguarudo
mesmo aquele que fôr
mais gago ou tartamudo,
por deficiência ou míngua
do juvenil vigor,
querem dizer amor,
mas não lhes chega a língua.

Velho amador
é inverno com flor.

No coração
do velho cioso e terno,
sómente brotarão
breves flores de inverno.
Porque o amor sèdiço,
serôdeo em ciume e zelos,
parece mais postiço
que os dentes e os cabelos
de ancião que traz derriço.

Paixão que vem tardia
a peito sem frescura,
é sol de pouca dura,
é réstea fugidia
de luz do fim do dia.

Sandias pretensões
— segunda meninice —
em anos de velhice
ainda ter paixões!

III

Quem, em novo, é bonitinho,
tem, em velho, seu jeitinho.

Quanto com isto se ilude
a senectude
enfermiça e achacada,
que anda — a tonta — mascarada
de juventude!
Grandes e tristes enganos
de quem esquèceu
a conta aos anos,
e sempre que o rosto seu
olhou ao espelho,
não viu, ou não percebeu
qual o conselho
que espelhos dão
a quem, em vão,
se alinda e pinta:
— *contas na mão,*
borracha à cinta!

São êstes, ao que presumo,
que se fiam na canção:
«Para amores nunca é tarde;
«A lenha nova faz fumo,
«O mato velho é que arde.»

IV

Velhice é mal desejado.

Não será assim, talvez,
como nos diz o ditado.
O que em toda a gente vês
é o empenho ou a ansiedade
de muitos anos viver,
mas sem nunca envelhecer,
sem perder da mocidade
quer o calor,
quer o frescor.
Ser jovem... de muita idade,
eis, em suma, a aspiração
de quem perfilha o rifão,
e quere a velho chegar,
mas sem ninguém lho chamar,
pois todos o querem ser,
mas sem o ouvirem dizer.

Réus, embora, incriminados
dos delitos mais nefandos,
muitos velhos são chamados
«respeitaveis», «venerandos»...
Respeitaveis são sómente,
porque o capricho da sorte
fez que, mais que à outra gente,
respeitado os tenha a morte...

Quantos velhos, com efeito,
nos merecem muito menos
veneração e respeito
do que rapazes pequenos!

V

Velho casado
com mulher nova,
vive enganado,
ou abre a cova.

Mulher de velho
luz como espelho.

Ao que, já velho,
arma em *gaiteiro,*
êste conselho,
com jeito e cheiro
dos de Evangelho,
é bom lembrar-lhe:
— *A velho*
recem-casado,
rezar-lhe
como a finado!

VI

Velho que de si cura,
cem anos dura.

Mas do que não procura
remédios p'ra o seu mal,
e até a quem se empenha
em o curar, desdenha,
é, por motivo igual,
que outros dirão:
— *Velho emendar*
e cão espulgar
duas tolices são.

Olhe, porém, quem deseja
— qual ancião que de si cura —
chegar aos anos que almeja,
mostrando ainda verdura,
numa idade já madura,
que *o môço desprevenido*
será velho arrependido.
Mancebo estouvado e vão
dá em velho temporão.
Não gozar, p'ra não sofrer,
segredo de bem viver...
e de bem envelhecer!

VII

Velho gaiteiro,
velho menino.

O amor brèjeiro
e o tempo andeiro
tanto seu tino
enfim transtornam,
que há-de lembrar
êste rifão:
— *Os velhos tornam*
a engatinhar.
Triste irrisão!

Quando assim é,
de que jaezes
são as mudanças!
Dir-se-á até
que *duas vezes*
somos crianças!

VIII

O velho muda o conselho.

Com tal provérbio emparelho
outro análogo ditado:
tempo mudado,
mudado o conselho.
Alteri tempi... E ensina,
não menos discretamente,
uma sentença latina
que «é próprio de homem prudente
mudar o conselho seu.»
Mudam os ventos,
mudam os pensamentos.

Só o mísero sandeu
que de errar não se arrependa,
prefere a falta à emenda,
pois só *quem não considera*
é que *não reconsidera,*
e bem *mal pensa*
quem não repensa.

Se não lhe andam sempre à roda,
com os caprichos da moda,
qual outro moínho de vento,
a cabeça e o entendimento,
dá prova de bom juizo
quem varia de opinião,
sempre que a recta razão
o creia justo ou preciso.
E os que nunca a alterarão
e a mantêm com mais afêrro,
são pirrónicos teimosos,
tão afincados no êrro
que lembram burros manhosos
na perrice tençoeira,
na obstinação contumaz!

Desta ou daquela maneira,
quem é que, uma ou outra vez
— porque julga que bem faz —
não desfaz o que já fez?
Só o rio não torna atrás...

VILOES

Quando o vilão é rico,
não conhece parente nem amigo.

I

Não dês o dedo ao vilão,
porque há-de tomar-te a mão.

Olhado só do direito,
e pela parte de fora,
se o exame não é feito
com profundeza e demora,
aparece-te o vilão
honesto, escorreito e são.

Se queres vê-lo, porém,
tal qual é, mau e revesso,
vira-o todo do avesso,
porque — de aí — mostra bem
o fôrro de que é forrado.

Vê-o por dentro, do lado
donde, segundo o rifão,
joga a pedra e esconde a mão.

II

Não é vilão o da vila,
senão o que faz vilania.

Senão quem ladra e refila
contra alguém que o acaricia,
e o mete no coração;
senão quem — mais do que o gato —
arranha e se mostra ingrato.

Se ao que é de tal condição,
dás fôro e categoria,
é, mais dia, menos dia,
contar que te morde a mão!
Não te fies em vilão,
nem bebas em charqueirão!
Vilão servido,
vilão fugido!

III

De pai vilão,
filho fidalgo,
neto ladrão.

Deve ter algo
de exacta a escala,
quando assinala
êsses dois graus,
quanto à ascendência
de netos maus.

Diz a experiência:

Em sabendo de quem vens,
sei o bem ou mal que tens.

Sem vergonha, mas com manha,
por fás e por néfas, ganha,
junta o vilão a fortuna;
o filho, estroina e vàdio,
com fidàlguia de empréstimo,
gasta o que o pai lhe reuna,
sem deixar, por morte, um fio,
nem coisa alguma de préstimo
p'ra vender ou pôr no prego;
vem, afinal, o terceiro,
sem crédito e sem dinheiro
p'ra mandar cantar um cego
— vem o ladravaz do neto —
e torna o dito completo
com seus embustes e enganos.

Sempre ao fim de muitos anos,
há, em longa gèração,
conde, rameira e ladrão.

IV

Se queres ver o vilão,
mete-lhe a vara na mão.

Guinda a juiz o culpado,
e a general o soldado;
torna o mandado em mandão;
muda em patrão o criado;
faz do vilão — cidadão,
e verás que mandam mais,
e com maior afoiteza,
que chefes e marechais
que, por valor ou nobreza,
conquistaram honras tais.

Dá ofício ao vilão,
e conhecê-lo-ão!

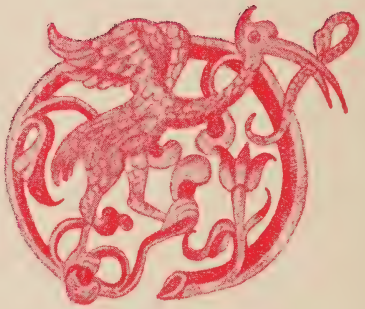
V

O que pedir a vilão,
pede em vão.

Daqui o velho conceito:
— *Não peças a quem pediu,*
nem sirvas a quem serviu.

Disse alguém, a tal respeito,
em era muito distante,
que êle, por si, nunca viu
«nem algum corpo gigante
«de gigante coração,
«nem serviço de vilão
«que folgueis ter aceitado».

Pois, se tu, por precisado,
cais em fazer-lhe pedido,
e, se, por grande excepção,
fores por êle atendido,
pagas cara essa atenção,
em breve tornada em lôgro.
Na tua casa há-de ver-se
logo *o vilão a estender-se*
como em casa de seu sogro!



A ✠ EXPERIENCIA ✠ SUMMA ✠ MESTRA ✠ DAS ✠ ARTES ✠ PRONUNCIOU ✠ PELAS ✠ BOCAS ✠ DO ✠ POVO»

«OS ✠ RIFOENS ✠ SENTENÇAS ✠ SÃO ✠ VERDADEIRAS ✠ QUE

DITAMES E DITÉRIOS

Glosas em verso

de

DITADOS OU DIZERES COMUNS

Por

Alfredo da Cunha

da Academia das Sciências de Lisboa

III

Ano 1931

EM LISBOA

Nas oficinas da

Empresa Nacional de Publicidade

(De ✠ D. ✠ FRANCISCO ✠ MANOEL ✠ Carta ✠ de ✠ Guia ✠ de ✠ Casados)

As vinhetas são reproduzidas de antigos livros impressos em oficinas olisiponenses, e a do frontespício, com divisa, é reprodução exacta da que ornamenta o rosto da primeira edição dos «Adágios Portugueses» do P.e Antonio Delicado.

DIZERES
DE
EXPERIÊNCIA

I

A afeição cega a razão.

Faz muito bem quem não esquece
o ensino dêste rifão.

É por isso que acontece
ser quase sempre a mulher
a quem mais se estima e quere,
a que pior se conhece.

Porque essa que mais se adora,
é que mais nos *cega,* embora
nós mesmos saibamos que ela
é tão falsa como bela!
Mas quem há que nos convença
a amar outra, e não aquela?
É certíssima a sentença:
— *Nem a amar nem a rezar,*
ninguém nos pode obrigar.

II

O amor é como a lua,
quando não cresce, mingúa.

Sôbre o amor e sôbre o luar
quanto prolóquio ou ditado
anda aí p'lo mundo esparso!

Diz a trova popular
e o dizer é acertado:
«Não há sol como o de Março,
«Luar como o de Janeiro,
«Nem cravo como o regado,
«Nem amor como o primeiro.»

*

Luar de Janeiro
não tem parceiro;
só o de Agosto
lhe dá no rosto.

Sempre o amor,
nos seus quadrantes,
marca variantes
de gôzo e dor.

Seus quartos conta
de lua cheia,
que, mal desponta,
tudo clareia;
de lua nova
— de escuridão! —
cujo negrume
põe bem à prova
o coração
que ensombra o ciume.

Tem seus crescentes
e seus minguantes;
suas enchentes,
suas vasantes
de luz, que até
lembra a maré
dum mar de prata
— mar que ora flui
e se dilata,
logo reflui
e se retrai...
Que vem e vai,
vaga após vaga...

Ouvi a alguém
que — assim também,
tal qual se alaga
da luz do luar
tudo que a terra
em si encerra,
não tendo par
o de Janeiro
nem o de Agosto —
o amor primeiro
não tem parceiro:
nenhum, em gôsto,
lhe dá no rosto!

III

Cada um é p'ra o que nasce.

Cada qual (reza o ditado)
é p'ra o que vem já fadado.
Pois em tudo apenas faz-se
o quanto o poder divino
manda e quere.
Véu e mortalha
no céu se talha...

Ninguém escapa ao seu destino!
E *tudo o que tem de ser*
tem muita fôrça. É de ver
que, em ventura ou em desgraça,
por mais que se mostre forte,
por mais que faça ou desfaça,
ninguém foge à sua sorte!
O que há-de haver a alma,
escrito está na palma...

*

Sofre, quando fôr bigorna,
e, quando fôr malho, malha.
Eis a sina que na vida
em mal ou em bem se torna
p'ra aquêle que acerta ou falha.

Uns à sôlta, outros à brida,
trazem marcado o serviço,
préstimo ou fim que hão-de ter.
Êste é próprio p'ra bater,
e aquele p'ra batediço;
um, avaro ganancioso,
mostra jeito p'ra fruir,
outro, estúrdio dadivoso,
bossa p'ra ser disfrutado.

Em tudo se hão-de sentir,
em cada fortuna ou estado,
pelos sinais mais diversos,
estas leis da natureza:
a fôrça a par da fraqueza;
bondosos entre perversos;
junto a ingénuos verdadeiros
os refalsados arteiros;
feios realçando bonitos;
pavões a vexarem gralhas;
os que levam — de paulitos —
e os que derrubam — de malhas.

Quantos mais exemplos, quantos!
São os paus — pretos ou brancos —
dos quais *uns nascem p'ra santos*
e outros nascem p'ra tamancos
— que ou vão p'ra as mãos do santeiro,
e de ali p'ra algum altar,
ou irão p'ra o tamanqueiro,
— coitados! — os fabricar;
é êsse infeliz de quem
usamos notar que *ao pobre*
o oiro se torna em cobre
— o que *não chega a vintém,*
porque nasceu p'ra dez réis;
e, invertendo-se os papeis,
é qualquer que ao mundo vem
destinado p'ra *milhão,*
e que o será, queira ou não!

Cada um tem seu fadário
de bom ou de mau auspício:
ou subirá um calvário
de tortura e sacrifício,
no qual se levanta a cruz
duma vida tormentosa
— sua via dolorosa
que ao seu Gólgota conduz —
ou há-de então, se Deus quis
que fôsse em tudo feliz,
em tudo mostrar que o é.

Diz a experiência dos povos
que *ao afortunado até*
os galos lhe põem ovos!

E nem mesmo o bem criar
é fiador de bem fadar.
Que de vezes o rifão
— Bem criado,
mal fadado —
tem àsada aplicação!
E, ao contrário, é mui freqüente,
aos malcriados, a gente
ver que os fados bendirão.

Não me chames benfadado,
sem me veres enterrado...
Ignora o que ao mundo venha
qual o seu destino exacto:
como *nunca sabe o mato*
aonde irá fazer lenha.
Se alguém de ti quere saber
se êste ou aquele, ao nascer,
p'ra bem ou mal nascerá,
diz-lhe: — *O que fôr soará!*
É esperar-lhe p'la pancada!
Quem se *deita a adivinhar,*
o mais que faz é errar,
e não adivinha nada!

Uns geraram-se na dor,
outros *nasceram num fole.*
E por isso ouves dizer:
— *P'ra quem ganhas, ganhador?*
— *P'ra quem está dormindo ao sol.*
E sempre assim há-de ser!
Aceita o bem
conforme vem,
e, quanto ao mal,
não queiras tal!
Tudo, a um, corre direito,
— em vida — tendo de seu
palacete ou palação
onde dorme em fofo leito,
e — na morte — mausoleu
de opulenta construção;
tudo, p'ra outro, vai torto,
curtindo fome de cão,
dormindo ao léu, sem confôrto,
sem um mísero colchão,
nem lar onde caia morto!
Se há uns *sem eira nem beira*
e sem ramo de figueira,
há quem tenha *cão e guiso*
e tudo que lhe é preciso...

E, quanto ao nome ou à fama
— *em má hora nascerá*
quem má fama cobrará.
O adágio assim o proclama!

Chupa a abelha, e mel dará;
chupa a aranha, e dá peçonha.
Cada um, qual Deus disponha,
dará coisa bôa ou não.

P'ra que viva do que mata,
nas selvas anda o leão
das suas prêsas à cata;
como o lobo ou o chacal
se empregam em faina igual;
na terra, pica a cegonha;
lá do ar, cobiça o abutre
a carne de que se nutre;
e enquanto o zorro, com ronha,
às capoeiras saltará,
e a formiga em mais não sonha
que nos grãos que amealhará,
mansa e calma, a ovelha pasce...

No viver, ou mal ou bem,
— e até no morrer também! —
cada um é p'ra o que nasce!

Lá diz o prolóquio — *O espinho*
nasce já com seu biquinho —
p'ra que, desde o seu nascer,
nos pique e faça doer...

Os peixes são p'ra nadar,
e as toupeiras p'ra minar,
como a fera é p'ra rugir
e o insecto p'ra zumbir,
como a ave é p'ra voar
e o corcel p'ra galopar.
Não se iguala ao rincho o zurro,
por mais que tente imitá-lo,
pois *nunca chega a cavalo*
o que nascera p'ra burro.

Tudo, em suma, se condensa,
e se pode enfim cifrar
nesta singela sentença:
— *Tal corre a água p'ra o mar,*
cada qual
corre p'ra o seu natural.

IV

Cada um é p'ra o que nasce.

Quem esta máxima antiga,
porém, negue ou contradiga,
acha que o homem refaz-se,
muita vez, por sua mão,
e a bôa ou má condição,
por si, a talha ou retalha:
— corta o *véu* ou a *mortalha* —
posto afirmem que do céu
vêm feitos mortalha e véu...

O que desminta o rifão
— *quem das ervas nasce*
pelas ervas pasce —
por não ter buscado em vão,
em outro campo mais vasto,
melhor e mais fino pasto;

quem subjugue o ruim destino,
dominando o infaustó azar,
e, com pertinácia e tino,
dêste logre triunfar;
quem, no mal que sente ou pensa,
a si próprio até se vença
(e quem a si se vencer
— como *quem a si se teme*
nada terá que temer —
de ninguém receia ou treme);
quem force, enfim, o mau fado,
dirá destoutra maneira,
muito ao invés do ditado:
— Cada um é p'ra o que queira!
Pois, se a vontade não falha,
querer é poder!
Certo se torna o dizer:
— Cada qual é p'ra o que valha!

V

Os carregados de ferro
vão carregados de mêdo.

Aos seus ouvidos trementes
tem um ai o som dum berro!

No gatilho sempre o dedo,
armados até os dentes,
das próprias armas a carga
mais os passos lhes embarga
e os peia e os embaraça.

Ou no perigo, ou na desgraça,
sempre o mêdo é coisa má.
Não há pior companheiro:
nem teu corpo guardará,
nem guardará teu dinheiro.
Só de-certo prestará,
quando tu contigo o leves,
p'ra fazer que fujas cedo,
a sete pés, dos mais breves!
Pois *não há asas mais leves*
(diz o adágio) *que as do mêdo!*

VI

Em casa não tens sardinha,
na alheia, pedes galinha.

É o que faz muita gente,
sempre com tudo contente,
quando é seu o que lhe dão,
mas, fora disto, exigente
como aqueles que mais são;
que, em família, se sustenta

de água e pão, mal se alimenta,
e come o que há de pior,
mas, se vai a casa alheia,
quere vir de barriga cheia
do que há de bom e melhor.
São êsses a quem enjoa,
à mesa doutro, a sardinha,
mas, à própria, acham-na bôa,
e até lhes sabe a galinha!

VII

Casa sem ser ralhada será mal governada.

Se desejais, porém,
bem governar alguém
que tenhais ao serviço,
nem de mais lhe ralheis,
nem também o torneis
em *cão espancadiço.*

O que pune prudente
com mão pesada ou leve,
— ao castigar — sómente
ralhe ou bata o que deve.
É bom haver em conta
o que êste dito aponta:
Quem bater com a mão,
apanha o seu quinhão.
Mas, se as pancadas
forem bem aplicadas
a quem precise delas,
é justa a observação:
— *só se perdem aquelas*
que caírem no chão.
Máxima concisa
diz que *a cem fustiga*
(ou *a cem avisa*)
quem a um castiga.

VIII

Coisa emprestada, coisa arriscada.

Quem empresta
não melhora.
Lição é esta
que vem doutrora,
mas que parece
que a toda a hora
se fortalece
com bastas provas
e razões novas.
Faz excepção
o que, por mão
do indigente
sem pão nem lar
que o acalente,
a Deus prestar
algo que sobre
dos gastos seus.
Quem dá ao pobre
empresta a Deus,
lá diz o adágio.
Mas êsse empréstimo
que a Deus é feito,
percalça em ágio,
aumenta em préstimo,
lucra em proveito,
se não houver
em tal benesse
nada que interesse
dê ao esmoler
— quando não há
nessa pessoa,
tida por bôa,
intenção má.

Porque, aliás,
se assim não faz,
a caridade
é onzeneira,
e ninguém há-de,
dessa maneira,
com tal labéu,
ganhar o céu,
por mais que o queira.
Só tornará
certo o dizer:
— *Quem dá*
p'ra receber,
não dá.

IX

Na confiança está o perigo.

Confiança em teu semelhante,
ou porque o tens por amigo,
ou porque a tens por amante
— seja lá pelo que fôr —
é grande risco, leitor!
Por exemplo: quanta vez
— porque a beijam com doblez —
a *mão que é muito beijada*
quisera-se ver cortada!

Não te fies (reza o ditado)
se não queres ser enganado!
Pois menos se há-de enganar
o que menos se fiar,
o que tenha mais receio
de afecto ou amor alheio.
Na desconfiança
é que está a segurança.

X

Conheces o marinheiro,
quando vem a tempestade.

Não é com o mar banzeiro,
em calma tranqüilidade
que inspira a todos confiança,
não é em plena bonança
— pois *com vento de feição*
não há má navegação —
que o navegante conquista
jus de bom navegador.

Mas, se o mar alteia a crista
das grossas vagas, então
é que o mareante que fôr
destro de olhar e de mão,
demonstra ciência e coragem.

Assim também, à imagem
do que sucede no mar,
quando açoita o vendaval
da desgraça um decaído
povo quase a definhar,
há-de irmanar-se, tal qual,
com o nauta destemido
que é bom piloto de leme,
aquele que, audaz, consiga
firmar o que rui e treme,
sustar a onda inimiga,
impondo ordem à anarquia,
do cáos fazendo erguer
o que por terra jazia
— grande voltando a fazer
o que de grande houve um dia!

Assim foi que, noutra idade,
um Nun'alvares, que goza
de cheiro de santidade,
alcançou tornar gloriosa,
temida e forte outra vez,
a pátria quase a perder-se,
e evitou a Portugal
deixar de ser português.
E assim foi que pôde ver-se,
rápidamente, um Pombal,
com as suas mãos ferinas,
ressuscitar das ruínas,
com aspecto belo e novo,
o património dum povo,
cujos feitos enriquecem
os aureos anais da história!
Êstes, sim, que bem merecem
ser coroados de glória,
como êsse nauta arrojado
que no mar encapelado,
entre escolhos mil singrando,
leva a porto e salvamento
a nave do seu comando.

Pois não é, se acaso o vento
brando está, e o mar banzeiro
— mas sim quando há tempestade —
que a gente mais prestes há-de
ver quem é bom marinheiro.

XI

Depois de morto,
nem vinha, nem horto.

Estéreis consolos
dá quem se condoa
de infausta pessoa,
se as *papas e bolos*
— dilecto manjar
p'ra isca de tolos —
lhos vier a levar
a hora serôdia,
e o vinho e o pão
macio e sem côdea,
lhos der na ocasião
de a alma depor
no seio ou na mão
do seu criador.

Supérfluo cuidado
de quem só acode
ao doente em mau estado,
e só o acarinha,
quando êle não pode
comer nem beber
do horto, ou da vinha.

Pois é bem de ver:
da vida no cabo,
não serve de nada,
de auxílio ou confôrto,
p'la bôca ou p'lo rabo,
dar feno ou cevada
a asno já morto...

XII

Diz-me com quem andas,
dir-te-ei as manhas que tens!

Com quem andas ou desandas,
que o mundo é todo em vai-vens...
Quem se encosta ao sujo — suja-se,
e *ao ferro — enferruja-se...*

Um maldoso companheiro,
se fôr astucioso e fino,
se fôr esperto e matreiro,
troca-te índole e destino.
Mudas de génio e de aspecto:
se és casto, ficas brèjeiro;
linguarudo, se és discreto;
estouvado, se és sisudo.
Serás outro, todo e em tudo!
Mau capelão,
mau sacristão!
Diz-me com quem vás,
e dir-te-ei o que farás.

Se sei com quem acompanhas,
ou quem ajudas à missa,
direi de tua justiça,
ou darei com tuas manhas.
O caso é saber-se bem,
não de quem nasces,
mas com quem pasces.

Como antídoto, porém,
estoutro prolóquio ensina
mais amorável doutrina,
p'ra que, neste mar da vida,
uma alma desprevenida
não encalhe, nem sossobre:
— *Quem a bôa árvore se acolhe,*
bôa sombra o cobre.
Mas que mau, quando ela é má!
Com prudência, pois, escolhe,
no homem ou na mulher,
qual é que bom te fará
com a *sombra* que te der!

XIII

O doce nunca amargou.

Mas amarga o seu efeito,
se, em vez de dar bom proveito,
o deu mau ao que abusou.

Quantas vezes amargamos
a doçura que gozamos
e que em fel se transformou!
Quantas vezes o que, em gôsto,
é mais grato ao paladar,
deixa o guloso indisposto
mais que o próprio rosalgar!

O doce nunca amargou...
Mas o amargo é que dá cura,
em mèzinhas de botica,
àquele a quem se mudou
a doçura em amargura,
no enjôo ou nausea em que fica...

XIV

É mais fácil dizer do que fazer.

E já o Frei Tomaz,
tão forte no dizer e aconselhar,
demonstrava não ser
— em seu fazer — capaz
de bem executar,
de, com firmeza,
pôr em obra as lições do seu prègar.

O fazer e o dizer
não costumam comer à mesma mesa.
Entre o dizer e o fazer,
muita coisa há que meter.

Quem à própria pessoa não aplica
o que ensina,
mas não exemplifica
— e mais vale o exemplo que a doutrina —
tem certa parecença
com o néscio que tão errado pensa,
que não avesa um real e oferece esmola!
Nota, porém: — *Quem não é bom p'ra si,*
pior será p'ra ti.

Quem não sabe p'ra si, não abre escola.

XV

É o céu de quem o ganha
e a terra de quem a apanha.

Certíssimo o dito faz
o ladrisco ou ladravaz
que, em lugar de o céu ganhar,
como seria mister
p'ra salvação da sua alma,
busca da terra apanhar
quanta, quando e a quem puder,
co'a unha que tem na palma
da mão vezeira em roubar.

XVI

Há mil modos de morrer,
mas há só um de nascer.

Perde-se a vida no mar,
quando por lá se navega;
perde-se em terra ou no ar.
Porque a morte é surda e cega,
nem, ao dar-lhe p'ra matar,
ouve quem perdão implora,
nem olha a lugar ou hora.

Morre-se de mil maneiras:
ou de faminto, ou de farto;
de preguiça ou de canseiras;
tanto ao sol como aos relentos;
ou, no confôrto dum quarto,
com médicos e enfermeiras,
de males, que os há aos centos!
Mas só se nasce... de parto.

Só uma porta a vida tem,
enquanto a morte tem cem.

Numa coisa se hão-de achar
nascer e *morrer* iguais;
numa coisa, e em nada mais,
se hão-de tanto assemelhar,
que não se hão-de distinguir:
todos nascem a chorar,
sem que morra alguém a rir.
Pois que ninguém acredita
que, no momento da morte,
nem mesmo a *Maria Rita*
tivesse tão rara sorte,
e ânimo houvesse tão forte,
que, em hora má como aquela
— nos espasmos da agonia —
rindo, espichasse a canela
— morresse com alegria!

XVII

Longe da vista,
longe do coração.

Assim é na paixão
que à ausência não resista.
Apartamento,
esquècimento!

Olhos que não vêem,
coração que não sente.
Quando êles não anseiem
pelo distante ausente,
diz-se: — *Não se deseja*
o que o olhar não veja.

Se êsse olhar, todavia,
não só dos olhos vem,
mas refulge também
e vívido irradia
duma alma fiel e ardente,
verá o Bem-amado
num remoto lugar,
qual se fôsse presente,
e, lado a lado,
o estivesse a mirar.

O que bem quere
de longe vê
o ente eleito a quem dê
a afeição que tiver.
Pois o que então se observa
é que, embora *ande triste,*
porque o amor não lhe assiste,
quando o peito conserva
o afecto firme e certo,
mesmo a quem longe dista,
hão-de julgá-lo perto
o coração e a vista.
Quanto mais apartado,
mais desejado,
se o amor é de sorte
que sobrevive à morte.

«Como o vento é para o fogo
«É a ausência p'ró amor;
«Se é pequeno, apaga-o logo,
«Se é grande, torna-o maior.
Quadra, talvez, que é versão,
para a língua portuguesa,
dêstes dois versos que são
comuns também na francesa:
L'absence est à l'amour ce qu'est au feu le vent:
il éteint le petit, il allume le grand.

XVIII

Mais quero para os meus dentes
do que para os meus parentes.

Quem se encosta a êste adágio,
nunca dôa, nunca testa,
e a razão que alega é esta:
é ser isso mau presságio,
agoiro de mau azar.
Ninguém o fará legar
a parentes e a aderentes
o que, em vida, quere gozar.

— *Parentes são os meus dentes.*
E os dentes que mais se empenham
em vir a trincar a herança,
hão-de ter essa abastança
lá *quando as galinhas tenham*
dentes também p'ra a papança,

XIX

O mal agradecido
não é bem nascido.

De mau princípio veio,
e p'ra mau fim irá.

Dos mal agradecidos
está o inferno cheio —
outro adágio dirá.
Mas aos arrependidos
de proceder tão feio
— da feia ingratidão —
acolhe-os Deus no seio.
É a compensação!

Quem se emenda
a Deus se recomenda,
se a emenda é a valer
— se é como deve ser —
pois lá diz o ditado:
— *De bôas intenções*
o inferno está calçado —
e é de bôas acções,
e não só de tenções
de bem intencionado,
que se vê alfombrado
das cérulas mansões
o chão resplandecente.

Pr'a a alma se salvar,
e do Pero Botelho
ao caldeirão candente
poder, enfim, escapar,
não basta o aparelho
duma optima intenção.
P'ra sua salvação,
não é bastante esteio
propósito formado,
mas nunca realisado,
ou que se deixa em meio.
P'ra se encontrar ao certo
— roto da morte o véu —
pelo S. Pedro aberto
o aureo portão do céu,
e assim burlar o diabo,
é preciso levar
o bem que se intentar,
com decisão, ao cabo!

XX

Muita mão será beijada
que se quisera cortada.

Quanto hipócrita não anda,
com falinha untuosa e branda,
a beijar, humilde, a mão
de que lhe vem protecção,
que o amima e o regala!

Pois, lá no íntimo, anseia
por mordê-la, por cortá-la,
e por desmentir a fala
e a amizade que alardeia!

Quanta gente malfazeja
não murmura e não boqueja,
às ocultas, contra quem
só lhe quere e lhe faz bem,
ferrando a unha e o dente
naquele precisamente
a quem deve gratidão!

Da mesma raça êstes são
dos que hão-de *entrar a lamber*
p'ra te rogarem mercês,
e hão-de *sair a morder,*
logo assim que tu lhas dês...

XXI

Muito falar,
pouco saber;
muito gastar
e pouco ter;
mais presumir
do que valer.

Três coisas, três,
que hão-de sair
fatais talvez
ao homem vão
e pouco esperto!

Mas quantas mais,
quantas — se não
lhes são, de-certo,
em tudo iguais —
piores serão!

Raro é dever
sem mal pagar;
amores ter
e não penar;
muito dizer
e não errar.
Nem sempre crer
é acertar;
nem o querer
será poder;
nem porfiar
é alcançar;
nem prevenir
ou precatar
é impedir
ou ressalvar;
nem procurar
é descobrir
ou encontrar;
nem dar parecer
é decidir;
nem merecer
é possuir;
nem ameigar
tem o condão
de enternecer
ou de abrandar;
nem a lição
faz aprender,
logra ensinar
ou instruir;
nem bem cuidar
ou assistir
é melhorar
ou guarecer.

E que hás-de ver?
Que sempre até
mais fácil é
aconselhar
que praticar;
e demolir
que edificar;
e à mão haver
que restituir;
e prometer
que bem cumprir.

Trivial, vulgar,
é *mal haver*
por bem fazer;
trigo semear,
p'ra, enfim, só ir
joio colher;
por mais servir,
menos valer.
É mal achar
quem mal guardar;
quem mal seguir,
mau fim topar;
quem bem não vir,
mal ajuizar;
quem mal ouvir,
mal responder;
quem mal sentir,
mal proceder;
quem *mal viver,*
mal acabar.

De tanto mal
a suportar,
hás-de convir
que o mais fatal
é o de nascer
— de ao mundo vir
e ser alguém!

Vida é prazer
daquele a quem
falta o saber,
diz o rifão.

.....

E encontra-se igual lição
nesta quadra popular:
«Triste sorte é o nascer,
«Depois de nascer, pecar,
«Depois de pecar, morrer,
«Depois de morrer, penar!»

XXII

Não há ausentes sem culpas,
nem presentes sem desculpas.

Quem não aparece, esquece.
Ou — pior que o esquècimento —
só porque não se aparece,
dá-se aso ao mau pensamento!

Como é lícito supôr,
com a distância, em verdade,
não sofre apenas o amor:
corre seu risco a amizade,
por mais antiga e melhor.

Les absents ont toujours tort...
Sempre andam de *orelhas quentes*
e têm sempre as *costas largas*
p'ra suportarem as *cargas*
das bocas dos maldizentes
— das línguas e da dentuça,
pois ferram também os dentes
que a mentira lhes aguça.
Diz-se que *não ha cabeça*
a que falte a carapuça,
mesmo quando a não mereça.
Ora quem a ausentes faz,
por mau vezo, ausências más,
sem lhes ouvir a defeza,
como que os fere à traição:
julga-os sem fé nem certeza.
É lei da recta razão:
seja bem ou mal argüido,
ninguém deve ser julgado
— absolvido ou condenado —
sem que lhe tenham ouvido
o quanto por bem houver.
E quem assim não fizer,
fará do direito, torto.

Aos mortos e aos ausentes
não doestes, nem atormentes!
O *bater em homem morto,*
ou preso de pés e mãos,
e o incriminar um ausente,
— quantas vezes inocente! —
são dois pecados irmãos.

XXIII

Não sabe executar
quem não sabe mandar.

Aonde muitos mandam
e ninguém obedece,
tudo fenece.
Pois todos se desmandam!

Não é p'ra imitação
o chefe ou o patrão
que se curva aos mandados
de obreiros ou criados,
que os trâmites lhe traçam
por que êle ande ou desande.

Mais vale um que bem mande
do que dois que mal façam,
por bom que seja o intuito
de quem o mal fizer.

Pouco manda quem quere
que lhe obedeçam muito.
A um mandão qualquer
— se é muita a prepotência —
é pouca a obediência.

*

Quem não sabe executar,
também não sabe ordenar.
Por certo e seguro tende
que esta quintilha famosa
do Garcia de Rezende
é do transcrito ditado
a mais ajustada glosa:
«Quem deve ser ensinado,
«Repreendido, castigado,
«Muito mal pode ensinar,
«Casa e filhos governar,
«Se deve ser governado.»

XXIV

Ôlho que tudo vê, só a si não se vê.

É por isso, talvez, que erradamente crê
ter belezas de seu que não lhe vê ninguém!

Em cada um de nós há — frio e claro — um espelho
que se chama «consciência», ante o qual a nossa alma
— conforme êle reflecte, ou o mal, ou o bem,
profere uma sentença, ou ministra um conselho —
estremece ou acalma.
— «Conhece-te a ti mesmo!» — era esta a exortação
num templo grego inscrita — e, com tua razão
desanuveada e justa, observa sem cessar
quanto — no íntimo teu — haja de singular.
Que ela emende o que pede
emenda ou correcção, mas que nunca arremede
o olhar, que, vendo bem o que em volta o cercar,
e quanto, em seu redor, ou pouco ou muito dista,
só a si não se vê, sendo êle próprio — a vista!

Assim lobriga o ôlho, em olhos de vizinhos,
ligeiros argueirinhos,
sem enxergar a pedra ou pau que o atravanca
— seja calhau pesado, ou seja grossa tranca!

Desde sempre aconteceu:
— *Aquele que vê o argueiro*
no ôlho do companheiro
não vê a trave no seu!

XXV

Olhos que não vêem,
olhos que não pecam.

Se êles só revêem
prantos que não secam;
se estão sempre em treva,
se estão sempre em luto;
se, jámais enxuto,
nunca em luz se enleva
o seu triste olhar;
como podem ver
coisas de pecar?
Como podem ter
vistas de maldade,
enxergando apenas
a cruel verdade
que lhe agrava as penas?

Coração, porém,
que ande encandeado
pelo rosto amado
de algum lindo Alguém,
é de presumir
que se cegue tanto
com a luz que vir,
quanto fôr o encanto
com que o seduzir
quem lhe der quebranto.

*

Olhos que não vêem,
olhos que não pecam.

Olhos que não dêem
—porque os não obcecam
as ruins paixões—
pelas tentações
que, na vida ingrata,
em redor os cercam,
olhos que não percam
a candura inata,
em compensação,
nunca pecarão!

XXVI

Onde vai um português,
vão dois ou três.

O original emendando
dum impudente rifão,
pôs-se um «*onde*», em vez dum
«*quando*»,
e empregou-se «*vai*» e «*vão*»,
por outro verbo que não
é decoroso escrever-se.

P'ra à decência não fugir,
houve, pois, que substituir
o termo que usa dizer-se.

Quando em iguais emergências,
assim procede o escritor
que, respeitando o leitor,
sabe guardar conveniências.

Já Garrett, escrupuloso,
colocara reticências
no verbo de tal ditado,
e nesse conto jocoso
em que entra o diabo e o galego,
lá o deixou sincopado,
na Porta Ferrea a escorrer
p'la cidade do Mondego...

Mal tal anexim, ao ser
tomado em lato sentido,
quere dizer que, irreflectido,
há quem, só por sugestão,
após mentira ou verdade,
vai aonde os outros *vão:*
— Conforme canta o abade,
lhe responde o sacristão.

Quem seguir de alguém atrás,
irá regulando o passo
— o descanso ou o cansaço —
talqualmente ao guia apraz.

Assim como o que outrem veja
bocejar, também boceja,
uns pasmam, porque outrem pasma,
e, porque êste se entusiasma,
aqueles, em altos brados,
amostram-se entusiasmados!

Ris ou choras, voz em grita?
Porque *riem com quem rir*
e choram com quem chorar,
logo à compita,
tu hás-de ouvir
aos que te andem a rodear,
dar, em gritos, mil sinais
de prazer ou dó profundo.

Quanta gente anda no mundo
só por ver andar os mais!

XXVII

O opulento
tem de parentes um cento.

Em compensação, porém,
do indigente
ninguém se dá por parente.
Oh! ninguém!

Se há fortuna, o que acontece
é que, de pronto, aparece
família a quem a não tem,
aumentando a parentela
tanto quanto, mais e mais,
cresce o oiro na escarcela
e a monta dos cabedais.

XXVIII

Pagar o justo pelo pecador.

Seja em forma de fábula ou de conto
o comentário a apor
ao ditado que aponto,
e ao qual êste outro análogo rifão
iguala em intenção:
— *Pelo mal do ferreiro*
matam o carpinteiro.

Era uma vez um cego de alvas cãs
dos que andam pelas terras aldeãs,
nos dias em que há feiras ou mercados,
gritando em altos brados
de apiedarem cristãos e fariseus
— Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

Como usam os pedintes por ofício,
que nas estradas, por miséria ou vício
(pois há pobres de bôa e de má raça)
a compaixão suplicam de quem passa,
também o velho usava uma sacola
e um pesado bordão:
— o saco para a esmola,
e o cajado por causa dalgum cão.
Porém, aquele dia,
não tendo havido feira ou romaria,
foi o cego implorar a caridade
nas ruas da cidade.

Farto, à tardinha, de esmolar debalde,
à porta dum casebre do arrabalde
sentou-se, e abriu a bôca do bornal,
rompendo na lamúria habitual.
Por cima, a uma janela,
chamado pela fôrça da loqüela
do infeliz pedinchão,
acudira um pequeno brincalhão,
ao qual tentou arreliar o pobre.
E o rapaz que descobre?
Lembra aos rapazes o que ao demo esquece,

e, mais que o demo, o rapazio as tece!
Prende a um fio uma moeda em cobre,
e sempre que passava pela estrada
alguém que ao mísero não desse nada
— como se a esmola então
fôsse daquele a quem o triste, em vão,
pedira dèzrèizinhos —
o garoto, com risos escarninhos,
atirava ao bornal escancarado
o dinheiro amarrado,
e logo para si o repuxava,
enquanto o velho, ansioso, rebuscava
na sacola vasia
a esmola fugidia,
que saíra mais breve do que entrara!

Mas o cego, que nunca desconfiara
que da janela lhe faziam tal,
antes julgou que um coxo, seu rival,
um coxo de nascença
com quem vivia há muito em desavença,
andasse, estrada acima, estrada abaixo,
a achincalhá-lo. — É desta vez que o racho! —
disse consigo. E, mal sentiu alguém
passar-lhe ao pé, deitando-lhe um vintém
dentro do saco aberto,
com o cajado, que poisára perto,
bordoada despede tão certeira,
— bordoada de cego!—
que o infeliz que dera a verdadeira
esmola, dessa feita — como um prego
caindo dentro de água — tomba em cheio,
banhado em sangue, do caminho em meio.

Na janela, o garoto, às gargalhadas,
tal proceder aprova:
êle é que tinha jus às cacetadas,
e o bemfeitor é que apanhava a sova!

Percebe-se sem custo
a moral dêste conto (crê o autor):
— mais uma vez o justo
as dívidas pagou do pecador.

XXIX

A pena e a tinta são
as melhores testemunhas.

Verba volant... Sim! E então
das palavras que supunhas
decidirem-te a questão,
a valia é mui pequena,
não sendo feitas a tinta,
ou tracejadas à pena.

Raríssimo é que não minta,
ou não seja frouxa e ôca
prova falada ou de bôca,
enquanto que a outra — a escrita —
sendo exarada em papel,
será sempre a mais fiel
e isenta de contradita.

Scripta manent... Era assim
que se dizia em latim,
e acerta quem o acredita.

— *Não há prova de delito*
como o do papel escrito,
ensina um dizer vulgar.

— *O que houveres de negar,*
não o entregues por escrito —
diz outro anexim corrente.
É porque *o preto no branco*
fala como gente,
que a simples nota de banco,
de aparência tão ingrata,
vale como o oiro ou a prata,
e iguala a moeda cunhada;
e, segundo o que ouvireis
a doutorados em leis,
não há prova mais provada
do que a da escrita assinada
pelas nossas bentas unhas.
Bem diz portanto o rifão:
— *A pena e a tinta são*
as melhores testemunhas.

XXX

Presunção e água benta
cada qual toma a que quer.

Em homem ou em mulher
que falsos dons aparenta,
não tenhas fé! Desconfia
de quem muito se elogia!
Porque *o grande gabador*
é pequeno fazedor.

A glória vã floresce,
mas não gradece;
dará flôr, mas não dá fruto
gostoso e grado, ou, se o der,
será pêco e diminuto:
muita palha e pouco grão.

Haver-se-á como é mister
em questões de presunção,
quem êstes rifões seguir:
—*Nunca dês louvor senão*
àquele que o não pedir.

— *Não te louves*
sem que o proves,
que *em bôca própria o louvor*
é vitupério.
E dir-se-á do que assim fôr
insensato e sem critério,
do que, em constante alvorôto,
se exalça, incensa e sublima:
— *Gaba-te, cesto roto,*
que àmanhã vais à vindima!
Ninguém se julgue importante
mais do que seja devido.
Inda que o galo não cante,
a manhã rompe. É sabido!
Do presumido que à cova
atiraram, por má sorte,
fala certo quem da trova
êstes dizeres repita:
«Não há nada como a morte
«P'ra acabar a presunção,
«Com quatro varas de chita
«E sete palmos de chão.»

XXXI

Na prisão e no hospital
vês quem te quere bem ou mal.

Casos tristes que acontecem!
Enfermos e encarcerados
— quando de todo os não esquecem —
serão bem pouco lembrados
por quem dantes, noite e dia,
os rodeava de cuidados
e de mimos os enchia,
quando tudo lhes corria
dos votos seus à medida.

Mas, se acaso — já volvida
a saúde ou liberdade —
volta a fortuna perdida
e os bafeja a felicidade,
não lhes faltarão amigos,
parentes nem aderentes,
como nos tempos antigos,
em que os traziam contentes
com favores e mercês.

Se na mesma situação
te vires alguma vez,
recorda o velho rifão!
Toma sentido e cautela!
Lembra a cigarra e a formiga,
quando esta mandava àquela
dansar, após a cantiga.
E dize, em tom decidido,
a quem se acerque de ti,
depois de te haver fugido:
— Não te chegaste na hora
em que sósinho me vi?
Pois deixa-me em paz agora,
e vai-te embora de aqui!
Vá bater a outra porta
o que só de nós se importa
quando a sorte nos sorri!

XXXII

A proibição
é que faz a tentação.

Que, nisto de tentações,
se na história os olhos pões,
verás exemplo de tomo
em Adão, no Paraiso,
comendo o defeso pomo
com que lhe oirou o juizo!
Se, porém, o influxo é tal
qual o de Eva — tão fatal
que torna certo o pecar —
o culpado que o confesse!
Já se sabe o que acontece,
se a falta não renegar.
Se a *confissão obrigada*
não vale nada,
o pecado confessado
fica meio perdoado.

Mas que de vezes, sòmente
por se não dever fazer,
é que o feito inda há-de ser
mais tentador e atraente,
e provoca e instiga até!

Eis porque o amor vedado
— só talvez porque assim é —
o vemos tão cobiçado!

Desde o Eden terreal,
que é o fruto proibido
sempre o mais apetecido.
Foi o que se deu, tal qual,
com o pecado original.

Mas, *quem foge da ocasião*
(e esta *é que faz o ladrão...*)
não dá aso à tentação.

XXXIII

Quando a comida é gorda, o testamento é magro.

Se à opípara mesa e ao viver folgado
eu pródigo consagro
o que tenha de bens ou frua em rendimento
— o herdado e o ganhado;
se todo o meu dinheiro
dispendo em meu sustento,
tão gordo morrerei, quão estítico e mirrado
será p'ra o meu herdeiro
meu magro testamento!
Quanto mais eu engorde e goze na abastança,
tanto mais lhe emmagrece e lhe entisica a herança.

XXXIV

Quando o doente diz: — Ai!
Diz o físico: — Doi?... Dai!

Êste só escreve *receita*
que minore àquele a dor,
se o *recipe* dá receita
p'ra as despesas do doutor.

Do mestre sentindo os saques
nas grandes contas que são
tanto de grã-capitão,
que, a combater seus achaques,
vai-se a mealha derradeira,
clama o queixoso, em quem sofre
— mais que o corpo — a algibeira:
— Antes eu próprio me mato!
Antes me acabo de chofre,
que sempre sai mais barato!
Já que *de médico e louco*
cada um tem o seu pouco,
bem me basta a ciência minha.
Se vem a morte mais pronta,
virá, porém, mais em conta
findar-me a vida mesquinha.

Mas o doutor mercenário
que ao infortunado e triste
enfêrmo trata e assiste,
há-de dizer, ao contrário,
olhando o caso do avêsso,
como dirá o onzeneiro
que à vida alheia faz preço:
— Com tal frèguez enriqueço!
E cura de haver dinheiro
mais que de outro cuido ou cura...
Assim, depois,
enquanto a moléstia dura,
lá vão os dois
— o tratado suportando
e o seu tratante explorando
as dores da enfermidade —
um choroso, outro jucundo!

Vive metade do mundo
à custa da outra metade.

*

Médico ou cirurgião,
dos de que fala o rifão
(pois muitos há, felizmente,
de mui diversa feição)
nunca dirá ao cliente,
que o incumba de o salvar,
como ao viandante o ladrão,
quando na estrada o ameaça
p'ra mais depressa o roubar:
— Ou bolsa, ou vida! — Mas sim
(posto em bons termos o faça)
— Ou bolsa, ou morte! — E o fim,
por parte dos delinqüentes,
— o que ao morbo não acuda,
e o que ao assassínio ajuda —
é o mesmo p'ra os padecentes!

No *Auto das regateiras*
diz o autor, dos que aplicavam
às tosses e peitogueiras
dos potrosos, que tratavam,
«boticas e cristaleiras»:
«Êles não têm outras tenças.
«São como os procuradores:
«Acrescentam-vol-as dores
«Para endez doutras doenças
«E guaias dos pecadores.»

Por isso o doutor do adágio,
ao mínimo bom presságio
de alívio para o doente,
cuidadoso e previdente,
propina, de espaço a espaço,
qualquer droga estranha e cara
com que, *se o fígado sara,*
fica logo enfêrmo o baço...

*

Quando o doente diz: — Ai!
o físico diz-lhe: — Dai!

Se diz — Ai! — numa maleita,
logo o doutor pede a paga
da bôa ou da má receita
com que o conserta, ou o estraga.

Se diz — Ai! — na operação,
logo o caro cirurgião,
sôbre quem pesam mil mortes,
exige pelos seus cortes
uma tão pesada conta
— tão *redonda* e tão *calada* —
que, por bicuda, é falada,
ao saber-se a quanto monta!

E quando do pobre enfêrmo
a vida chegou ao termo;
quando com as beberagens,
as drogas e as boticadas,
ao assistido se apressa
a menos grata das viagens
— aquela das tais jornadas
de que não mais se regressa —
dos seus píngües honorários
têm tirado os assistentes
mais lucros que os legatários
e os herdeiros ou parentes
tirarão do testamento!

À família, pois, do morto,
para aumentar-lhe o tormento
e agravar-lhe o desconfôrto,
mandarão os *sentimentos*
no recibo ou na factura
dos inúteis tratamentos
— qual mais errado e pior! —
com que a infausta criatura
passou desta p'ra melhor!

*

Se nos provérbios se encontra
— porque é neles que a experiência
abriu pôço de ciência —
um que põe em guarda contra
os *parrafos do legista,*
os *infras do canonista,*
e os *etcetras do escrivão,*
para que falta não tenha,
lá vêm também na resenha
recipes de Mata-são!
Mata-são é o nome dado,
no malévolo ditado,
ao médico ou cirurgião;
e as receitas de virtude
às quais os prolóquio alude,
só nesta se cifrarão:
— Sangrai-o e purgai-o,
e, se morrer, enterrai-o.

Os erros que o médico obre
(diz o adágio) *a terra os cobre.*
Terra e cal
cobrem muito mal.

*

Eis aqui deixo o sudário
do que dizem, de ordinário
por excesso de maldade,
os — de ofício — maldizentes.
Pois o que exigem doentes
— por dinheiro ou caridade —
o que deseja quem brama
e chora de dor na cama
de palácio ou de hospital,
é ter perto êsses de quem,
depois, sentindo-se bem,
se fartam de dizer mal!
E não se esqueça, por fim,
que muitas vezes também
certo sai êste anexim:
— O doente perigoso
torna o médico piedoso.

XXXV

O que dirão passa
e o proveito fica.

Gente de má raça
que, por mal, se enrica,
não se importa, não,
com o que dirão
dos processos vis,
dos desleais ardís,
mediante os quais
junta cabedais
e fortuna faz.

Porque ao ladravaz
nada o embaraça.
À ambição voraz
tudo sacrifica.
Diz que *a nuvem passa*
(passa a ingrata fama...)
mas a chuva fica
(fica a dinheirama...)

Não! Ninguém suponha
que o inquieta a forma
como engrandeceu.
Quem não tem vergonha
(eis p'ra êle a norma)
todo o mundo é seu.

Do que houver p'ra si
que *honra sem proveito*
fará mal ao peito,
é que sempre ouvi
que sem mossa o deixa
ou censura ou queixa,
pois os lucros preza
e o dever despreza.
Se a riqueza o obseca,
torna real e certo,
quando alguém o impreca,
o dizer sabido:
— *Prègar no deserto*
é sermão perdido.

O que, lesto e esperto,
nenhum caso faça
da reputação,
o prolóquio aplica:
— *O que dirão passa*
(tal como o sermão)
e o proveito fica.

Lema do sujeito
ganhador velhaco:
— *A honra e o proveito*
não cabem num saco.

XXXVI

O que não tem remédio
remediado está.

Quando cura não há,
não haja termo médio
entre viver — penando —
e morrer — sossegando.

Mão de mestre é mèzinha;
mas, se o doente definha,
se desiste a mèstrança
de sarar-lhe a mazela,
é pôr de parte a esperança
e *esticar a canela,*
como em vulgar se diz.

Cumpra-se a eterna lei!

Onde não há, el-rei
perde...
Perca o infeliz
o fio seu de vida,
se finalmente já
salvatério não há;
se a hora da partida
se ouviu, fatal, soar;
se o corpo vai largar
a alma que se solta
p'ra a última viagem,
que se faz sem bagagem,
nem passes de ida e volta...

XXXVII

Os que vivem de esperanças morrem de desenganos.

Ficam sempre crianças,
embora já nos anos
muito avançados sejam,
aqueles que na lida
aspérrima da vida
outra coisa não vejam
mais que uma vã miragem,
uma ilusão mentida
daquilo por que almejam.

Dir-se-á que é feito à imagem
duma criança grande
aquele que sempre ande
em sonhos confiado,
com seu olhar cerrado
p'ra tudo que é real.
Tema, pois, o presságio,
tema o agoiro fatal
do conceituoso adágio!
São as desilusões
que matam, afinal,
quem viveu de ilusões.

XXXVIII

Quem cria e não castiga mal cria.

Muito há quem diga
— e está provado! —
que o criado assim
sai mal-criado.
Reza o anexim:
— Criaste,
não castigaste,
mal criaste!
Lá o proclama
sentença antiga:
— Quem bem ama,
bem castiga.

Moço que não
é castigado,
não sai letrado,
nem cortezão.

XXXIX

A quem de porcos há mêdo, roncam-lhe as moitas.

As pessoas pouco afoitas
hão-de ouvir um arremêdo
do som temeroso e cavo
do roncar do porco bravo,
no mais ligeiro ruído
de coelho em moita escondido.

Não vos admireis de as verdes
a gaguejarem, se falam,
pávidas, quando se calam,
tremendo quais varas verdes.
Tudo as aterra e assombra!
Assusta-as a própria sombra!

Quem não tem esfôrço
foge mais que o corço.

Gente indigna de epopeas,
que faria, em nova Eneida,
mais de Anchises que de Eneas,
não grita: — *Alma até Almeida!*
Tarde avança, e acua cedo.
Diz:—*Quem tem c...ostas, tem mêdo.*
E, para guardar-lhas, pois,
arranja um rafeiro ou dois,
lembrada dêste rifão:
— Quem tem mêdo, compra um cão.

XL

Quem parte e reparte, toma a melhor parte.

Quem interesseiro,
com o seu parceiro
quere fazer partilhas,
dá-lhe em paga só
míseras lentilhas
por melhor quinhão,
como deu Jacob
a seu próprio irmão.

Conta velho apólogo
o que fez à grei
um leonino rei,
que era bom psicólogo,
e que achando escassa
só a própria caça,
foi deitando a garra
à dos seus sequazes,
por igual vorazes.
É assim que o narra
o tal conto antigo.

Por temor ao perigo
de manter disputa
com a fera bruta,
que era o chefe seu,
logo resolveu
o selvagem bando
de animais raçoeiros,
com que andou caçando,
preferir largar-lhe
seus quinhões inteiros
a lutar em vão;
preferir deixar-lhe,
p'ra locupletar-se,
o que desde então,
é comum chamar-se
— *parte de leão.*

Pois o soberano
dos irracionais
nisso não fez mais
que qualquer tirano
de entre os animais
de semblante humano.

Muito semelhante
ao leão da fábula,
diz o partilhante
cobiçoso e rábula:
— Bem partamos, pois!
O que é meu, é meu,
e o teu — meu e teu:
o teu é p'ra os dois!
Contas de grã-capitão,
p'ra si o melhor quinhão!

Mas, se quem não parte,
com dobrez tamanha,
com parceiro ou sócio,
não demonstra arte
nem comprova manha
p'ra fazer negócio
e aumentar seus réditos,
tanto em fama ganha
e redobra em créditos,
quanto, em bens, dispensa.
Eis a recompensa!

XLI

Quem parte, leva saüdades, quem fica, saüdades tem.

Êstes dizeres, porém,
nem sempre dizem verdades.
Era bom que não lembrassem
outros que assim nos precatam:
«Se as saüdades nos matassem,
«Muita gente morreria;
«Mas as saüdades não matam
«Senão ao primeiro dia.»

Em muita separação
— quando se leva ou se deixa
motivo de enfado ou queixa —
deve a cantiga ou rifão
(segundo o que ouvi a alguém)
modificar-se destarte:
— Inda bem! dirá quem parte;
e diz quem fica — Inda bem! —
como um suspiro soltado
de alívio, de desenfado!

«A ausência tem uma filha
«Que tem por nome saüdade»
reza a trova, mas não há-de
ser causa de maravilha
não mais a filha se ver,
andar fugida ou perdida
daquela que lhe deu vida
e a quem deve o próprio ser.
É coisa que faz também
muita filha a muita mãe...

P'ra tornar ligeiro o tédio
— o mal da ausência — o remédio
com que o bêbado saüdoso
a dor afogue e disfarce,
com que possa consolar-se
dessas lembranças de gôzo

mudadas em amarguras,
nêste bom prolóquio o acha:
— *As saüdades são securas,*
amor, dá cá a borracha!
Assim faz quem se embriague,
porque mais rápido apague
o pesar com o esquècimento.
No seu pichel de bom vinho
quanto mísero e mesquinho
busca o melhor lenimento
p'ra as dores de muito espinho
que lhe punge o pensamento!

Quem parte, leva saüdades,
quem fica, saüdades tem.
Mas serão de qualidades
mui diversas as de quem
parte, a ver as novidades
que há por êsse mundo além,
e as do que *fica* a rever
aqueles mesmos lugares
de alegrias ou pesares
que não lhe deixam esquècer
quem dele um dia se aparte,
se, por afecto, se uniram
um ao outro de tal arte,
que os dois choraram ou riram
— na dor ou prazer — a par.

Sempre o que *parte,* reparte
por tanto variado rosto
e tantas vistas o olhar,
por tantos gozos o gôsto,
por tantas falas o ouvido
— tais novas coisas verá —
que pouco lhe restará
na memória ou no sentido,
daquele que, longe, está
talvez de todo esquècido
— de quem lá ficou distante,
a sós com sua saüdade,
certo e fiel na amizade,
quando é amigo constante,
certo no amor, quando amante
firme, leal, de verdade!

Quem de outrem saüdade leve
e noutrem deixe saüdade,
em geral, irá mais leve
que o que fica, e sofre e sente
todo o peso e crueldade
da falta de algum ausente.

Quem parte, saüdades leva,
quem fica, saüdades tem.

Duma ventura já ida
em que a alma inda se enleva;
dum morto e distante bem,
ao qual, fiel e rendida,
inda a memória se atém,
certamente
que fica saüdosa a gente.

Mas, ao falar em saüdade,
em tristezas da partida,
vendo ensombrar-se-lhe a vida,
que infeliz é que não há-de
recordar certa cantiga
— singela oração de amor —
sempre nova, embora antiga,
de um português trovador?
Se nêste livro tivesse
um altar, com pedra de ara,
onde rezar eu pudesse,
era ali que, em devoção,
esta prece murmurara
a voz do meu coração:
«Senhora, partem tão tristes
«Meus olhos, por vós, meu bem,
«Que nunca tão tristes vistes
«Outros nenhuns por ninguém!
«Tão tristes, tão saüdosos,
«Tão doentes da partida,
«Tão cansados, tão chorosos,
«Da morte mais desejosos
«Cem mil vezes que da vida!
«Partem tão tristes, os tristes,
«Tão fora de esperar bem,
«Que nunca tão tristes vistes
«Outros nenhuns por ninguém!»

Quem parte, leva saüdades,
quem fica, saüdades tem.
É preferível, porém,
se da feira de vaidades
que é o mundo, parte alguém
para a *terra da verdade,*
não levar de cá saüdades,
nem as deixar em ninguém.

Que maior felicidade?
Esquècer... ser esquècido...
É quase que o mesmo bem
de morrer sem ter nascido!

XLII

Quem pregunta, quere saber.

Ouve-se a muitos dizer:
— *Quem não sabe, nem aprende,*
por asno se vende.

Aquele que mais pregunta,
aquele que mais souber,
melhor bagagem ajunta
para o que der e vier.
E o *saber* é como o ar,
que *não ocupa lugar.*

Os livros cerrados
não fazem letrados,
e quem não sabe é
como quem não vê...
Pois quem não sabe, que aprenda
com persistência e com fé,
e que ao trabalho se dê
de conquistar essa prenda,
visto que *mais vale saber*
que haver,
e a tenda
e a venda
são para quem nas entenda.

Mas, com a bôca, inquirindo,
com os ouvidos, ouvindo,
com os olhos, prescrutando,
com pés e mãos, tateando,
ou consigo reflectindo,
ou nos livros meditando,
tudo se vai descobrindo
e vai-se encontrando tudo.
Questão de paciência e estudo!

XLIII

Quem resolve depressa, depressa se arrepende.

Quanto a qualquer promessa
que a palavra nos prende,
é provérbio que tem
estoutro adágio a par,
posto um tanto ao invés:
— *Cumpre depressa quem*
promete devagar.
Nisto se vê quem és.

P'ra não te arrependeres,
os prós e contras pesa,
antes de resolveres.
Menos reconsidera,
e a si ou outrem lesa,
e menos torna atrás,
quem — antes — mais pondera
o que diz ou que faz.

XLIV

Rei morto, rei posto!

Rei... ou presidente.
Porque hoje é freqüente
o rei ser deposto,
tombar do seu trono
sem ser pela morte
— bastardo da sorte,
cair no abandono!
E, quando é assim,
veremos que o povo,
qual mula ou rocim,
qual bêsta em aziar,
agüenta de novo
quem quere que o mon-
tar.
Herdado ou escolhido,
o chefe que fôr
ou morto, ou corrido,
tem continuador.

*

Se há outro motivo
que faz sermos rei,
ditarmos a lei
num peito, de esquivo
tornado vassalo,
o império que hajamos
é bom que tenhamos
cautela em guardá-lo.

Os tronos de amor,
assim conquistados,
exigem cuidados,
demandam fervor.
E, se um coração
acaso merece
carinho e paixão,
em breve aparece,
p'ra nele reinar,
quem vá — soberano
bondoso ou tirano —
o sólio ocupar
do rei decaído.

Do afecto mentido,
do afecto falaz,
vem logo outro atrás.

No frívolo amante
regulam as leis
que o povo inconstante
observa com os reis.

Fenece um amor,
ou morto, ou deposto?
Terá sucessor
talvez mais a gôsto.

Amor acabado,
amor começado!
Rei morto, rei posto!

A lei de reinar
é como a de amar.

XLV

Sempre as visitas dão prazer:
se não é à entrada, é à saída.

Verdade tão sabida
quão freqüente e sabido ouvir dizer
que há-de sempre um remédio fazer bem
— se não ao infeliz doente a quem
não cura ou alivia —
decerto ao boticário que o avia...

Que das visitas ouve-se também
outro prolóquio pouco lisongeiro,
embora, as mais das vezes, verdadeiro:
— *o hóspede e a pescada,*
aos três dias, enfada.

XLVI

Tantas sentenças,
quantas cabeças!

P'ra que as diferenças
bem reconheças
que há nos bestuntos
dos opinantes,
sôbre os assuntos
mais semelhantes,
basta escutares,
breves instantes,
os seus falares.

E, p'ra se ver
que é isto assim,
resta dizer
que o anexim
vem do latim
— língua de aspecto
tão venerando,
tão circunspecto,
que, mesmo quando
ou fale mal,
ou, no conceito,
seja banal,
faz sempre o efeito
de coisa dita
sem objecção
nem contradita.

É citação
grave a tal ponto,
de pêso tal,
que no debate
porá, de pronto,
ponto final
— termo e remate!

XLVII

Tanto morre o papa,
como o que não tem capa.

Perante a lei da morte,
terão a mesma sorte
o proletário,
ou o opulento;
o perdulário,
ou o avarento;
o nobre
fidalgo
e o pobre
sem algo,
e tanto,
em seu tugúrio, a grei,
como, em palácio, o rei,
ou o Padre-Santo.

Nem rei, nem papa
à morte escapa.
Ambos vós dois
— *como o que não tem capa* —
na morte sois
simples mortais!
Presos andais
ao jugo antigo
de igual castigo,
de leis iguais!
E o mesmo fado corre
o rico ou o mendigo:
se mal vive, mal morre,
bastando-lhe um lençol
para o tapar,
seja qual fôr o escol
do que à terra baixar...

XLVIII

A tarefa que agrada
é depressa acabada.

A-propósito ocorre
outro adágio, de usança
em casos tais: — *Não cansa*
o que por gôsto corre.

Quem se afana por gôsto,
não sente o pêso à lida,
e leva-a de vencida,
alegre e bem disposto.

Mas, se, pelo contrário,
a obra iniciada
repugna ou desagrada
a mestre ou operário,
dir-se-á nunca chegar
a termo ou conclusão,
tal é a lentidão,
a mândria e o vagar,
o custo e a má-vontade
com que o obreiro há-de
nela então trabalhar.

É quando mais o interessa,
ou tenta a empreitada,
que esta irá tão depressa
ao almejado fim,
que a dá por terminada
quase mal a começa!
Fala certo o anexim.
Tarefa que agradar
é bôa de acabar.

XLIX

Tropeçar não é cair.

Hão-de contudo convir:
é meio caminho andado...

Marche-se, pois, com cuidado,
pois *quem caminha com pressa,*
em caminho chão tropeça,
e vai de ventas ao chão!

Diz-se, com outro rifão,
que *antes bom vagar*
do que ruim pressa.

Razão é essa
p'ra aconselhar:
— *Mais vale de roda ir*
do que no charco cair!
— *Subi devagar,*
e chegareis sem cansar.
E mal faz quem maldisser
o que, em passos tais, lhe der,
p'ra auxílio, o braço ou a mão.
Mau é o romeiro
que diz mal do seu bordão.
Sinal certeiro
de ingratidão!

L

Vêm as glórias,
vão-se as memórias.

Vêm as grandezas,
vem o prestígio,
mando, riquezas,
e, no fastígio
ou do poder,
ou da opulência,
há-de-se ver
com que freqüência
o ambicioso
depressa olvida
o que na vida
lhe não foi gôzo,
nem deu ventura
— a parte obscura
do seu passado,
que, por inglória,
— com mais enfado
que dons fruídos —
não passa à história
dos tempos idos.

Êsse pretérito
falho de mérito,
honra ou valor,
deixa-o banido
o envaidecido
triunfador,
que apenas sonha
em, no porvir,
crescer, subir...
E tem vergonha
dêsses degraus
p'los quais trepou,
de salto em salto,
em dias maus
— p'los quais se alçou
tanto e tão alto,
mais por cobiça,
astúcia e jeito,
que por justiça,
ou por direito.
Como a abundância
gera o fastio,
o poderio
gera a arrogância,
ou o desdém.

Vão-se as memórias,
se as glorias vêm...
Aquele a quem
ou das vitórias
ou da fortuna
o vento enfuna
as largas velas
das caravelas,
nas quais a sorte
faz que êle aporte,
a salvo e são,
a algum lugar
de promissão,
é mui vulgar
vir a esquècer
quem, p'ra vencer,
lhe dera alento,
fôrça e amparo.
E assim, não raro,
o esquècimento
do auxílio aceito
— p'ra bem subir —
de mão gentil,
é o certo efeito
do mau sentir
duma alma vil.

*

Vêm as glórias,
vão-se as memórias...
Grande verdade!
Vem a bonança,
vai-se a lembrança
da tempestade...

DIZERES
DE
PRUDÈNCIA

I

Andar a trote,
p'ra haver capote!

Não a galope,
p'ra que em suor
se não ensope
quem assim fôr,
nem se acalore
o corredor.
Se o andarilho,
como sarilho,
ou dobadoira,
nunca parar,
desvaira e oira.
E, em seu girar
— como quem vai
livrar à pressa
da forca o pai —
se, enfim, tropeça,
ou dá topadas?
Sem demasias
nem correrias
desenfreadas,
é, pois, a passo
que há-de marchar
— melhor que a trote —
quem, sem cansaço,
queira alcançar
saio ou capote,
em sua andada...
Sem tempo, nada
se faz.

Passinho a passinho,
faz-se bom caminho.

A passo chegarás,
e a choito cansarás.

Mas considera
que o que exagera
esta sentença,
todo o que guarde
tudo p'ra tarde,
mal anda e pensa.
E lembra então
êste rifão:
— *Primeiro vens,*
primeiro tens.

II

Antes burro vivo
do que doutor morto!

É êste o motivo
de, a direito e a torto,
por todos os cantos,
ver asnos — e quantos!—
dos homens irmãos,
que têm vertical
a espinha dorsal,
e alteiam as mãos,
que estendem à gente.

Caminham sòmente
poisados nos pés,
lá isso é verdade!
Mas andam rés-vés,
na brutalidade,
no juizo e nos zurros,
dos lídimos burros
que trazem arreatas
e cilha e albardão,
e assentam no chão
dois pares de patas.
Portanto isto faz-nos
tomá-los por asnos,
sem honra, bem sei,
p'ra os outros de lei!

A regra estatui,
ao uso fiel
(e nela se inclui
o mau bacharel
que, à tôa, parvoeja,
e o bicho que orneia)
— *Asno seja*
quem asno vozeia!

III

Antes burro vivo,
do que doutor morto!

Dê-se a tal dizer
êste correctivo:
antes, como abôrto,
morra, mal nascer,
que por cá nos fique,
vivo, a espinotear,
qual manhoso muar,
quando a espora o pique.
Para andar sujeito
a de bêsta haver
fama e desproveito,
mais lhe vale morrer!

*

Ponha a carapuça
quem a deva pôr,
que é qualquer doutor
dos da *mula ruça!*

Mas — doutor ou não —
eis a obrigação
em que, ao certo, deve,
— para em paz deixar-nos
e sossêgo dar-nos
dentro em praso breve —
crer-se tal orate:
— *Peça a Deus que o mate,*
e ao diabo que o leve!

IV

Antes de entrares, pensa na saída!

P'ra num beco fechado te não veres,
sem bôa porta nem saída teres,
não deixes esta máxima esquècida!

Antes que encetes arriscada empresa,
ou antes de erigires o edifício,
confiança adquire — quando não certeza —
de o terminares sob o mesmo auspício
com que esboçaste àquela os seus primórdios,
ou a êste afundaste os seus caboucos.
Senão, as obras supor-se-ão de loucos!

Pense quem tenha de fazer exórdios,
que terá de fazer perorações,
e encoste-se à doutrina dos rifões,
se caminho quiser pisar certeiro.

Não principie, sem ter em vista o fim.
Deite contas, no início, à conclusão,
p'ra não tornar cabido e verdadeiro
o dizer do anexim:
entradas de leão,
saídas de sendeiro!...

V

Antes fato coçado
que enodoado.

Antes fato no fio,
gasto e com remendagens,
costuras e passagens,
por onde lhe entre o frio
— mas asseado e limpinho —
que vestuário novinho,
mas com manchas escuras
de vinagre ou de vinho,
de azeite ou de gorduras
que atestam o abandono
e porquidão do dono.
Antes não trazer capa,
ou trazê-la, muito antes,
com remendos lavados,
que fazer dela um mapa
de nódoas repugnantes
que nos deixa enjoados.

O que sucede ao fato
é igualmente exacto,
se dermos ao ditado
sentido figurado
e acaso se aplicar
ao andrajoso pobre
sério, probo e modesto,
que vale— quando a par
do opulento ou do nobre
de viver deshonesto —
pela honradez, bem mais
que outros por cabedais,
por sangue ou por nobreza.

Antes pouco honrado,
que muito roubado.

Tem, pois, esta certeza:
assim como no fato
há-de o asseio valer
bem mais que o aparato,
quem fôr, no seu viver
sem luxos ostentosos,
limpo, escorreito e puro
de feitos deshonrosos
— posto que humilde e obscuro —
há-de aos olhos de Deus,
quando não fôr também
aos dos próximos seus,
mais valer do que alguém
cuja grande opulência
não consiga ocultar
os podres de que andar
suja a sua existência.

Antes pobrete honrado,
que ricaço infamado!

VI

Antes não começar
do que não acabar.

À pessoa imprudente
que, sem fôrças, intente
largas empresas, que há-de
deixar só em metade,
ou malmente acabadas,
aplique-se o dizer:
— *Antes nada fazer*
que fazer nadas.

E no que diz respeito
a censuras ou gabos,
será bom reflectires
neste cauto preceito:
— *Nunca julgues os cabos*
p'los começos que vires!

VII

Bom vinho escusa pregão.

Tal não diz o vendilhão
que inculca ordinário almagre
por tinta bôa,
ou que *apregoa*
vinho e vende vinagre.
Êsse é que, de noite e dia,
precisa de apregoar
a reles mercadoria.

Quem gaba a noiva? É de crer
que os pais que a querem casar
e a encarecem mais talvez
que o noivo que a pretender.

E, a cada passo, que vês?
Sempre cada cavaleiro
elogiará seus ginetes,
e *cada bufarinheiro*
louvará seus alfinetes.
Quem, porém, *se te encomende,*
caro se te vende.

Alto grite quem reclama
— por bom — o que tem má fama!
Alto apregoe o que venda
coisas de ruim cotação,
visto que a bôa fazenda
dispensa e escusa pregão.

E, seja lá no que fôr
— vinhos, cavalos, amor —
não esqueças nunca a lição
com que à justa a glosa acaba:
— *O que é bom por si se gaba.*

VIII

Como me medires,
eu te medirei.

Isto quere dizer:
como tu seguires,
eu prosseguirei,
pois no proceder
que entre nós houver,
pelo exemplo teu
regrarei o meu.
Eis o que é mister
como regra ter
no comum viver
de homem e mulher.

Em respeito à lei
— *Ama a quem te ama,*
vai a quem te chama —
de alma te amarei,
se me um dia amares,
e, se me chamares,
logo acudirei.

Com os teus prazeres,
que prazer terei!
Com o que sofreres,
quanto sofrerei!

Ficaremos, pois,
um p'ra o outro—os dois
como bem quiseres.
Eu p'ra ti irei,
se p'ra mim vieres,
e, p'ra não supores
que não te imitei,
se de mim te fores,
mais me apartarei.
Perto ou longe vás,
nem de mim rirás,
nem de ti rirei.

Porque tal farei,
cata o que farás!

Quer a quem se entrega
logo, e por completo,
ao meu puro afecto,
quer a quem se nega
à minha afeição
— a quem diz que não,
quando espero um sim —
e afinal de mim,
sem pesar, se arreda,
trato-o por igual:
—*pago* (em bem ou mal)
na mesma moeda...

Resumindo, enfim:
cumpro o anexim
— *Como fôr teu trato,*
eu assim te trato.

Esta moral não é nova;
é tão velha como a trova:
«Hei-de amar-te, se me amares,
«Querer-te, se me quiseres,
«Deixar-te, se me deixares,
«Fazer como tu fizeres.»

IX

Cresce, e aparece.

Bôa receita
com que aproveita
o que padece
de aspirações
mal sazonadas;
ou de ambições,
de mais, ousadas;
ou de verduras
— por prematuras
e temporãs —
doidas e vãs.
Cresce, e aparece!
É bom conselho,
quando acontece
dar-se um fedelho,
de ar atrevido,
ao arremêdo
de homem crescido.

Vendo quão cedo
e quão precoce
já se empertiga,
dobra a cantiga,
engrossa a tosse,
e, à sôbre-posse,
repuxa o escarro,
há quem lhe diga:
— *Já a formiga*
quere ter catarro!

X

A escusas de mau pagador,
ouvidos faz de mercador!

Se não te quadra
que, com *razões* de parvo ou louco
— das *de cabo de esquadra* —
alguém te queira convencer
de muito ser o nada ou pouco
que te ofertar, para solver
o que te deva, faz-te mouco!
E, embora ouvindo quanto diga,
aplica então ao pagador,
que se proponha a ti, crèdor,
adormecer com a *cantiga*
de alguma *escusa* sem valor,
esta sentença muito antiga:
— *Palavras loucas,*
orelhas moucas!

XI

Feliz é quem só quere
o que puder,
e faz o que dever.

Não se pode abranger
em palavras mais breves,
o que sòmente deves
ou *querer,* ou *fazer:*
— um código integral
de bôa e sã moral
em três linhas apenas
dum aforismo velho,
em três linhas pequenas,
que são um evangelho
para alguém ser feliz.

Acalma a impaciência!
Modera os teus desejos!
E não escutes quem diz:
— *Por causa da prudência,*
se perdem-os ensejos —
quando os *ensejos* vão
fora dos teus *deveres*
e além dos teus *poderes.*
Atenda-se ao rifão:
— *A quem saiba esperar o ensejo,*
tudo vem ao seu desejo —
mas nunca se exorbite!

Onde manda a razão
obedeça o apetite!
Impõe-te êste limite,
e dôa a quem doer,
faz sempre o teu dever!
Fais ce que dois,
advienne que pourra!

XII

Dos fracos não reza a história.

Não foi p'ra êles, decerto,
que se fez o sol da glória.
Foi p'ra quem, em campo aberto,
tanto se esforça na luta,
que há-de acabar por ***vencer***
com seu braço, se o combate
é rixa de fôrça bruta,
ou então por *convencer*
co'a palavra, se o debate
é de arte ou ciência arguta.

XIII

Mais vale a morte do que a má sorte!

E acaso existe
sorte mais triste
que a de viver
para penar,
para sofrer,
para lutar
até morrer?
Mas lá nos diz
outro rifão:
sejas ou não
feliz,
até à morte
pé forte!
E lei que rege
quem crê em Deus,
— não o herege,
não os ateus —
quere-se cumprida.
Vive de sorte,
que aches a vida
na tua morte!

XIV

Mais vale a morte do que a má sorte!

Não cures, não,
do que dirão
em morto estando.
Vai recordando
que, em tu morrendo,
bom ficas sendo.
Pois nesse dia
lá desce junto
com o defunto
à campa fria,
e esquece, enfim,
quando se enterra,
o que na terra
fez de ruim.

É de uso, só
então, lembrar
quanto êsse pó,
quando era gente,
fôra exemplar,
fôra excelente!

O que morrer,
não de bom grado
— por ter de ser —
ou quem se mate,
neste ditado
acha confôrto:
— *Nunca se bate*
em homem morto.

O que o compensa
da cruel sentença
que um dia o lança
na sepultura,
será a esperança
de tal ventura
— de ver que o poupa
quem o infamava,
ou lhe chegava
ao pêlo a roupa.
Pois, dessa vez,
será a cova
que o furta à sova
que êle, talvez
sem dar motivo,
levasse em vivo!
Bom serás,
se morto estás.

XV

— Mais vale tarde do que nunca!

Opina o bom do crèdor,
no que toca a receber.
— A crèdor de garra adunca
(contesta o mau devedor
que muitos cães há-de ter,
por êsse mundo, a ladrarem)
solver a conta que lhe arde
como brasas a queimarem,
antes *nunca* do que *tarde!*

Uns sempre acham temporão
saldarem dívida a alguém,
e negligentes dirão:
— *Enquanto o pau vai e vem...*
E deixam folgar as costas.
Por várias razões opostas,
outros mais lestos, porém,
de serôdio e tardo acusam
o intento de quantos usam
— se a delonga lhes convém —
esquècerem a promessa,
como o que êste adágio esqueça:
— *Primeiro a obrigação,*
e depois a devoção...

Mais vale tarde do que nunca!
Porque a morte, às vezes, trunca
nossa vida muito cedo,
não é justo que se guarde
a obrigação para tarde.
Pelo contrário: haja mêdo
de, a más horas, fazer bem
àquele que bem merece
— que o merece e o agradece —
ou de ser-se grato a quem
mercê nos fez sem interesse.

Antes dizer obrigado,
já largo tempo corrido
sôbre o obséquio recebido,
do que deixar olvidado
favor que nos seja feito.
Só o mal agradecido
dará razão ao conceito:
— *Lembra-se mais o crèdor*
que se lembra o devedor.

Até quanto ao *não* e ao *sim,*
é de aplicar o anexim:
— *Vale mais um sim tardio,*
que um não vasio.

XVI

O mau é tomar o gôsto!

Grande mal é ter gozado
um bem real ou suposto,
porque depois de gostado,
não há gôsto sem desgôsto
— sem a dôr de vir a ter
de se privar do prazer.
Já sentenciava o Camões,
que foi sabido em rifões:
— *Mágoa é vê-lo-ás,*
e não o paparás!

Nisto — como no coçar —
tudo está no principiar.
Por exemplo: vejam lá
com beijos o que se dá.

O que fez o João de Deus,
quando se pôs a rogá-los
a um dos ídolos seus!
Até quantos quís levá-los!
Começou por um: depois
pretendeu lhe desse dois.
Em vista de os dar em cara
de formosura tão rara,
foi subindo para três!
E, se ali não rematasse
os lindos versos que fez
— «*Beijo na face*
pede-se e dá-se» —
só em três não ficaria.
Àquele tão lindo rosto,
mais beijos lhe pediria!
O mau é tomar o gôsto!

XVII

Não cortes o que podes desatar.

Que quere isto dizer? Que é com paciência,
melhor, muito melhor que com violência,
que aos mais difíceis casos se há-de dar
solução acertada; e que é com jeito,
e não à fôrça bruta,
com arte e com vagar, que a gente astuta
conseguirá levar a cabo o feito
do mais alto e custoso empreendimento.

Convém não se deixar no esquècimento
êste dizer do rifoneiro antigo:
— *Às pancadinhas malharás o trigo* —
e nunca às cegas bordoadas, não,
com que se esmague e se esfacele o grão.

Quem logo *corte,* sem primeiramente
saber se é nó que a sua mão desate,
é como o cirurgião
que, ao ser chamado p'ra tratar um doente,
logo à primeira, golpe dê que o mate.
Quem bem ata,
bem desata.
Quando, porém, êste dizer falhar,
é bom ser *Alexandre,* mas no fim
de todos os seus meios esgotar,
sem que logre o *nó gordio* deslaçar,
Porque, antes, segue à risca o anexim:
— *Não cortes o que podes desatar!*

XVIII

Não é com palha que se apaga o fogo.

Não é com brados vãos, em altos gritos,
que hás-de a razão expor-nos dos teus ditos,
ou que tornas injusto o justo rôgo.
Porque assim como ainda mais aumenta
o fogo sôbre o qual se lança palha,
quem, aos berros, discute ou argumenta,
mesmo que tenha alegação que valha,
mesmo que seja recto o que sustenta,
mais há-de acalorar a discussão.

Cresce e recresce o ruído e a confusão,
se clamares, em vozes de Stentor,
o que em tom baixo houvera aceitação
e aos ouvintes pusera a teu favor.

Se a palha nunca o fogo apagará,
jàmais quem espante a caça, a apanhará.
Não caças lebres a tocar tambor...

XIX

Não metas dinheiro em saco sem veres se tem buraco.

E *nunca mostres o fundo*
nem da bolsa, nem da alma!

O contrário é parvidade,
é mal conhecer o mundo.

Mas, *sua alma, sua palma!*
Que a prova tire à verdade,
sofrendo-lhe a iniqüidade,
o que der confiança a alguém,
sem que saiba se é amigo,
ou qual seja a qualidade
da amizade que lhe tem.
Na confiança está o perigo.

XX

Não te metas a comprar o que não podes pagar.

Pois *quem compra sem poder,*
há-de vender sem querer.

Ao lembrares êste adágio,
não olvides o presságio
da sentença: — *O que viver*
em palácios, sem poder,
ao hospital vai morrer.

XXI

O necessário aproveita-o, o desnecessário enjeita-o.

Pois, enquanto o necessário
— porque o é — acharás útil,
o que fôr desnecessário
— como todo o luxo fútil —
por sua superfluidade,
serve p'ra dar mais cuidados
do que deleites ou gozos,
aos que, por simples vaidade,
tenham faustos escusados.

Decretam os cautelosos:
— *Se o gôsto é mais que o proveito,*
dai o trato por desfeito! —
posto diga quem os bens
menos preza, por seu mal,
do que os prazeres: — *Mais vale*
um gôsto que alguns vinténs.

XXII

Uma onça de senso e tento
vale arráteis de talento.

É na vida mais preciso
um só grama de bom siso
que arrobas de engenho e arte.
Nem é feliz a existência
do que tem em menor parte
juizo que inteligência.
Mais vale prudência que ciência.

XXIII

— Parar é morrer! —

usa-se dizer.
Ora, a quem *parar,*
pode acontecer
que inda torne a andar.

Mas o que *morrer*
é que deve estar
certo de não vir
nem a mais bulir,
nem a caminhar
quando lhe aprouver,
por seus próprios pés.

Bem melhor falar
o de quem puser
o rifão do invés:
— *Morrer é parar.*

XXIV

O pouco, em paz,
muito se me faz.

Com sentido igual,
diz-se que *mais vale*
vaca em paz que pombo em guerra.

Os anjos caídos
e os homens vencidos
—uns no inferno, outros na terra —
melhor que ninguém dirão,
se guardam, dos prélios idos,
a triste recordação
dos mil flagelos da guerra,
que verdade não encerra
quer um, quer outro rifão!

XXV

Poupai o vosso,
não mendigareis o alheio.

Ainda citar-te posso
um dito não menos cheio
de bôa intenção moral:
— *Migalhas também são pão.*

E não pensaria mal,
antes muito bem faria,
quem tivesse êste rifão
por norma de economia,
sem desdenhar a *migalha*
só pelo pouco que valha
em mesa de grande estado.

Quem não tenha o juízo oirado,
não esqueça, à guisa dos loucos,
que o *muito* é feito de *poucos.*

XXVI

Quando, vivo, o não fizeres,
dos herdeiros não o esperes!

Mete o ruim em teu palheiro,
quererá ser teu herdeiro.
Das cautelosas lições
dêstes e doutros rifões
tira o egoista motivo
de não legar, p'ra confôrto
de ninguém, depois de morto,
quanto vai fruindo em vivo.
Como doutros não confia
que lhe cumpram as vontades,
quando, enfim, morrer um dia,
desherdará das herdades
aqueles a quem sabia
que, em vez de deixar saüdades,
só regalos deixaria.
Lágrimas de herdeiros,
risos sorrateiros.

XXVII

Quem comeu a carne, que lhe rôa o osso!

Isto significa
que mui bem nos fica
estimar, em velho, o já fruído em moço
— ou pessoa quista, ou animal fiel;
que, de quanto, outrora, pôde dar-nos gôzo,
hemos de amargar-lhe algum ressaibo a fel.
Sem bagaço e mosto não há nobre vinho,
fino e generoso...
Quem colheu a rosa que lhe sofra o espinho!

Coma o mau bocado quem comeu o bom!
Êsse mal tenhamos já por descontado
na volúpia havida, no prazer gostado!
Porque um dia, enfim, se lhe extinguiu o som,
não se menospreze, e vá lançar p'ra o canto
a campestre avena ou a harmoniosa lira
que, em acordes suaves, uma vez se ouvira
com delícia e encanto.

Que, manjada a polpa, não se atire ao rosto
de quem deu o fruto, a parte que não presta
— grão, caroço ou pele — o que de inútil resta,
por não dar sustento ou não servir de gôsto
para o paladar.

Regras a tirar
do que fica exposto:
— Quem come as maduras,
também coma as duras!
— Não há carne sem osso,
nem fruta sem caroço.

XXVIII

Quem conselhos não toma,
ajudas não merece.

E há outra velha gnoma
que o discreto não esquece,
p'ra a vida bem reger:
— *Consultar a quem sabe*
é já saber metade.
Depois — é bem de ver —
que o consultado acabe,
com sua autoridade
e seu muito saber,
de lhe ensinar o resto!

Mas escolha, avisado,
o cauto consulente
um consultor honesto.
Recorde êste ditado
que aplicará, prudente,
vigiante e suspeitoso,
às consultas daninhas
e dadas de má mente:
— *Conselho de raposo*
é morte de galinhas.
Grande verdade é essa!
Olha a quem te aconselha,
pois *tola é a ovelha*
que ao lobo se confessa,
ou que êsse carniceiro
— que é tão mau confessor
como é ruim consultor —
busca p'ra conselheiro.

XXIX

Quem é pobre não tem vícios.

Quantas vezes, se os não tem,
por bondade não será!
E será com sacrifícios,
não por vontade ou a bem,
que por sério passará
quem nasceu com outra bossa.
Porque saciar não possa
os vezos maus que tiver,
por amor de Deus os quere
dar de holocausto à virtude!
O que não se pode haver...
Mas a quem, por tal fazer,
fica supondo que ilude?

Os pobres, porque não tenham
os meios com que os mantenham,
é que vícios não terão.
Porque o maior pobretão,
seja velho ou seja moço,
que nem saiba, de certeza,
aonde irá cair morto,
é também de carne e osso
como êsses que da riqueza
gostem o mimo e o confôrto.
E os mesmos desejos sente,
e sente as mesmas paixões
que arrastam a outra gente
que avesa *milho* aos milhões!

Não haja, pois, ilusões,
nem se recorra a artifícios
para explicar tal dizer.
Com mui raras excepções,
o pobre, se não tem vícios,
é porque os não pode ter.

É como a feia virtuosa
de quem escreveu certo autor
que, quando tal aconteça,
se essa virtude forçosa
pede graças e louvor,
o demo que lhe agradeça!
À outra, sim, à formosa,
que, pelos encantos seus,
tantos buscam requestar
— se não se deixa tentar —
é que há-de outorgar-lhe Deus
graças por bem se portar.
O diabo, em velho (dirão)
fez-se também *ermitão...*

XXX

Quem honras faz, cortezias merece.

Tem jus à gratidão
daquele a quem apraz
gozar o que lhe oferece
a generosa mão
do que lhe der mercês,
mal cabidas talvez.
E entretanto, o que, aliás
geralmente acontece
di-lo estoutro ditado:
— *O que mais faz*
menos merece.
É sempre êsse, coitado,
o menos cortejado,
por muito bem que faça
àquele que não fôr
justo merecedor
de tanta honra ou graça!

XXXI

Quem se faz temer, não se faz amar.

É por confiar
muito em tal dizer,
que não acho, não,
senso nem razão,
sem mais clara prova,
ao prolóquio antigo:
— *Quem quere um amigo*
prega-lhe uma sova.

Só se, na verdade,
isso que é no amor
mui diverso fôr
do que é na amizade.
Que ao rifão transcrito
há quem use opor
êste velho dito:
— *Amor querido*
amor batido.

XXXII

Quem tem de cera a cabeça não a deve pôr ao sol.

Talvez até aconteça
que baste o alvor do arrebol
p'ra, sem custo, derreter
cachola tão frouxa e branda.

Precisa cautela ter
o que em tantos riscos anda!
Como precisa cuidado
quem tenha *rabo de palha,*
ou quem, por nímia confiança,
tenha de vidro o telhado,
pois, às vezes, quando calha,
pode haver na vizinhança
quem lhe deite fogo ao rabo,
ou, à pedrada bravia,
lhe venha um dia a dar cabo
de toda a vidraçaria!

Que, se a cabeça é de cera,
também pouco se perdera,
se o calor a derretesse.
Mesquinho dano era êsse!
Bom seria até que o miolo
do bestunto chocho e tolo
de tanto bruto soez,
fôsse de cera tão mole,
que um raio apenas de sol
o desfizesse de vez,
o liqüidasse à primeira,
deixando-o de tal maneira,
que nunca mais recaísse
em dizer tanta sandice,
nem em fazer tanta asneira.

XXXIII

Com raposas, sê manhoso,
e com tolos nem p'ra a missa!

Para o parvo pretencioso,
cuja prestância é postiça,
não haja graça ou perdão.
Sê, com o esperto, espertalhão;
e ao justo faz-lhe justiça.
Sê paciente e tolerante,
de bôa e branda feição,
para o simples e o ignorante.

Curva a cerviz ante Deus;
ergue-a alto para o rei,
se êle afronta o foros teus;
mantém-na firme ante a lei;
e abaixa-a bem para a grei,
para, de ouvidos atentos,
seus anseios ou pesares,
seus rogos ou seus lamentos
inda melhor escutares.

Tendo à mão o açoite ou pau
com que dês castigo ao mau,
mostra-te bom para o bom,
e a quem te falar, altivo,
ou agravar sem motivo,
responde no mesmo tom!

Sê em tudo, e sempre, assim,
sem tibieza ou frouxidade,
pois *quem perdoa a ruim*
aumenta-lhe a ruindade.

Refreia — ao mau — o temor;
e sopeia — ao bom — o amor.

XXXIV

O sono é bom conselheiro.

La nuit porte conseil... Vês
como há também em francês
êste dito verdadeiro?
Para bem se reflectir,
deve-se até *conversar*
com o próprio *travesseiro,*
visto que mesmo o dormir
serve para aconselhar:
Se queres bom conselheiro,
consulta o teu travesseiro!

Nem espante que isto aconteça:
o que à noite nos pareça
mal ou bem, que em bem ou mal
por completo se transforme,
sofra mudança total,
se sôbre o caso se dorme.
Não faças nada
sem consultar a almofada!

Porque, segundo o rifão,
o demónio não tem sono,
mostra-se êle em desabono
de siso, tento e razão.
Pois do inferno ao rei e dono
falta-lhe, p'ra andar certeiro
— p'ra andar na graça de Deus,
e não ao seu abandono —
aquele bom conselheiro
nos planos e intentos seus.

Os malefícios que faz,
e a que arrasta os penitentes,
não serão provenientes
de insónias de Satanaz?
Que respondam êsses cujo
trato e amor com Belsebut
lhes ponham claras e a nu
as manhas do porco-sujo,
e que dizem, como diz
quem, pela vida infeliz,
não é de exemplo a ninguém:
«Doutro cabo,
«vemos que faz o diabo
«suas coisas muito bem.»
Há-de ser assim, tal qual!
Bem as faz, direi também,
se as coisas são para mal!

XXXV

O tempo é dinheiro.

Perde, o que o perder
no ócio ou no lazer.
Tem por verdadeiro:
— *Nada fazer*
é fazer mal.
O que afirma tal,
o que tal proclama,
muito bem pondera
que o tempo perdido,
como a honra e a fama,
não se recupera
— não é mais rehavido.

XXXVI

Com tolos nem pr'a a missa!

É tempo que se esperdiça.
Diz-se que *o asno chapado*
crescerá sem ser regado,
e até há gente que pensa
que, *melhor que o tolo amigo*
é o assisado inimigo.

Porque lhe cabe a sentença
— *quem mal entende, mal conta* —
outro defeito se aponta
ao estulto que não se cala:
é que *a todos repreende,*
e mais fala
de quanto menos entende.

Nada haverá de mais certo,
que mais vezes aconteça,
do que ver que, ao parvo, o esperto
come as papas na cabeça.
E, se é verdade sabida
que *o tolo faz a comida*
que o esperto vem a comer,
isto, contudo, não tira
que seja exacto o dizer:
— *Um tolo sempre há-de ter*
outro maior que o admira.

XXXVII

Vede-se ao tolo o que se quere que êle faça!

Daquele — como há tantos! —
que *está na igreja, mas não vê os santos;*
daquele idiota, de nascença e raça,
que *está na aldeia*
sem ver as casas de que a terra é cheia;
afirma-se em rifões:
— *Para o tolo não há bôas razões.*
Só faz à derradeira
o que o sisudo faz logo à primeira.

Aconselha-se, pois: — *Guar-te do tolo,*
se tens algum miolo!
E eis aqui o porquê: — *Acha o sandeu*
que todo o mundo é seu,
sendo tão má a doença da parvoeira,
que outra sentença diz desta maneira:
— *Quem de sandice adoece,*
tarde ou nunca guarece.

*

Em adágios correntios
encontra-se êste dizer:
— *Os néscios deviam ter*
discretos por senhorios.
E o bom Gonçalo Trancoso
lá observa sentencioso:
— «*O néscio calado*
por sábio é contado.»

Mas, como *não há néscio* (é bom juntar)
que saiba calar,
e *cada tolo tem sua mania,*
logo na fala a conhecer darão
que asnos têm sido... e sempre asnos serão!
E dêstes é fugir à companhia:
— *Quem se livra dum tolo, ganha o dia!*

DIZERES ALEGÓRICOS

I

Com açucar e com mel
até pedras sabem bem!

Mas não tragará ninguém
açúcar envolto em fel.

Se em sentido figurado
aplicarmos o ditado
quer à fala, quer à escrita,
verá quem nele reflita
que a ideia bôa, se está
em forma ruim traduzida,
pior parece que a má
vasada em frase polida.

Prolóquio de antiga era
êste pensar corrobora:
— *Se a pírula bem soubera,*
não a doiravam por fora...

P'ra disfarce da amargura
é que serve a doiradura,
como serve o mel também
p'ra as pedras saberem bem.

II

P'ra baixo todos os santos ajudam

Se a sorte aziaga, se os baldões da vida,
no declínio duma árdua decaída,
bôa fortuna em mau azar transmudam
— como ao descer-se breve uma ladeira —
anjos ou diabos, todos nos ajudam
a ir escorregando até a beira
do abismo aterrador.
Mas que pena que os santos não acudam
de análoga maneira,
e não amparem com igual favor,
ao que resvala em íngreme pendor,
e ao que através duma existência dura,
na demanda da meta que procura
— visão real,
ou vago ideal
que o enamora e atrai,
ou píncaro alto, ou alta aspiração —
o alento exala e de fadiga cai!

Lástima é que os santos — já que o são,
e que tornam mais fáceis as descidas —
não nos dispensem protecção e arrimo
nas difíceis subidas,
para chegarmos, sem canseira, ao cimo
ou dum agreste cêrro alcantilado
que faz sangrar os pés com que o trilhamos,
ou dum castelo de ilusões doirado,
que, em aureos sonhos, com a mente ergamos!

III

Arde o verde pelo sêco

Sofre, o que é são, pelo pêco.
O manhoso, o falso, o arteiro,
ao bom atribui o mal
de que é autor principal,
ou é cúmplice e parceiro.
Não há nada mais exacto,
que menos espanto faça:
— *Enquanto uns batem o mato,*
outros apanham a caça.

Enquanto uns gostam os figos,
doutros os beiços rebentam.
Quem os gozos mais contentam
nem sempre lhes corre os perigos,
e dos vícios e defeitos
de que êste colhe os proveitos,
aquele expia os castigos.
Eis como passam por bôas
— gostam os figos! — pessoas
das mais ruins, das piores,
e, ao mesmo tempo, as melhores,
de coração mais perfeito
— pelos *beiços* em mau estado —
terão péssimo conceito.
Paga dívida ou pecado
— e, às vezes, por alto custo! —
quem nunca foi devedor,
ou quem nunca foi culpado:
— *Paga o justo*
p'lo pecador!

IV

Á arvore caída
todos vão buscar lenha

Quem é que não desdenha
aquele que na vida
se não agüenta e cai?

Quanta gente não vai,
ansiosa e insofrida,
verificar à pressa,
sem que o prazer disfarce,
se aquele que tropeça
e por terra baqueia,
não pode levantar-se,
porque a morte o ilaqueia?
É tudo assim no mundo!

Já um asno escoiceou,
quando o apanhou estendido,
um leão moribundo,
que levou... e calou,
mal soltando um gemido,
por não poder rugir
— como outrora — num urro
que faria fugir,
a cem patas, o burro!

V

É pior a emenda que o soneto

Não se aplica esta sátira, em geral,
àquele apenas que, poetando mal,
mal corrige uma quadra ou um terceto.
Em desacêrto igual
ao do poetastro que, revendo as provas
dos versos seus, algumas eivas novas,
novos quebrados pés lhes acrescenta,
quantas vezes também não cairá
quem seus pecados resgatar intenta,
e as pechas não repara, mas aumenta,
tornando péssima a sua obra má!
É o que acontece
ao que não ceifa bem a própria messe,
e em seara alheia vai meter a foice:
dá, *sôbre queda, coice!*

— *Foi pior a emenda que o soneto* —
diz-se sempre que fica inda pior
— mais triste o riso e o pranto mais faceto —
quanto houve empenho de tornar melhor
— melhor, ou mais bonito.
Pois não raro se vê que as correcções
— se as mãos do autor não são as dum perito —
agravam os senões.
Com supérfluos retoques, sofre o escrito;
desafina o maestro a partitura;
compromete uma traça ou um projecto
— a estátua desfigura,
borra a pintura, arruína o monumento —
se é estatuário, ou pintor, ou arquitecto,
o artista, embora de maior talento.
Com mais razão, portanto, o incapaz
dum bom soneto, ou doutra bôa obra,
se, porque alguém os erros seus lhe exprobra,
se propõe corrigir o mal que faz,
os defeitos e máculas redobra.
Do que dá com as ventas num sedeiro,
quando julga dum ramo perfumado
ir aspirar o delicioso cheiro;
do que — tal qual o vate desastrado —
que — *mal de carro, mas pior de arado* —
se mostra nas emendas infeliz,
é costume dizer-se
que *imagina benzer-se,*
quando parte o nariz!
Do lodo sai,
no arroio cai.

VI

O fogo e a água são
maus amos e bons criados

Se às nossas ordens estão,
se cumprem nossos mandados,
que bom serviço não presta
quer o fogo p'ra aquècer,
quer a água p'ra beber!
Se a sua função é esta,
que optimos servos então
o fogo e a água serão!

Mas, se o fogo, que se ateia
em chama que tudo abrasa,
nos reduz a cinza a casa
e nos queima o pé-de-meia,
e se a água embravecida
nos cortou o fio à vida,
o fogo em que nos queimamos
e a água em que nos afogamos
vemo-los ambos mudados,
de humildes e bons criados,
em maus e perversos amos!
Tirados do nosso mando,
e feitos nossos senhores,
vão-nos a vida roubando
como crueis salteadores!

Tem o que diz o rifão
da água e fogo, aplicação,
de forma igual, ao dinheiro:
— tirano, se manda em nós,
e escravo, se, à nossa voz,
faz serviço de escudeiro...
Ao dinheiro... e às pessoas!
Transformam-se em más as bôas,
ao transformar-se em mandão
quem antes fôra mandado...
E por isso o bom criado
raro não é mau patrão.

VII

A galinha da vizinha
é mais gorda do que a minha

Na alma do onzeneiro,
que ambiciona ter *galinha*
gorda por pouco dinheiro,
quantos ciumes assanha
a bôa fortuna estranha!
Mais lhe doi o alheio bem
do que o próprio mal que tem,
à gente avara e ciosa.
Se a inveja fôsse tinha,
muita gente era tinhosa,
a-pesar-do que decreta
sôbre essa pecha daninha
esta sentença discreta:
— *Nunca o invejoso medrou,*
nem quem a par dêle morou.
Mas, se é mau ser cobiçoso,
também não deve dar gôzo
o causar cobiça a alguém.
Em todo o caso, porém,
antes invejado
do que lastimado!
Assim é, e sempre foi:
— *Antes aguilhão, que boi!*

VIII

A honra e o proveito
não cabem num saco

Erróneo conceito
de espírito fraco!
Se o ganho é honrado,
quem há-de não ver
que pode caber
a honra a seu lado?
Lícita ganhança,
lícita medrança!
Se, em vez de passar
na folga os seus ócios,
se envolve em negócios
de próspero azar,

é justo que ao homem
de bem e capaz,
nas coisas que faz
por mau o não tomem.
Com honra aproveita
a honrada colheita!
Por isso rejeito
o adágio que diga
que vivem em briga,
que *não fazem jeito*
a honra e o proveito.
Bem mais assisado
seria o ditado:
— com honra trabalha,
com honra amealha.

*

Se, porém, tal dito
bem não foi transcrito,
ou o entendem mal;
se *honras* no plural
— fúteis honrarias
de valor vasias —
em vez de *honra,* visa
(e *honras* há que são
triste negação,
pouco honesta e lisa,
de *honra,* em singular);
se um pudor somenos
cúpido prezar
o decoro menos
que a decoração
ou missão rendosa,
mude-se essa glosa,
p'ra dizer-se então:
— Nem só p'ra os sobejos
de honras e proveitos,
em que alguns sujeitos
põem seus desejos
de chorudos nacos,
chegam largos sacos,
E quem quere juntar
posta sôbre posta
das que ambicionar,
sempre fica àlerta
e de mesa posta
e de goela aberta,
com um bom talher
p'ra o que der e vier...
A tais homens práticos,
téstos, opiniáticos,
é que bem se aplica
êste apodo ou graça:
— *O que dirão passa,*
e o proveito fica.

*

Regra mais prudente,
quanto às demasias
com que tanta gente
se enche de honrarias,
neste adágio aprendo-a:
— *Mais vale merecer*
honra e não a ter,
que, tendo-a,
não a merecer.
E o que não partilha
parecer igual,
lê numa cartilha
de malsã moral.

Honras e milhões (já o notou Camões)
«melhor é merecê-los, sem os ter,
«que possuí-los, sem os merecer.»

IX

Ir buscar lã, e vir tosquiado

Eis, a-final, o que sucede
ao charlatão que é engodado
por quem supôs ir engodar,
e as consequências ruins não mede
de andar os outros a enganar,
de ser para êles tal como é
— de mau juizo e falsa fé.

Pois uma ovelha das ranhosas,
que se propõe à ovelha sã,
com intenções gananciosas,
cardá-la bem, cortar-lhe a lã,
freqüentemente há-de tornar
para o redil da sua aldeia,
sem lã — nem sua, nem alheia —
tosquiada, sim, mas sem tosquiar.
Se foi bonita, volta feia...

Coisas são estas muito velhas,
já tendo cãs e tendo gelhas,
de sempre assim acontecer:
— quem vai burlar, burlado ser;
quem vai comer, ficar comido;
quem vai correr, voltar corrido;
e quem mais ancho e mais lampeiro
as ventas ergue para o ar,
co'as ventas dar
nalgum sedeiro,
ou — qual no caso das ovelhas —
as setas ver tornar em grelhas.
Quem à tosquia leva o gado,
esquece, às vezes, o ditado:
— *Do bom pastor é tosquiar*
e não esfolar —
aliás — co'a pele ao esfolador —
virá o armento a entregar
também a vida ao Criador!

X

– De longe te trouxe um figo, mas, quando te vi, comi-o !

Parecendo-se contigo,
há muitos dêsse feitio.
E, como *em tempo de figos*
não há amigos,
nunca sou eu que me fio
em tais amigos e amigas,
e aos figos seus faço figas.

Vendo êsse mimo escapar-se
(e às vezes, porque o não tenha,
é que a gente um bem desdenha)
sente-se alívio, ao lembrar-se
êste prolóquio: — *Pão duro*
melhor que figo maduro! —
que é o mesmo que dizer,
no caso dos figos teus:
— *O que não se pode haver*
dá-se por amor de Deus.

XI

Mais as vozes do que as nozes

Voz corrente
muito mente!

Voz geral
há-de errar,
por igual,
ao contar
do que alguém
— ou de mal,
ou de bem —
é ou tem.

Ao orçar
ou riqueza,
ou pobreza,
ao falar
de ruindade
ou virtude,
em verdade,
sempre ilude,
sempre aumenta
e acrescenta,
— na bondade
ou maldade —
bastos pontos
aos seus contos.

P'ra saberes
dos haveres
de qualquer,
é mister
que êsses *mundos*
fantasiosos
e êsses *fundos*
fabulosos
tu dividas
logo em dois,
e, depois,
subdivididas
em mais partes,
que repartes
nòvamente.

Finalmente
— reduzido
ao vigésimo
ou centésimo
o que ouvido
fôr do vulgo —
é que eu julgo
ser a conta,
quanto à monta
mais somenos
das tais *nozes,*
sempre menos
do que as *vozes*...

Bens ou bem
que, segundo
voz do mundo,
tenha alguém,
não abones
nem cauciones
por inteiro.
Dá-lhes corte
fundo e forte!
Do dinheiro
e bondade,
a metade
da metade!

E igualmente
julga assim
do indigente
ou do ruim.
Que o rifão
diz que são
mais as vozes
(do pregão)
do que as nozes
(da razão)...

XII

Malhar em ferro frio

Como se não consegue
fazer tornar atrás
a corrente dum rio
que à foz descendo segue,
debalde *malharás*
no *ferro* contumaz
e *frio* do teimoso,
que cerra desdenhoso
os olhos e os ouvidos
— os seus cinco sentidos —

ao que é, p'ra a demais gente,
manifesto e evidente,
e que, só p'ra *não dar*
o seu braço a torcer,
se nega a acreditar
o que outros logo crêem,
recusando-se a ver
o que os mais logo vêem.

Porque, em tudo e por tudo,
o que é pirrónico há-de,
testudo e cabeçudo,
ficar ante a verdade
mais certa e verdadeira,
como ante *letra morta*
— cego como toupeira
e *surdo como porta!*

É tão estéril trabalho
querer moldar com malho
o ferro, quando esfria,
como é o do que intenta
domar a teimosia
de pessoa birrenta,
que — porque o é — sustenta
não ser mau o que é mau,
nem bom o bom. E assim
(como diz o anexim)
bate na água com pau,
quem o quer corrigir
sem nada conseguir.
Sucede-lhe tal qual!
A água não se doi,
nem a pancada a moi,
ou deixa com sinal.
Pois, na maior contenda,
não há golpe nem bote
que a teima do casmurro
ou amorteça ou fenda.
E de aí o dichote:
— *Teimoso como burro!*

Quem pensa que o ajeita,
quando o aconselha e exorta,
julgará *pôr direita*
sombra de vara torta.

XIII

A mentira não tem pés

Visto que ela anda rés-vés
do abôrto mais monstruoso,
bem fácil é que aconteça
não ter nem pés, nem cabeça
a fala do mentiroso...

— Sua e tressua a maldade
p'ra ter visos de verdade,
p'ra não se tomar por chocho
o ardil melhor engendrado,
pois *mais depressa se apanha*
um mentiroso que um coxo.
Assim diz, com o ditado,
quem afirma que não ganha
o impostor, a imposturar,
sôbre o manco, a manquejar.

Disto mesmo há quem infira
que o lôgro, afinal, transpira,
por melhor que seja armado,
e um provérbio consagrado
diz que nua
— *nua e crua!* —
a Verdade
anda sempre à tona d'água
como o azeite...
Porém há-de
haver quem ache, com mágoa,
exagêro que se enjeite
o «sempre» de tal rifão,
e observe, com mais razão,
que, se a Verdade se esconde
metida dentro dum poço,
com água até ao pescoço,
como há-de saber-se aonde,
sem muito e muito a buscar,
a podemos encontrar
vaidosa, a mirar-se ao espelho?

Igualmente há quem aceite
e haja êste dito por certo
— por certo e de bom conselho:
— *Verdade não quere enfeite.*
Pois a mentira do esperto
logra efeito, muita vez,
só por ir de enfeites cheia.
Quem lhe atavie a nudez
e alinde o que tem de feia,
faz que vá, *de lés a lés,*
a *correr a sete pés,*
com pernas de légua e meia!
E tanto e tão leve corre,
no que divulga e discorre,
que *mais perde em amizades*
quem mais teima nas verdades.

Nem mesmo se deve a gente
em juramentos fiar.
O que mais jura, mais mente.
Os ovos e as juras são
para quebrar,
diz o rifão.

Mas perjúrio e falsidade
devem deixar-se aos ateus,
clamando-se alto: — *A verdade*
é filha de Deus!
Esta gnoma o sábio guinde-a
a evangélico ditame,
posto o contrário proclame
Camões, nas *Cartas da India,*
nêste aforismo profundo,
mas de amarga crueldade:
— «*Ou se há-de viver no mundo*
sem verdade,
ou com verdade, sem mundo.

XIV

A mentira não tem pés

Também se diz, ao invés,
quase o mesmo da Verdade
— *que ela não tem pés, e anda!*
Mas qual mais — das duas—manda,
e anda com mais brevidade?
Ambas andam
(posto que ambas pés não tenham)
e ambas mandam,
quando no mando se empenham.
E, no assunto mais singelo,
o que, a cada passo, vês
é travar feroz duelo,
combate rude e mortal,
a mentira mais soez
e a verdade mais leal!
Inda que muito se odeiem,
não é raro que coxeiem,
ao pôrem-se a caminhar,
o que leva a assemelhar,
e até quase a confundir,
o falar certo e o mentir.

Embora a traição agrade,
sempre o traidor aborrece.
Pois o que falta à verdade
com o traidor se parece.
Posto a mentira convenha
e aproveite e sirva a alguém,
êsse alguém sempre desdenha
o que minta, mal ou bem.

Mas ao peteiro leviano
e ao embusteiro encartado
tornem-lhe exacto o ditado:
— *Com a verdade te engano.*
Visto que *a verdade amarga,*
com ela lhe façam carga,
como se faz com o pau
àquele que é torto e mau.

Em resumo, finalmente:
êste dito encerra tudo
quanto há justo e conceituoso
no que respeita ao que mente:
— *Mais vale o calar do mudo*
que o falar do mentiroso.

XV

Morrendo o bicho, morre-lhe a peçonha.

Exausto, enfim, o alento em quem é mau,
ficam-lhe extintas a ruindade e a ronha,
como o veneno acaba no lacrau
p'lo nosso pé esmagado.

Mas há gente que tem por avisado,
para servir de exemplo e de escarmento
— para o bem se imitar,
para o mal se execrar —
que nenhum dêstes caia em esquècimento,
e que — ao louvor ou ao labéu sujeitos —
os feitos afamados
e os infamados feitos
sejam na história por igual lembrados.

XVI

Muita parra e pouca uva.

Êste dito, ao galreador
a quem nunca o senso bom
na parolice coadjuva,
ao palavroso orador
que fala sem tom nem som,
é que assenta como luva.

Recorda um homem que ralha
por dá cá aquela palha,
e com alguma razão,
se lha negam à ração...

O saber ranger os dentes
não é o mesmo que saber
dar dentadas. Quando atentes
neste prudente dizer,
dêle aproveita a lição!
Ter garras
não é o mesmo que ser leão.

*

Poucas uvas... muitas parras...
Achar siso
em quem anda
sempre na parla e no riso,
é achar água em ciranda.

Riso pronto,
miolo tonto!

*

Muita parra e pouca uva...
Muito pranto e poucas penas!
Eis o caso da viuva
que chora e que se agonia,
mas cujos ais são apenas
por lhe faltar companhia.
Carpe as mágoas, que a consomem,
de inda não ter outro homem!
Lenha de figueira,
rija de fumo e fraca de madeira!

XVII

Nunca dar ponto sem nó.

Todo aquele, de mau fito,
a quem se aplicar o dito,
o que faz, é feito só
por gôzo ou proveito seu.
Não dá ao que já lhe deu,
mas sim ao que mais lhe der,
p'ra haver um lucro qualquer.
Quem essa divisa tem,
dá um, p'ra lhe darem cem,
sem reflectir nem cuidar
que ao inferno vai parar
quem não faz — por bom — o bem.

XVIII

Do pão do compadre
a grossa fatia
ao meu afilhado.

Aquele a quem quadre
a justa ironia
do adágio citado,
é o mesmo que talha,
p'ra outro a quem valha,
da pele alheia
grande correia;
que parte e reparte,
avonde e que farte,
o píngüe bocado
do meu e do teu
— jàmais do que é seu! —
com filho e afilhado.
Mas em vindo a morte,
mudará a sorte:
morto o afilhado,
foi-se o compadrado.

XIX

Numa parte põe-se o ramo,
e noutra vende-se o vinho.

Como êsse falso reclamo
nos faz errar o caminho,
erra-se o curso à verdade
nos juizos temerários,
nos danosos comentários
feitos por graça ou maldade.

O que entrar na falsa tenda,
onde vinho, aliás, não há,
poderá passar por ser
um borrachão sem emenda,
só porque o ramo lá está,
até sem nada beber,
nem gôta sequer provar!
Quem troque ao ramo o lugar
fará, da mesma maneira,
que a casa limpa de vícios
mostre aspecto e dê indícios
de bordel duma rameira,
e a loureira desbragada
use flôr de laranjeira
para a terem por honrada;
que onde haja só ignorância,
se arvore, com mais jactância,
guião de sabedoria;
que o parvalhão sem valia
finja, na fala e no gesto,
de douto e de inteligente;
que o homem esperto e modesto,
que nunca se saiba impor,
viva incógnito entre a gente
que não lhe enxerga o valor.
Bem fará quem êste ponha
entre os bons rifões comuns:
— Deus dá a barba a uns
e a outros dá a vergonha.

Nada, pois, mais verdadeiro!
Já o Bernardim Ribeiro
disse: «isto vai daquell'arte
«Quando s'antre montes brada,
«O tom é em uma parte
«Em outra é a pancada.»

XX

Pés não tem, coices promete.

Não marra, mas arremete!
Ora há uma regra ou dizer,
que mais parece de padre —
mestre em manhas: — *Não se ladre,*
se não se pode morder.

No seu vão alardear,
faz-nos — quem tal faz — lembrar
muita parra e pouca uva;
fortes trovões, fraca chuva.

Parecer sem ser
é fiar sem tecer.
Assemelha-se a quem furta
o que promete, mas falta.
Língua comprida e mão curta!
E logo aos olhos nos salta
o que há de justo e acertado
no ditado:
— *Quem ameaça, e não dá,*
mêdo há —
ou, qual diz a voz do povo:
— *cacareja, sem pôr ovo.*

XXI

Prêso porque tem cão,
prêso porque o não tem.

Quem pôde avaliar bem
o rigor da lição
que dêste dito advém,
foi êsse heroi do Oriente
que a história rememora,
leal ao rei e à grei,
mas de ambos descontente,
que se queixava outrora:
— De mal com o meu rei
por causa do seu povo,
e de mal com o povo
por causa do meu rei!

É sempre actual e novo
êsse antigo berbão.
Sempre é, e foi assim!
Peca-se, *porque sim,*
peca-se, *porque não!*

Êle à memória traz
a fábula em que entravam
o asno, o velho e o rapaz.

P'ra aqueles que os topavam
e viam, no jumento,
algum tomar assento,
p'ra êsses não havia
vaia, nem zombaria
com que não afrontassem,
corressem e injuriassem
o velho, por deixar,
sem dó nem caridade,
que, em sua tenra idade,
fôsse o moço a trilhar
tão áspero caminho;
e o rapaz, ao contrário,
por deixar que o vèlhinho,
em anos avançado,
subisse tal calvário
sem ir sempre montado!

E ao moço e ao ancião
diziam — ao dos dois
que ia no burro então —
coisas tais, que, depois,
inquietos e vèxados
de até os acusarem
de o animal matarem,
— posto que já cansados
e escorrendo suor —
julgaram ser melhor
levar o asno às costas!

Mas nem porque subiam
em íngremes congostas,
e mais se fatigavam,
e muito mais sofriam,
os dichotes cessavam!
Choviam as censuras!

— *Quem tem burro, e anda a pé,*
ainda mais burro é!
Precisa ferraduras
bem pregadas nos cascos.

E com êstes apodos
e outros grosseiros chascos,
criticavam-nos todos!

Leitor! Eis a moral
que o anexim contém:
os maus só estarão bem,
quando os bons estão mal.
Com o Semêdo eu abundo
neste comento ou remate:
«Por mais que a gente se mate,
«Nunca tapa a bôca ao mundo.»

XXII

Preta é a pimenta,
e vão por ela á tenda.

Notará quem atenta
na bôa e larga venda
da negra especiaria,
que não perde a valia,
ou pela pretidão,
ou porque irrita e arde.
À sua busca vão
onde quere que se guarde.
Em caso tal,
não se explica a procura
pela regra geral
— *O que arde, cura,*
e o que aperta, segura.

Pimenta
aquenta,
mas não cura, e, a-final,
só fará mal
se — ao *aquentar* — esquenta.

Em contraposição,
do leite é sorte crua,
a-pesar-da brancura,
trazerem-no em pregão
e rogado p'la rua,
que será de amargura,
se há mais quem o rejeite
do que há quem bem o aceite
e lhe aprecie a alvura.

Lá se diz no anexim
que, embora *alvo, o leite*
vendem-no p'la cidade,
de porta em porta, e, enfim,
— vèxando-lhe a vaidade —
nos lugares da praça!
É o caso do ditado:
— *Mais vale cair em graça*
do que ser engraçado.

Branca, rival da nata,
é a neve, e não há
animal que não vá
calcá-la com a pata
— pobre sendeiro, ou amimado galgo.
Diz um velho prolóquio, ao recordá-lo:
—*A alva neve pisa-a o cavalo;*
pimenta negra, come-a o fidalgo.

Uma sabida modinha
inda, em refôrço, acrescenta:
«Chamaste-me trigueirinha,
«E eu não me escandalizei.
«Trigueirinha é a pimenta
«E vai à mesa do rei.»

Em questões de paladar,
— ou seja pimenta escura,
ou sal da maior alvura —
há gostar ou não gostar,
não há fôro ou fidalguia.
Vindos do campo aldeão,
como estimada iguaria,
a perdiz ou o faisão
põem-se em mesa bem posta.
Camponeza é a galinha
e vai à mesa da raínha.

Cada um come do que gosta.

XXIII

Quando o sol nasce, é p'ra todos.

Êste dito quere dizer
que, sempre que o sol nascer,
espalhando luz a rodos,
há-de alumiar por igual
ao rico e ao pobre mortal.
O sol aquece igualmente
o rico e o indigente.

Também nos faustosos bodos
do prazer ou da riqueza,
não devem, por avareza
— visto que o bem é p'ra todos,
sem injustas exclusões —
disputar, quais fariseus,
uns aos outros, seus quinhões.

*

São todos filhos de Deus,
até mesmo os malfadados
almas do diabo chamados!

Mas, assim como *Deus dá*
nozes a quem não tem dentes,
quantas vezes não dará,
com mão larga, a outros entes
a quem guie e a quem assista
da vida em tantos escolhos,
luz ao carente de vista
e sol ao privado de olhos
p'ra ver os favores seus
— luz e sol que não mereça
o que jàmais agradeça
tal graça e mercê de Deus?

XXIV

Em que é que pensa o porco? — Na bolota!

E em que é que pensa cada um de nós?
Se se trata de amor, em estar a sós
com o ente amado a quem afecto vota;
se se trata de glória ou de opulência,
em tão longe levar as ambições,
que não haja no mundo condições
de mais prestígio ou mais magnificência;
se se trata de gozos materiais,
de pasto dar a vícios e a apetites,
em não ter regras, nem impor limites
a alguns pecados — p'ra o cristão — mortais.

Trate-se, pois, das coisas mais rasteiras
— comer com gula ou com luxúria amar —
ou das que podem mais alevantar
as almas puras às regiões cimeiras
donde parece, então, que a nossa vista
menos do céu do que da terra dista
— p'ra dar ao corpo ou espírito alimento,
seja bôa ou ruim a qualidade —
a quem — tal qual ao porco — lhe não há-de
qualquer *bolota* andar no pensamento?
Quem nega que assim seja?
Cada qual pensa no que mais deseja.

XXV

Quem ao moinho vai, enfarinhado sai.

De análoga maneira,
quem fôr à carvoeira
há-de vir encarvoado.

Amplie-se o sentido,
dando àquele ditado,
tantas vezes ouvido,
aplicação igual,
no que toca à moral,
e veremos então
que, semelhantemente,
não ilude, nem mente
na sua prevenção.

Cada um sairá
dos sítios que freqüente,
e aonde amiude vá,
dos bons ou maus lugares
—templos ou lupanares—
com fama bôa ou má,
com a reputação
ou seja enfarinhada,
ou seja encarvoada...

É o caso do rifão:
— *Diz-me tu com quem and*
Diz-me tu por que bandas
passas a noite e o dia,
de súcia e companhia
—onde vais, donde vens—
e o resto logo o sei:
eu logo te direi
quais as manhas que tens.

XXVI

Quem se faz de mel, as moscas o comem.

É bom que tento neste adágio tomem
quantos exerçam direcção ou mando,
embora, claro está, não olvidando
que *o que se faz temer*
não se fará amar
— ou faz-se aborrecer,
ou odiar.

A corda quebra p'lo mais fraco, e assim
não queiras, não,
por nímia tibieza, dar razão
ao dito do anexim.

Quando se encontra mole,
carrega-se. — Pão mole
breve se engole.

Eis as regras que devem observar-se
p'ra que as moscas não logrem acevar-se
em quem se faz de mel:
Primo: — Nem só de mel, nem só de fel
lhe convirá mostrar-se.
Secundo: Quando um burro lhe zurrar,
não lhe zurre, p'ra não se lhe igualar.
Tertio, in fine: Sempre que tiver
de, por brio ou por honra, se bater,
vá onde puder,
morra onde dever!

XXVII

— Quem vier atrás que feche a porta !

Assim dirá quem, num mau passo,
a outros lega o embaraço
do nó que deu e que não corta,
que cego atou e não desata.

Quem vier atrás que feche a porta!
Há-de o dizer o duro egoista
que o bem alheio não acata
e dos estranhos não se importa,
que, em tudo e sempre, tem em vista
aquilo apenas que lhe interesse,
enfiando em si, por bom direito,
a carapuça do conceito
— *Quem nada faz, nada merece.*
A *amar o próximo* prefere
amar-se a si, mais que a qualquer!

Se alguém lhe diz, p'ra o incitar
a o êrro ou dano reparar:
— *Quem as arme,*
que as desarme! —
logo êle adoece de surdez
e não desfaz o mal que fez.

Não diz, tal qual o *prior da aldeia,*
— *Quem fez borrões, que os leia!* —
mas, ao contrário, há-de pensar
que as garatujas que escrever
e tanto custam a explicar,
fá-las p'ra outro algum as ler,
e não p'ra êle as decifrar.

Mas *quem o alheio mal não sente,*
ninguém terá que o seu lamente.
Se a outrem deixa entrada aberta
à má ventura e à sorte incerta,
por mui legítimo terás
ver-lhe êsse alguém que venha atrás,
com a tal *porta* que êle abriu
e não fechou, quando saíu,
em cheio dar na própria cara.
Se bem nos prega êste rifão:
— *Sofre, e sofrer-te-ão!* —
nesta outra máxima repara:
— *Nunca serás amado,*
se em ti só tens cuidado.

XXVIII

O sol na eira e a chuva no nabal.

Há quem suplique a Deus desta maneira,
para o nabal medrar, e sôbre a eira
malhar-se, ao mesmo tempo, o cereal!

Êsse que quere que a luz do sol e as chuvas
andem ao jeito da fortuna sua,
há-de também *querer que a luz da lua*
lhe amadureça as uvas!

Lema de quem jàmais atinge o ideal,
o sol na eira e a chuva no nabal
é o desvairado anseio dos que almejam
que tudo lhes decorra bem na vida,
conforme as exigências e a medida
dos seus desejos, por de mais que sejam.

É a divisa do homem cobiçoso
que não alcance o que ambicione e espere;
daquele que, insaciável e invejoso,
quanto mais tenha, mais ainda quere.

É, num delírio estulto de grandeza,
ir contra as mesmas leis da natureza,
rogando o que não deve ser pedido,
pedindo o que não pode ser havido,
querendo o impossível!

É pretender que o próprio céu consagre
ao seu empenho o assombro dum milagre,
congraçando o que seja incompatível,
e que a chuva e o sol venham a par
regar-lhe os nabos e os cereais secar.

É dar por alvo ou mira aos sonhos seus
— *fazer a chuva e o bom tempo* — que é
missão tão alta, que só cabe até
à omnipotente discrição de Deus!

XXIX

Todo o sapato belo
dá em feio chinelo.

É lei da natureza:
tudo que tem beleza,
tudo que tem feitiço
se perde com o viço
e o vigor e a saúde
— vai-se co'a juventude!

Os seres mais gentís,
de coração mais terno,
verão como os Abrís
da sua primavera
se tornam frio inverno.

A mais viva e mais lesta,
a que mais linda era,
de muito pouco presta
quando sinta os Dezembros
entravarem-lhe os membros,
fanarem-lhe a frescura
das faces em que as gelhas
mostram que não tem cura
o mal de serem velhas.

É sempre êste o destino,
o desenlace triste,
o epílogo mofino
de tudo quanto existe,
de todos quantos vêm
ao mundo, mal ou bem,
com pouca ou muita arte,
desempenhar a parte
— ou seja de comédia,
ou seja de tragédia —
que lhe foi distribuída
— fazer o seu papel.

É verdade sabida
— verdade bem cruel! —
que *nada há tão forte*
que o não derrube a morte.

Passada a mocidade
em quem já está da idade
nos últimos arrancos,
surge a pêlo o ditério:
— *cabelos brancos,*
flores de cemitério.

O mal é ser alguém
— nascer, viver;
não é *não ser* ninguém,
mas sim *deixar de ser;*
e, momento a momento,
ir perdendo a alegria,
a fôrça, a galhardia
— numa palavra, o alento!

A cinza faz-se
da matéria incendida,
tal qual a morte nasce
das entranhas da vida,
nesses partos fatais
em que se vê que têm
a filha e a mãe
sortes e fins iguais.

Quando a velhice vem
a cada qual lembrar
que a hora vai soar
de lhe bater à porta,
o que era esbelto e lindo
tem seu império findo,
sua realeza morta!
Chega ao *sapato belo*
a vez de ser *chinelo...*

MODOS DE DIZER

I

Anda-lhe a mão,
fia-lhe o dedo.

Diz o rifão
de quem,
quando está quêdo,
nunca está bem.
Porém
outros dirão:
— ***Anda-lhe o pé,***
fia-lhe a mão.
Mas tal falar
não fará fé.

Quem intentar,
juntos, lidar
com mão e pé,
crendo-os irmãos,
vem a *meter*
os pés p'las mãos!

Não pode ser
andar e fiar,
nem *repicar*
e ir, de irmão,
na procissão
— puxar ao sino,
enquanto entoa,
de tocha em punho,
alto, ao Divino,
piedosa loa.
Tal testemunho
de beatice
está-se a ver
que sai tontice:
— *Ninguem, a par,*
pode comer
e assoprar...
Sopra a comida,
come-a em seguida!

II

Alto está, alto mora,
todos o vêem e ninguém o adora.

Embora — bem melhor do que «rifão» —
se chame a isto uma «adivinhação»,
não deve o caso ser
de se dizer:
— *Quem adivinha*
vai p'ra a casinha —
pois quase ali não há que decifrar,
tanto se aclara o que se quere velar!
Branco é, galinha o põe!...
Logo a gente supõe
que o *morador* é o sino,
ou repicando, alegre como um hino,
a anunciar a função,
ou a dobrar p'los mortos — dlão! dlão! dlão!

Alto está, alto mora,
todos o vêem, e ninguém o adora.
Não apenas aos sinos circunscrito,
terá também aplicação o dito
a uma pessoa poderosa e grada,
que de muito blasone e pouco valha,
tão orgulhosa como falha
de dons que a tornem de outros estimada.
Se com unhas e dentes a não ferem
aqueles que exaspera e entedia
a sua soberbia,
é que nem todos chegam onde querem...
De lhe darem unhada ou mordedura
salva-a, de-certo, em casos tais, a altura...
À semelhança e imagem
dos sinos, que nas torres altas moram,
a essa alevantada personagem
muitos a vêem, mas nenhuns a adoram!

III

Um Brasil!

— Mas porque é que assim se chama
(interroga um rapaz
a um chavão em coisas de linguística)
qualquer terra onde há muita dinheirama?

O mestre perspicaz
não tremeu da pregunta cabalística.
Tendo ciência a rodos,
se nunca descobriu um mundo novo,
é que, desde Colombo e do seu ovo,
estão achados já os mundos todos...

Do luso idioma dissecando as fibras,
explica então porque «*um Brasil*» se diz
dum riquíssimo e próspero país:
— É que as seis letras da palavra — *libras*—
servem também para escrever — *Brasil* —
terra opulenta de riquezas mil,
onde se conta que há imensas minas
de loiras esterlinas,
e fazem pé-de-meia os sabiás!
Quase que basta a gente
as sílabas transpor unicamente
de diante para trás...

IV

Cara de poucos amigos,
ou cara de Páscoa.

São
dizeres já muito antigos,
que se aplicam à expressão
de agrado ou de antipatia,
em que uma fisionomia
logo traduz a impressão
de quem doutro o rosto encara.

Segundo é ou não ingrato
ver quem, vivo ou em retrato,
aos olhos se lhe depara,
ou baixa, hostil, a viseira,
com ar de quem se molesta,
ou toda, em arco, embandeira,
como num dia de festa!
Isto sucede à maneira
do dizer — *O mal e o bem*
à face vem.

Que há muita cara variada!
A *cara alvar*, fria e calma,
duma pessoa *paz-de-alma;*
a *cara de asno;* a *estanhada;*
outra chamada *de pau;*
a — de ar triste e merencório —
cara de caso; e a *de réu,*
o semblante duro e mau
de quem tenha no cartório
culpas de grave labéu
— cara de horrendo cariz!
E há outros de quem se diz
que têm até *duas caras,*
como tem o feijão-frade,
p'ra não distinguir-se às claras
a falsa e a de verdade...
.....
E entre tantas variações,
afinal só *vemos caras*
— umas comuns, outras raras —
e não vemos corações!

V

No céu esteja quem fez o descanso!

O descanso, porém, p'ra quem trabalha,
e não p'ra alguém que nada faz que valha,
e passa o tempo todo no ripanço.

Porque o descanso é prémio de quem lida
— efeito só, e não motivo ou causa —
deve ser, na tarefa, apenas pausa,
e não, em caso algum, modo de vida.

No céu estará quem o descanso fez...
Mas quem do céu te guie, alguma vez
êste melhor conselho te dará:
— *Trabalha tu, que Deus te ajudará!*

VI

As coisas chamam-se pelos seus nomes.

Assim fará o que se exprima bem;
e bom será que êste conselho tomes,
embora saibas como há muito quem
não atenda à lição de tal ditado.

O que mal fala, o que em calão desloca
às palavras o seu significado,
nessa *troca e baldroca*
duma gíria em que tudo é figurado,
ou usa *frases-feitas,* de que não
é fácil atinar com a acepção,
ou dá-lhes tal sentido,
tão postiço e fingido,
que envolve sinonímias muito raras!

Exemplo: o que acontece, de ordinário,
a coisas de uso, adôrno ou vestuário.

Quem, *metido em camisa de onze varas,*
anda em palpos de aranha,
e tanto que *não ganha*
p'ra sustos, vê-se em situação tão falsa,
que em *calças pardas* o dirão enfiado,
ou então apertado
em *par de botas* que se não descalça.

Conta que apanhas *luvas,* quem delata
que auferes ágio duma negociata
das chorudas e bôas,
daquelas de mão cheia;
e há logo quem assoalha,
quem brada que com elas te *abotoas*
e juntas *pé-de-meia,*
que é o que sucede àquele que amealha.

Diz-se de alguém com quem se tenham zangas
— Que *peça de fazenda!* —
e do que muito, em abundância, renda,
que tem *pano p'ra mangas.*

Reza o rifão: *Quem quere bom conselheiro*
consulta o travesseiro;
e há muitos que, nas suas reflexões,
não deixam de *falar com seus botões,*
p'ra seguirem caminho mais certeiro.

O que bem cavalgar, é *bom calção;*
e *bom garfo,* o que fôr bom comilão.

Casacas de água, quando as apanhares,
terás de pôr-te ao lume, a enxugares;
se das outras levares — das de *pau* —
podes ficar em estado tal, tão mau,
que, por vezes, da sova não te curas;
e toda a gente, se és desleal, te assaca
a pecha de *virares a casaca.*
Assentam-te as costuras,
chegam-te a roupa ao pêlo, e, se te dois,
é porque estás de-certo *em maus lençois,*
ou em *lençois de vinho,*
muito menos macios que os de linho...
Pôr uma carapuça,
que talha quem ferrar
no teu renome ou crédito a dentuça,
é pôr ou assentar
em si próprio a censura,
disfarçada e suave, ou clara e dura,
mas, em qualquer dos casos, que pareça
cair-lhe certa e justa na cabeça.

Falar confuso é ter *língua de trapos;*
e é quase o mesmo que *limpar a mão*
à parede, o assoar-se a guardanapos,
depois de uma proeza de aldrabão.

Quem *pinta a manta,* há-de mostrar-se o exacto
paralelo do estúrdio ou folião,
com quem tudo andará *p'lo pó do gato!*
Fazer gato-sapato — fá-lo quem
outro chasqueia, ou trata com desdém.

A alguém *meter os pés nas algibeiras,*
sem êle o pressentir,
é uma das maneiras
de, p'la calada, o próximo iludir,
por artes de berliques e berloques.

E *sacudir a água do capote?*
Que exprime êste dichote,
usado por useiros em remoques?
Que sacode de si a insinuação,
parando o golpe, desviando o bote,
o esperto a quem imputam má acção
— que é esta a *água* a que o dizer respeita.
E assim se chama
capote ao próprio intento, nome ou fama
de quem se inculca isento de suspeita
e foge a que o malédico àguaceiro
o torne pinto em dia de salseiro.

O que admiras, por glória ou por labéu
(pois espanta igualmente o que é sublime
e o que é só grande, por ser grande crime)
achas que é *de tirar-se-lhe o chapéu!*

Aquele a quem, por sorte ou fado seu,
mal ou bem casou, mal ou bem morreu,
aplica-se o rifão: — *véu e mortalha*
no céu se talha.
E só tu saberás
as bôas ou as más
linhas com que te coses; o sapato
onde te aperta; e onde incomoda o fato.
Que as *linhas* e o *sapato* são aqui
sinónimos apenas do que a ti
mais poderá convir,
ou desconvir.
E se o caso é, de si, arrevesado,
se demanda mais tino,
se exige mais cuidado,
então, *fia mais fino!*

A alcunha tem de *capa*
— por exemplo, de *capa de ladrões* —
o encobridor de feito mau que escapa,
assim oculto, a justas punições;
e, em moderno calão,
caso de sensação,
em que se bate ou fere, chora ou grita,
movimentado e insólito, é uma *fita!*

Eis como a objectos triviais, caseiros
— guardanapos, lençois e travesseiros —
ou a artigos comuns de indumentária
— fita de enfeite, ou negra capa austera,
calções ou calças, botas ou botões —
quem usa o *argot,* confunde a forma vária
e a serventia ou fim lhes adultera,
e lhes baralha e muda as acepções!

Chamam a isto, doutra frase à míngua,
idiotismos, jargão, gíria da língua...
Fôra, porém, talvez mais verdadeiro
idiotices chamar de linguareiro
que *troca o nome aos bois,*
mistura alhos
com bugalhos,
e depois
de fazer tal batota,
ao idioma em que fala chama idiota!

VII

Coração ao pé da bôca.

Eis o senão
de muita cabeça ôca;
de quem traz o coração
onde o que era mais preciso
era trazer discrição,
freio na língua e juizo,
p'ra poupar-se a muita mágoa.
Em geral, quem é assim,
há-de ter por triste fim
o *afogar-se em pouca água.*

*

Diz-se — *O que à bôca apetece*
o coração o deseja.

Embora o contrário seja
o que também acontece
à bôca e ao coração,
não menos certa parece,
— porque em mais casos se veja —
a variante do rifão
— *Boquinha que apetece,*
coração que deseja.

VIII

— Dias de Maio, dias de amargura,
inda não é manhã, e já é noite escura!

Desta forma, dois moços namorados
ambos — qual dêles mais! — sob a carga ajoujados,
como se os fardos seus não lhes pesassem nada,
após haverem estado a falar, a falar,
no meio duma estrada,
desde o alvor da manhã ao cair do sol posto,
convieram em achar,
com surpresa e desgosto,
que fôra curto o dia
p'ra tanto que, um ao outro, inda a dizer havia;
que anoitecera cedo, embora em Maio fôsse,
— e viesse o ocaso então bem depois do arrebol —
que, a escorrerem suor, à torreira do sol,
deslisasse fugaz êsse colóquio doce!

As tardes e as manhãs sempre serão pequenas,
e mal hão de chegar p'ra dar comêço apenas
ao muito que haverá a explicar e a contar
entre quem se quere bem, mesmo até que não fale
e, só com o olhar, se entenda o apaixonado par.
O coração diz muito, inda que a voz se cale...

O decorrer do tempo, em matéria de amor,
regula-o um relógio em cujo mostrador
as horas são minutos,
e êstes fogem tão breve e são tão diminutos,
que os segundos não têm mais longa duração.

Dias de Maio, dias de amargura,
inda não é manhã, e já é noite escura!
Não é talvez rifão,
nem máxima ou provérbio o dito que relembro,
mas fixai-lhe o conceito, e por mui certo dai-o!
Em amavios tais, nunca um dia de Maio
maior o julgarão que o menor de Dezembro.
E como *o tempo vôa,*
quando a prática é bôa
e quando bôas são também as companhias,
sem à sua loqüela
pôr travão, êle ou ela,
naquele perpassar das horas fugidias,
ou seja a companheira, ou seja o companheiro,
não pensa em Maio estar, mas estar em Janeiro
— mês em que as noites são o dôbro ou mais dos dias.

Se vem desde os antigos
que a *conversa de amigos*
é roubo de tempo, olhem
que é bem maior o *roubo*
em conversa de amantes.
Ou ao sol que os requeime, ou às chuvas que os molhem,
naquele mútuo arroubo,
hão-de as horas voar com rapidez de instantes!

IX

O Doutor da Mula Ruça.

Enfiam-lhe a carapuça
dêste dichote ou ditério,
porque, em si só, acumula
tanta asnice e despautério,
parvoíces de tanta monta,
que se diria mais mula
que o animal em que monta!

Qual papagaio a palrar,
nada entende e fala em tudo;
e em se pondo a vomitar,
no seu estilo campanudo,
no tom cavo e na voz baça
que lembram o ressoar
de desmiolada cabaça,
palavras, com estrondo e ronco,
semelha ganso a grasnar,
ou entufado perú,
de grosso e inchado monco,
em seu estúpido glu, glu!
Quadra-lhe bem, vai-lhe a ponto
isto que dizem do tonto
que *assopra o frio e o quente,*
e, p'ra a chuva o não molhar,
mete-se dentro do mar!

O *Mula Ruça* assistente
de algum mísero doente
de quem cuide, por desdita,
há-de ser como *alveitar*
que mula morta sangrar,
supondo que a ressuscita.
Sem que a ninguém cause assombro
que trate *gato por lebre,*
é dos tais que para a febre
buscam o pulso no ombro!

X

Esta vida são dois dias.

Ou dois dias hão-de ser,
ou dois séculos, segundo,
entre risos e alegrias,
com saúde e com prazer,
em seu trâmite jucundo,
ela serena decorre,
ou, de rosto nunca enxuto,
a pouco e pouco, se morre,
valendo cada minuto
um longo ciclo de horrores!

O tempo é moroso ou breve,
conforme é pesada ou leve
a carga das nossas dores.

Que *a vida*, quando em bonança,
a quem não pesa, não cansa,
também um prolóquio ensina.
E — contradição mofina! —
quanto mais cremos morrer
num calvário de agonias,
mais nos parece distante
o fim do nosso viver!

Esta vida são dois dias,
ou dois séculos, consoante
nos faz gozar ou sofrer...
Dura tão pouco a ventura,
quão muito a desgraça dura.
E é, pelo que são de amargos,
que *ano mau tem dias largos.*

XI

Fazer o mal e a caramunha.

Ouvimos isto de quem faça
de outro a desgraça,
e, não contente, ainda grunha
os seus clamores e lamentos,
tal como se êle é que sentisse
da própria vítima os tormentos
que, sem piedade, lhe infligisse!

A quem te faça tão mau feito,
ferra-lhe rijo o dente e a unha,
já que, do mal não satisfeito,
inda lhe ajunta a caramunha!

Se a êsse o deve ter a gente
por malfazejo e maldizente,
se êsse não presta, há outro que é
néscio e ruim no mesmo pé:
é o que dobra
o mal do que obra,
quando o encarece e gaba até!
Tola em dobre é a pessoa
que faz o mal e o apregoa.

XII

Leve o diabo paixões,
venha Maria p'ra casa!

P'ra homem que mal se casa,
dizem sábias opiniões
que, em tal passo, o que seria
bem melhor e remelhor,
era — ao invés do rifão —
levar-lhe o diabo a *Maria,*
ou lá quem é que êle adore,
quando lhe leva a *paixão!*
Grande mercê lhe faria!

XIII

Não ter eira, nem beira,
nem ramo de figueira.

Bem merece êste apôdo
passeiro que, de dia
e de noite, vàdia.

Quem gasta o tempo todo
sempre na bôa-vida
(bôa, por ironia,
porque pior não há)
passa vida perdida
de ocioso ou de tunante.
Nem Deus auxílio dá
(muito embora isto espante)
ao que ande *ao Deus-dará,*
mas sim ao que, empregado
nalgum trabalho honrado,
é honesto e capaz.
Que *o homem ocupado*
não cuida coisas más,
nem as faz.

XIV

Olha lá, não te caiam
os parentes na lama!

Eis o dito a aplicar
àqueles a quem vaiam
da velha estirpe a fama,
por quem lhes desdenhar
a vã nobiliarquia:
— *Quando Adão cavava*
e Eva fiava,
a fidalguia
aonde estava?
De-certo patinhava
naquela mesma lama
contra que o estulto brama,
com mêdo de lá ir
algum dos seus cair!

Quem do fidalgo vá
seguindo as gèrações,
sem dúvida achará,
pelas imediações
da gèração primeira,
o mais nobre senhor
filho dum cavador
e duma fiandeira
— dum *Adão* que *cavava*
e duma *Eva* que *fiava...*
Todos são
filhos de Eva e de Adão.

XV

Com um ôlho rir,
e com o outro chorar.

Máxima a seguir
p'ra a vida bem se levar,
quando não puder a gente,
do que à volta vir e ouvir,
rir com ambos juntamente.

Quase lembra êste milagre
— *de um ôlho chorar azeite*
e doutro vinagre —
p'ra que assim melhor espreite,
e a cada gôsto se ajeite
quem chora de tal feição.

Um filósofo egoista,
dando aquele emprêgo à vista,
fez do preceito um berbão,
no qual convém reflectir.

Há entre uma e outra parte,
das duas em que êste mundo,
quanto ao pensar e ao sentir,
se distingue e se reparte,
um fôsso largo e profundo.
P'ra uns, é tudo comédia,
tudo brinquedo e chalaça;
p'ra outros, tudo se passa
em tom de drama ou tragédia.

Tão diversos entre si,
como a ventura e a desgraça,
como — se geme ou sorri —
diverge a expressão do lábio
— tais quais os olhos do sábio,
de que o esquerdo está chorando,
quando o direito está rindo —
vão-nos a vida variando
— enfadando ou divertindo —
os Heráclitos tristonhos
e os Demócritos risonhos,
aqueles lagrimejando,
a toda a hora a gemerem,
e êstes sempre motejando,
noite e dia, a escarnecerem...
Uns mostrando sempre ao canto
do ôlho um sinal de pranto,
outros, nos lábios, o riso
sinal de pouco juizo...

XVI

Perdido por um,
perdido por cem.

Quem se arrisca bem,
e sem risco algum,
é quem nada tem,
porque já perdeu
o que havia seu.
Se é a bolso estranho
que êle vai buscar
o que aventurar,
quanto vier é ganho!
E o que em perda fôr,
paga-o o crèdor
mal acautelado,
que lho houver prestado
sem aval lhe pôr.

Pensará o louco
que ao azar fortuito
entregou seu pouco
—o seu pouco ou muito—
fiado numa aberta,
que jàmais lhe vem,
da fortuna incerta:
— *Perdido por cem,*
perdido por mil!
E ao jogar, febril,
a final mealha,
sem que Deus lhe valha,
nem que a sorte o ajude,
exclamar costuma:
— *Por pouca saúde,*
mais vale nenhuma!
E, de pronto e presto,
nessa má cartada,
lá se vai o resto!
Ficará sem nada
mais do que a lição
dada p'lo rifão:
— *Ao perdido,*
perde-lhe o sentido!

XVII

— Portugal ! que vais à vela !

Disse alguém, ao vêr o estado
em que estava a caravela
que chamam — *a nau do Estado.*
E essa frase tem andado
muito usada e repetida.

Outros, porém, doutro tino,
outros que *bebem do fino,*
clamam, em voz decidida,
que Portugal *vai num sino!*

Mas respondem-lhe os primeiros:
— *Num sino,* sim, quem duvida?
e dos mais alviçareiros!
Não, porém, a repicar,
como por quem vai casar,
ou acaba de nascer
e levam a baptisar
— não por festa ou romaria —
mas em lúgubre tanger
por alma de algum finado
que findou sua agonia.
Obras dos homens de Estado,
de quem de tudo dispunha
em terras de Portugal,
e fazia a caramunha,
depois de ter feito o mal!

Se, porém, a caravela,
por mil vários desvarios,
fôr *por água abaixo,* à vela,
com vento forte à bolina,
ficará a ver navios
do alto de Santa Cat'rina,
olhando as glórias passadas
que vão p'lo Tejo arrastadas
às águas donde vieram,
muito velho fatalista,
dos que confiam e esperam
vir um dia a pôr a vista
no seu rei D. Sebastião,
que é o símbolo infeliz
da ansiada ressurreição
dêste famoso país.

Mas lembremos que esta gente
portuguesa de nação,
quando outrora pôs em mente
sulcar oceanos profundos,
descobriu aos demais povos
outros povos e outros mundos
— largos horisontes novos!
E que hoje ainda os mareantes
feitos ao mar na goleta
de tantas glórias coroada,
têm sangue dos tripulantes
da velha nau Catrineta,
de história tão decantada,
e são os herois herdeiros
de heroicos aventureiros!

*

Em vez do dito sinistro
do despeitado ministro,
que supôs levar consigo,
prêsa ao carro triunfal
do seu poderio antigo,
a sorte de Portugal,
clame-se em termos mais nobres
— não em rebates ou dobres
por causa triste ou funesta,
mas em repiques de festa —
que Portugal *vai num sino,*
que Portugal *vai à vela,*
em missão mais alta e bela,
para bem melhor destino
e mais fortunados portos!

Ressoe o clangor dum hino,
nunca um responso de mortos!

XVIII

Quanto mais canhoto, tanto mais maroto!

Quem pretenda opor
ao que seja destro,
o que assim não fôr,
porque é canho e sestro,
para o rebaixar,
usa tal dizer,
que há-de, às vezes, ser
menos justo, e errar.

Quando a alguém se
amestra,
e se lhe ministra
prémio ou punição,
dê-se com a destra,
visto que a sinistra,
com ou sem razão
(nome tal lhe basta!)
passa por nefasta.

*

Por superstição,
há até sujeito
que não dá passada
sem que vá de entrada,
com o pé direito!

Quer a castigares,
quer a premiares,
deves parecer
escorreito
e direito,
e não esquerdo ser!
Pois quem tenha torto,
de nascença ou jeito,
corpo ou coração,
qual horrendo abôrto,
vexa a criação.

Sempre se tem visto
ter à esquerda Cristo
o pior ladrão...
E é de ver também
que a mulher de quem
dizem, por chacota:
— *quanto mais beata,*
tanto mais coirata —
a, de mais, devota,
quando, em alvorôto,
o demónio enxota,
diz: — *Cruzes, canhoto!*

XIX

— Quem eu quero, não me quere,
quem me quere, não me faz conta,
ou — Quem me quere, não quero eu.

Diz o homem ou a mulher
de quem o prolóquio aponta
o que em amor lhe ocorreu;
diz o amante a quem falhou
o poder jurar daquela
de quem um dia gostou:
— *Quem gosta de mim é ela...*

Desencontrados no querer,
como se vê tanta vez,
o remédio que hão-de ter
dá-lho êste adágio francês:
— *Quand on n'a pas ce que l'on aime,*
il faut aimer ce que l'on a.

E mal fará
alguém que *reme*
contra a maré!

A regra é,
seja em amor,
seja em que fôr:
— o que não tem o que quere,
contente-se com o que houver!
Nem há dito de mais siso,
mais justo, nem mais plausível,
que o dêste sensato aviso
a quem pretende o impossível:
— *Quem não pode como quere,*
queira só como puder —
porque nem sempre o dizer
— *Querer é poder* —
sai certo a todo e qualquer.

XX

A quem mente,
cai-lhe um dente.

Se, porém,
fôsse a crêr
quem tal disse,
se também
tal dizer
não mentisse,
não havia
certamente,
nem mais nada
se veria,
senão gente
desdentada...

XXI

Quem não tem que fazer,
faz colheres.

Passatempo inocente,
mas que virá a ser,
p'ra homens e mulheres,
muito menos corrente
que estoutro, a que até
há-de entregar-se em breve
a mais selecta roda:
— *tratar de bombas, que é*
ofício leve,
e agora em moda...
Leve p'ra quem as faça
(é bem de ver)
mas bastante pesado
p'ra quem tenha a desgraça
de vir um dia a ser
por elas mimoseado.
Porque êsse é que há-de achar,
se acaso não expirar
logo ao primeiro abalo,
que o emprêgo é *de arromba,*
que o ofício é *de estalo!*

Mas nem só a *colhér,*
nem só a *bomba*
servirão p'ra quem quere
seus ócios entreter.
Diz um rifão:
— *Quem não tem que fazer,*
veste-se e despe-se.
E é
— como serão
p'ra a mulher lidadeira
a meia ou o cròché —
p'ra a lasciva loureira,
ora vestida,
ora despida,
essa a maneira
de fazer pela vida.

Uma fêmea — cabide
de *toilettes* luxuosas —
que é de quem a convide
p'ra as horas voluptuosas
do vício ou do prazer,
faz e deixa fazer
o que dela exigir
quem lhe pague aluguer
— o logrador qualquer
que a vestir e despir.

É pior seu mister
que o dessa distracção,
não totalmente fútil,
de homens e de mulheres
sem outra ocupação
mais proveitosa e útil
que a de *fazer colheres.*
.....
Relembre-se, afinal,
que ao clássico dizer
de rígida moral
— *Nada fazer*
é fazer mal —
bôcas autorizadas
costumam responder:
— *Antes nada fazer,*
que fazer nadas.

XXII

— Quem não viu Coimbra, não viu coisa linda —

diz quem te vir, uma só vez que seja,
terra onde o amor é sempre a flor benvinda
que a toda a luz viceja
— banhe a corola sua
rubor de sol ou palidez de lua...

Quando contempla o rio e o sinceiral
que o margina e sombreia, o olhar admira
— mais que o verde-esmeralda e o azul-safira —
o azul-Mondego e o verde-Salgueiral
— as duas côres só que estrema o prísma,
na branda luz que os teus vergeis clareia,
e a cujo alvor tanta alma ingénua cisma,
e tanto poeta sonha e devaneia!

De ti cantou Camões
— de ti, seu campo de amorosa guerra
ou caça amena
a tantos encandeados corações:
«*Florida terra,*
leda, fresca e serena.»
E quem o não repete, olhando as flores
que matizam teus vales e teus montes,
por onde brotam cariciosas fontes
— fontes de amores,
como aqueloutra, que uma lenda fez
brotar das lágrimas da linda Inez?

*

Quem não viu Coimbra, não viu coisa linda.
Dizer de antanho, que tão alto guinda
teu público louvor, linda Coimbra!

Porque é que, repudiando a velha lenda,
por divisa não tomas tal legenda,
e em letras de oiro êsse pregão não timbra
teu escudo armorial, nobre princeza
entre as terras da terra portuguesa?
Em vez da régia Cindazunda erguida
a apartar uma serpe dum leão,
devias ter, Coimbra, êste brasão
de heráldica bem menos aguerrida:
em esquartelado campo de relvedos
— num ângulo — entre choupos verdejantes,
tricanas e estudantes em folguedos;
noutro, o Mondego de águas sussurrantes;
e, nos quarteis a par, os dois *Penedos,*
onde em sonhos vagueia a mocidade
— *o da Meditação* e o *da Saüdade*...

*

Ante a magia dêsse teu feitiço,
que em nós instila novo alento e viço,
— ó terra coimbrã,
cada vez mais vetusta e mais louçã,
jardim ridente em primavera infinda! —
que puro artista, em preito religioso,
não exclamará, extático e amoroso
— *Quem não viu Coimbra, não viu coisa linda!*

Por isso um poeta, fiel ao teu encanto,
um velho adorador, de fronte glabra,
sem bem saber se rindo ou soluçando,
em lânguido quebranto,
numa parlenda idílica e macabra,
saüdou o que há de moço e venerando
na terra dos doutores e da cabra.
E, em seus adejos, que ora lembrarão
o pardal folgazão,
ora o triste morcego,
memorando-te os choupos e o Mondego,
cantou a terra-mãe dos bachareis,
dos capelos, archeiros e bedeis.
Cantou o bom e o mau
que há ou havia nela
— bôa arrufada, infanda charamela,
moca e tosquia, canelão e grau,
serenatas de amor e sabatinas,
pastas e gorros, capas e batinas,
troças às portas Ferrea e de Minerva,
a secante lição que nos enerva,
e o acto, à antiga, de calção e meia...

Saüdou-te no que tens de bela ou feia
— embora o que não haja em ti beleza
venha dos homens, não da natureza —
terra onde o amor ao estudo
parece quase nada,
se o amor à nossa amada
se torna em quase tudo!

Terra tanto de sonho embriagante,
que acertou quem dizia
haver, duma tricana e dum estudante,
nascido nela, um dia,
à beira-rio, em seu choupal ciciante,
a musa da Poesia!

XXIII

Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
a vossa pátria formosa
— Lisboa dos sete montes,
que em doirados horisontes
recortam a linha airosa,
e onde a luz do céu radiosa
sôbre a terra em jorros cai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
êste país de cantares,
donde outrora as caravelas,
ruflando as arfantes velas,
em busca de outros lugares,
foram longe a outros mares,
aonde o Tejo não vai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
aquela torre encantada,
padrão de arte e poderio,
que em Belém, à beira-rio,
como um castelo de fada,
ou uma guarda-avançada,
vigia quem entra e sai.
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
êste povo que, em seu canto,
conta a sua triste vida,
e cuja voz dolorida,
no fado suspira tanto,
que lembra, ao correr do pranto,
a melopeia dum ai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
êste sol que em cada aurora
tinge de luz as colinas,
enche de seiva as campinas,
e o chão bendito, que enflora,
aquece, beija, enamora,
com a ternura dum pai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
o que há de lindo em Lisboa,
o que há de sonho e de anseio,
sob um céu de estrêlas cheio
que a fantasia povoa
de tanta ficção que voa
e tanto ideal que se esvai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

Ninfas do Tejo! Cantai
a mais famosa cidade
que há na pátria portuguesa,
com luar de mais beleza,
noites de mais claridade!
E a terra-mãe da Saüdade,
ninfas do Tejo, saüdai!
Tágides! Cantai:
— Quem não viu Lisboa,
não viu coisa bôa.

XXIV

O que se não faz no dia
de Santa Maria,
faz-se ao outro dia.

Êste é dos provérbios
que o aguçoso ignora
e o madraço explora.
Quem o siga, quanto a advérbios,
prefere o *logo* ao *agora*,
o *devagar* ao *depressa*,
o *tarde* ao *cedo*, o *amanhã*
ao *hoje*. Tudo em promessa
deixa, ambígua e vã...
Nunca nêle a decisão
da mais singela questão
pecará por temporã:
por serôdia, sim!
Em se tratando de praso,
é certo andar em atraso,
dar tempo ao tempo, e, por fim,
dormir sôbre o caso
o sono seu mais profundo!

Entre o *antes* e o *depois*,
é o primeiro dos dois
que sacrifica ao segundo.
Risca do seu dicionário
de ocioso retardatário
a palavra *já*.

Andando desprevenido,
como Deus quere e é servido
— ao Deus dará! —
do que vive ou que morreu
tanto se lhe dá
como se lhe deu.
— O que se não faz ao mês,
pelo ano se fará —
diz, quando debalde aguarde
o que nunca vem talvez.
Porque *até ver, não é tarde...*

Nesse engano de alma ledo
e cego, discorrerá,
sem temor a desenganos:
— Quem se mata, morre cedo;
— O que fôr, soará!
— Largos dias tem cem anos!
— Em uma hora
não se ganhou Samora.
— Se não se faz duma vez,
faz-se de duas ou três.
— Roma e Pavia
não se fizeram num dia.
— Hora a hora,
Deus melhora.
— O que tarda, arrecada.

Sem nunca se inquiètar,
nem apressar em nada,
a si próprio se anima,
lembrando: *— Até o lavar*
dos cestos é vindima.
— Sofra quem penas tem!
Trás tempo, tempo vem.

*

Leitor, recordo aqui, por teu proveito,
êste rifão que se dirá ter cãs,
de tão antigo ser o seu conceito:
— Mais vale um hoje *que dois* amanhãs.

XXV

— Santo Antoninho, aonde te porei?

— Aonde te porei, meu Santo António,
se me livras de olhados do demónio,
e me fazes casar com quem eu sei?
Num lindo altar,
junto ao qual, dia e noite, irei rezar!

*

— *Santo Antoninho, aonde te porei?*
Que coisas te direi e te farei,
se, qual da forca tu salvaste o pai,
me salvares do abismo aonde cai
quem se afunda em funesto matrimónio?
Aonde te porei, meu Santo António?
Num lindo altar,
ao qual irei as minhas graças dar.

*

— *Santo Antoninho, aonde te porei?* —
diz a môça que a sorte lhe confia.
— Se me dás para noivo um belo moço,
contigo nas palminhas andarei!
Mas, se, afinal, me deixas para tia,
então eu ponho-te, mas é num poço,
de pedra aos pés e corda no pescoço,
até que te arrependas, algum dia,
de me tratar com tão avesso amor!

*

Conforme, pois, sua conduta fôr,
ou bôa, ou má,
e ao milagre ou favor que lhe rogar
ouvidos faça ou não de mercador,
assim também essa impetrante irá
dar ao Santo lugar
no poço, ou no altar.

XXVI

Se não houvesse ruins gostos,
não se gastava o amarelo.

Nem agradavam os rostos
que menos devam ao belo.
A gôsto danado
o doce é amargo.
Ao paladar estragado
o amargor não é embargo
p'ra que o fel
lhe saiba a mel
da mais cuidada colmeia.

Ao que ama pessoa feia,
o feio, lindo parece,
e nem sempre desmerece
quem, em vez de ser perfeito,
não é esbelto nem escorreito.
Pois, se há até quem se agrade
de gente sem criação,
sem graça nem distinção,
não olhando à qualidade!
Quanta vez gentil mulher
ama um *sem eira nem beira,*
e o homem fino prefere
a marafona grosseira!

Além de que é bem sabido
que *gostos não se discutem.*
Tenham por tempo perdido
o que sôbre êles disputem.

Entretanto é bom notar,
para os créditos salvar
da pobre tinta amarela,
que não tinge apenas ela
ou a perpétua funérea,
ou a rústica macela,
quem padeça de icterícia,
ou quem sofra de miséria,
como espalha a côr punícia.
E quanto mais se reflecte
em que o lindo tom do oiro
que tanta cobiça mete,
e êsse outro, não menos belo,
do cabelo fulvo e loiro,
são cambiantes do amarelo,
mais se estranha o anexim!

Chegou-lhe até a chamar
em verso «côr de pesar»
o mavioso Bernardim,
que mais lhe danou a fama.
Disse-o em trova a uma dama
que, de amarelo vestida,
lhe não pareceu bem parecida.
E o seu mal dizia que era
o de quem amor não espera,
bradando, com exagêro,
como se, afinal, coitado,
não fôsse êle o desesperado:
— «Amarelo é desespêro!»

XXVII

Trazer o rei na barriga.

Eis o que a muitos já vi,
como já vi quem consiga
um reino trazer em si
— o Rei-Sol, com soberbia,
de si próprio assim o cria —
ou, mais do que um reino, um mundo!

Há gente com tanto orgulho,
que julga, no seu bandulho,
no seu abdomen profundo,
da imensa pança no centro
— centro do seu gravitar —
mais que um rei ou reino andar
— mover-se e girar lá dentro
todo o sistema solar!

XXVIII

Três
é a conta que Deus fez.

Voz do povo, voz de Deus!
Se a conta a beijos respeita,
e é lindo o rosto em que os dês,
hão-de achá-la os lábios teus
— por exígua — bem mal feita.
De Deus não dirás que seja,
mas de diva malfazeja.

São três, é claro, as pessoas,
da Santíssima Trindade;
três os Reis Magos, de quem
se inclinaram as coroas
ante a humilde Divindade
que viu a luz em Bethlém;
e as Virtudes Teologais
— Fé, Esperança e Caridade —
três são também, e não mais.

Três foram, segundo a lenda,
essas deusas entre as quais
Páris teve de escolher,
p'ra, decidida a contenda,
à mais formosa e louçã
em prémio lhe conceder
a disputada maçã.
Doutra parte, inda há quem cite,
a-propósito de tal,
que eram três as lindas graças,
guarda de honra de Afrodite,
e eram em número igual
as que forjavam desgraças,
mortes, flagelos, injúrias
— três as Parcas, três as Fúrias.

*

Há-de notar-se que a conta
que nos adágios se aponta
como a que a Deus mais apraz,
também serve a Satanaz.
— *Segredo de três*
o diabo o fez —
ensina velho rifão.

Al fin y al cabo,
provar-se-á que o diabo
— quando endeuzado em Plutão —
ao Cerbero três gargantas
logo deu, com outras tantas
grandes cabeças de cão!

*

Visto que em extremos estão
— Deus e o Demo —
hão-de inferir, bem ou mal,
que um extremo toca outro extremo,
quanto ao número trivial
a que alguns intentam dar,
em absurdos aforismos,
relêvo tão singular
entre os demais algarismos.

*

P'ra que, porém, e de vez,
o rebaixes e o infames,
não é preciso talvez
senão, leitor, que proclames
— apontando-o aos vitupérios
da outra gente — que três
são os tomos, como vês,
dos *Ditames e Ditérios*...

São mais lindos, p'ra os pais, seus filhos feios do que os bonitos, quando são alheios.

Depois de mil rifões haver glosado,
vim eu próprio a julgar-me autorizado
a também inventar êste prolóquio.
O meu leitor benévolo coloque-o,
quanto à feitura, entre os de menos préstimo,
mas, quanto à ideia, que tomei de empréstimo
a mestre em fábulas de sã moral,
tenha-a em muito, porque muito vale.

Um exemplo, entre tantos: êstes versos,
que encheram três volumes, e não são,
no mérito, melhores ou diversos
de outros sem graça, que correndo vão
p'lo mundo, em livros e jornais dispersos,
reputei-os formosos sem senão!
E imaginei-me poeta dos mais tersos,
dêsses que os loiros inda coroarão,
quando os tempos não corram tão adversos
a quem dá metro e rima à inspiração.

Claro está que êste assomo de vaidade,
como era justo, se acalmou por fim;
e ouvi então a fala da verdade
— mais do que nunca, *nua e crua* — assim
despedir-me êste golpe sem piedade:
— «Sempre a génio se guinda o mais ruim
versejador sem jeito, se o invade
a cupidez da glória!» Eu pus em mim
a carapuça, e cheio de humildade
penitenciei-me, e respondi que sim!

Direito crendo o torto como arrocho,
nos milheiros de versos fastidiosos
em que fui dispendendo o estro chocho,
achavam os meus olhos fantasiosos
níveo ou rosado o que era negro ou roxo.
E eu cria sem defeitos, primorosos,
até mesmo os de pé quebrado ou coxo,
tal qual o pai dos bichos desgraciosos,
— na fábula da águia e do mocho —
belos supunha os filhos horrorosos.

.....

Eis o que, em tudo e a todos, acontece:
lindo — a quem ama — o feio lhe parece!

INDICES ESPECIAIS

TOMO I

PREÂMBULO V
AO PIO LEITOR 1
VOX POPULI, VOX DEI 5
DIZERES DE EXPERIÊNCIA 7
DIZERES DE PRUDÊNCIA:
CATA O QUE FARÁS! 61
QUEM TE AVISA 80
DIZERES ALEGÓRICOS 101
ÊSTE LIVRO DE RIFÕES 122

TOMO II

ÊSTE LIVRO DE RIFÕES 5
AMAR 7
AMIGOS 29
BEM E MAL 39
CALAR E FALAR 45
CANTAR 53
CASAR 57
COMER 67
DAR E PEDIR 75
DEUS 83
DIZER E OUVIR 93
FILHOS E PAIS 99
JUSTIÇA 105
LADRISCOS E LADRAVAZES 111
MULHERES E HOMENS 115
PALAVRAS 127
VELHOS 133
VILÕES 137

TOMO III

ÊSTE LIVRO DE RIFÕES 5
DIZERES DE EXPERIÊNCIA 7
DIZERES DE PRUDÊNCIA 37
DIZERES ALEGÓRICOS 55
MODOS DE DIZER 75
SÃO MAIS LINDOS P'RA OS PAIS SEUS FILHOS FEIOS
DO QUE OS BONITOS, QUANDO SÃO ALHEIOS 98

NOTA

Em cada uma das partes em que se divide quer o texto da obra, quer o seu *Índice geral,* seguiu-se a ordem alfabética dos ditados, desprezando-se, porém, para tal fim, os artigos — *(O) amigo fingido conheces no arruído* — ; ou as preposições — *(De) amigo não esperes o que tu puderes* — ; ou os artigos e as preposições, quando contraídos — *(Ao) amigo incerto, com um ôlho fechado e outro aberto* — , ou seguidos — *(Para os) amigos, mãos rôtas* — , com que se iniciam muitos dizeres comuns.

Não devem, pois, os rifões citados, como exemplos, procurar-se respectivamente entre os que começam por *O, D, A* ou *P,* mas sim onde, alfabéticamente, seja a posição da palavra *amigo.* Assim se fez, porque os artigos e as preposições são ali como que palavras incaracterísticas e inutilizáveis para o fim visado. Exemplificando ainda com o assunto especial dos rifões apontados, é de notar que mais racionalmente se colocaram e procurarão onde, segundo a ordem alfabética, tenha lugar a palavra — *amigo* — do que onde seria o dos vocábulos iniciais — *a, de, ao* ou *para* — quanto ao efeito, absolutamente inúteis e anódinos.

O que fica dito não significa que a outros termos por que principiam os adágios se não possa aplicar observação igual, mas a nenhuns com tão freqüente uso, pela própria função sintática por êles exercida, como aos artigos e às preposições.

ÍNDICE GERAL

ADVERTÊNCIA

NÃO me propusera fazer o índice ou repertório geral dos *Ditames e Ditérios* contidos nos três volumes a que dei êste sintético título. Nunca portanto me preocupara com a sua sistemática ordenação ou arrumação, salvo quanto aos que tomei para temas ou motes de paráfrase. E isto com o fim de, sob designações características muito amplas, os dividir por grandes capítulos, nos tomos I e III, ou de com êles formar, no tomo II, agrupamentos menores, porque a matéria melhor se prestava a parcelamentos de mais restritas designações; mas sem curar dos dizeres citados nas glosas, como elementos de confirmação, rectificação ou contradita, que são o muito maior número (*).

Sobrevieram, porém, ao aparecimento dos dois primeiros volumes, entre outras, as apreciações, em cartas subscritas pelo infelizmente falecido Henrique Lopes de Mendonça, e pelo felizmente vivo Dr. Agostinho de Campos. Ambos êstes escritores, por tantos títulos, ilustres, coincidiam, não só em análogos encarecimentos da obra, e em iguais incitamentos à continuação dela, mas também em idênticos alvitres àcerca da vantagem, para os estudiosos, de a completar com um índice ou repertório geral.

Eis porque me decidi, quer à publicação dêste terceiro tomo, com que evidentemente não presumo esgotar o assunto, de si inexaurível, quer ao fastidioso trabalho que vai servir-lhe de fecho.

E valeria realmente a pena gastar desvelos e tempo com tentame de tal

---

(*) Os 580 dizeres que serviram de mote às glosas, não são muito mais da quarta parte dos constantes de toda a obra, que excedem 2.000, e foram forrageados nos principais adagiários portugueses publicados, e noutros campos de colheita, como, por vezes, as próprias bôcas incultas donde saiem *vozes do povo* das mais conceituosas.

Tive também prestantes auxiliares, de que já nomeei alguns no *Preâmbulo* do tomo I, e, posteriormente, ainda o Sr. Dr. Pedro Chaves, compilador do mais completo *Rifoneiro português* de que tenho notícia, me forneceu grande cópia de prolóquios ali não registados, e o Sr. José Afra, livreiro-editor em Lisboa, me facultou uma curiosa colecção manuscrita de rifões que recolhera. A ambos testemunho os devidos agradecimentos.

natureza, que a muitos pareceria talvez menos útil do que fútil, posto verse sôbre o que é costume chamar-se a *sabedoria das nações,* na qual tantos cuidam escutar a *vox Dei,* repercutida, como que em eco, na *vox populi?*

Afirmativa seria a resposta, se levasse em conta o que àcerca do seu pretendido valor literário e etnográfico escreveram pessoas de competência. É, todavia, certo que alguém houve, de inteligência culta e apurado gôsto, que, em termos embora de muito benévolo encómio, me deixou a impressão de que reputara o primeiro tomo dos *Ditames e Ditérios,* antes como entretenimento de ocioso do que como empreendimento digno do estudo e das fadigas que custou; antes como uma espécie de frioleira poética, do que como esfôrço inspirado no alto objectivo a que insignes talentos, especialmente no estrangeiro, têm dedicado muito mais aturados labores do que eu. Bem provável teria até sido que, se a êsse juizo, que era prudente não supor isolado, simultaneamente se não contrapusessem outros de incontestável mérito crítico, eu me quedasse naquele comêço, ou não fôsse além do tomo II, já então concluído.

Perdõe-se-me, pois, que, para desculpa da minha pertinácia em prosseguir na tarefa, eu aqui aluda, suprimido o que de exageradamente elogioso se contém nas referências pessoais, ao apreço em que a ficaram tendo muitos dos que de mais autoridade gozam nas apreciações.

O Dr. Afranio Peixoto, eminente sábio e literato brasileiro, e paremiólogo dos mais categorizados, encarecia a obra «*em que o oiro popular* (na sua expressão imaginosa) *se fez joias de preço, pelo lavor e bizarria*»; Afonso Lopes Vieira classificava-a de «*compêndio de bem viver e de bem pensar*»; Agostinho de Campos, notando que «*as glosas fazem lembrar a fluência de La Fontaine e o cristalino verso do João de Deus, das fábulas*», crismava-a de «*epopeia do Senso Comum*»; Alberto de Oliveira entendia que as paráfrases «*extraiem ou põem em maior relêvo e em maior luz todo o juizo, filosofia e poesia que contêm as ricas sentenças*» a que são apostas; Anthero de Figueiredo, definindo, com admirável engenho, a natureza e acção dos rifões, e louvando o trabalho «pela *intenção moralista de codificar em rimas a sabedoria da experiência da vida formulada em aforismos e sentenças*», chegava ao envaidecedor extremo de chamar-lhe «*uma maravilha!*»; Augusto de Castro, tratando do tomo I, afirmava que, «*além duma obra literária belíssima*», as *glosas* têm o valor «*dum documento étnico curiosíssimo*», e que o lirismo do glosador «*toca neste livro as raízes da poesia popular*»; Fidelino de Figueiredo, considerando-o «*portuguesíssimo no conteúdo e no sentimento poético*», felicitava o autor «*pela expressão certeira e profunda* sagesse *das glosas do nosso refraneiro*»; Hipólito Raposo, conferindo graciosamente ao autor o título de *Mestre de Sentenças,* como os espanhois deram ao P.e Sbarbi o de *Padre de los refranes,* observava, com certo humorismo, que «*se êste Código de Bom-Senso, anotado com reflexões novas e lugares paralelos, fôsse decretado obrigatório, quando houvesse a ditadura da Inteligência, estaríamos curados da maior parte dos males que nos tornam tristes*»; José Leite de Vasconcelos, recordando que «*os adágios serviram desde cedo para moralizar*

as turbas», notava, nas *Considerações gerais e sumárias àcerca das fontes de investigação etnográfica,* ao citar os *Ditames e Ditérios,* que o autor se mostra neles «*atento à índole prática do género*»; J. Lúcio de Azevedo acentuava que «*o poeta e o filósofo colaboram com elevação igual no comentário da sabedoria popular. A êles se associou o erudito que pesquisou as máximas. O que tudo constitui um modo de expressão raro da actividade mental*»; o dr. José Maria Rodrigues, referindo-se ao primeiro volume, achava-o «*interessantíssimo, duma leitura encantadora, pela harmonia, pelo bom senso, pela graça, pela ingenuidade*»; Júlio Dantas julgava-o «*um dos livros mais portugueses que nos últimos tempos se tem publicado em Portugal*», acrescentando «*que na sua opulência gnómica, vale pela melhor filosofia, e na variedade de metros e rítmos, por uma verdadeira Arte poética*»; o Dr. Mendes dos Remédios vaticinava que «*ficaria clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra*»; e finalmente Raul Brandão, numa carta, que talvez fôsse das últimas da sua pena, mas que é para mim das primeiras no saüdoso carinho com que a relembro, abria o seu espírito, em geral sombrio e reservado, nesta exclamação de quási entusiasmo: «*Um grande livro que representa a experiência duma vida inteira! Admirável ideia a de V., e executada como só um poeta e um português de lei a saberiam executar*».

E mais não cito, abstendo-me de reeditar o que, pela imprensa periódica, se tornou já conhecido, não só para não parecer que levo demasiadamente longe a imodéstia naquilo que aduzo como que em alegação de legítima defesa, mas também porque os restantes críticos mais se ocuparam com as pretensas qualidades literárias ou artísticas do autor, de cuja apologia desbastei as transcrições acima feitas, do que pròpriamente com a apreciação do valor intrínseco do trabalho, e do intúito, por assim dizer, didáctico e de saneamento de costumes que o ditou.

Debaixo dêste aspecto, devo até confessar, sem desprimor para ninguém, que foi João Grave quem, na seguinte curta frase duma afectuosa carta, melhor mostrou adivinhar a minha mais acariciada aspiração, no que respeita à utilização da obra: «*Tanto sob o pònto de vista estético, como sob o ponto de vista educativo e moral, devia ser dada a ler nas escolas*». O que não quere dizer que, para tal efeito, não houvesse de mondá-la do joio de alguns dizeres e comentários menos próprios para a iniciação educativa da gente môça.

Em Portugal, quo me conste, ainda se não atendeu ao que, aliás, já há perto de dois séculos, recomendava um nosso modesto frade — Fr. João de S. Pedro — que, usando do pseudónimo pouco célebre de Damião de Froes Perim, deixou manuscrita uma *Colecção dos principais adágios portugueses,* extraídos de Bluteau. Entendia êle que deviam ser, imediatamente ao catecismo da doutrina cristã, o livro de ensino para crianças, a fim de aprenderem, «*desde logo, a reger a vida com bons costumes*».

Faz lembrar — veja-se o encontro de dois espíritos tão distanciados pelo tempo, pela envergadura e pela civilização! — o que, por estas palavras, veio a

expressar Tommaseo, na Itália: «*Si tutti si potessero raccogliere e sotto certi capi ordinare i proverbi d'ogni popolo e d'ogni età, colle varianti di voci, d'immagini e di concetti; questo, dopo la Biblia, sarrebbe il libro piú gravido di pensieri*».

Também, em melhores e mais autorizados termos que os do esquecido monge português, exprimiu ideia análoga à de Fr. João de S. Pedro o eminente P. Larousse, na sua *Léxicologie des écoles,* ao acentuar as vantagens do conhecimento e estudo daqueles pensamentos que constituem um «*código de moral*», e (acrescentava) «*qui servent de lest dans tout le cours de la vie, et dont il est si important de charger la mémoire et de nourrir le cœur des enfants*».

Levaram alguns críticos, é certo, a sua benevolência a ponto de se mostrarem convencidos, e pretenderem convencer-me, de que êstes meus livros de glossário rimado são *dos que ficam.* Ficarão, porém, na lembrança... ou no esquecimento? O futuro, que a Deus pertence, como reza o ditado, responderá à pregunta, quando, sem dúvida, eu já não ouvirei a resposta... Basta-me todavia que *fiquem,* sem outras ambiciosas pretensões, como tentativa, não malograda, para imprimir animação e vida a êsse grande corpo de doutrina moral e prudencial, a cujos membros convém dar movimento e acção educativa, não os deixando entrèvecer em adagiários mal conhecidos, embora alguns bem dignos de todos afincadamente os compulsarem, onde os dizeres comuns se nos deparam arrumados e etiquetados à semelhança de achados arqueológicos em museus de antiguidades, e onde as *vozes do povo* parecem, de abafadas, ter perdido o seu verdadeiro timbre e a sua clara sonoridade. Porque não é unicamente pela compendiação e coordenação, mais ou menos engenhosa, em rifoneiros, aliás de precioso e indispensável auxílio para o investigador, mas para cuja leitura seguida é precisa quási tanta paciência como para se lerem as paginas macissas dum dicionário, que se consegue a revivificação de tantos conceitos mortos para a memória dos contemporâneos, ou o rejuvenescimento e reaparição doutros, pelo desuso, caídos em entorpecimento.

«*A sabedoria das nações assim apresentada* (escrevia-me, a propósito dos *Ditames e Ditérios,* o ilustre professor Azevedo Neves) *é coisa para se estudar e praticar.*» E precisamente para que, sob essa forma, que procurei tornar atraente e leve, aquela *sabedoria* mais fàcilmente se estudasse e se praticasse, foi que a obra se intentou.

Terminada esta longa digressão, para que peço indulgência, voltemos ao assunto do *Índice,* de que tanto me apartei.

Pelo teor das cartas que a seguir reproduzo, não só como justificação própria, mas também como prova do grato respeito que me inspira a memória do amigo e confrade querido que as subscreveu, o leitor verá se me seria lícito eximir-me a obedecer a sugestões tão cativantemente expressas, como que em nome de razões de legítimo interesse, invocáveis pelos que se dedicam a tais estudos.

Meu ilustre e prezado Colega

Está-me sendo um belo companheiro na convalescença de uma enfermidade que demorou os meus emboras, o livro com que o meu excelente amigo me distinguiu. E' uma engenhosa obra de joalharia, em que o seu talento soube engastar as ricas pedrarias provindas da mina popular sôbre o fundo lúcido e saboroso de uma sã moral. É um «tour de force» fugir ao repertório enfadonho da «Feira dos Anexins», na qual, com todo o seu engenho, cincou Manuel de Melo, para nos dar um trabalho interessantíssimo sob o duplo ponto de vista literário e etnográfico.

Neste último aspecto, permita-me formule apenas o pesar por não ver o seu admirável trabalho completado por um índice-repertório de todos os adágios, dizeres, locuções, etc. habilmente aproveitados pelo seu belo estro poético.

Reconheço, porém, que o seu propósito foi, acima de tudo, executar uma magnífica obra de arte. Conseguindo-o, mais acentuou V. os créditos que no mundo literário por outros valiosos trabalhos tem justamente alcançado.

Continuo a manusear o seu livro, contando com a sua leitura para que a saúde do espírito se mantenha, enquanto vou lentamente recuperando a do corpo.

S/c. 27-IV-29.

H. Lopes de Mendonça

Meu prezado confrade

O 2.º vol. dos seus «Ditames e Ditérios» foi naturalmente acolhido com mais alvoroço do que o 1.º, visto já estar convencido pela experiência do regosijo espiritual que iria receber com a sua leitura. E fica a gente desejando que a matéria prima não se exgote, apesar do considerável «stock» de sabedoria popular que o meu amigo tem conseguido desenvolver e comentar admirávelmente, em versos que só os mestres sabem manejar com perícia.

Os seus «Ditames» tem para o meu espírito um paralelo na «Nova Floresta» do Padre Mestre Bernardes. Por aqueles meandros passeia a gente agradávelmente, ao mesmo tempo que recebe ensinamentos profícuos. É por isso que êsse livro deve ter lugar de honra em todas as bibliotecas portuguesas.

Folheando-o ao acaso, sempre se encontra deleite ou lição. E isso não sómente no que respeita à moral, mas também à linguagem, que denuncia leitura aturada e acurada dos clássicos. É bemvinda por êsse motivo a obra, no momento em que se multiplicam as enxadadas neste belo idioma, que tem servido de instrumento a tantos engenhos insignes e a tantas doutrinas proveitosas.

Belo presente de Boas Festas! A continuar com êle o meu regalo espiritual, vou eu começar o Ano Novo, para o qual lhe desejo as maiores prosperidades de envolta com as felicitações cordiais de quem se confessa sempre de v. etc.

S/c. 31-XII-30.

H. Lopes de Mendonça

Surgiram-me, ao pensar na organização do aconselhado índice, os óbices que a outros adagiaristas, bem mais experimentados do que eu, se depararam, ao darem-se a trabalho análogo. Cito, para exemplo, um dos mais notáveis entre os contemporâneos, e certamente o mais notável do país vezinho, o decano dos seus folkloristas, antigo director da Biblioteca Nacional de Madrid e bibliotecário perpétuo da Real Academia Espanhola, de que é um dos mais ilustres membros, assim como o é da de História. Refiro-me ao Senhor D. Francisco Rodriguez Marin, cujas honrosas relações devo à comum predilecção pelos estudos paremiológicos.

Aludindo às «*dificultades con que tropezaba para hallar un plan de classificassión que me satisficiera*» — são as suas palavras — aquele doutíssimo académico declara que chegou a consultar sôbre o intrincado problema o Dr. Theophilo Braga. Respondeu-lhe êste que, «depois de muito trabalho, conseguira achar um sistema filosófico de coordenação dos refrães», de que lhe mandou o esquema. Mas as suas três grandes sínteses (acrescenta D. Francisco Rodriguez Marin) — activa, afectiva e especulativa — cada uma delas repartida em três géneros, divididos por uma infinidade de espécies e subespécies, enredaram-no de tal maneira que resolveu seguir a ordem alfabética «nada científica certamente (êle próprio o confessa), mas cómoda.» Mais cómoda, todavia, a meu ver, para o coordenador, do que elucidativa, orientadora e útil para o leitor que não se atenha apenas à forma aparente dos dizeres.

Diferentes critérios têm efectivamente presidido à confeição dos adagiários ou rifoneiros, sem que alguma das que conheço, nacionais ou estrangeiras, corresponda cabalmente ao fim em vista.

Uns, como o P.e António Delicado, que, por vezes, cai em inconcebíveis aberrações (*), repartem os dizeres segundo a natureza dos assuntos, por numerosos agrupamentos, dispondo alfabèticamente as epígrafes que os designam, e, dentro de cada grupo, dando aos adágios a ordem alfabética das suas palavras iniciais.

É exclusivamente esta última ordem a que outros, como o P.e Bento Pereira, coetâneo do licenciado alentejano, adoptam, sem curarem de outros elementos distintivos reguladores duma arrumação melhor ideada. E foi o sistema por que se decidiu, a-pesar-dos seus defeitos, quer o compilador da mais copiosa colecção portuguesa publicada — o Dr. Pedro Chaves — quer, como já notei, o autor dos mais notáveis monumentos da paremiologia espanhola (**).

(*) Exemplos: o capítulo epigrafado — *Homem* — abre com êste adágio de enigmática relação com a epígrafe — *A espinha, quando nasce, leva o bico adiante;* e no intitulado — *Mulher* — acha-se êste dito — *Alguma coisa se há-de sofrer para branquecer!*

(**) *Más de 21.000 refranes castellanos no contenidos en la copiosa collección del Maestro Gonzalo Correas, allególos de la tradicción oral y de sus lecturas durante más de medio siglo* (1871-1926) e *12.600 refranes más no contenidos en la colección del Maestro Gonzalo Correas ni en «Más de 21.000 refranes castellanos»* 1930.

Também D. Francisco Manoel de Mello, cujo altíssimo espírito se afirmou em tão admiráveis obras, ao entregar-se, com menos felicidade, na *Feira dos anexins*, ao emprêgo e coleccionação de rifões, não o fez, conforme bem observou H. Lopes de Mendonça, por forma a que ali deixasse modêlo de bom método, nem de bom gôsto.

Outros ainda, como o recopilador dos *Adágios, provérbios, rifãos e anexins da lingua portuguesa*, seguem a ordem alfabética das palavras a que, nêsses ditos, bastas vezes arbitrâriamente, conferem o predomínio.

Tal foi o sistema adoptado nos dicionários de Bluteau e de Morais Silva, os quais em seguida à definição de cada um dos vocábulos que consideram dominante no adágio, é que registam êste; e tal foi também o de D. José Maria Sbarbi, no seu opulentíssimo *Diccionario de refranes, adagios, proverbios, modismos y frases proverbiales de la lengua española;* de Augusto Arthaber, no seu magnífico *Dizionario comparato di proverbi, e modi proverbiali italiani, latini, francesi, spagnoli, tedeschi, inglesi e greci antichi;* e do professor L. Martel, no *Indice geral* alfabético do seu *Petit recueil des proverbes français*, embora no texto dêsse curioso livro, destinado ao ensino das escolas, adoptasse classificação diversa, da qual não encontrei similar nos principais adagiaristas ou paremiólogos portugueses.

O método desta espécie de manual, não obstante se afigure o preferível, não está isento de suscitar dúvidas, como as que me embaraçaram, por vezes, quanto à inclusão de um ou outro dizer numa ou noutra das classes por aquele escritor adoptadas, e que me induziram às modificações que adiante aponto, para melhor definir e acentuar as diferenças entre divisão e divisão.

L. Martel forma as seguintes três classes:

«1.ª — Expressões proverbiais, ou modos de dizer figurados e metafóricos.

«2.ª — Provérbios que enunciam facto ou verdade da experiência, modo «de proceder ou de pensar comum a muita gente, mas sem o apresentar como «regra a seguir.

«3.ª — Provérbios que contêm ensinamento moral ou conselho prático.»

E em cada uma destas três divisões adoptou a ordem alfabética determinada pela letra inicial da locução.

Em síntese, e conforme a sua mesma terminologia: *expressões proverbiais; provérbios que enunciam factos, verdades ou conceitos; provérbios que constituem preceitos.*

Ou mais abreviadamente: *Dizeres proverbiais, enunciativos* e *preceptivos.*

Coincidem, essencialmente, as duas últimas classes com as dos que nesta obra respectivamente intitulei — *Dizeres de experiência* e *Dizeres de prudência.* Pareceu-me, porém, dever formar, com os que participam dos caracteres de ambas estas, uma terceira e nova classe — a dos *enunciativos, na forma, e preceptivos, na ideia.*

Literalmente, formulam apenas resultados da *experiência;* intencionalmente,

com o significado em que é mais freqüente usarem-se, traduzem avisos de *prudência.* Por exemplo: — *Quem quere vai, quem não quere, manda; Quem compra sem poder, venderá sem querer* — que podem ser, ao mesmo tempo, conceitos e preceitos; simples expressões de factos de conhecimento geral e advertências ou ensinamentos da prática, ministrados indirectamente sob a forma de verdades averiguadas; afirmações ou asserções, e simultâneamente sugestões ou instigações.

Os dizeres desta espécie, como todos os que envolvem conselhos indirectos, dados com aspecto meramente enunciativo (v. g. — *O que é de mais faz mal)* constituirão, pois, no *Indice* a nova classe a que aludi, visto revestirem, quer pelo facto, verdade ou conceito comum que consignam, quer pelo intuito ou propósito de preceito exortativo ou preventivo com que se empregam, quer pelo alcance moral ou educativo que geralmente se lhes dá, caracteres peculiares daquelas duas classes — dos experimentais e dos prudenciais, se, com rigor, assim é lícito chamar-se-lhes.

Quanto aos que L. Martel chama *proverbiais,* julgo esta denominação menos de aceitar como aplicável a todos os dizeres que nela inclui (*), e isto dentro do seu justo critério, traduzido na definição: — «*les proverbes proprement dits sont des jugements.*»

Por isso estabeleci, em relação a tais frases, estas distinções:

— ***Dizeres de sentido alegórico ou figurado,*** isto é (como se explica no citado *Peti Recueil)* «*façons de parler figurées et métaphoriques*», distribuídos por três grupos, do mesmo modo que os de sentido *literal* ou *real,* em que muitos também se empregam, posto que mais ràramente.

— ***Modos de dizer,*** ou sejam *frases-feitas* — «petrificadas» ou «estèriotipadas», segundo também lhes chamam — talvez as que o P.e Delicado tivesse querido designar por «palavras a caso» na advertência aos leitores dos seus *Adágios.*

«Essas expressões (escrevi no *Preâmbulo* do tomo I) por vezes de sentido convencional, constituem uma espécie de gíria com patente de introdução na linguagem familiar de todos nós.» Não ha nelas enunciação de verdade, nem de preceito, nem metáfora ou alegoria conceituosa, em suma, não apresentam nada que se assemelhe a provérbio, tomado êste como juizo ou sentença.

Entendi, pois, dever reunir estas frases em agrupamento à-parte, porque em nenhum dos outros me pareceu ter cabimento apropriado.

Ditados há com forma *preceptiva* ou de regra a seguir (v. g. *Cobra bôa*

(*) Por exemplo: *Faire le diable à quatre, Larmes de crocodiles, La toile de Penéloppe,* etc., frases em que não há nenhuma das características de provérbio, tal como, aliás, o próprio autor o compreende e define, e que entretanto agrupa nas *locuções proverbiais,* com tanta razão ou falta de razão como, num adagiário português, se agrupariam nessa classe dizeres dêstes: *Doutor da mula ruça, Santo Antoninho onde te porei, Três é conta que Deus fez,* etc.

fama e deita-te a dormir) que incluí na classe II, embora o sentido, por excepção, reprovável, os devesse fazer excluir de tal categoria, porque são, na verdade, menos de prudência do que de imprevidência (v. g. *Casar, casar, quer bem, quer mal),* menos de ensinamento moral do que de imoral incitamento (v. g. *Se tens físico amigo, manda-o ao teu inimigo, Morrer por morrer morra meu pai, que é velho).* Êsses ditos, dos poucos de instigação a más práticas que se encontram no adagiário, têm de reputar-se *preceptivos,* posto que de ruins preceitos.

Em conclusão: o arbítrio do classificador deve, a meu ver, regular-se pela função que o uso mais geral e predominante atribui ao adágio, e foi êste o critério que prevaleceu na classificação que organizei, sem pretensões a recomendá-la como perfeita, porque de muitos defeitos há-de padecer — de tantos, pelo menos, quantas foram, por vezes, as minhas hesitações nêsse inglório trabalho — e de conformidade com a qual reformei, em alguns pontos, a que primitivamente adoptara.

Dadas estas explicações, eis o plano ou esquema do *Indice geral.*

I — DIZERES DE EXPERIÊNCIA

ou ***enunciativos:***

— de factos, verdades ou observações críticas;
— de procedimentos, sentimentos ou conceitos comuns a muita gente, mas sem que se insinue a sua observância.

II — DIZERES DE PRUDÊNCIA

ou ***preceptivos:***

— de ensinamentos morais ou conselhos práticos;
— de prevenções, avisos, advertências ou exortações, geralmente para bem, e ràramente para mal.

III — DIZERES DE EXPERIÊNCIA E PRUDÊNCIA

ou ***enunciativos na forma, e preceptivos na ideia:***

— de indução ao que convenha praticar-se;
— de prevenção contra o que convenha evitar-se.

IV — MODOS DE DIZER

ou ***frases-feitas:***

que não *enunciam* factos ou reflexões de *experiência,* nem *preceituam* actos ou normas de *prudência.*

Os dizeres das classes I, II e III são usados:

a) uns ***em sentido literal ou real;***
b) outros ***em sentido,*** quer (mais raramente) ***literal ou real,*** quer (mais freqüentemente) ***alegórico ou figurado.***

INDICE GERAL *

DIZERES DE EXPERIÊNCIA

ou ENUNCIATIVOS

a) **em sentido literal ou real**

Acha o sandeu que todo o mundo é seu ..... III 53
A) afeição cega a razão ..... III 9
Água e pão é comida de cão ... I 84
Amigo anojado, imigo dobrado II 30
Amigo a rogar, imigo a pagar II 30
Amigo de todos e de nenhum tudo é um ..... I 28
O) amigo fingido conheces no arruído ..... II 30
De) amigo que não valha e faca que não talha não me dará migalha ..... II 38
Os) amigos são para as ocasiões ..... II 31
Amor de pai, que todo o outro é ar ..... II 103
Amor dobrado o do arrufado ... I 72
O) amor dum estudante não dura mais que uma hora ... II 17
O) amor é como a lua, quando não cresce, mingúa ..... III 9
» » » » » » » II 7
Amor e menino começam brincando e acabam chorando ... II 26
Amor louco: eu por ti, tu por outro ..... II 17
No) amor, quem foge é vencedor ..... II 20
Amor querido, amor batido .... III 51
Apartamento, esquecimento ..... III 17
No) apêrto do perigo conhece-se o amigo ..... II 32
Na) areia escreve o favor, grava em metal a ofensa ..... II 41
Arrenego do amigo que me encobre o perigo ..... I 21
Com) arte e engano vive metade do ano, e com engano e arte a outra parte ..... I 20
Beleza da bondade separada não vale nada ..... II 59
Bem ama quem não esquece II 18
Por) bem fazer, mal haver ... II 41
Bem parece o ladrão na forca II 111
O) bem pensado não sai errado II 97
Benta é a porta por onde a mulher fôr morta ..... II 116
Benvindo seja o mal que vem sòzinho ..... I 32
Bôa e honrada a viúva sepultada ..... II 116
Bôa palavra custa pouco e vale muito ..... II 128
Bôa ventura, com outra, dura II 63
As) boas contas fazem os bons amigos ..... II 33
Na) bôca do discreto o público é secreto ..... I 12
Em) bôca própria o louvor é vitupério ..... III 25
Bom audiente, bom respondente ..... II 97
Bom comer, mau morrer ..... II 70
Bom companheiro é o dinheiro I 81
O) bom dizedor antes perde o amigo que perde um bom dito ..... II 94
Bom dizedor, bom ouvidor .... II 128
A) bom entendedor meia palavra basta ..... II 128
Bom é o que Deus dá ..... II 87
O) bom ganhar faz bom gastar I 80
Bom serás, se morto estás ... III 44
Boquinha que apetece, coração que deseja ..... III 83

Cabe ao marido a prudência, cabe à mulher a paciência II 59

(*) A numeração romana indica os ***tomos***, e a outra as ***páginas***.
Os dizeres em ***normando*** serviram de temas ou motes para glosas.

Cada qual sentirá seu mal ... I 32
Cada tolo tem sua mania ..... III 54
Cada um canta como tem graça e casa como tem ventura II 57
Cada um dá o que tem e a mais não é obrigado ..... II 76
Cada um é para o que nasce Cada um sabe de si, e Deus de todos ..... II 84
O) calado é o melhor ..... II 49
Caro se compra o que se pede II 78
Os) carregados de ferro vão carregados de mêdo ..... III 12
Em) casa do varão, manda êle e ela não; na do varela, manda êle e ela; na do varunca, ela sempre e êle nunca ..... II 61
Casa sem ser ralhada será mal governada ..... III 13
Casar, casar, sôa-nos bem, sabe-nos mal ..... II 62
Casei com a gata, por causa da prata, roubaram-me a prata, fiquei com a gata ..... II 59
A) cem avisa quem a um castiga ..... III 13
A) cem fustiga quem a um castiga ..... III 13
Cento dum ventre, cada um de sua mente ..... I 14
A) chaga do amor quem a faz a sara ..... II 20
O) charuto e a mulher estão mais no acertar que no escolher ..... II 118
Chega-se o bem ao bem e o mal a quem o tem ..... II 49
Coisa rara, coisa cara ..... I 37
As) coisas vistas à noite, de manhã outras parecem ..... I 15
Comadre andeja, não há parte onde a não veja ..... II 121
Sem) comer não há prazer ... II 68
Comer, querer e coçar estão no principiar ..... II 71
Como fôr teu trato, eu assim te trato ..... III 42
Como o bem se chega ao bem, cresce o mal em quem o tem II 41
A) confissão obrigada não vale nada ..... III 26
Consultar a quem sabe é já saber metade ..... III 50
Conversa de amigos é roubo de tempo ..... III 84
Cria o mau senhor ao mau servidor ..... II 102
Criaste, não castigaste, mal criaste ..... III 30
Cuida-lo bem, fáze-lo mal ..... I 15
Cumpre depressa quem promete devagar ..... III 33
Cunhados e ferros de arados dentro do chão serão logrados ..... II 64

A) dádiva mal dada, para Deus não vale nada ..... II 77
Dai-me mãe acautelada, dar-vos-ei filha guardada ..... II 100
Os) defeitos do amigo lamento e não maldigo ..... II 35
Depois da festa coça na testa I 40
Depressa e bem não o faz ninguém ..... I 17
O) desejo torna formoso o que é feio ..... II 21
Deus ajuda a quem trabalha II 89
Deus é bom trabalhador, mas gosta de quem o ajuda ..... II 89
Deus faz o que quere, e o homem o que pode ..... II 91
De) Deus nos vem o mal e o bem ..... II 87
Deus nunca falta ao que promete ..... II 91
Deus que o assinalou, má pecha lhe encontrou ..... II 87
Dia em que bem farão, véspera de ingratidão ..... II 42
Com) dinheiro à vista toda a gente é benquista ..... I 41
Dinheiro compra pão, não compra gratidão ..... II 42
Com) dinheiro na mão em toda a parte há função ..... I 71
Entre o) dizer e o fazer muita coisa há que meter ..... III 15
Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens ... III 15
Diz-me com quem vás, dir-te-ei o que farás ..... III 15
Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és ..... II 68
Diz-me quem são teus pais, dir-te-ei a quem sais ..... II 101
O) doente perigoso torna o médico piedoso ..... III 28
Dois ruíns e dois tições nunca bem os compões ..... II 88
Donde vem a excomunhão, de lá vem a absolvição ..... II 87
Dor de mulher morta dura até à porta ..... II 117
Dor e desgraça serão para quem as passa ..... II 42

É começando que mais se ateia a guerra e a ceia ..... II 73
É de louco falar muito e calar pouco ..... II 51
É depois que nos falece que o bem melhor se conhece ..... II 41

É de vilão jogar a pedra e esconder a mão ..... II 138
É mais fácil aconselhar que praticar ..... III 19
É mais fácil dizer do que fazer III 15
Embora a traição agrade, sempre o traidor aborrece ..... III 64
É no prever que está o acertar I 76
É o céu de quem o ganha e a terra de quem a apanha ..... III 16
É pelo falar que a gente se entende ..... II 46
É tão ladrão o que entra na vinha, como o que fica ao portão ..... II 113
Engorda o menino para viver e o velho para morrer ..... II 67
Erros de físicos a terra os cobre ..... I 78
Os) erros que o médico obre a terra os cobre ..... III 28
Dos) escarmentados fazem-se os arteiros ..... I 38
A) espada vence, a palavra convence ..... II 128
Está o codear no começar ..... II 71
A) experiência é a mãe da ciência ..... I 18
A) experiência é a mestra da vida ..... I 18

Fácil no querer, fácil no aborrecer ..... II 28
A) fartura faz a bravura ..... II 71
Faz o homem o que pode, e só Deus faz o que quere ... I 77
Feita a lei, feita a malícia ... II 108
Feliz ao jogo, infeliz no amor II 19
Feliz, infeliz, é quem tal se crê, não quem outrem diz ... I 19
Feliz quem sempre espera! ... I 42
Filhos criados, cuidos dobrados ..... II 104
Foge a bôca para a verdade ... I 39
A) fome é má conselheira ..... I 19
Para a) fome não há pão duro II 72
A) fome não tem lei ..... II 70
Contra a) fôrça não há resistência ..... I 34
Dos) fracos não reza a história ..... III 44
Fui à da vizinha e envergonhei-me, tornei-me à minha e remediei-me ..... II 63
O) futuro a Deus pertence ... II 88

Gordura é formosura ..... II 71
Ao) gôsto estragado o doce é amargo ..... I 23
Grande amor, grande labor ... II 19
O) grande gabador é pequeno fazedor ..... III 25

Há bens que vêm por mal ... II 42
Há, em longa gèração, conde, rameira e ladrão ..... II 139
Há mais ingratos do que sapatos ..... II 42
Há males que vêm por bem ... II 42
Há mil modos de morrer, mas há só um de nascer ..... III 16
Há um tempo para falar, e outro para calar ..... II 45
Homem de bôa lei tem palavra de rei ..... I 74
Ao) homem decidido dá-lhe a fortuna a mão ..... I 21
O) homem ocupado não cuida coisas más, nem as faz ..... III 86
O) homem põe e Deus dispõe II 88
A) honra e o proveito não fazem jeito ..... III 61
A) hora de se comer é a da fome ..... II 71
O) hóspede e a pescada, aos três dias, enfada ..... III 34

A) ignorância é atrevida ..... I 43
Da) ignorância vista ao saber escondido pouco dista ..... I 44
Do) indigente ninguém se dá por parente ..... III 22
Jogou, pediu, furtou, jogará, pedirá, furtará ..... I 22
A) justiça a todos guarda, mas ninguém a quere em casa ... II 108

Lágrimas com pão passageiras são ..... I 114
Lágrimas de herdeiros, risos sorrateiros ..... III 49
A) lei de reinar é como a de amar ..... III 34
Lembra aos rapazes o que ao demo esquece ..... III 23
Lembra-se mais o crèdor que se lembra o devedor ..... III 45
Linda cara é meio dote ..... I 27
Os) livros cerrados não fazem letrados ..... III 33
De) longas vias, longas mentiras ..... I 47
Do) longe se faz perto ..... I 22
Longe da vista, longe do coração ..... III 17
Luar de Janeiro não tem parceiro, só o de Agosto lhe dá no rosto ..... III 9

De) mãe aguçosa, filha preguiçosa ..... II 101
Mãe, que é casar? Filha, é fiar, parir, chorar ..... II 64
Mágoa é vê-lo-ás e não o paparás ..... III 45

Em) má hora nascerá quem má fama cobrará ..... III 11
Mais agrada à mulher louca o pandeiro do que a touca ... II 121
Mais do que o dado vale a maneira de o dar ..... II 76
Mais faz quem quere do que quem pode ..... I 22
Mais lhe doi o alheio bem do que o próprio mal que tem III 60
Mais pode Deus a ajudar que velar nem madrugar ..... II 89
Mais quero para os meus dentes do que para os meus parentes ..... III 17
Mais sabe o tolo no seu do que o assisado no alheio ..... I 24
Mais são os casos que as leis II 108
Por) mais servir, menos valer III 19
Mais vale bôa esperança que posse má ..... II 60
Mais vale bôa palavra que oiro de bôa lavra ..... II 132
Mais vale cair em graça do que ser engraçado ..... I 23
Mais vale o que Deus ajuda do que o que muito madruga ... II 90
Mais vale prudência que ciência ..... III 48
Mais vale saber que haver ..... III 33
Mais vale um desengano que viver enganado ..... II 36
Mais vale um dia de amores que dez anos de latim ..... II 17
Mais vale um gôsto que alguns vinténs ..... III 47
Mais vale um que bem mande que dois que mal façam ... III 20
O) mal agradecido não é bem nascido ..... III 18
Dos) mal agradecidos está o inferno cheio ..... III 18
Mal alheio dá conselho ..... II 42
Mal de amor não tem cura ... II 15
Mal de muitos gôzo é ..... II 43
Mal é acabar-se o bem ..... II 39
O) mal e o bem à face vem ... II 43
» » » » » » » » ... III 79
Mal fala, mal ouve ..... II 98
Mal haver, por bem fazer ..... III 19
Mal viver, mal acabar ..... III 19
Manda quem pode, obedece quem deve ..... I 61
O) mandar não quere par ..... I 112
Mãos frias, coração quente, amor para sempre ..... II 19
Mãos quentes, coração frio, amor vàdio ..... II 19
De) médico e louco cada um tem seu pouco ..... III 27
O) mêdo é mau companheiro I 86
O) melão e a mulher são maus de conhecer ..... II 118
O) melhor bocado é o furtado II 21
Melhor que o tolo amigo é o assisado inimigo ..... III 53
Mentiras de caçadores são as maiores ..... I 46
Môça a aprazer, velha a beber, gastam o haver ..... II 116
A) môça como é criada, a estopa como é fiada ..... II 100
O) môço, por não querer, e o velho, por não poder, deixam as coisas perder ..... I 26
O) môço, por não saber, e o velho, por não poder, deixam as coisas perder ..... I 26
Môço que não é castigado, não sai letrado nem cortezão ..... III 30
Morte desejada, vida prolongada ..... I 90
Mostra-se o doido no riso ..... I 26
Muito amor, muito perdão ... II 26
O) muito e mal é o geral; o muito e bem, há pouco quem ..... I 17
Muito falar, muito errar ..... II 51
Muito falar, pouco saber ..... II 50
Muito falar, pouco saber; muito gastar, pouco ter; mais presumir do que valer ..... III 19
Muito padece quem ama ..... II 19
Muito pede o sandeu, mas mais o é o que lhe dá o seu II 78
O) muito prometer é espécie de negar ..... I 74
Muito riso é sinal de pouco siso ..... I 26
Muito riso, pouco siso ..... I 52
Muito se engana quem julga II 105
Mulher bôa, ave rara ..... II 116
A) mulher casta Deus lhe basta II 117
A) mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta II 119
Mulher de velho luz como espelho ..... II 135
Mulher doente, mulher para sempre ..... II 116
Mulher formosa, doida ou presunçosa ..... II 116
Mulher louçã, cabeça vã ..... II 116
Mulher palreira, fraca fiandeira II 116
A) mulher que bem se arreia nunca é feia ..... II 121
Mulher que muito se mira do fiado pouco tira ..... II 116
Mulher que sabe latim e mula que faz — him! — raras vezes têm bom fim ..... II 116
A) mulher que te quiser não diz o que em ti houver ..... II 58
A) mulher ri quando pode e chora quando quere ..... II 116

Com a) mulher rica e feia, ruím cama e bôa ceia ..... II 58
A) mulher sara e adoece quando quere ..... II 116
Mulhersinha de janela diz de todos e todos dela ..... II 120
Nada há tão forte que o não derrube a morte ..... III 73
Nada mais eloqüente que ter a bolsa quente ..... I 41
Não acabar é não fazer ..... I 75
Não dá quem tem, mas quem quere bem ..... I 23
Não escapa de ladrão o que se paga por sua mão ..... II 114
Não é vilão o da vila, senão o que faz vilania ..... II 138
Não há ausentes sem culpas, nem presentes sem desculpas III 20
Não há bem que sempre dure, nem há mal que sempre ature II 44
Não há boda sem canto, nem há morte sem pranto ..... I 52
Não há cárcere bonito, nem amor feio ..... II 20
Não há cego pior do que o que não quere ver ..... II 86
Não há como a mulher para fazer do homem quanto quere II 122
Não há formosa sem senão ... I 28
Não há formosa sem senão, nem feia sem sua graça ... I 24
Não há formosura sem ajuda I 27
Não há gèração sem conde ou ladrão, princesa ou rameira I 29
Não há gôsto sem desgôsto ... III 45
Não há mal tão lastimeiro como o de não ter dinheiro I 71
Não há mau pão para bôa fome II 72
Não há néscio que saiba calar III 54
Não há pior inimigo que o oficial do mesmo ofício ..... I 115
Não há prova de delito como a do papel escrito ..... III 25
» » » » » » II 49
Não há rio sem vão, nem regra sem excepção ..... II 120
Não há segredo que, tarde ou cedo, não seja descoberto ... I 12
Não há vício ou manjar que não enfade ..... I 72
Não sabe executar quem não sabe mandar ..... III 20
Não saberá governar quem todos quere contentar ..... I 28
Não saberá mandar quem não soube obedecer ..... I 28
Não se deseja o que o olhar não veja ..... III 17
Não será bom senhor quem não foi bom servidor ..... I 28
Não térá nada, se nada basta I 43
Necessidade faz lei ..... II 73
Na) necessidade prova-se a amizade ..... II 31
Nem a amar, nem a rezar, ninguém nos pode obrigar ..... III 9
Nem rei nem papa à morte escapa ..... III 35
Nem rio sem vau, nem estirpe sem mau ..... I 29
Nem só de pão vive o homem I 30
O) néscio calado por sábio é contado ..... III 54
Ninguém é bom juiz em casa própria ..... I 110
Ninguém está bem com o que tem ..... I 32
Ninguém está contente com a sua sorte ..... I 32
Ninguém foge à sua sorte ..... III 10
Ninguém largará sem dor o que possui com amor ..... II 20
Ninguém saberá ser filho senão quando chega a pai .... II 99
Nunca as desgraças vêm sós ... I 32
Nunca me arrependi do que não disse ..... II 96

Pelas) obras, não pelo vestido, é o homem conhecido ..... I 33
A) ocasião faz o ladrão ..... II 69
» » » » » ..... II 113
A) o de quem mêdo hão, logo o seu lhe dão ..... I 34
Ódio velho não cansa ..... I 33
» » » » ..... I 96
Olhos que não vêem, coração que não sente ..... III 17
Onde as farás, as pagarás ..... I 89
Onde fôrça não há, o direito se perde ..... I 34
Onde há vontade não roga a razão ..... I 23
Onde muitos mandam e ninguém obedece, tudo fenece III 20
Onde não há culpa, não há que haver desculpa ..... I 15
O) óptimo é o inimigo do bom I 71
O) opulento tem de parentes um cento ..... III 22
O que à boca apetece o coração o deseja ..... III 83
O que abunda não faz dano... I 38
O que dirão passa e o proveito fica ..... III 29
O que é bom é para se ver... II 121
O que é bom por si se gaba... III 42
O que é meu é meu, e o teu — meu e teu ..... III 31
O que é nosso às nossas mãos virá parar ..... II 108
O que não mata, engorda ..... II 72

O que não tem remédio, remediado está ..... III 29
O que o diabo não puder, fá-lo a mulher ..... II 116
O que tem de ser tem muita fôrça ..... III 10
A) os que dormem descansados, dormem os cuidados..... II 25
Os que vivem de esperanças morrem de desenganos ..... III 30
Os) ovos e as juras são para quebrar ..... III 64

Paga o justo pelo pecador..... I 35
» » » » » ..... III 23
A) pai guardador, filho gastador ..... II 101
Pai impertinente faz o filho desobediente ..... II 102
De) pai mau, filho bô, lá virá neto que saia ao avô ..... II 101
Pai não tiveste, mãe não temeste, mau te fizeste ..... II 102
De) pai vilão, filho fidalgo, neto ladrão ..... II 138
Palavra bôa unge, palavra má punge ..... II 131
Palavra de rei não torna atrás II 129
As) palavras boas são, se assim fôr o coração ..... II 130
Palavras não custam dinheiro II 131
Pão duro melhor que figo maduro ..... III 62
Papas à noite fazem azia ..... II 71
O) papel consente tudo ..... II 130
O) parvo, quando calado, por sagaz é reputado ..... II 49
O) parvo, quando calado, pouco dista do avisado ..... II 49
Peca o justo na arca aberta ... II 113
Os) pecados dos nossos avós fizeram-nos êles, pagamo-los nós ..... I 35
Pelejas de namorados são amores renovados ..... II 26
Perdoa o mal que lhe faz, só pelo bem que lhe sabe ..... II 42
Perto da igreja e longe de Deus ..... II 90
Pesar alheio não se sente senão meio ..... II 42
Os pés vão onde quere o coração ..... I 36
Pimenta aquenta ..... III 68
O) pobre desconfia da esmola grande de mais ..... II 77
Pobre é quem por pobre se tem ..... I 19
Pobreza força à vileza ..... I 36
Pobreza não é vileza ..... I 36
Pouco, em paz, muito se me faz ..... I 84
Pouco, em paz, muito se me faz ..... III 48
Pouco manda quem quere que lhe obedeçam muito ..... III 20
Em) pouco muito se diz ..... II 96
As) pressas dão em vagares I 17
Prestes tem a mentira bèsteiro que mal atira ..... I 46
Presunção e água benta cada qual toma a que quere ..... III 25
Na) prisão e no hospital vês quem te quere bem ou mal III 26
A) proibição é que faz a tentação ..... III 26

Qual cabeça, tal siso ..... I 56
Qual é Maria, tal filha cria ... II 103
Qual o filho, tal o pai, e qual o pai, tal o filho ..... II 100
Qual o rei, tal a lei; qual a lei, tal a grei ..... I 37
Quando Deus quere, os santos não rogam ..... II 88
Quando o doente diz — Ai! — diz o físico — Doi?... Dai!... III 27
Quando o vilão é rico, não conhece parente nem amigo ... II 137
Quando se come, não se envelhece ..... II 71
Quando um não quere, dois não baralham ..... II 108
Quanto mais apartado, mais desejado ..... III 17
Quanto mais vivemos, tanto mais sabemos ..... I 38
Quanto menos entende, mais repreende ..... I 44
Quem a dois senhores servir, a algum há-de mentir ..... I 38
Quem ameaça e não dá, mêdo há ..... III 67
Quem andou na festa, três dias não presta ..... I 40
Quem bem ouve, bem responde II 97
Quem bem quere, de longe vê III 17
Quem bem te amar, faz-te chorar ..... II 81
Quem bem vive, bem morre I 38
Quem cala, consente ..... II 50
Quem casa, quere casa ..... II 65
Quem conselhos não toma, ajudas não merece ..... III 50
Quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto ..... I 40
Quem dá, bem vende, se não é ruim quem o recebe ..... II 80
Quem dá, é pai ..... II 81
A) quem dão, não escolhe ..... II 76
Quem dá o pão, dá o castigo II 81
Quem dá, para receber, não dá III 13
Quem de sandice adoece, tarde ou nunca guarece ..... III 53

Quem de trinta não pode, e de quarenta não sabe, e de cincoenta não tem, não pode, nem sabe, nem tem ..... I 26
A) quem derem que escolher, dão que entender ..... I 91
Quem desdenha, quere comprar ..... I 41
» » » » ..... II 117
Quem deu, dará ..... I 22
A) quem Deus quiser dar vida, água fria lhe é mèzinha ..... II 89
Quem dinheiro tiver, fará o que quiser ..... I 41
Quem é de bom natural ouve mais o bem que o mal ..... II 98
Quem em amor se meter, não saírá quando quiser ..... II 26
Quem, em novo, é bonitinho, tem, em velho, seu jeitinho II 135
Quem enganar a ladrão, tem cem dias de perdão ..... II 114
Quem erra e se emenda, a Deus se encomenda ..... II 91
Quem espera, desespera ..... I 42
Quem é teu amigo tira-te do arruido ..... II 37
A) quem faça casa, ou se casa, fica-lhe a bolsa rasa ..... II 65
Quem fala de olhos fechados, quere ver outros enganados II 50
Quem gaba a mulher de bela, vive dela ..... II 58
— Para) quem ganhas, ganhador? — Para quem está dormindo ao sol ..... III 11
Quem honras faz, cortezias merece ..... III 51
Quem leva e traz, não deixa paz ..... I 42
Quem longe vai casar, ou vai enganado, ou vai enganar ... II 63
Quem mais faz, menos merece I 69
» » » » » II 42
» » » » » III 51
Quem mais jura, mais mente I 39
» » » » » III 64
Quem mal entende, mal conta III 53
Quem mal não usa, mal não cuida ..... I 42
Quem mal parece, de mal padece ..... II 43
Quem más manhas há, tarde ou nunca as perderá ..... I 48
De) quem mêdo hão, logo o seu lhe dão ..... I 78
Quem me quere bem, diz-me o que sabe, dá-me o que tem I 47
Quem me repreende, do mal me defende ..... I 43
Quem muito fala, pouco acerta II 50
Quem muito tem, muito gasta; quem pouco tem, pouco lhe basta; quem nada tem, Deus o mantém ..... I 43
Quem nada sabe, nada duvida I 43
Quem não aparece, esquece ... I 92
» » » » III 20
Quem não considera, não reconsidera ..... II 136
Quem não é por mim, é contra mim ..... II 37
Quem não experimenta, não sabe ..... I 18
Quem não faz da noite, noite, e não faz do dia, dia, não vive com alegria ..... I 77
A) quem não gasta, o pouco abasta ..... I 43
Para) quem não quere, temos nós muito ..... II 82
Quem não sabe é como quem não vê ..... III 33
Quem não sabe, nem aprende, por asno se vende ..... III 33
Quem não sabe sofrer, não sabe reger ..... I 28
Quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou ..... I 44
Quem não se escarmenta duma vez, não se emenda de três I 14
Quem não tem sogra ou cunhado é bem casado ..... II 64
Quem nos avisa nosso amigo é I 21
» » » » » II 32
Quem o feio ama, bonito lhe parece ..... II 21
A) quem o feio ama, formoso lhe parece ..... I 23
Quem para o bem não presta, para o mal remedeia ..... II 44
Quem parte e reparte, toma a melhor parte ..... III 31
Quem parte leva saüdades, quem fica saüdades tem ... III 31
Quem pensa, não casa; quem casa, não pensa ..... II 65
Quem perdoa a ruím, aumenta-lhe a ruindade ..... III 52
Quem pregunta, quere saber ... III 33
Quem quere mal à vizinha, dá-lhe em Maio uma sardinha II 119
Quem sai aos seus, não degenera ..... II 101
Quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer ..... II 22
Quem se emenda, a Deus se recomenda ..... III 18
Quem se faz temer, não se faz amar ..... III 70
Quem se não sabe calar, não sabe falar ..... II 49
Quem se não sente, é filho de má gente ..... I 46

Quem se não sente, não é de bôa gente ..... I 46
Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer ..... II 25
Quem se quere bem sempre se se encontra ..... I 47
Quem serve ao comum, não serve a nenhum ..... I 28
Quem se te encomende, caro se te vende ..... III 42
Quem sua fama tenha perdida, morto anda em vida ..... I 75
Quem tarde vier, como do que trouxer ..... II 72
Quem tem amores não dorme II 25
Quem tem criados, inimigos terá não escusados ..... I 78
Quem tem c..., tem mêdo ..... III 30
Quem tem filhos, tem cadilhos II 104
A) quem tem muito, dão-lhe mais ..... II 40
Quem tem mulher, tem o que há mister ..... II 65
» » » » » » II 117
— Quem teu inimigo? O do teu ofício! ..... I 95
A) quem vela, tudo se revela II 25
Querer desculpar a asneira, é asnear doutra maneira ..... I 43
Querer é poder ..... I 23
» » » ..... I 46
» » » ..... III 12

Rei por natureza, papa por ventura ..... I 112
Renego do amigo que me encobre o perigo ..... II 37
Riem com quem rir, choram com quem chorar ..... III 22
A) riqueza a valer é saúde e saber ..... I 39
A) rir, sem dizem verdades ... I 50
Riso pronto, miolo tonto ..... III 65
Às) romarias e às bodas sempre vão as loucas todas ... II 121

Em) sabendo de quem vens, sei o bem ou mal que tens II 139
Sai caro o que se roga ..... II 78
O) sandeu sabe no seu mais que o sisudo sabe no alheio I 43
O) sandeu trata do alheio, deixando o seu ..... I 44
São os néscios e porfiados que enriquecem os letrados ..... II 108
São todos filhos de Deus ..... III 69
Se a comida vês fazer, fartas-te antes de a comer ..... II 70
Se a inveja fôsse tinha, muita gente era tinhosa ..... III 60
Se dais a comum, não dais a nenhum ..... II 79
Segrêdo guardado é o que a ninguém é revelado ..... I 12
Se mais temos, mais apetecemos ..... I 32
Sempre as visitas dão prazer: se não é à entrada, é à saída III 34
Sempre o temor suspeita o pior ..... I 86
Se o amigo não presta e a faca não corta, a perca pouco importa ..... II 38
Se o amor fôsse cardial, há muito o demo era papa ..... II 25
Se o ganho é fácil, a despesa é louca ..... I 80
Sete vezes peca o justo ..... II 113
Por) seu mal é que se enfeita a mulher e a cereja ..... II 125
Dum) sim e dum não nasceu a questão ..... II 106
Sobe a palavra, quando o vinho desce ..... II 132
Sobeja é a mulher aonde esteja, mas aonde não está, falta fará ..... II 126
Sobram as culpas onde falta o amor... ..... II 25
Só cuidar não é saber ..... I 44
Sofre de mêdo quem tem mêdo de sofrer ..... I 99
Sopas e amores, os primeiros são os melhores ..... II 26
A) sorte faz parentes e a escolha faz amigos ..... II 35
Só sabe ser filho o que chega um dia a pai ..... II 103
Só uma porta a vida tem, enquanto a morte tem cem ..... III 16

Tais fomos nós, tais sereis vós II 102
Tais palavras te dizem, tal coração te fazem ..... II 132
Tal corre a água para o mar, cada qual corre para o seu natural ..... III 11
Tal pai, tal filho ..... II 101
Tantas sentenças quantas cabeças ..... III 34
Tanto morre o papa, como quem não tem capa ..... III 35
Tanto ri o insensato, como chora o timorato ..... I 52
Tanto tens, tanto vales ..... I 68
Tão culpado é o ladrão, como é o consentidor ..... II 114
Tão duro ao doido é calar, como ao sisudo falar ..... II 51
Tarde dar e não dar são a par II 82
Tardei, arrecadei ..... I 72
A) tarefa que agrada é depressa acabada ..... III 35
Sem) tempo nada se faz ..... I 115

(Com) tempo tudo se cura ... II 15
Tempos de guerra, mentiras vêm por mar e terra ..... I 49
Terra e cal cobrem muito mal III 28
Todos nascem a chorar, sem que morra alguém a rir ..... III 16
Tola em dobre é a pessoa que faz o mal e o apregoa ..... III 85
O) tolo a todos repreende, e mais fala do que menos entende ..... III 53
Para o) tolo não há boas razões III 53
Um) tolo sempre há-de ter outro maior que o admira ... III 53
O) tolo só faz à derradeira o que o sisudo faz à primeira III 53
Tomar amores não custa, mas deixá-los é que mata ..... II 26
O) trabalho é o capital que não falha ..... II 89
Triunfa sem prazer quem sem risco triunfar ..... I 99
Tudo que é vivo aparece ..... I 53

Um homem prevenido vale por dois ..... I 21
» » » » » I 83
Um louco fará cento ..... I 11
Por) um morto de sêde, morrem mil por beber ..... II 70
Um no papo e outro no saco e ainda chora pelo do prato II 68
Um pai para cem filhos, e não cem filhos para um pai ... II 102
A) união faz a fôrça ..... I 55
Vale mais bôa palavra que oiro de bôa lavra ..... II 46
Vale mais um gôsto que alguns vinténs ..... II 62
Vale mais um sim tardio que que um não vasio ..... III 45
Vale o pronto recusar mais que o falso prometer ..... I 74
Vão-se os amores, ficam as dores ..... II 26
Velhice é mal desejado ..... II 135
Velho gaiteiro, velho menino II 136
O) velho muda o conselho ... II 136
Vêm as glórias, vão-se as memórias ..... III 36
Vento e ventura pouco dura II 44
A) ventura maior é a que menos dura ..... II 44
A) ventura te dê Deus, que saber pouco te basta ..... II 89
Com a) verdade te engano ... III 64
Ver-te e amar-te foi obra dum momento ..... II 28
A) vida, a quem não pesa, não cansa ..... III 85
Vida é prazer daquele a quem falta o saber..... III 19
Vilão servido, vilão fugido ..... II 138
Sem a) virtude a beleza é como a rosa sem cheiro ..... II 59
Viúva rica casada fica ..... II 126
Viva quem vence ..... I 104
Vive metade do mundo à custa da outra metade ..... III 27
A) vizinhança é meia parentela I 69

b) em sentido alegórico ou figurado

Abatem os muros, crescem os monturos ..... I 106
O) abismo atrai (ou chama) o abismo ..... I 32
» » » » » II 40
Açoite, grande mèzinha ..... II 81
Com) açucar e com mel até pedras sabem bem ..... I 120
» » » » » » III 57
Ao) afortunado até os galos lhe põem ovos ..... III 10
Água mole em pedra dura tanto dá até que a fura ..... I 119
Ainda que o galo não cante, a manhã rompe ..... III 25
A) alva neve pisa-a o cavalo; a pimenta negra come-a o fidalgo ..... III 68
Amigo do bom tempo muda-se com o vento ..... II 29
Amor de menino é água em cestinho ..... II 16
Amor de mulher e festa de cão só olham para a mão ..... II 116
Por) amor dos santos, se beijam os altares ..... II 103
Anda em capa de letrado muito asno disfarçado ..... I 117
Ano mau tem dias largos ..... III 85
Aonde o ferro vai, vai a ferrugem ..... I 9
Apregoa vinho e vende vinagre III 42
Aquele que vê o argueiro no ôlho do companheiro não vê a trave no seu ..... III 21
Pela) aragem, sabe-se quem vem na carruagem ..... I 57
Arde o verde pelo sêco ..... III 58
Arrenego de grilhões, ainda que sejam de oiro ..... I 107

À) árvore caída todos vão buscar lenha ..... III 58
O) asno chapado crescerá sem ser regado ..... III 53
A) asno morto, cevada ao rabo I 105

Baixam as cadeiras, sobem as tripeças ..... I 106
Para) baixo todos os santos ajudam ..... III 57
Barco parado não faz viagem I 82
De) bôas intenções está o inferno calçado ..... III 18
Bôca de mel, alma de fel ..... I 20
Na) bôca do saco está o atilho I 107
Pela) bôca se aquenta o forno I 12
Boi sôlto lambe-se todo ..... I 107
Boi velho, rêgo direito ..... II 134
O) bom filho à casa torna ..... II 100
Com) bom traje se encobre ruim linage ..... I 33
Com) bom vento de feição é boa a navegação ..... II 89
Bom vinho escusa pregão ..... III 42
Do) bom vinho, o bom vinagre II 30

Cabeça louca dispensa touca... I 43
Cacareja sem pôr ovo ..... III 67
Cada bufarinheiro louvará seus alfinetes ..... III 42
Cada doçura custa uma amargura ..... I 29
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso ..... I 108
Cada um come do que gosta... II 68
» » » » » » ... III 68
Cada um diz da feira conforme lhe vai nela ..... II 94
Cada um sabe as linhas com que se cose ..... I 24
» » » » » » III 82
Cada um sabe onde o sapato lhe aperta ..... I 24
» » » » » » III 82
Cada um vê mal ou bem, conforme os olhos que tem ..... II 94
Cá e lá, más fadas há ..... I 13
Camponeza é a galinha e vai à mesa da raínha ..... III 68
À) candeia parece a burra donzela ..... I 15
O) cantar bem é de poucos II 53
Cântaro que vai muita vez à fonte, lá deixa a asa ou a fronte ..... I 109
Cantigas, leva-as o vento ..... II 54
» » » » ..... II 129
Cão de caça sai à raça ..... II 101
Cão que morde e não ladra ... II 48
Pelo) cão, se teme o patrão II 113
Carro que canta, o seu dono avança ..... II 54

Casa de esquina, morte ou ruína ..... I 118
Casa de ferreiro, espêto de pau I 110
Casa de ferreiro, o pior apeiro I 110
Casa de Gonçalo, onde pode (ou manda) a galinha mais que o galo ..... II 61
Da) casa do gato, não sai rato farto ..... I 110
O) casamento e a mortalha no céu se talha ..... II 62
Em) casa não tens sardinha, na alheia pedes galinha ..... III 12
Casa onde a roca manda a espada ..... II 61
Casa onde não há pão, todos ralham e nenhum tem razão II 25
» » » » » » II 73
Casa roubada, tranca na porta I 105
Casa sem mulher é corpo sem alma ..... II 65
Castigo de dura, uma no cravo, outra na ferradura ..... II 81
Cavalo bom não quere espora II 81
O) cego de amores não vê senão paredes ..... II 28
O) cesteiro que fez um cesto, faz um cento ..... I 14
Chave de oiro há-de servir para as portas todas abrir ... I 41
Chegar a brasa à sua sardinha II 119
Chôro de viuva é água da chuva ..... II 126
Chupa a abelha, e mel dará; chupa a aranha, e dá peçonha ..... III 11
Coelho roubado, orelhas de fora I 111
Comida feita, companhia desfeita ..... I 16
Conforme canta o abade, lhe responde o sacristão ..... III 22
Conheces o marinheiro quando vem a tempestade ..... III 14
Contar os pintos antes de nascidos ..... II 121
Contas na mão e o demo no coração ..... I 20
A) corda quebra pelo mais fraco ..... III 70
Correm os rios para o mar ... II 41
Correr por gôsto não cansa .... I 36
Cresce a mulher com bom marido como o oiro bem batido II 118
Cruz em peitos, diabo em feitos I 20
Cura-se a chaga do cão com pêlos do mesmo cão ..... II 14

Dá Deus a roupa segundo o frio ..... II 86
Dá Deus nozes a quem não tem dentes ..... II 84
» » » » » » III 69

Dá Deus o frio conforme a roupa ..... II 86
Dádivas quebrantam penhas... I 12
Por) dar, dão, dizem os sinos de Santo Antão ..... II 77
Por) debaixo dos pés se levantam os trabalhos ..... I 16
Pelo) dedo se conhece o gigante ..... II 55
Os) dedos das mãos não são iguais ..... I 14
Do) demónio a capa, que tapa dum lado, do outro destapa I 111
Depois de morto, nem vinha nem horto ..... III 14
Deus dá a barba a uns, e a outros dá a vergonha ..... III 66
Deus escreve direito por linhas tortas ..... II 86
Devagar se vai ao longe ..... II 60
O) diabo, em velho, fez-se ermitão ..... III 50
Diz a caldeira à certã: — Tira-te lá que me enfarruscas! ..... I 112
Diz o rôto ao nu: — Porque não te vestes tu? ..... I 112
Entre o) dizer e o fazer muita coisa há que meter ..... III 15
O) dôce nunca amargou ..... III 15
Doidos e porfiados fazem grandes telhados ..... I 18
Pelos) domingos se tiram os dias santos ..... I 17
Donde o abade canta, daí janta ..... I 95
Duas vezes somos crianças .... II 136

É melhor um pão com Deus que dois com o diabo ..... II 91
Enfeitai o cepo e parecerá mancebo ..... I 33
Dos) enganos vivem os escrivães ..... II 107
Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas ..... I 82
» » » » » » III 45
Enquanto uns batem o mato, outros apanham a caça ..... III 58
Enquanto uns gostam os figos, doutros rebentam os beiços III 58
Entram lambendo e saiem mordendo .... I 103
Entrar a lamber, saír a morder ..... III 18
É o precisar e o entrar no mar que ensinam a orar ..... I 51
É pior a emenda que o soneto III 59
Erva ruim não a queima a geada ..... I 109
A) espada e o anel segundo a mão onde estiver ..... I 83

O) espinho nasce já com seu biquinho ..... III 11
Êsse é o meu amigo, que moi no meu moinho ..... II 34
Estar na aldeia sem ver as casas ..... III 53
Estar na igreja, mas não ver os santos ..... III 53
Estorninhos e pardais todos querem ser iguais ..... I 67

Falai no Mendes, à porta o tendes ..... II 46
Falar em corda em casa de enforcado ..... II 47
Falo-te em alhos, respondes-me em bugalhos ..... II 48
Fazer do direito, torto ..... I 41
» » » » ..... III 20
O) fazer e o dizer não costumam comer à mesma mesa III 15
De) ferreiro para ferreiro não passa dinheiro ..... I 115
Fidalgo sem dinheiro é castelo sem ameias ..... I 71
Filho de gato mata rato ..... II 101
Filho de peixe sabe nadar ... II 101
O) filho do asno, uma hora ao dia, orneja ..... II 100
Pelo) fio, o novêlo ..... I 76
O) fogo e a água são maus amos e bons criados ..... III 60
O) fogo no coração atira o fumo à cabeça ..... II 19
Por) fora cordas de viola, por dentro pão bolorento ..... I 117
A) fruta proïbida é a mais apetecida ..... II 21

Gato escaldado de água fria tem mêdo ..... I 113
Gato escondido com o rabo de fora ..... I 111
Gato que a cobra morda tem mêdo à corda ..... I 113
A) glória vã floresce, mas não gradece ..... III 25
A) gôsto danado o doce é amargo ..... III 96
A) gota e gota o mar se esgota ..... I 115
Grande nau, grande tormenta I 18
» » » » I 114
Guardado está o bocado para quem o há-de comer ..... II 69

O) hábito não faz o monge, mas fá-lo parecer de longe I 20
Homem grande, bêsta de pau II 120
Um) homem não se mede aos palmos ..... II 120

A) honra e o proveito não cabem num saco ..... III 29
» » » » » » III 60
Honra sem proveito faz mal ao peito ..... III 29
À) hora de comer traz o diabo mais um ..... II 69

Imagina benzer-se, quando parte o nariz ..... III 59
Ir buscar lã, e vir tosquiado III 61
A) isca é que engana, não o pescador que tiver a cana I 34

Já a formiga quere ter catarro III 43
A) Justiça há sete mangas, e, por manga, sete manhas II 108

Até o) lavar dos cestos é vindima ..... III 94
O) leite é alvo, e vendem-no pela cidade ..... III 68
Lenha de figueira, rija de fumo e fraca de madeira ... III 65
Lenha verde e velho gogo, muito fumo e pouco fogo .... II 16
Limpaduras da minha eira mais valem que trigo da tulha alheia ..... II 63
O) lobo não mata lobo ..... I 115
Do) lodo sai, no arroio cai ... III 59
De) longe te trouxe um figo, mas, quando te vi, comi-o III 62

Mais anda quem tem bom vento, que o que rema com alento ..... I 27
Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo ..... III 63
Mais fácil é ao burro preguntar que ao sábio responder II 97
Mais quero à minha peneira pedir um pão apertado, que à vizinha um emprestado ... II 63
Mais vale vaca em paz que pombo em guerra ..... III 48
Pelo) mal do ferreiro matam o carpinteiro ..... III 23
O) mal dos nossos burricos é que nos faz alveitares ..... II 43
O) mal vôa, o bem sôa ..... II 44
Manha de Portugal: comer bem e dizer mal ..... I 24
Mão de mestre é mèzinha ... III 29
A) mão que é muito beijada quisera-se ver cortada ..... III 13
Mau capelão, mau sacristão ... III 15
Mau é o romeiro que diz mal do seu bordão ..... III 36
De) mau ninho, bom passarinho ..... II 102

A) má vizinha dá a agulha sem linha ..... I 69
O) mêdo é que guarda a vinha II 113
O) melhor espelho é o amigo velho ..... II 31
Ao) menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo ..... I 121
» » » » » II 90
A) mentira não tem pés ..... III 63
Para) mestre bom não há má ferramenta ..... I 79
Mestre fora, dia santo na loja I 25
Migalhas também são pão ..... III 48
Minha comadre andadora, tirando a sua casa, em todas as outras mora ..... II 118
Mona com seda, mona se queda I 120
Morrendo o bicho, morre-lhe a peçonha ..... III 65
Morto o afilhado, foi-se o compadrado ..... III 66
Os) mortos aos vivos lhes abrem os olhos ..... I 105
Mudam os ventos, mudam os pensamentos ..... II 136
Muita mão será beijada que se quisera cortada ..... III 18
Por) muito se madrugar não amanhece mais cedo ..... I 27
Mulher de bom recado enche a casa até o telhado ..... II 117
Mulher de janela, amora de estrada ..... II 120
Mulher janeleira, uva de parreira ..... II 120
Mulher virtuosa Deus a esposa II 117
No) mundo mesquinho, quando há para pão, não há para vinho ..... I 32

Não bebe em taberna, mas folga nela ..... I 50
Não cansa o que por gôsto corre ..... III 35
Não cava do coração senão o dono do furão ..... I 97
Não chega a vintém quem nasceu para dez reis ..... III 10
Não de quem nasces, mas com quem pasces ..... III 15
Não é o mel para a bôca dos asnos ..... I 116
Não há asas mais leves que as do mêdo ..... III 12
Não há bilha sem têsto ..... I 24
Não há cabeça a que falte a carapuça ..... III 20
Não há carne sem osso, nem fruta sem caroço ..... III 49
Não há casa farta sem roca a andar ..... I 86

Não há cego que se veja, nem torto que se conheça ..... I 27
Não há fumo sem fogo ..... I 116
Não há ninguém sem o seu pé de pavão ..... I 27
Não há trigo sem joio ..... I 28
Não se entretêm os leões na caça dos taralhões ..... II 55
Não se pescam trutas às bragas enxutas ..... I 29
Negro é o carvoeiro e alvo o seu dinheiro ..... II 34
Nem todo o branco é farinha I 117
Nem todo o mato é ourego ... I 117
Nem tudo que luz é oiro ..... I 117
Nem um dedo faz mão, nem uma andorinha faz verão .... I 17
Ninguém, a par, pode comer e assoprar ..... III 77
Ninguém é profeta na sua terra ..... I 50
Ninho feito, pêga morta ..... I 118
A) nódoa que põe a amora com outra verde se tira ..... II 15
De) noite todos os gatos são pardos ..... I 15
Nunca chega a cavalo o que nasceu para burro ..... III 11
Nunca sabe o mato aonde irá fazer lenha ..... III 11
A) nuvem passa, mas a chuva fica ..... III 29

O) oiro ao pobre se torna em cobre ..... III 10
Oiro é o que oiro vale ..... I 117
Olho que tudo vê, só a si não se vê ..... III 21
Olhos que não vêem, olhos que não pecam ..... III 21
Onde bem me vai, tenho mãe e pai ..... II 103
Onde muitos cospem, lama fazem ..... I 9
Onde não há, el-rei perde ..... III 29
Onde o oiro fala, tudo se cala I 41
Onde vai o pião, vai o ferrão I 36
Onde vai um português, vão dois ou três ..... III 22
Ontem vaqueiro, e hoje cavaleiro ..... II 112
O que arde, cura ..... II 81
O que arde, cura, e o que aperta, segura ..... III 68
O que há-de haver a alma, escrito está na palma ..... III 10
O que no leite se mama, na mortalha se derrama ..... I 48
O que o berço dá, a tumba o leva ..... I 48
De) o que sara o fígado, enferma o baço ..... III 28
O que se não faz ao mês, pelo ano se fará ..... III 94
O que se não faz no dia de Santa Maria, faz-se ao outro dia ..... III 94
O que se não pode haver, dá-se por amor de Deus ..... III 62
O que uma mora tinge, outra destinge ..... II 15

Palavra e pluma o vento as leva ..... II 129
Palavra fora da bôca é pedra fora da mão ..... II 130
Palavra puxa palavra ..... II 130
Palavras, leva-as o vento ..... II 130
As) palavras são como as cerejas ..... II 130
Palavras são femeas e factos são machos ..... II 132
Palavras sem obras são tiros sem balas ..... II 132
Pão mole breve se engole ..... III 70
Com) papas e bolos enganam-se os tolos ..... I 34
Parar é morrer ..... III 48
Pardal que tem fome, vem abaixo e come ..... II 73
Parecer e não ser é fiar sem tecer ..... I 67
» » » » » » » III 67
As) paredes têm ouvidos ..... II 21
Parentes são os meus dentes III 17
Numa) parte põe-se o ramo, e noutra vende-se o vinho ... III 66
Passinho a passinho, faz-se bom caminho ..... III 39
Pede o guloso para o desejoso II 79
A) pé de pobre todo o calçado serve ..... I 36
A) pedra é dura e a gota de água é miuda, mas, se cai de contínuo, abre-lhe cavadura ..... I 49
Pedra sôlta não tem volta . II 129
Os) peixes são para nadar e as toupeiras para minar ... III 11
Pelejam as comadres, descobrem-se as verdades ..... I 35
A) pena e a tinta são as melhores testemunhas ..... III 25
Por) pequena brasa arde grande casa ..... I 114
De) pequena bustela faz-se grande mazela ..... I 72
Pequeno machado abate grande carvalho ..... I 118
De) pequeno verás qual o boi que terás ..... I 48
Perdigão perdeu a pena, não há mal que lhe não venha II 41

O) pêrro velho não aprende linguagem ..... II 134
Pés não tem, coices promete III 67
Poderoso cavaleiro é D. Dinheiro ..... I 41
A) porfia mata veado, e não bésteiro cansado ..... I 37
Porque há mais alhos que canela é que êles valem menos que ela ..... I 37
Pote vasio é o que mais sôa I 44
Pouca peçonha não mata ..... II 119
O) pouco fel dana muito mel II 40
» » » » » » II 119
Preta é a pimenta e vão por ela à tenda ..... III 68
Preto no branco fala como gente ..... II 49
» » » » » III 25
Preto velho não aprende linguagem ..... II 134
Punhal de lata em baínha de prata ..... I 20
Puxa a cabra para o monte ... I 118

Quando a comida é gorda, o testamento é magro ..... III 27
Quando a comida tarda, a fome é bôa mostarda ..... II 73
Quando a fome entra pela porta, sai a honra pela janela ..... I 19
Quando a fonte sêca fôr é que a água tem valor ..... II 41
Quando há saúde estão os santos quedos ..... I 51
Quando o sol nasce é para todos ..... III 69
Quanta gente anda no mundo só por vêr andar os mais! III 22
Quanto mais luza o luar, mais lhe hão-de os cães ladrar .... I 10
Quem a meus filhos beija, minha bôca adoça ..... II 103
Quem anda cego de amores não verá senão paredes ..... II 21
Quem antes nasce, antes pasce II 72
Quem arma a esparrela, muita vez cai nela ..... I 46
Quem bater com a mão apanha o seu quinhão ..... III 13
Quem bem ata, bem desata ... III 46
Quem canta, não cantareja .... II 55
Quem das ervas nasce, pelas ervas pasce ..... III 12
A) quem de porcos há mêdo, roncam-lhe as moitas ..... III 30
A) quem Deus quere bem, até o vento lhe apanha a lenha ..... I 95
Quem é negro de nação, nem a poder de sabão! ..... II 101
Quem ladeira acima corre, por sua vontade morre ..... I 37
Quem muito pede, muito fede II 79
A) quem não fala (ou não roga) não o ouve Deus ..... II 92
Quem não sabe para si não abre escola ..... III 16
Quem não tem esfôrço, foge mais que o corço ..... III 30
Quem não tem manha, morre no ar como uma aranha ..... I 94
Quem não tem vergonha todo o mundo é seu ..... I 45
» » » » » II 113
» » » » » III 29
Quem não tiver padrinho, morre moiro ..... I 95
Quem porcos busca, a cada moita grunhem ..... I 45
Quem quere cavalo sem tacha, sem êle se acha ..... II 82
Quem quere em um ano enricar, vai, aos seis mêses, a enforcar ..... I 45
A) quem quere festa, sua-lhe a testa ..... I 29
Quem quere um amigo, pega-lhe uma sova ..... II 38
Quem quiser pescar, há-de se molhar ..... I 29
Quem se encosta ao ferro, enferruja-se ..... III 15
Quem se mata, morre cêdo .... III 94
Quem tem bôca vai a Roma I 47
Quem tem burro, e anda a pé, ainda mais burro é ..... III 68
Quem tem fome, cardos come II 73
Quem tem mazelas, tudo lhe dá nelas ..... I 76
Quem tem muito mel nas versas o deita ..... I 62
Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita ..... I 48
Quem unta, amolenta ..... I 12
» » » ..... I 108
Quem vai á guerra, dá e leva I 49
Em) que pensa o porco? — na bolota ..... III 69
Querer dizer amor, mas não lhe chegar a língua ..... II 134
Querer fazer a chuva e o bom tempo ..... III 72
Querer o sol na eira e a chuva no nabal ..... III 72
Querer que a luz da lua lhe amadureça as uvas ..... III 72

O) rabo é o pior de esfolar ... I 119
A) raposa que tarda, caça aguarda ..... II 72
Rio passado, santo de lado ... I 64

A) Roma todo o caminho vai dar ..... I 47
Ruim vaso não quebra ..... I 109

O) saber ranger os dentes não é o mesmo que saber dar dentadas ..... III 65
Sai a acha ao madeiro ..... II 101
Os) santos aos parvos aparecem ..... I 116
Os) santos de casa não fazem milagres ..... I 50
Sarna de gôsto não pica ..... I 36
Se a pirula bem soubera, não se doirava por fora ..... I 120
» » » » » » III 57
Se deixou o vinho, folga na taberna ..... I 50
Se em casa não está o gato, estende-se o rato ..... I 26
Se estás na tua tenda, não te acham na contenda ..... I 35
Segrêdo de três o diabo o fez III 97
Segrêdo em bôca de mulher é manteiga em narizes de cão I 12
O) seguro morreu de velho em casa do acautelado ..... I 51
Se o cepo enfeitais, por mancebo o tomais ..... I 120
Se o ladrão anda com frade, ou o frade será ladrão, ou o ladrão será frade ..... II 114
Sofre, quando fôr bigorna, e, quando fôr malho, malha III 10
O) sol aquece igualmente o rico e o indigente ..... III 69
Só lembra Santa Bárbara quando fazem trovões ..... I 51
Solteiro, pavão; noivo, leão; casado, jumento ..... II 65
O) sono é bom conselheiro ... III 52
Só o rio não torna atrás ..... II 136

Tal paga, tal cura ..... I 61
Tantas vezes vai o cântaro ao poço até que lá lhe fica o pescoço ..... I 109
Em) tempo de figos não há amigos ..... III 62
O) tempo é dinheiro ..... III 53
Tempo mudado, mudado o conselho ..... II 136
A) tenda e a venda são para quem nas entenda ..... III 33
Ter garras não é o mesmo que ser leão ..... III 65
Em) terra de cegos, quem tem um ôlho é rei ..... I 52
Toda a panela feia acha o seu cobertoiro ..... I 24
Todo o burro come palha, o caso é saber-lha dar ..... II 73
Todo o sapato belo dá em feio chinelo ..... III 73
Todo o sapato lindo dá em chinelo feio ..... I 91
Todos são filhos de Adão e Eva ..... III 86
O) tolo faz a comida que o esperto vem a comer ..... III 53
Tropeçar não é cair, é meio caminho andado ..... III 36
Tudo é vento, se não há rei nem prior em convento ..... I 25

Uma mão lava a outra, e as duas lavam o rosto ..... I 56
Uma onça de senso e tento vale arráteis de talento ..... III 48
Um grão não enche o celeiro, mas ajuda o companheiro ... I 115
Unhas de gato no hábito de beato ..... I 20
Pelas) unhas se conhece o leão II 55
Uns nascem para santos e outros para tamancos ..... III 10

Vêem-se caras e não se vêem corações ..... I 57
» » » » » » III 79
Velho amador é inverno com flôr ..... II 134
Os) velhos tornam a engatinhar ..... II 136
Com) vento de feição não há má navegação ..... III 14
O) ventre em jejum não ouve nenhum ..... I 19
A) verdade amarga ..... II 40
» » » ..... III 64
A) verdade anda sempre à tona de água ..... III 63
A) verdade é filha de Deus ... III 64
A) verdade não quere enfeite III 64
A) verdade não tem pés, e anda ..... III 64
Ver no ôlho de outrem o argueiro, sem ver a trave no seu ..... I 112
Ver o argueiro no companheiro, não o trambolho no próprio ôlho ..... II 117
Ver o argueiro no ôlho do companheiro, sem ver a tranca no seu ..... I 27
Véu e mortalha no céu se talha ..... III 10
» » » » » » 82
No) vinho está a verdade ..... II 132
A) viuva rica com um ôlho dobra e com outro repica ... II 126
Vozes de burro não chegam ao céu ..... I 121

DIZERES DE PRUDÊNCIA

ou PRECEPTIVOS

a) **em sentido literal ou real**

Abre a tua bolsa, abrirei a minha bôca ..... I 108
Aceita o bem conforme vem ... III 11
Ao) agradecido, mais que o pedido ..... II 80
Ainda que velho, não desprezes conselho ..... I 79
Ajuda-te, que Deus te ajudará II 84
Ama a quem te ama, e responde (ou vai) a quem te chama ..... II 8
» » » » » » » III 42
Amar e reinar, nunca dois a par ..... I 112
Amar o próximo como a nós mesmos ..... II 13
A) amigo e a cavalo não hás-de apertá-lo ..... II 36
Ao) amigo incerto, com um ôlho fechado e com outro aberto ..... II 31
Do) amigo não esperes o que tu puderes ..... II 31
De) amigo reconciliado e de caldo requentado, nunca bom bocado ..... II 31
Amigos, amigos, negócios àparte II 32
Amor com amor se paga ..... II 14
Amor do coração, e só da bôca não ..... II 16
Antes — Bem fiz eu! — do que — Se eu soubera! ..... I 120
Antes bom vagar que ruím pressa ..... III 36
Antes cautela que arrependimento ..... I 120
Antes de casar, tem onde morar, terras para lavrar, vinhas para podar ..... II 59
Antes de mais que de menos I 62
» » « » » » I 111
Antes desejado que aborrecido I 92
Antes desejo que fastio ..... II 60
Antes filho de pobre que escravo de rico ..... I 107
Antes invejado que lastimado III 60
Antes morte que má sorte ... I 62
Antes mulher de ninguém, que manceba de alguém ..... II 125
Antes nada dizer que dizer nadas ..... II 96
Antes nada fazer que fazer nadas ..... III 41
Antes não começar que não acabar ..... I 77
» » » » » III 41
Antes o corpo à morte, que a vida à má sorte ..... I 62
Antes pobre honrado, que rico ladrão ..... I 71
Antes pouco, honrado, que muito, roubado ..... II 112
» » » » III 41
Antes que cases, olha o que fazes ..... II 60
Antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que tu desates ..... II 61
Antes resvalo de pé que da língua .... II 49
Antes sós que mal acompanhados ..... I 56
Antes te deites sem comer, que te levantes a dever ..... II 69
Antes velho ajuizado que moço desatinado .... II 134
Aonde te querem muito não vás a-miude ..... I 92
Aprende, chorando, e rirás, ganhando ..... I 52
Aprender até morrer! ..... I 63
Aquém ou àlém, vê sempre com quem ..... I 63
Bem dissimular para bem governar ..... II 129
Ao) bem procurá-lo, e ao mal estorvá-lo ..... II 42
Bôa demanda ou má demanda, o escrivão por tua banda ... II 106
Ao) bom amigo, com teu pão e teu vinho ..... II 33
Bom pedidor, bom tenedor ... II 79
Com os) bons te ajuntarás, se queres viver em paz ..... I 65
Cada qual com seu igual ..... I 67

A) casa, a vinha e o potro, faça-os outro ..... I 118
Casamento a par do lar, compadre de além do mar ..... II 63
Casamento, apartamento! ..... II 62
Casa onde caibas, roupa quanta vistas, terra quanta avistas, ou tanta que tu não saibas I 36
Casar, casar, quer bem, quer mal ..... II 62
Casar e compadrar, cada um com seu igual ..... II 63
A) causa ruím, falar sem fim II 110
Aos) cavalos e às mulheres é livrá-los de alugueres ..... I 65
Chega-te aos bons, e serás um dêles ..... I 65
Por) cobiça de florim, não te cases com ruím ..... II 58
As) coisas chamam-se pelos seus nomes ..... III 80
Como falarás, assim ouvirás ... II 98
Conselho de quem te quere, inda que pareça mal, escreve o que te disser ..... II 33
Contenta-te com o teu estado, se queres viver descansado ... I 32
Cunhados, sogra e furão, logrados dentro do chão ..... II 64

Dá-me dinheiro, não me dês conselhos ..... I 79
Dá ofício ao vilão, e conhecê-lo-ão ..... II 139
No) dar e no tomar, cuidado no enganar! ..... II 79
Deixa fazer a Deus, que é santo velho ..... II 83
Deixemos os pais e avós, e sejamos bons por nós ..... I 35
De) demanda guar-te, em que sejas parte ..... II 106
Deseja o melhor, e espera o pior ..... I 42
Deus te dê contenda com quem te entenda ..... II 106
Deus te tenha guardado do amigo reconciliado ..... II 31
Sem) Deus vai até à porta, e com Deus através dos mares II 83
Dia de S. Tomé, quem porco não tiver, mate a mulher ... II 116
Do) dinheiro e da bondade, a metade da metade ..... I 66
» » » » » » III 62
Com o) direito por teu lado, nunca receies dar brado ..... II 108
Dize pouco e dize bem, e terte-ão por alguém ..... II 94

Escreve antes que dês, recebe antes que escrevas ..... I 66
Esqueça donde vem, cuidando donde vá ..... I 108

Fala à gente e guarda o teu dinheiro ..... II 46
Farás o teu filho herdeiro, não o faças despenseiro ..... II 101
Faze o bem e não olhes a quem II 41
Faze o que deves fazer, suceda o que suceder ..... I 77
Faze o que êle diz, e não o que êle faz ..... I 67
Faze por ter, vir-te-ão ver ..... I 68
A) filho e a amigo, pão e castigo! ..... II 34
Filho és, pai serás, como fizeres, acharás ..... II 102
Filho que os pais amargura jàmais conte com ventura ..... II 100
Filhos e criados não deves mimar, se os queres lograr ... II 102

Gostos não se discutem ..... I 24
» » » » ..... III 96
Para) grandes males, grandes remédios ..... I 114
Guardar daqueles que Deus assinalou ..... II 88
Guar-te de mau vizinho e de quem fôr mesquinho ..... I 69
Guar-te do todo, se tens algum miolo ..... III 53

Haja cuidado em o ganhar, que tempo fica para o gastar ..... I 81
Homem honrado, antes morto que injuriado ..... I 75
Com) homem interessal não juntes teu cabedal ..... II 33

Julgue-se pelas acções, não pelos dobrões ..... II 107

Lé com lé, cré com cré, cada qual com os da sua ralé ..... I 67

Madruga e verás, trabalha e terás ..... I 27
Do) mal, o menos! ..... II 119
Do) mal que fizeres não tenhas testigo, ainda que amigo ..... II 109
Manda e faz, servido serás ... I 97
A) má sorte, bôa cara! ..... I 62
Do) mau te afastarás, e ao bom darás ..... I 69
Meninos e passarinhos, à janela dos vizinhos ..... II 104
Mentir, nem zombando! ..... I 39
Merece primeiro, e pede em seguida ..... II 79
Mete a mão no seio, não dirás do alheio ..... II 98

Morra o homem, mas fique a fama ..... I 37
Até à) morte, pé forte! ..... III 44
Aos) mortos e aos ausentes, não doestes, nem atormentes III 20
Muito pensar, pouco falar, menos escrever ..... II 46
A) mulher e a galinha, com sol recolhida ..... II 118
A) mulher e a ovelha, com sol à cortelha ..... II 118
Mulher e cão de caça, procurai-os de raça ..... II 125
Da) mulher e da sardinha, a mais pequenina ..... II 119
A) mulher em casa e o homem na praça ..... II 61
Com) mulher louca, andem as mãos, cale-se a bôca ..... II 116
Mulher que foi, cavalo que há-de ser, não me venham ver II 121

Não bebas coisa que não vejas, nem carta assines que não leias ..... I 70
Não busques para amigo a rico nem a nobre, mas bom, ainda que pobre ..... II 35
Não dês o dedo ao vilão, porque há-de tomar-te a mão ... II 138
Não digas tudo o que souberes, nem creias tudo quanto ouvires, nem faças tudo o que puderes ..... II 95
Não há má palavra, se a puserem no seu lugar ..... II 127
Não me chames benfadado, sem me veres enterrado ... III 11
Não metas dinheiro em saco, sem veres se tem buraco ... III 47
Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu ..... II 79
» » » » » » II 139
Não proves o amigo em coisa de interesse ..... II 36
Não queiras contas com parentes nem dívidas de ausentes II 33
Não queiras mais do amigo do que êle quere contigo ..... II 33
Não queiras potro, nem mulher doutro ..... I 70
» » » » » II 21
Não te exaltes por riqueza, nem te abaixes por pobreza I 71
Não te fies em vilão, nem bebas em charqueirão ..... II 138
Não te fies, se não queres ser enganado ..... III 13
Não te louves, sem que o proves ..... III 25
Não te metas a comprar o que não podes pagar ..... III 47
Não te metas onde não sejas chamado ..... I 66
Não vivas para comer, e come para viver ..... II 70
O) necessário aproveita-o, e o desnecessário rejeita-o ..... III 47
Nem a todos dar, nem todos guerrear ..... I 72
Nem casa em ladeira, nem mulher bailadeira ..... II 116
Nem mulher casada, nem vinha vindimada ..... II 21
Nem sobejo, nem minguado! ... I 72
Nem tão feia que espante, nem tão linda que mate ..... I 73
Nem tão velha que caia, nem tão môça que salte ..... I 73
De) nenhuma coisa muito! ..... I 38
Os) néscios deviam ter discretos por senhorios ..... III 54
Nunca dês louvor senão a quem o não pedir ..... III 25
Nunca digas o que sabes, sem saberes o que dizes ..... II 96
Nunca erva no trigo, nem suspeita no amigo ..... II 36
Nunca julgues os cabos pelos começos que vires ..... III 41
Nunca mostres o fundo, nem da bolsa, nem da alma ..... III 47
Nunca serás amado, se em ti só tens cuidado ..... III 71

Onde manda a razão, obedeça o apetite ..... III 43
Por) onde pequemos, por aí paguemos ..... I 35
Por) onde vás, tal como vires, farás ..... I 108
O que houveres de negar, não o entregues por escrito ..... III 25
O que se há-de ficar devendo aos santos, pede-se a Deus ... II 92
Ouve cem vezes, e fala uma só II 96
Ouve primeiro, e fala derradeiro ..... II 97

Palavras loucas, orelhas moucas ..... II 131
» » » » III 43
Partamos como irmãos: o meu, meu, e o teu, de ambos ..... II 35
Com) pau se quere mula e mulher ..... II 116
Peça a Deus que o mate, e ao diabo que o leve ..... III 40
Pensa muito, fala pouco, escreve menos ..... II 95
Ao) perdido, perde-lhe o sentido ..... III 87
Perdoar, uma vez, e não três I 96

De) pessoa calada afasta a tua morada ..... II 48
Pintura e peleja, de longe se veja ..... I 35
» » » » » » II 109
A) pobre não prometas e a rico ***não faleças*** ..... I 74
Porfiar, mas não apostar! ..... I 21
Poupai o vosso, não mendigareis o alheio ..... III 48
A) pregunta apressada, vagarosa resposta ..... II 97
Primeiro a obrigação, depois a devoção ..... II 68
» » » » » III 45
De) prudência é não querer o que não se pode haver ... I 77

Quando vivo o não fizeres, dos herdeiros não o esperes ..... III 49
Quem a si se teme, nada terá que temer ..... III 12
Quem dá o pão, dá o castigo ... II 81
Quem deu, cale; quem recebeu, fale ..... II 79
Quem deve a Pedro e paga a Gaspar, torne a pagar ..... II 33
A) quem hás-de rogar, não hás-de assanhar ..... II 92
Quem mal quere, por mal espere ..... I 89
Quem muito fala e pouco sabe, de asno se gabe ..... II 50
Quem não pode como quere, queira só como puder ..... III 89
Que morra o homem, mas que fique a fama ..... I 74
Quem quere ser amado, ame... II 12
Quem quere ver o porvir, olhe o passado ..... I 113
Com) quem te achares, com tal te afares ..... I 108
A) quem tudo quere nada se lhe dá ..... II 82
» » » » » » II 98
A) quem tudo quere saber, nada se lhe diz ..... II 98
Queres ver o porvir? Olha o passado! ..... I 76
Sem) que se prove, nada se louve ..... I 75
Que só se veja quem só se deseja! ..... I 86

Resolve devagar e executa depressa ..... I 77
Para) ruím, ruím e meio! ..... II 46
» » » » » II 114

Da) sardinha e da mulher, a maior que houver ..... II 120
Se a rico queres chegar, vai devagar ..... I 45
Se não fazes o que queres, faze o que puderes ..... I 77
Se não puderdes ser casta, pelo menos sêde cauta ..... I 117
Se o gôsto é mais que o proveito, dai o trato por desfeito III 47
Se queres enfermar, ceia e vai-te deitar ..... II 73
Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz ..... II 110
Se queres ser pobre sem o sentir, é obreiros meter e deitar-te a dormir ..... I 25
Se queres ter bôa fama, não te tome o sol na cama ..... I 77
Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão ..... II 139
Se quiseres viver são, faz-te velho temporão ..... I 39
Se tens físico amigo, manda-o ao teu inimigo ..... I 78
O) seu a seu dono! ..... I 78
Siga-se a verdade, siga-se a razão, quer a uns agrade, quer a outros não ..... I 39
Sofra quem penas tem! Trás tempo, tempo vem ..... I 42
» » » » » III 94
Sofre, e sofrer-te-ão! ..... III 71

De) todos, os conselhos ouvirás, só o teu seguirás ..... I 79
Com) tolos nem para a missa! III 53
Trabalha tu, que Deus te ajudará ..... III 79
Trabalhemos e roguemos, Deus fará com que alcancemos ..... II 90
Trastes velhos e parentes, poucos e ausentes ..... I 69
Trata com teu amigo como se houver de vir a ser teu inimigo ..... II 35
Tu que sabes e eu que sei, cala-te tu, que eu me calarei I 35

A) um tredor, dois aleivosos! II 114
Usa e serás mestre ..... I 79

Vai ao pobre, sem chamado, e ao rico, por convidado ..... I 71
Vai-te lá ganho, que me dás perca! ..... I 80
Vá onde puder, morra onde dever! ..... III 70
Vede-se ao tolo o que se quere que êle faça ..... III 53
A) velho recém-casado rezar-lhe como a finado ..... II 135

A) verdade manda-nos Deus que se diga ..... I 39
Ver e crer! ..... I 75
Ver e crer como S. Tomé! ... I 57
Veste-te a uso e como a gôsto II 71
Vinho, azeite e amigo, o mais antigo ..... II 31
Vive de sorte que aches a vida na tua morte ..... I 38
» » » » » » » III 44

b) em sentido alegórico ou figurado

Albarde-se o burro à vontade do dono ..... I 61
Para os) amigos, mãos rotas! II 32
Andar a trote, para haver capote ..... III 39
Antes aguilhão que boi! ..... III 60
Antes burro vivo que doutor morto ..... III 39
Antes dar um ôlho ao diabo que uma mão ao amor ..... II 25
Antes de entrares, pensa na saída ..... I 90
» » » » » » III 40
Antes dês ao gato do que leve o rato ..... II 106
Antes fato coçado que enodoado ..... III 41
Arma-te em paz, e veste-te na guerra ..... I 83
Arranja casa com lar e mulher que saiba fiar ..... II 58

Baila como tangerem ..... I 35
Beija o bode, porque pode dar em odre ..... I 64
A) bêsta comedeira, pedras na cevadeira ..... II 70
A) boda e a baptisado não vás sem ser convidado ..... I 64
De) bom pastor é tosquiar, e não esfolar ..... III 61

Cada mocho no seu soito! ..... I 118
Cada ovelha com sua parelha! I 65
» » » » » II 63
Caminha pela estrada e encontrarás poisada ..... I 90
A) casa com lar e a mulher a fiar! ..... II 61
Em) casa de ladrão não fales em baraço ..... II 47
A) cavalo dado não olhes o dente ..... II 76
Cobra bôa fama e deita-te a dormir ..... I 65
» » » » » » I 77
Coma o mau bocado quem comeu o bom ..... III 49
Como êle te medir, assim lhe medirás ..... II 35
Como me medires, eu te medirei ..... III 42
Compra a enforcado e vende a esposado ..... II 112
Confia no futuro, mas põe a casa no seguro ..... I 51

Um) dia bom mete-se em casa I 25

O) empenado quere-se quebrado ..... I 48
A) escusas de mau pagador, ouvidos de mercador! ..... III 43

Falai no mau, aparelhai o pau e olhai para a porta ..... II 46
Falta capão? Cebola e pão! ... II 73
Farelo com farelo, farinha com farinha! ..... I 67
Por) fazenda alheia ninguém perca a ceia ..... I 97
Foges do fumo e cais no fogo II 110

Guarda que comer, não guardes que fazer ..... II 68

A) homem pobre, pano bom cântaro de cobre ..... I 97

Ide pelo meio e não caireis I 72

Mais vale cegar que mal ver I 52
Mais vale de roda ir que no charco cair ..... III 36
Mais vale um ***hoje*** que dois ***amanhãs*** ..... III 94
Entre) marido e mulher não metas a colher ..... I 66
Morra Marta, mas morra farta! II 72
Morrer por morrer, morra meu pai, que é velho ..... I 81
Mula com mataduras, nem cevada, nem ferraduras! .... I 69
Mulher como a franga, que caiba na manga ..... II 120
Mulher e pedrado quere-se pisado ..... II 116
Mulher feia quere-se sem candeia ..... II 116
A) mulher, roca, ao homem, espada ..... I 85

Não beba quem não suar ..... I 93
Não caças lebres a tocar tambor ..... III 47
Não contes com o ovo no c... da galinha ..... I 85
Não cortes o que podes desatar ..... III 46
Não é com palha que se apaga o fogo ..... III 46
Não é com vinagre que se apanham moscas ..... II 38
Não faças nada sem consultar a almofada ..... III 52
Não mudes de moleiro sem lhe pagar primeiro ..... II 33
Não se ladre, se não se pode morder ..... III 67
Não se queixe do engano quem, pela amostra, compra o pano ..... I 17
» » » » » 98
Nega, ladrão, e não te enforcarão ..... II 109
Nem Cesar, nem João Fernandes! ..... I 71
Nem com toda a fome à hucha, nem com toda a sêde ao pote! ..... II 70
Nem de cada malha peixe, nem de cada mata feixe! ... I 71
Nem muito ao mar, nem muito à terra! ..... I 72
Nem sempre galinha, nem sempre rainha! ..... I 72
» » » » 81
Nem só de mel, nem só de fel! ..... III 70
Nem tanto ao mar, nem tanto à terra! ..... I 71
» » » » » » I 72
» » » » » » II 50
Nem tanto puxar que se quebre a corda! ..... I 72
Ninguém com dedo sujo aponte as faltas alheias ..... I 112
Ninguém diga: — Desta água não beberei; dêste pão não comerei! ..... II 95
Nunca metas o nariz onde não fores chamado ..... I 64
Nunca se bate em homem morto ..... III 44

Um) ôlho no prato e outro no gato! ..... I 73
Ôlho por ôlho, dente por dente! ..... I 89

Entre) pais e irmãos não metas as mãos ..... I 66
Do) pão do compadre, grossa fatia ao meu afilhado ..... III 66

Até) passado rio ou barranco, pega-te ao santo ..... I 64
A) passo chegarás, e a choito cansarás ..... III 39
De) pele alheia, grande correia ..... III 66

Quando um burro te zurrar, não lhe zurres ..... III 70
Quem as arme, que as desarme! ..... III 71
Quem colheu a rosa, que lhe sofra o espinho! ..... III 49
Quem come as maduras, também coma as duras ..... III 49
Quem comeu a carne, que lhe rôa o osso ..... III 49
Quem com mau vizinho vizinhar, de um ôlho há-de dormir e de outro vigiar .... I 69
Quem dá e toma, o diabo o coma! ..... II 80
Quem dá o ungüento, dê o trapinho ..... I 75
Quem fez borrões, que os leia, diz o prior da aldeia ..... III 71
Quem haja as feitas, haja as suspeitas! ..... I 89
Quem não quere ser lobo não lhe vista a pele ..... I 76
Quem quere bom conselheiro, consulta o travesseiro ..... III 80
Quem quere bolota, atrepa! ... I 29
Quem quere uste, que lhe custe! ..... I 29
Quem se doi dos calos, não vá aos apertos ..... I 76
Quem tem bôca, não manda a outro assoprar ..... I 97
Quem tem de cera a cabeça não a deve pôr ao sol ..... III 51
Quem tem mêdo compre um cão ..... III 30
Quem tem telhado de vidro, não atire ao do vizinho ..... I 76
Quem vier atrás que feche a porta! ..... III 71

Com) raposas sê manhoso, e com tolos nem para a missa III 52
Em) Roma sêde romanos! .... I 108

Se a água não vai ao moinho, vá o moinho ter com a água I 119
Senta-te no teu lugar, não te farão levantar ..... I 118
Se queres bom conselheiro, consulta o teu travesseiro ... III 52
Se vais ao mar, apresta-te na terra ..... I 83
Se vires as barbas do vizinho

a arder, põe as tuas de môlho ..... I 93
Subi devagar, e chegareis sem cansar ..... III 36

Tens um leitão? Mostra-o ao juiz e dá-o ao escrivão ..... II 106

Com) teu amo não jogues as cristas ..... I 78
Com) teu amo não jogues as peras ..... I 78

Vão-se os aneis, fiquem os dedos! ..... I 83

DIZERES DE EXPERIÊNCIA E PRUDÊNCIA

ou ENUNCIATIVOS NA FORMA E PRECEPTIVOS NA IDEIA

a) em sentido literal ou real

Por) afeição te casaste, a trabalhos te entregaste ..... II 58
Alça-te a ambição? Vens por ela ao chão ..... I 93
Amor, amor, princípio mau e fim pior! ..... II 14
Amor e senhoria não se quere de companhia ..... II 21
Por) amor que não convém, muito mal e pouco bem ..... II 14
Amigo de mesa não é de firmeza ..... II 32
O) amigo quebrado soldará, mas não sarará ..... II 31
Àquele que vela tudo se revela I 27
Aquilo que sabe bem ou é pecado, ou faz mal ..... II 40

Barriga quente, pé dormente II 73
O) bem falar não custa muito e muito vale ..... II 46
Bôca fala, bôca paga ..... II 49
Bôa fama grangeia quem não diz mal da vida alheia ..... I 99
O) bom comer faz mau dormir II 73
Bom conselho desprezado há-de ser muito lembrado ..... I 79
Bom é saber calar até ser tempo de falar ..... II 50

A) caridade bem ordenada por nós é começada ..... I 80
Casa, e verás que mal dormirás ..... II 58
De) Castela, nem bom vento, nem bom casamento ..... II 63
Por) causa da prudência se perdem os ensejos ..... III 43
Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doentes I 81

Coisa emprestada, coisa arriscada ..... III 13
Coisa mal feita quere rôgo ou peita ..... II 110
Na) confiança está o perigo ... III 13
» » » » » ... III 47
Conselho de mulher vale pouco, e quem o toma é louco II 116
Cutelo mau corta o dedo, não corta o pau ..... I 111

Dar antes de morrer, é dispor-se a sofrer ..... II 79
Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer ..... I 77
Na) desconfiança é que está a segurança ..... III 13
Dinheiro emprestaste, inimigo criaste ..... II 37

É bom ser o que se quere parecer ..... I 117
É melhor prevenir que remediar ..... I 21
Exemplos farão mais que doutrina ..... I 67

De) farei, farei, não me pagarei ..... I 74
Fazer o bem, sem saber a quem, perigos tem ..... II 42
Feliz é quem só quere o que puder e faz o que dever ... III 43

Grande sandice é pobre viver para rico morrer ..... I 81
Das) grandes ceias estão as sepulturas cheias ..... II 73
De) grande subida é grande a caída ..... I 93

Guerra, caça e amores, por cada prazer cem dores ..... II 19

Jogo e bebida, casa perdida ... I 22

Mais perde em amizades quem mais teima nas verdades ..... III 64
Mais vale a má estrada que o mau companheiro ..... I 63
Mais vale a morte que a má sorte ..... III 44
Mais vale calar que mal falar II 48
Mais vale dar a inimigos que pedir a amigos ..... II 78
Mais vale má avença que bôa sentença ..... II 108
Mais vale má composição que bôa demanda ..... II 108
Mais vale merecer honra e não a ter, que, tendo-a, não a merecer ..... III 61
Mais vale o calar do mudo que o falar do mentiroso ..... III 64
Mais vale recusar com graça que dar com grosseria ..... II 76
Mais vale saber que haver ... I 63
Mais vale sê-lo que parecê-lo I 67
Mais vale tarde do que nunca III 45
Mais vale um palmo de bom pano que nove ou dez de mau burel ..... I 98
O) mal não tarda a quem o tempo avisa e não se guarda I 21
Mal pensa quem não repensa II 136
Mal que da bôca sai em teu seio cai ..... II 98
Marido sem cuidado e casa sem telhado, de graça é caro II 118
Do) mar se tira o sal e da mulher muito mal ..... II 119
O) mau é tomar o gôsto ..... III 45
O) mau por todo o preço é caro ..... I 97
Melhor é dar a ruins que pedir a bons ..... II 75
Melhor é estar só que mal acompanhado ..... I 16
» » » » » » I 86
» » » » » » I 115
Melhor se enforca quem pior se casa ..... II 64
O) moço bem criado nem de si fala, nem, preguntado, cala II 51
O) moço desprevenido será velho arrependido ..... II 136
Moço, não dás, velho, acharás I 81
Muita gente junta não se salva I 56
A) mulher doutro marido e a burra com seu burrinho nunca se mete a caminho ..... II 21
A) mulher e a galinha, por andar, se perde asinha ..... II 118
A) mulher e o vinho fazem errar o caminho ..... II 116
Com) mulher formosa, castelo em fronteira, vinha em carreira, não falta canseira ..... II 116
Mulher que não perde festa, para pouco presta ..... II 121
Mulher que se fiar em homem a jurar, o que ganha é chorar II 118

Nada fazer é fazer mal ..... III 53
» » » » » ..... III 90
Não é bôa a fala que todos não entendem ..... II 128
Não gozar, para não sofrer, segrêdo de bem viver ..... II 136
Não há nada tão pequeno que não possa ser veneno ..... II 119
Não me pago do amigo que come o seu sósinho, e o meu comigo ..... II 35
Não se caça a môça bôa na praça ..... II 118
Nem mula manca há-de sarar, nem mulher má se há-de emendar ..... II 125
Nem tudo o que é verdade se diz ..... I 39
Nunca o invejoso medrou, nem quem a par dêle morou ..... III 60

O que é de mais faz mal ..... I 39

O) pecado confessado fica meio perdoado ..... III 26
Pior é o falso amigo que o confesso inimigo ..... II 36
Pobre não é quem pouco tem, é quem cobiça o muito a alguém ..... I 36
Podes perder, por preguiça, o que ganhes por justiça ..... II 108
Pouco acerta quem muito escolhe ..... II 118
No) poupar é que está o ganho I 81
Do) poupar vem o ter ..... I 81
Primeiro vens, primeiro tens II 72
» » » » III 39
O) prometido é devido ..... I 74

Quem adiante não olha, atrás se torna ..... I 90
Quem ama a mulher casada, a vida traz emprestada ..... II 21
Quem anda em demanda, com o demo anda ..... II 109
Quem bem ama, bem castiga III 30
A) quem bem nega, o seu mal nunca se prova ..... II 109
Quem canta, seu mal espanta II 54

Quem casa por amores, maus dias, noites piores ..... II 58
Quem chora, seu mal aumenta II 54
Quem chora, seu mal piora ... II 54
Quem com Deus anda, Deus o ajuda ..... II 91
Quem come pouco, aproveita muito ..... II 68
Quem compra sem poder, venderá sem querer ..... I 44
» » » » » III 47
Quem crê a todos, erra, e a nenhum, desacerta ..... I 72
Quem cria e não castiga, mal cria ..... III 30
Quem dá antes da morte, terá má sorte ..... II 79
Quem dá ao pobre, empresta a Deus ..... III 13
Quem dá o que tem, a pedir vem ..... II 82
Quem de Deus se aleixa, a Deus leixa ..... II 91
A) quem de mais comer abre-lhe o garfo a cova ..... II 70
Quem demanda tem, nunca dorme bem ..... II 106
Quem demanda tiver, não dorme quando quere ..... II 108
A) quem disseres tua puridade, dás a tua liberdade ... II 96
Quem diz o que deve, não ouve o que quere ..... II 97
Quem diz o que quere, ouve o que não quere ..... II 97
Quem dorme com criança, acorda enxovalhado ..... I 88
A) quem dorme nunca lhe acode a justiça ..... II 108
Quem empresta a amigo, cobra um inimigo ..... II 37
Quem empresta, não melhora III 13
Quem é pobre não tem vícios III 50
Quem erra e se emenda, a Deus se encomenda ..... I 41
Quem escuta, de si ouve ..... II 97
Quem está bem, deixa-se estar I 99
Quem faz bem a ingrato, compra caro e vende barato ... II 30
Quem faz o mal, colhe outro tal ..... I 89
Quem faz o que quere, não faz o que deve ..... I 23
Quem foge da ocasião, não dá aso à tentação ..... III 26
Quem guarda, acha; quem cria, mata ..... I 81
Quem logo dá, duas vezes dará I 66
A) quem madruga, Deus o ajuda ..... II 90
Quem mal cacha, pior acha ... II 41
Quem mal diz, mal ouve ..... II 93
Quem mal vive, mal morre ... III 35
Quem muito alto vai, de muito alto cai ..... I 93
Quem muito escolhe, pouco acerta ..... I 91
Quem muito fala e pouco entende, por ruím se vende ... II 50
Quem muito murmura, muito se aventura ..... II 98
Quem muito se obriga a amar, muito se obriga a penar ..... II 19
Quem nada faz, nada merece III 71
Quem não busca Deus na vida, Deus o deixará na morte ..... II 91
Quem não cansa, sempre alcança ..... I 36
Quem não deve, não teme ..... I 93
Quem não é bom para si, pior será para ti ..... III 16
Quem não poupa reais, não junta cabedais ..... I 81
Quem não quere, quando pode, quando quere, não poderá ... I 77
Quem não tem ofício, não tem benefício ..... I 95
Quem o alheio mal não sente, ninguém terá que o seu lamente ..... III 71
Quem paga adiantado não é bem servido ..... I 108
Quem paga o que deve sabe o que lhe fica ..... I 74
Quem paga o que recebeu, o que lhe fica é seu ..... I 74
Quem pedir a vilão, pede em vão ..... II 139
Quem pouco tem, e isso dá, cedo se arrependerá ..... II 79
Quem quere um amigo, prega-lhe uma sova ..... III 51
Quem quere, vai, quem não quere, manda ..... I 97
Quem resolve depressa, depressa se arrepende ..... III 33
A) quem saiba esperar o ensejo, tudo vem ao seu desejo III 43
Quem se cansa, morre cedo ... I 37
Quem se deita sem ceia, toda a noite rabêia ..... II 73
Quem se faz temer, não se faz amar ..... III 51
Quem se livra dum tolo ganha o dia ..... III 54
Quem se vestir de ruim pano, veste-se duas vezes ao ano... I 97
Quem tarde casa, mal casa ... II 66
Quem tudo quere, tudo perde II 82
Quem viver em palácios sem poder, ao hospital vai morrer ..... III 47
Rôgo e direito fazem o feito ... II 109

Para) saber, não basta ler: preciso é viver e ver ..... I 18
O) saber não ocupa lugar ..... I 63
Se és descuidado, és precisado I 43
Sete ofícios, catorze desgraças! I 95
No) sofrer e no abster é que está todo o vencer ..... I 99

De) tarde madrugar e de tarde casar hás-de te lamentar ..... II 66
Temor de Deus, quem o tem não temerá a ninguém ..... II 88
Terá bastante quem se satisfaz com o que tem ..... I 32
Tiras com amor mais do que com dor ..... II 38
Tudo o que é de mais faz mal I 62

Os) últimos são os primeiros I 54
» » » » » II 26
Um real poupado é um real ganhado ..... I 81

Velho casado com mulher nova vive enganado, ou abre a cova ..... II 65
» » » » » II 135
Velho emendar e cão espulgar duas tolices são ..... II 136
Velho que de si cura, cem anos dura ..... II 136
Com) vento se limpa o trigo, e os vícios com o castigo ... I 43
Vou devagar, que tenho pressa I 17

b) em sentido alegórico ou figurado

A) água silenciosa é a mais perigosa ..... II 48
Com) águas passadas não moiem moinhos ..... I 103

Batendo o ferro, é que serás ferreiro ..... I 79
Do) bem ao mal vai um quarto de real ..... II 44
Bôa mão, do rocim faz cavalo, e a ruim, do cavalo faz rocim ..... I 11
Em) bôca fechada não entra mosca ..... I 107
Pela) bôca morre o peixe ..... I 107

Candeia que vai adiante alumia duas vezes ..... I 108
Conselho de raposo é morte de galinhas ..... III 50
O) cordeiro manso mama na sua mãe e na mãe alheia II 38
Cuspo ao ar na cara cai ..... I 76

Dois galos num poleiro, dois pardais numa espiga não fazem liga ..... I 112
Duro com duro não faz bom muro ..... I 113
» » » » » » II 63

Enquanto há vento é que se molha a vela ..... I 81
Espada em mão de sandeu, perigo de quem lha deu ..... I 83
Espinhos colhe quem semeia abrolhos ..... I 97

É tão mau passar, como é não chegar ..... I 39

Falar sem cuidar é tirar sem apontar ..... II 51
Fazer bem a velhacos é deitar água em sacos ..... II 41
Uma) figa há em Roma para quem dá e toma ..... II 80

Galinha de mato não quere capoeira ..... I 118

O) homem fogo, a mulher estopa, vem o diabo e assopra ..... II 115

Lobos não são para povoado I 118

Mais moscas apanha a gota de mel que o tonel de vinagre ..... II 38
Mais quero um asno que me leve do que um cavalo que me derribe ..... I 84
Mais vale magro no mato que gordo em papo de gato ..... I 107
Mais vale pão com amor, que galinha com dor ..... I 84
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar ..... I 85
Mais vale um pássaro na mão que dois que voando vão ... I 85
Mais vale um «toma» que dois «te darei» ..... I 85
Do) mal guardado bem come o gato ..... I 73
O) mal, que entrou às braçadas, saírá às polegadas ..... II 42

Mal vai na casa onde a roca manda na espada	I	85
Da) mão à bôca perde-se a sopa	I	25
Mãos de mais, trabalho a menos	I	38
O) marido barca e a mulher arca	II	59
Mete o ruim em teu palheiro, quererá ser teu herdeiro	III	49
Não é tacha, quando não há taça, beber pela borracha	I	119
Não há atalho sem trabalho	I	90
Não se afoga no mar o que lá não entrar	I	21
O) ôlho do dono engorda o cavalo	I	25
O que a água dá, a água o levará	II	112
Ovelhas não são para o mato	I	118
Às) pancadinhas malharás o trigo	III	46
Pão alheio caro custa	I	91
Ao) pé da silveira padece a videira	I	63
De) pequenino se torce o pepino	I	48
A) poder de preguntar, chega-se a Meca	I	47
Prata é o bom falar, oiro é o bom calar	II	49
Prègar no deserto é sermão perdido	III	29
Quando o mal está no pêlo, não na raiz do cabelo, mais cura a dieta que a lanceta	I	120
Quando se encontra mole, carrega-se	III	70
Quem a bôa árvore se acolhe, bôa sombra o cobre	III	15
Quem acorda o cão dormido, vende paz e compra ruído	I	87
Quem ao moinho vai, enfarinhado sai	III	70
Quem bôa cama faz, nela se deitará e dormirá em paz	I	87
Quem caminha com pressa, em caminho chão tropeça	III	36
Quem com cães se lança, com pulgas se levanta	I	88
Quem com farelos se mistura, porcos o comem	I	88
Quem com ferro matou, com ferro morre	I	89
Quem dá ao pobre, empresta a Deus	II	79
Quem dá e toma, nasce-lhe uma corcova	II	80
Quem dá e torna a tomar, ao inferno vai parar	II	80
A) quem deixa caminhos por atalhos, nunca lhe faltam trabalhos	I	90
A) quem dorme, dorme-lhe a fazenda	I	65
Quem emprenha do ar, parirá ventos	I	75
Quem espera mão alheia, mal janta e pior ceia	I	91
Quem espera por sapatos de defunto, passa a vida descalço	I	90
Quem má a faz, nela jaz	I	88
Quem má cama faz, nela jaz	I	91
Quem mede azeite, unta as mãos	II	114
Quem monta sem espora é asno de nora	II	102
Quem muito abarca, pouco aperta	II	82
Quem muito corre, depressa cansa	I	39
Quem não chora, não mama	II	79
Quem não marralha, não junta palha	I	93
Quem não mede a altura, mede a sepultura	I	93
Quem não sabe nadar, vai para o fundo	I	83
Quem não tem, e muito dispende, na praça se vende	II	113
Quem não trabuca, não manduca	I	93
Quem o alheio veste, na praça o despe	I	95
Quem o inimigo poupa, às mãos lhe morre	I	96
A) quem pelo seu não olhe, o diabo lho leva	I	25
Quem porfia, mata caça	I	46
Quem quere caça, vai à praça	I	46
Quem se abaixa, faz carcunda	I	88
Quem se empena sem ter pena, depois se depena	I	97
Quem se faz de mel, as moscas o comem	III	70
Quem semeia ventos, colhe tempestades	I	97
» » » »	II	98
Quem seu carro unta, seus bois ajuda		108
A) quem tarde se levanta, cêdo anoitece	I	27
Quem troca odre por odre, um dos dois será podre	II	35
Quem vai ao ar, perde o lugar	I	99

Quem vai ao vento, perde o assento ..... I 99

De) ruím pano, ruím saio ..... I 98

Se cantas a burro, responde-te a coices ..... II 56

Segrêdo de três o diabo o fez I 12

Se o bem calar é oiro, o mal falar é lodo ..... II 51

Tola é a ovelha que ao lobo se confessa ..... III 50

Tristezas não pagam dividas I 53

MODOS DE DIZER

ou FRASES-FEITAS

Afanar e não mediar ..... I 17

Afogar-se em pouca água ..... III 83

Agulhas ferrugentas ..... II 110

Ai, Miguel, Miguel, que não tens abelhas e que vendes mel! ..... II 112

Alfaiate mal vestido, sapateiro mal calçado ..... I 110

Alma até Almeida! ..... III 30

Almas do diabo ..... III 69

Alto está, alto mora, todos o veêm e ninguém o adora .... III 77

Alveitar que mula morta sangrar ..... III 84

Anda-lhe a mão, fia-lhe o dedo III 77

Anda-lhe o pé, fia-lhe a mão III 77

Anda triste, porque o amor não lhe assiste ..... III 17

Andar às aranhas ..... I 94

» » » ..... II 48

Andar com a pedra no sapato II 35

Andar de mal para pior ..... II 41

Andar de pé atrás ..... II 35

Andar e fiar ..... III 77

Andar em palpos de aranha I 94

» » » » » III 80

Andar num sino ..... III 88

Ande eu quente, ria-se a gente! II 86

Apanhar no ar ..... II 128

Por) apressados, não melhorados ..... I 17

Aproveitar o farelo e desperdiçar a farinha ..... I 80

De um) argueiro (ou oução) fazer um cavaleiro ..... I 72

Arrastar a asa ..... II 119

De) arromba! ..... III 90

Por) artes de berliques e berloques ..... III 81

Asno seja quem asno vozeia! III 39

Assentar as costuras ..... III 81

Assoar-se ao guardanapo ..... III 81

Assoprar o frio e o quente .... III 84

Até ver, não é tarde ..... III 94

Bater em homem morto ..... III 20

Bater na água com pau ..... III 63

Beber do fino ..... III 88

Bem canta Marta, depois de farta ..... II 54

Bem criado, mal fadado ..... III 10

Bilha de azeite por bilha de leite ..... II 80

Bom calção ..... III 80

Do) bom e do melhor! ..... II 68

Bom garfo ..... III 80

Branco é, galinha o põe ..... III 77

Um) Brasil ..... III 78

Braz bem o diz e mal o faz ... I 67

Buscar o pulso no ombro ..... III 84

Cabelos brancos, flores de cemitério ..... III 73

A) caír da tripeça ..... II 134

Em) calças pardas ..... III 80

Em) camisa de onze varas .... III 80

Cão espancadiço ..... III 13

Cão malhadiço ..... II 81

Capa de ladrões ..... II 82

Cara alvar ..... III 79

Cara de asno ..... III 79

Cara de caso ..... III 79

Cara de Páscoa ..... III 79

Cara de pau ..... III 79

Cara de poucos amigos ..... III 79

Cara de réu ..... III 79

Cara estanhada ..... III 79

Cartas são papéis ..... II 130

Casaca de água ..... III 81

Casaca de pau ..... III 81

Casa do Gonçalo, onde pode a galinha mais que o galo ... I 86

Casar ou meter freira ..... I 37

» » » » ..... II 60

No) céu esteja quem fez o descanso ..... III 79

Chegar a roupa ao pêlo ..... III 81

Chorar na cama, que é parte quente ..... I 91

Comer-lhe as papas na cabeça III 53

Como Deus quere e é servido III 94

Conta calada ..... III 28

Sem) conta nem monta ..... I 62

Conta redonda ..... III 28

Contas de grã-capitão, para si o melhor quinhão ..... III 31
Contas na mão, borracha à cinta ..... II 135
Conversar com o travesseiro ... III 52
Coração ao pé da bôca ..... III 83
Correr a sete pés ..... III 64
Costas largas ..... III 20
Cresça e apareça! ..... III 43
Cruzes, canhoto! ..... III 89
Curtir fome de rabo ..... II 72

Por) dá cá aquela palha ..... III 65
Dar à língua ..... II 78
Dar à perna ..... II 78
Dares e tomares ..... II 33
» » » ..... II 80
Dar tempo ao tempo ..... I 115
» » » » ..... III 94
Dar uma em falso e outra em cheio ..... II 81
Deitar-se a adivinhar ..... III 11
Deixar correr o marfim ..... II 114
O) demónio não tem sono ..... III 52
Descalçar um par de botas ... III 80
Ao) Deus dará ..... II 118
Deus disse: quem ganhasse, que se risse ..... I 80
Deus os fez e Deus os ajuntou I 67
» » » » » » » II 88
O) diabo atrás da porta ..... II 109
O) diabo descarrega a tranca ... II 109
Dias de Maio, dias de amargura, inda não é manhã e já é noite escura ..... III 83
Dize tu, direi eu ..... I 35
Dobrar a cantiga ..... III 43
Dormir sôbre o caso ..... III 94
Doutor da mula ruça ..... III 84
Duas caras ..... III 79

É esperar-lhe pela pancada ... III 11
Enquanto dura, vida, doçura; em acabando, gemendo e chorando ..... I 82
Entradas de leão, saídas de sendeiro ..... I 49
» » » » » III 40
Entre a cruz e a caldeirinha ... I 92
Entre a espada e a parede ... I 92
Entre os dois, venha o diabo e escolha ..... II 88
Espírito santo de orelha ..... II 110
De) estalo! ..... III 90
Esta vida são dois dias ..... III 85
Estende-se como vilão em casa de seu sogro ..... II 139
Esticar a canela ..... III 29

Falar as estopinhas ..... II 51
Falar com os seus botões ..... III 80
Falar pelos cotovelos ..... II 51
Falar verdade a mentir ..... I 39
Fazer a vista grossa ..... II 114
Fazer das fraquezas fôrças ..... I 49
Fazer das tripas coração ..... I 49
» » » » ..... II 72
Fazer do direito torto ..... I 41
» » » » ..... III 20
Fazer gato-sapato ..... III 81
Fazer o mal e a caramunha ... III 85
Fia mais fino ..... III 82
Ficar-se a ver navios do Alto de Santa Catarina ..... III 88
Filho do sol e neto da lua ... II 112
Fôrma do seu pé ..... II 65
Fugir a sete pés ..... III 12

Gaba-te, cesto roto, que àmanhã vais à vindima ..... III 25
A) galinha da vizinha é mais gorda que a minha ..... III 60
Galinha gorda por pouco dinheiro ..... III 60
Gato por lebre ..... III 84

Hoje mal, crás empiora ..... II 41
Hoje por nós, àmanhã por vós I 80
Hora a hora, Deus melhora ... III 94

Ir atrás da cantiga ..... II 55
Ir atrás do chôro ..... II 55
Ir na fé dos padrinhos ..... II 61

João Ninguém ..... I 89
Jogar as cristas ..... II 106
Juntar pé de meia ..... III 80
Justiça de moiro ..... II 106

Largos dias têm cem anos ..... III 94
Lençois de vinho ..... III 81
De) lés a lés ..... III 64
Letra morta ..... II 86
» » ..... III 63
Leve o diabo paixões, venha Maria para casa ..... III 86
Limpar a mão à parede ..... III 81
Língua de trapos ..... III 81

Mais as vozes do que as nozes I 66
» » » » » » » III 62
Mais olhos que barriga ..... II 69
Mal daqui, pior dali ..... II 44
Mal de carro e pior de arado III 59
Malhar em ferro frio ..... III 62
Mãos que não dais, por que esperais? ..... II 80
Maria vai com as outras ..... I 65
Má rôlha ..... II 88
Em) maus lençois ..... III 81
Mau virá que bom te fará ..... I 70
Meter os pés nas algibeiras ... III 81
Meter os pés pelas mãos ..... II 48

Meter os pés pelas mãos ..... III 77
Misturar alhos com bugalhos III 82
Muita parra e pouca uva ..... III 65
Muito aparato e pouco recato II 112
Mundos e fundos ..... III 62

Não dar o braço a torcer ..... III 63
Não dizer coisa com coisa ..... II 48
Não há pai por filho, nem filho por pai ..... II 32
Não ser de arcas encoiradas ... I 35
Não ter eira nem beira, nem ramo de figueira ..... III 11
» » » » » » III 86
Não ter papas na língua ..... I 35
» » » » » » ..... II 51
Não tuge, nem muge ..... II 48
Nascer num fole ..... III 11
Nem chus, nem bus ..... II 48
Nem de barro à porta ..... II 64
Nunca dar ponto sem nó ..... III 66

Olha lá não te caiam os parentes na lama! ..... III 86
De um) ôlho chorar azeite e doutro vinagre ..... III 87
Com um) ôlho rir e com outro chorar ..... III 87
Ôlho vê, mão pilha ..... II 112
O que fôr, soará! ..... III 11
» » » » ..... III 94
O que lá vai, lá vai! ..... II 120
Orelhas quentes ..... III 20
De um) oução (ou argueiro) fazer um cavaleiro ..... I 72
Ou tudo ou nada! ..... I 72
Ouvidos de mercador ..... II 110

Pagar na mesma moeda ..... II 35
» » » » ..... III 42
Pano para mangas ..... III 80
O) pão que o diabo amassou II 68
Papa-moscas ..... I 94
Parrafos de legista, infras de canonista, etcetras de escrivão e recipes de Mata — são III 28
A) parte do leão ..... III 31
Passar desta para melhor ..... III 28
Paz-de-alma ..... III 79
Peça de fazenda ..... III 80
Perdido por cem, perdido por mil ..... III 87
Perdido por um, perdido por cem ..... III 87
Pintar a manta ..... III 81
Pobrete e alegrete ..... I 19
Pelo) pó do gato ..... III 81
Com uma) ponta tapa e com outra destapa ..... I 98
Pôr a carapuça ..... III 81
Pôr direita a sombra de vara torta ..... III 63
Portugal, que vais à vela! ... III 88
Posso, quero e mando ..... I 104
Por) pouca saúde, mais vale nenhuma ..... III 87
Prêso por ter cão, e prêso porque o não tem ..... III 67

Quando Adão cavava e Eva fiava, a fidalguia onde estava? ..... III 86
Quando as galinhas tiverem dentes ..... III 17
Quantas dá, tantas apanha ..... II 81
Quanto mais beata, tanto mais coirata ..... III 89
Quanto mais canhoto, tanto mais maroto ..... III 89
Quanto mais rôta, mais marota I 98
Quem adivinha vai para a casinha ..... III 77
Quem cabritos vende e cabras não tem, de onde lhe vêm? II 112
Quem eu quero, não me quere; quem me quere, não me faz conta ..... III 89
Quem gosta de mim é ela, quem gosta dela sou eu ... III 89
Quem lá vai, lá vai! ..... I 53
Quem manda, manda bem ... I 61
A) quem mente, cai-lhe um dente ..... III 90
Quem me quere, não quero eu III 89
Quem não tem que fazer, faz colheres ..... III 90
Quem não tem que fazer, veste-se e despe-se ..... III 90
Quem não viu Coimbra, não viu coisa linda ..... III 91
Quem não viu Lisboa, não viu coisa bôa ..... III 93
Quem tarda, arrecada ..... III 94
Quem te manda, sapateiro, tocar rabecão? ..... I 24
Quem tem capa, logo escapa I 98
Querermos Deus para nós e o diabo para os outros ..... II 90

Rabo de palha ..... III 51
Razões de cabo de esquadra ... III 43
Rei morto, rei posto! ..... III 33
Remar contra a maré ..... III 89
Repicar e ir na procissão ..... III 77
Roma e Pavia não se fizeram num dia ..... III 94

Saber a pouco ..... II 62
Sábio de saberetes ..... II 55
Sacudir a água do capote ... III 81
Sangrai-o e purgai-o, e, se morrer, enterrai-o ..... III 28
Santo Antoninho, onde te porei? ..... II 34

Santo Antoninho, onde te porei?	III	95
As) saüdades são securas, amor dá cá a borracha	III	32
Semana de nove dias	II	60
Se não houvesse ruins gostos, não se gastava o amarelo	III	96
Se não se faz duma vez, faz-se de duas ou três	III	94
Sete alfaiates para matarem uma aranha	I	94
Sôbre queda, coice!	III	59
Só se perdem as que caírem no chão	III	13
Sua alma, sua palma!	III	47
Surdo como porta	III	63
Tanto se lhe dá, como se lhe deu	III	94
Tarde piaste!	II	72
Teimoso como burro	III	63
Tem cão e guiso e tudo que lhe é preciso	III	11
A) terra da verdade	III	32
O) teu amor e uma cabana	II	27
Teve e não tem, qual Pedro Sem	II	82
De) tirar-se-lhe o chapéu!	III	82
Sem) tom nem som	II	48
Tornam-se as setas em grelhas	III	61
Trás de mim virá quem bom me fará	I	70
Tratar das bombas, que é ofício leve	III	90
Trazer o rei na barriga	III	96
Sem) trêlho nem trambêlho	II	48
Três é conta que Deus fez	III	97
Trocar o nome aos bois	III	82
Trocas e baldrocas	III	80
Tudo te fede e nada te cheira	I	71
Em) uma hora não se ganhou Samora	III	94
Um no pano e outro na amostra	I	67
Uns, filhos, e outros, enteados	II	103
Vende-se como canela	I	37
Ver com os olhos e comer com a testa	II	69
Verdade nua e crua	III	63
Para a) vida e para a morte!	II	30
Virar a casaca	III	81
Viva a galinha com a sua pevide!	I	120
Do) vivo ao pintado	I	15
Voltar-se o feitiço contra o feiticeiro	I	66
Voz corrente	III	62
Voz do mundo	III	62
Voz geral	III	62

ERRATA

A pág. 22, glosa XXVI, onde se lê

Mal tal anexim, ao ser

deve ler-se

Mas tal anexim, ao ser

Acabou de imprimir-se êste terceiro livro de DITAMES E DITÉRIOS, nas oficinas da EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE, Rua do Diário de Notícias, n.º 78, em Lisboa, no dia 21 de Dezembro de 1931

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000013616 26